



RODRIGO DE OLIVEIRA

A ILHA DOS MORTOS

LIVRO QUATRO



 FARO
EDITORIAL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

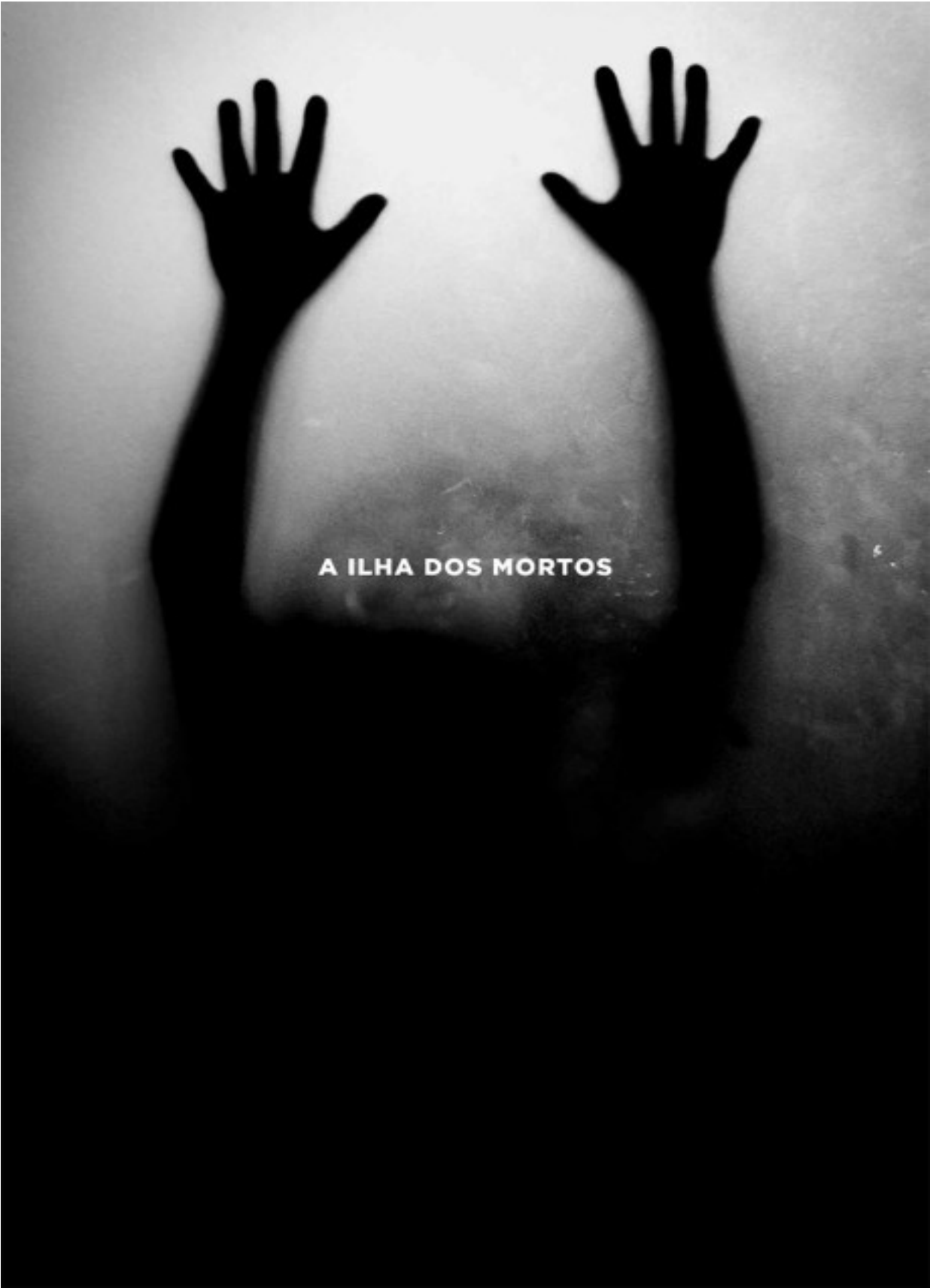
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



A ILHA DOS MORTOS





RODRIGO DE OLIVEIRA

A ILHA DOS MORTOS

 **FARO
EDITORIAL**

Para meus irmãos Rogério, Renato e Viviane. Os melhores do mundo.





Deixai toda esperança, ó vós que entraís!
A Divina Comédia, Dante Alighieri.



SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 — [A LUZ SEGUIDA DA ESCURIDÃO](#)

CAPÍTULO 2 — [O LEÃO DO VALE](#)

CAPÍTULO 3 — [A MURALHA](#)

CAPÍTULO 4 — [RECOMEÇO](#)

CAPÍTULO 5 — [BOA NOITE. EU TE AMO](#)

CAPÍTULO 6 — [LUTO](#)

CAPÍTULO 7 — [O PEDIDO](#)

CAPÍTULO 8 — [O JANTAR](#)

CAPÍTULO 9 — [A USINA](#)

CAPÍTULO 10 — [A QUEDA DO GIGANTE](#)

CAPÍTULO 11 — [SUSPEITAS](#)

CAPÍTULO 12 — [INGRATIDÃO](#)

CAPÍTULO 13 — [O FUGITIVO](#)

CAPÍTULO 14 — [O TRONO DO ANTICRISTO](#)

CAPÍTULO 15 — [ENCONTRO ENTRE AMIGOS](#)

CAPÍTULO 16 — [O ATAQUE](#)

CAPÍTULO 17 — [IRMÃ CONTRA IRMÃ](#)

CAPÍTULO 18 — [TRAIÇÃO](#)

CAPÍTULO 19 — [REENCONTRO](#)

CAPÍTULO 20 — [TRINTA ANOS DEPOIS](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[NOTA DO AUTOR](#)

[O AUTOR](#)

[CRÉDITOS](#)

CAPÍTULO 1

A LUZ SEGUIDA DA ESCURIDÃO



URIEL OLHAVA ASSUSTADO pela fresta da cortina, tentando enxergar o que se passava na rua onde morava. O som dos tiros cessara fazia pouco mais de meia hora. Porém, ao contrário do que se poderia imaginar, aquele não era um bom sinal. Ao que tudo indicava, a resistência dos militares finalmente chegara ao fim. Nem mesmo os homens de farda haviam sido capazes de deter o avanço das criaturas.

Ao observar diversos daqueles seres ainda vagando pela via, Uriel se deu conta de que não tinha motivos para alimentar esperanças. O número de zumbis era, sem dúvida, muito superior ao de soldados — aquela era uma batalha perdida para os humanos. Se onde ele morava os seres já haviam tomado tudo, no quartel do exército a situação era ainda pior — os vários disparos e explosões atraíram um número gigantesco de mortos-vivos.

Naquele momento, o pai de Uriel entrou na sala. Ao ver o filho espiando pela janela, sobressaltou-se e correu até o menino, chamando sua atenção num firme sussurro:

— Sai da janela, Uriel! Ficou maluco?! — Alcides olhava zangado para o garoto. — Quer que os monstros te vejam e invadam a nossa casa?

— Não, painho! Eu só queria ver o que está acontecendo lá fora. Como acabaram os tiros, pensei que os soldados tinham vencido a guerra — o garoto tentava se explicar.

Uriel era um menino franzino de dez anos, pele clara, olhos castanhos e cabelos escuros, sempre um pouco desarrumados. Apesar das feições bonitas, tinha um jeito desengonçado, típico das crianças em fase de crescimento.

— Filho, eu já avisei pra ficar longe da janela. Essas coisas podem ver você e tentar nos atacar. E uma bala perdida pode te atingir!

Alcides estava impaciente. Os últimos sete dias haviam sido tremendamente estressantes. A comida e a água estavam no fim, e ele não tinha ideia de como se defender daquelas criaturas. Vivia tenso, no limite, a paciência por um fio.

— Pai, desculpa — o menino falou, sem graça, mas também um tanto contrariado. Em seguida voltou a sentar no sofá da sala, sob o olhar severo de Alcides.

Uriel sabia que não havia mais nada que ele ou seu pai pudessem fazer a não ser esperar. Era preciso aguentar firme, pois, mais cedo ou mais tarde, a ajuda chegaria.

O garoto permaneceu em silêncio por instantes. Tanto o pai quanto a mãe, Érica, vinham incentivando Uriel a brincar um pouco com alguns dos seus jogos de tabuleiro, já que não tinham eletricidade, e, portanto, televisão e computador eram opções de lazer fora de cogitação. Qualquer coisa serviria para aliviar a tensão daqueles dias de confinamento.

Uriel ficou contemplando a sala da casa onde moravam. As paredes eram bege, e havia poucos quadros. A estante era velha, comprada em uma loja popular, e a televisão, um pouco mais nova, agora não passava de uma peça de decoração completamente sem uso.

A casa de dois dormitórios era um imóvel típico do bairro Engenho do Meio, em Recife. Ficava próxima à sede da 7ª Região Militar, também conhecida como Região Matias de Albuquerque, uma homenagem ao antigo governador da Capitania de Pernambuco.

Apesar da proximidade, não era possível avistar a sede das forças do exército. No entanto, dali enxergava-se a rodovia BR 101, onde

poucas horas antes dera-se a movimentação dos veículos de combate.

Durante o apocalipse zumbi, desencadeado pela aproximação do planeta Absinto, nenhuma outra unidade militar conseguira realizar uma resistência tão competente quanto aquela em toda a região Nordeste. Mas tudo indicava que era questão de tempo.

Foram muitos os dias de disparos incessantes, explosões e muitos combates. Cada tiro atraía mais criaturas, numa progressão que tornara a vitória praticamente impossível. E agora não havia mais nada, apenas o silêncio. E com ele também a falta de esperança.

Uriel, perdido nas suas aflições infantis, perguntava-se se teria sobrado alguém que pudesse ajudá-los quando ouviu o som de um avião. O barulho era incrivelmente potente, parecendo de uma aeronave de grande porte.

No bairro todo, sobreviventes escondidos nas casas e nos prédios próximos correram às janelas, esperançosos de que fosse o resgate. Até mesmo os zumbis pararam de vagar pelas ruas e voltaram os olhos para o céu, tentando encontrar a origem do ruído.

Um avião de grande porte passou muito baixo sobre o bairro. Sobrevoou a Universidade Federal de Pernambuco e cruzou a BR 101, rumo à sede da 7ª Região Militar. Vinha praticamente planando.

Uriel, contrariando as ordens do pai, foi até a janela novamente. Precisava ver aquele colosso que fazia tudo trepidar.

O menino avistou o gigantesco avião militar passando sobre o complexo do exército, a mais de um quilômetro de distância. E testemunhou o exato momento em que a imensa aeronave despejou diversas esferas de metal, similares a grandes ovos de aço brilhando contra o sol, sobre o agrupamento.

Curioso, Uriel ficou ali, olhando aquela cena, vendo as esferas despencando em câmera lenta, preguiçosamente. Demorou uma eternidade até todas desaparecerem do seu raio de visão e tocarem o chão.

E um clarão silencioso se fez, brilhante como uma estrela. A luz foi tão intensa que poderia ser vista a dezenas de quilômetros de distância. Se fosse noite, com certeza tudo teria ficado claro como se o sol estivesse despontando no leste.

Diante da derrota iminente, os militares lançavam mão de um recurso desesperado: bombardear suas próprias instalações, na tentativa de eliminar o maior número possível de criaturas.

Uriel gritou de dor ao ter suas retinas e seu rosto queimados pela explosão das bombas de napalm. Em seguida veio o estrondo e a onda de choque. Telhados de casas foram arrancados, janelas foram estilhaçadas, portões vieram abaixo, e as chamas se espalharam pelas ruas e avenidas. Uma imensa cobra de fogo percorreu em alta velocidade o bairro Engenho do Meio.

Zumbis e humanos foram incinerados, indistintamente. A temperatura atingiu um patamar insuportável, e assim permaneceria nos locais mais próximos da explosão durante dias.

O garoto desmaiou quando a fúria da detonação atingiu sua casa, derrubando o portão, a porta de entrada, destruindo a janela e arremessando seu mirrado corpo de criança para longe.

* * *

Uriel acordou em meio à escuridão. Ficou na dúvida, por um instante, se encontrava-se de fato desperto ou se sonhava. Ele nunca estivera mergulhado numa escuridão tão densa e absoluta. Não havia na sua casa nenhum quarto que fosse capaz de impedir a entrada da luz daquela forma.

O menino levou as mãos aos olhos e constatou que, na realidade, havia algum tipo de curativo cobrindo-os. Ao tocá-los, a dor sobreveio. Uriel gemeu e tentou arrancar as bandagens, mas foi impedido pela mãe.

— Não, meu amor, não faça isso, pare de mexer nas gazes — Érica sussurrou, segurando as mãos do filho.

— Mainha, o que aconteceu? O que houve?!

— Calma. Fale baixo, meu filho! — a mãe praticamente implorou.

— Se você gritar pode atrair aquelas criaturas.

Uriel respirou fundo, tentando controlar o desespero. O impulso de arrancar aqueles curativos era enorme, mas o medo dos zumbis foi mais forte.

— Cadê o painho? — o menino perguntou.

— Nós ouvimos um barulho, e ele foi ver o que aconteceu. Em alguns instantes seu pai voltará, está bem?

Uriel podia detectar claramente o medo na voz da mãe.

O menino começou a tremer de apreensão. Se a situação toda já era assustadora, sem enxergar se tornava asfixiante. Observando o pavor do filho, Érica abraçou Uriel apertado.

— Estou com medo, mainha... — Uriel inalou o perfume da mãe, um aroma sempre acolhedor.

— Eu também, meu filho. Mas daqui a pouco seu pai voltará para cuidar de nós, está bem?

Nesse momento, o som estridente de gritos, gemidos, urros, móveis tombando, objetos se espatifando os alcançou. No meio dessa confusão, foi possível ouvir os berros de Alcides lutando contra as feras.

Mãe e filho estreitaram ainda mais o abraço. Érica tremia, engolindo os soluços, que poderiam atrair mais criaturas. Entretanto, era impossível controlar as lágrimas, que caíam na cabeça de Uriel.

Depois de alguns instantes de espera, tudo enfim ficou silencioso. Mãe e filho permaneceram juntos, quietos, com a certeza de que nunca mais veriam Alcides vivo outra vez.

* * *

Dois dias inteiros se passaram com mãe e filho escondidos no quarto, esperando que algo acontecesse e que um resgate viesse. Mas nada mudou, e o pouco alimento de que dispunham se esgotou. Além de não haver mais comida, restava apenas a água da pia do banheiro para beber.

Érica constatou que teria de sair em busca de mantimentos. Com seu filho agora cego e ferido, ela precisaria, mais do que nunca, ser forte.

O estômago de Uriel doía de fome, mas o garoto protestou quando ouviu os planos da mãe.

— Mainha, pelo amor de Deus, não me deixa aqui sozinho! Eu não estou enxergando nada! — Uriel implorou, com lágrimas encharcando as gazes.

— Ô, meu filhinho, eu também estou com muito medo...Mas preciso conseguir comida para você ficar forte. Esse é o único jeito de conseguirmos sair daqui.

Esforçando-se para não deixar transparecer o terror que sentia, Érica abriu a porta do guarda-roupa e arrumou um espaço confortável para o filho. Depois de acomodá-lo ali, deu as últimas instruções:

— Meu amor, escuta com atenção. Você sabe que a porta do meu quarto não tranca, por isso não tenho como garantir que os monstros fiquem do lado de fora. Portanto, você ficará escondido no armário até eu voltar, está bem?

O garoto ficou em pânico, seu coração batia descompassado dentro do peito.

— Mainha, não me abandone, por favor... — Uriel suplicou de joelhos dentro do móvel.

Érica olhou com ternura para o filho, aos prantos. Em seguida, tirou uma corrente com um pingente dourado e colocou no pescoço da criança.

— Você nunca estará sozinho enquanto utilizar esta corrente. Ela sempre foi o meu amuleto da sorte, entendeu? Nós estaremos juntos sempre que você a estiver usando, eu prometo. — Érica despediu-se, dando um beijo no rosto do filho.

E então fechou a porta do armário e a trancou, levando a chave consigo. Fechou os olhos e começou a chorar sem parar ao ouvir os protestos e lamentos de Uriel, cego e completamente indefeso.

* * *

Passaram-se horas sem nenhuma notícia. Uriel já havia chorado muito, chamado pela mãe inúmeras vezes, e nada acontecera. O menino jamais se sentira tão assustado e impotente em toda a sua vida.

Uriel se sobressaltou quando ouviu um barulho no quarto. O som inconfundível de uma porta sendo aberta até bater na parede.

O menino tentava decifrar o que acontecia ao seu redor. Seus sentidos estavam mais apurados pela falta da visão, por isso foi

possível ouvir os passos de forma muito nítida. Alguém caminhava pelo aposento.

Uriel tremia tanto que seus dentes batiam sem cessar.

Quando a pessoa parou diante da porta do guarda-roupa, entretanto, Uriel sentiu um perfume suave penetrar em suas narinas. O mesmo aroma que sempre lhe dava aquela sensação de aconchego maternal, de segurança.

O perfume de sua mãe.

— Esse perfume... Mainha, você voltou! Me tira daqui, pelo amor de Deus! — Uriel falou em voz alta, aliviado.

Porém, ninguém respondeu. Mas era possível ouvir uma respiração pesada, arrastada do outro lado da porta.

— Mainha?

Sem resposta novamente. Apenas um silêncio mortal.

De repente um grunhido animalesco emergiu das trevas nas quais Uriel se encontrava. O som de uma fera assassina encheu o quarto e o coração daquela criança do mais absoluto horror.

A criatura que exalava o perfume de Érica não era mais a mãe de Uriel. O ser começou a esmurrar a porta do guarda-roupa, furioso.

Uriel gritou aterrorizado a plenos pulmões, ouvindo os urros e arranhões na madeira, agarrado ao amuleto da mãe. Cego, sozinho e faminto, ele tinha apenas uma frágil porta de armário como proteção.

Foi quando Uriel se lembrou de algo. Não da derradeira vez em que falou com sua mãe nem de sua última conversa com o pai. O que lhe ocorreu foi a memória daquilo que vira antes de as imagens serem roubadas dos seus olhos para sempre — a grande explosão das bombas de napalm que arrasaram aquela parte da cidade de Recife. A visão mais bela e aterrorizante que já tivera em toda sua vida.

A luz seguida da escuridão.

CAPÍTULO 2

O LEÃO DO VALE



ZAC SEGUIA APRESSADO até a Praia da Feiticeira, em Ilhabela, com um fuzil M964 FAP no ombro, vestindo um uniforme completo do exército, com coturno, calça verde-oliva e colete à prova de balas. Era um homem alto e muito forte, com o rosto coberto de cicatrizes — resultado de um dos seus muitos embates com os mortos-vivos.

Ao chegar à praia, Zac avistou ao longe aquele a quem procurava: Matheus, o filho biológico mais velho de Ivan e Estela, os líderes da comunidade de sobreviventes de Ilhabela.

— Matheus, vim atrás de você. O que faz aqui? — Zac quis saber.

— Vim observar as aves. Você sabe que essa é a única coisa que me faz relaxar — Matheus afirmou com serenidade.

— Aves? De novo? — Zac o fitou, perplexo. — Não consigo imaginar que graça tem uma coisa dessas.

— Qual é o problema? Você encontrou algo mais interessante neste lugarzinho onde vivemos? — Matheus indagou, bem-humorado.

— Tudo que eu preciso saber é como manipular bem o meu fuzil para matar zumbis. — Zac deu de ombros. — É nisso que eu sou bom.

— É, eu sei. Também gosto disso. Mas sou bom em identificar aves. — Matheus olhou firme numa direção. — Aquele ali, por

exemplo, é um saíra-militar.

— Qual deles, o de cabeça azul e pescoço vermelho? — Zac perguntou, apurando a visão.

— Sim, e corpo verde. É bem colorido, não é mesmo?

— E aquele pequeno, de corpo vermelho e asas pretas? — Zac apontou outro pássaro, bem exuberante, em outra árvore próxima.

— Aquele é um tiê-sangue.

— Sangue? Gostei! Ele me lembra o que eu terei que fazer daqui a pouco — comentou, irônico, tentando disfarçar a preocupação.

— E aquele outro é um sabiá-laranjeira. — Matheus indicou o passarinho de plumagem cinzenta e barriga alaranjada. — É um dos meus favoritos.

— Por que estamos falando dessas bobagens? — Zac franziu a testa.

— Eu já estava aqui. Você é que chegou fazendo perguntas. — Matheus deu de ombros.

— Vim aqui pra te buscar. Você sabe que está na hora, não é? Estão todos te esperando.

— Você parece a minha babá, sabia? — Matheus falou casualmente, guardando seu bloquinho de anotações.

— Eu não apenas pareço, *sou* a sua babá. Sua mãe me transformou no seu eterno guarda-costas, e tenho de cuidar de você com a.....

—sua própria vida, se for necessário. Sim, eu sei, você já disse isso um bilhão de vezes! — Matheus virou os olhos para cima.

— Você brinca, mas só um louco ignoraria a sua mãe. — Zac sorria.

— Se você o fizesse, ela te mataria. — Matheus completou com naturalidade.

— Com um tiro na cabeça. Foram as palavras exatas da Estela.

— Muito bem, definitivamente não quero que você quebre seu juramento. — Matheus soltou um suspiro. — Certo, “babá”, você venceu! Vamos embora.

— Não está com medo do que vamos fazer? — Zac jamais admitiria, mas em seu íntimo sempre se sentia completamente

apavorado.

— Está brincando? Eu sempre sinto medo. E é justamente isso o que me mantém vivo! — Matheus colocou o fuzil AR-15 no ombro e enfiou a pistola Glock no coldre.

E do alto dos seus quarenta anos de idade, Matheus assumiu mais uma vez o posto que conquistara em prol da segurança daquela comunidade: general das forças militares de Ilhabela.

* * *

Com seus olhos e cabelos castanhos, 1,92m de altura, pele bronzeada após três décadas vivendo à beira-mar, depois da dramática fuga organizada por seus pais com a comunidade de sobreviventes de São José dos Campos, que se deslocara para o litoral norte de São Paulo, Matheus caminhava com semblante de pedra diante de centenas de homens enfileirados. Encontravam-se todos em frente à área de embarque para as balsas que faziam a conexão entre Ilhabela e a cidade de São Sebastião, no continente.

Porque o número de sobreviventes se reduzira muito, todos começaram a ser treinados para lutar com armas de fogo logo que aportaram na ilha. Ivan e os adultos mais experientes desenvolveram um programa de treinamento completo, avaliando as habilidades de cada jovem, aprimorando-as para as batalhas e criando desafios cada vez mais perigosos. Matheus logo se destacou, vindo a se transformar pouco a pouco no soldado mais eficiente de sua geração, um fuzileiro capaz de matar um zumbi das mais variadas formas — de facas a pistolas, passando por fuzis e outros tipos de armamento, ou simplesmente com as mãos limpas. Sua dedicação para melhorar seu condicionamento físico tornaram-no extremamente forte e ágil.

Por seus grandes êxitos nas incursões e nos planos de ação estratégicos, Matheus se tornara o líder das forças militares daquela comunidade. E num estilo próprio de quem cresceu num mundo dominado por demônios, ele criou a tropa mais bem preparada dentre todas as que haviam defendido grupos sobreviventes.

Matheus passava em revista seus dois mil soldados perfilados. Muitos eram homens feitos, pais de família com filhos e até mesmo netos. Outros não passavam de garotos nos seus dezesseis anos. E também muitas mulheres.

Todos se mantinham concentrados.

À medida que Matheus caminhava diante dos seus soldados, ele os olhava com firmeza um a um. Cada rosto parecia afirmar: “Estou pronto, dê-me a ordem.” Alguns, ao ver seu comandante passando tão próximo, começaram a soltar gritos de guerra.

— Deus todo-poderoso, salve Matheus, o Leão do Vale! — um deles gritou.

— Matheus, a ruína dos zumbis! — uma mulher berrou, erguendo o punho cerrado.

— Estou pronto para morrer, meu general! — um rapaz de uns dezoito anos afirmou, encarando seu superior.

Matheus se aproximou desse último e parou diante dele. Mediu o rapaz de cima a baixo com firmeza e colocou sua mão pesada sobre o ombro do soldado.

— Prefiro que você volte vivo, soldado, lembre-se disso. — Matheus meneou a cabeça de leve, em sinal de aprovação.

Os olhos do rapaz brilharam ao ouvir aquilo.

Matheus subiu em um jipe próximo às fileiras de soldados para que todos pudessem ouvi-lo.

— Irmãos, aqui estamos reunidos novamente para enfrentar o mal que assola nossas terras há décadas. Mais uma vez precisamos nos unir contra os demônios que insistem em infectar o nosso lar.

A voz de Matheus soava forte como um trovão.

— No continente, a pouco mais de mil metros daqui, um grande desafio nos espera. Vocês sabem disso, há muitos meses nos preparamos para esse momento. Todos aqui já sabem o que fazer, é chegado o momento de colocar em prática tudo o que treinamos. Minhas ordens básicas são: mantenham a linha de batalha; protejam seus companheiros e façam parte da Muralha. Nenhuma parede é mais forte que seu elo mais fraco. Se toda a parede for forte, sobreviveremos. Se um único membro for fraco, todos iremos fracassar, e a morte será certa!

Todos se mantinham em absoluto silêncio.

— E lembrem: se um dos desgraçados os morder,...bom, sinto muito, mas vocês estarão fodidos, e nós só nos reencontraremos no Paraíso! — Matheus gritou, com um sorriso no rosto.

Todos gargalharam diante daquele comentário. Matheus herdara de Ivan o humor ácido, que era ótimo para quebrar a tensão em instantes como aquele.

— Meus amigos, este é um momento importantíssimo, vocês sabem bem disso. Se não furarmos esse bloqueio, estaremos perdidos. Nossa cidade, famílias e amigos contam conosco. É chegada a hora de honrar os nomes dos nossos antepassados que tanto lutaram para nos trazer até aqui. — Matheus retomara a expressão séria. — Portanto, sigam seus líderes e assumam suas posições. E, ao meu sinal, abram as portas do inferno! — Ele ergueu o punho fechado.

O grupo de soldados foi ao delírio. Todos gritavam e batiam os pés no chão, fazendo o solo tremer. A adrenalina estava nas alturas. Era hora de lutar. Chegara o momento de libertar São Sebastião mais uma vez.

* * *

Matheus desceu do jipe ainda sob os gritos excitados dos soldados. Imediatamente os líderes dos diversos grupos se aproximaram.

A primeira foi Jéssica, a irmã caçula de Matheus, com trinta anos. Era uma mulher muito bonita, com cabelos negros e lisos, olhos castanho-claros e pele morena clara. Era o perfeito retrato de sua mãe, Estela. Tamanha semelhança já causara confusões naquela ilha.

— Está pronto, irmãozinho? — O bom humor era uma das marcas registradas de Jéssica.

— “Irmãozinho” é ótimo! Quase me senti adolescente de novo! — Matheus comentou sorrindo.

— Você sempre será o meu irmãozinho! É por isso que tomo conta de você. — Jéssica piscou para ele.

— Sou dez anos mais velho que você! Eu a carreguei no colo, sua louca! — Matheus comentou, achando graça.

— Não se preocupe, irmãozinho. Eu protejo você, fique tranquilo!
— Jéssica provocou de novo, enviando um beijo na direção dele.

— E eu protejo o Zac — Klaus, um dos líderes de ataque, falou de forma afetada enquanto se aproximava. — Ninguém mexe com o meu Grandão.

Matheus e Jéssica riram, pois já sabiam que viria mais uma rusga entre aqueles dois.

— Sai fora, bichona. Já falei que não gosto quando você vem com essas brincadeiras! Vai se foder! — Zac respondeu ríspido. Com mais de cinquenta anos, o “Grandão” ainda era bravo e cheio de marra.

— Qual é o problema, meu lindo? Sabe muito bem que não vou deixar nenhum zumbi tocar as mãos em você! — Klaus falava de um jeito bem afeminado, da forma que Zac mais detestava.

Gisele, esposa de Zac, também se aproximou. Era uma mulher madura, mas ainda tinha os lindos traços da garota mais bonita de toda a comunidade. Além de um corpo invejável, fruto da sua rotina diária de exercícios e dos seus conhecimentos como *ex-personal trainer*.

Ela se aproximou do marido e pôs a mão em seu antebraço, observando o olhar irritado do companheiro.

— Não sei por que você se zanga. Enquanto se irritar ele não vai parar de te provocar — Gisele argumentou, diante da cara emburrada de Zac.

— É isso aí, rainha da beleza! Fala para o nosso homem parar de dar chilique. — Klaus beijou a mão de Gisele, todo galante. — Olha só você, mais linda a cada dia que passa! Ah, se fosse a minha praia....

— Não, eu não vou ficar aqui ouvindo isso! Se não me afastar, vou acabar arrebatando a cara desse infeliz! — Zac deu um rápido beijo na esposa e saiu pisando duro.

— Você consegue enlouquecê-lo. Nunca vi nada igual! — Gisele balançou a cabeça. — Daqui a pouco ele vai me proibir de conversar com você!

— Não liga não. O Grandão é muito estressado. Ele precisa aprender a relaxar um pouco! — Klaus era moreno, alto e muito forte apesar de estar um pouco acima do peso; era completamente careca e tinha dois brincos na orelha direita. Somava pouco menos de cinquenta anos.

Eduardo também se aproximou, o irmão adotivo de Matheus, dois anos mais velho. Ele também havia sido treinado no mesmo programa do irmão, e era um dos oficiais mais eficientes da comunidade. Era alto, loiros e muito forte também, algo bem comum entre aqueles soldados que eram condicionados desde a pré-adolescência a matar zumbis.

— Hora de matar! — Eduardo falou para Matheus, com o punho cerrado sobre o peito. Ele vinha acompanhado de Sávio, um mulato musculoso de cerca de vinte e cinco anos, seu líder de pelotão.

— Hora de matar, meu irmão — Matheus respondeu ao cumprimento da mesma forma.

Em seguida os irmãos se abraçaram, companheiros. Os dois cresceram e se tornaram soldados juntos. E agora eram os responsáveis por aquele pequeno exército.

Observando Matheus e Eduardo juntos, Jéssica também se aproximou e se uniu à dupla no abraço coletivo.

— Vê-los assim juntos me traz belas lembranças — uma voz feminina soou próximo a eles.

Ao se virar, os três depararam com Isabel, uma das mais respeitadas líderes daquela comunidade. Tinha sessenta anos, era magra e dona de longos cabelos negros e encaracolados. Todos a admiravam não só pela inteligência, mas também por algo muito mais impressionante: ela era capaz de ler mentes. Um simples toque era o suficiente para devassar os segredos mais íntimos, as lembranças mais antigas de alguém. Isabel também era capaz de mover pequenos objetos apenas com o poder da vontade, dom que sua irmã gêmea, Jezebel, também tinha.

— Conselheira Isabel! Veio se juntar a nós em nossa campanha? — Matheus a abraçou com carinho.

Os irmãos o imitaram. Todos nutriam grande apreço pela recém-chegada, sobretudo Jéssica, que também era afilhada dela.

— Meu querido, você sabe que não tenho ânimo nem competência para essas coisas. Sua mãe bem que tentou me transformar numa fuzileira, mas nunca consegui chegar aos pés dela.

— Nem você nem nenhum de nós — Matheus respondeu sorrindo.

— Além do mais, todos nós sabemos que a última coisa que poderia acontecer comigo seria eu me transformar num zumbi. Vocês teriam uma verdadeira bomba-relógio nas mãos. — Isabel deu uma piscadinha para os amigos. — Vim apenas lhes desejar boa sorte. Mas prometam tomar muito cuidado, está bem?

— Não se preocupe! Nossa atenção será redobrada — Matheus prometeu.

— Muito bem, meus queridos! Vão com Deus. Estarei por aqui, esperando notícias.

Depois das últimas despedidas, Isabel se afastou dos três irmãos, acompanhada de dois soldados encarregados de protegê-la.

— Bom, agora chegou a hora de o pau comer, certo? — Jéssica fitava os dois com semblante sério.

— É isso aí. Chega de conversa fiada. Em formação! — Matheus gritou.

Imediatamente os grupos de soldados se reorganizaram, cada membro junto com sua respectiva equipe. Os líderes se separaram, desejando boa sorte uns aos outros. Matheus caminhou até a sua tropa, que permanecia concentrada bem ao lado do contingente do coronel Oliveira, um dos seus melhores amigos.

— Salve, coronel! Como você está hoje? E a Sandra, tudo bem com ela? — Matheus cumprimentou seu companheiro de armas.

— Tudo bem, meu general! Minha esposa está ótima. Mandou lembranças e votos de boa sorte. Ela está no hospital com a equipe médica. Estão todos a postos para receber os feridos. — Oliveira, um mulato magro e alto, era um dos poucos membros que restaram do grupo original de sobreviventes que fundaram aquela comunidade, décadas antes. Apesar dos cabelos grisalhos, era alguém que aparentava ainda esbanjar energia.

— Ótimo! Prometo que assim que tudo isso acabar farei uma visita para vocês. E o meu afilhado, ele ainda não se decidiu pela infantaria? — Matheus quis saber.

— De forma alguma. Ronald só quer saber do trabalho administrativo. Meu filho é um burocrata. Não sei a quem ele puxou!
— Oliveira fez uma careta.

Matheus achou graça do comentário. Só faltava agora uma parte da falange*, que vinha se deslocando, contornando o resto da tropa, e se posicionando ao lado do grupo que o general liderava pessoalmente.

Este era um grupo de mais de cem soldados, todos perfilados, que seguiam uma mulher de cabelos loiros de comprimento médio, perfeitamente presos num rabo de cavalo. Ela caminhava à frente dos seus soldados com o olhar firme.

A mulher se aproximou de Matheus, parou perto dele e ergueu a viseira de seu capacete tático, para poder ver melhor o general.

— Olá, conseguiu falar com ele? — Matheus quis saber.

— Sim. Já está chegando — ela respondeu. Tinha a mesma idade de Matheus, não era muito alta, e seus olhos eram tão claros que pareciam transparentes naquela claridade.

— O Sílvio está na linha de reservistas? — Matheus perguntou.

— Claro! Exatamente como você mandou. Mas ele queria estar na linha de frente, você sabe disso. — A mulher deu de ombros.

— Ele não está pronto. Ainda não. — Matheus balançou a cabeça em negativa. — Quando o momento chegar, prometo que não serei um empecilho. Mas por enquanto não posso permitir essa loucura.

— Tudo bem. Eu também não quero fazer nada precipitado. Mas converse com ele depois. O Sílvio está muito magoado com você.

— Sem problemas, eu prometo. — Matheus segurou o rosto da bela mulher com as duas mãos. — Tome cuidado, viu?

— Sempre. E vou tomar conta de você também. — E deu uma piscadinha para ele.

— Minha irmã já garantiu que ela mesma vai fazer isso. — Matheus sorriu.

— Pois é... E pensar que antes você costumava me chamar de irmã. As coisas realmente mudam. — Mônica deu um beijo nos lábios do marido.

Matheus e Mônica passaram a ser criados como irmãos desde os primeiros dias do surgimento dos zumbis. Ele sempre admirou a

menina, que conseguira proteger sozinha seus dois irmãos pequenos durante mais de um mês, enquanto os zumbis devastavam a Terra.

Porém, com o tempo, a admiração se transformou em atração, e finalmente em amor. E depois de alguns anos, eles se casaram, para felicidade de alguns e espanto de vários outros, que consideravam aquilo praticamente incesto. O casal, porém, nunca se importou com os comentários, pois não eram, de fato, irmãos de sangue.

— Para a guerra? — Matheus perguntou.

— Para a guerra. — Mônica afirmou.

E assim os grupos começaram a se mover, preparando-se para o ataque iminente.

* Unidade de tropa em formação retangular. [N.E.]

CAPÍTULO 3

A MURALHA



CADA SOLDADO CARREGAVA um fuzil de assalto, normalmente um modelo AR-15 ou Heckler & Koch G36. Todos também traziam uma pistola e a peça mais importante do equipamento: um escudo tático de choque padrão.

Essas peças eram feitas de policarbonato transparente, pesavam cerca de três quilos e meio cada uma e podiam ser carregadas facilmente penduradas no ombro — posição ideal para o soldado disparar com o fuzil — ou no antebraço, a melhor maneira de formar um escudo de proteção da tropa e ainda manter uma das mãos livre para empunhar a pistola.

Aquela era a metodologia de combate exaustivamente pensada por Matheus para desembarque na cidade de São Sebastião.

Ilhabela ficava a um quilômetro de distância do continente, e o único acesso à terra era pela balsa que fazia a travessia até a cidade de São Sebastião. E eles dispunham apenas de três embarcações.

Não havia muito espaço na chegada ao píer, que vivia lotado de zumbis, o que tornava inviável um desembarque maciço de tanques.

Matheus e seus soldados seguiam na balsa em direção a São Sebastião. Aquela embarcação fora projetada para comportar cerca de trinta carros, mas naquele momento servia de meio de transporte

para um pelotão inteiro. Eles olhavam para o píer, que dali parecia ter vida própria, tamanho o movimento de seres.

Havia tantos zumbis no ponto em que a balsa iria atracar que era impossível calcular a quantidade — parecia mesmo um formigueiro. Uma turba enlouquecida de seres sem alma, obcecados por carne humana e ferozes.

Aquelas criaturas tinham agora uma aparência ainda mais aterrorizante. Após décadas vagando pela Terra, algumas delas sem comer há anos, a pele dos seres secara nos ossos, ficando completamente cinzenta e cheia de escaras. Chegavam mesmo, em alguns casos, a ter ossos expostos, tamanho o ressecamento de músculos e nervos. Eles se assemelhavam aos humanoides dos antigos filmes de extraterrestres — esqueléticos e desproporcionais. Com o tempo, algumas das criaturas encolhiam e, apesar de adultas, viam-se reduzidas em até trinta por cento do seu tamanho.

Em geral, cada zumbi não pesava mais do que cinquenta quilos em função do avançado estágio de degradação. Mas isso não os tornara menos letais; muito pelo contrário. Alucinados de fome, os seres tornavam-se cada vez mais agressivos. Eram capazes de se esgueirar por espaços minúsculos, esmagando os próprios ossos apenas para alcançar uma vítima.

Com o tempo, até mesmo o fogo, sempre tão útil para dispersar as criaturas, deixou de ter a eficiência de antes. Diante de um ser humano, os zumbis enlouqueciam, e eram capazes de atravessar barreiras em chamas, chegando até mesmo a se reduzir a cinzas tentando matar alguém. Mas ainda havia outros tipos de seres, muito piores.

— Algum berserker foi avistado? — Matheus perguntou pelo rádio a Klaus, posicionado um pouco mais adiante. A massa de soldados era tão densa que ele não tinha como se aproximar.

— Não, general. Mas temos que nos preparar. Os relatos dos últimos dias dão conta de algumas aparições — Klaus informou, sério.

— Sim, eu sei. Vamos ver quais surpresas esse desembarque nos reserva. — Matheus franziu a testa.

Ele e suas tropas já haviam passado por aquela situação antes. Fazia quatro anos desde a última vez em que a cidade de São Sebastião fora invadida daquela forma, o que, conseqüentemente, impossibilitara o acesso deles, que vinham da ilha. Todos estavam preparados para encontrar um pesadelo, pois tudo indicava que não seria diferente daquela ocasião.

Em outros momentos eles tentaram chegar à terra bombardeando as hordas de zumbis, mas fora uma péssima estratégia. Os estragos quase causaram a perda do porto, o que tornaria impossível o acesso futuro à cidade litorânea, algo que seria aceitável apenas em condições de ameaça extrema.

Ao longo do tempo, ficou claro que retomar o porto não era o suficiente. Seria preciso criar uma conexão segura e eficiente com o continente pela sobrevivência da comunidade, que, do contrário, sofreria a longo prazo. Por isso, Matheus criou a Muralha.

A Muralha era uma formação de ataque incrivelmente compacta, na qual os soldados avançavam num bloco de milhares de homens e mulheres equipados com escudos, capacetes e fardas completamente fechadas, que permitiam o combate corpo a corpo quase sem riscos.

Era uma estratégia de confronto baseado em contato total. Cada homem e mulher fazia um esforço sincronizado e brutal para obrigar os zumbis a recuar o bastante para permitir o desembarque dos blindados. Sem isso, não havia como enfrentar as feras.

E era exatamente o que as tropas se preparavam para fazer: um desembarque maciço de soldados em terra firme, enfrentando olho no olho uma multidão de mortos-vivos. Na última vez em que eles ergueram a Muralha, três mil combatentes pisaram no porto de São Sebastião. E muitos deles jamais voltaram para suas casas.

A primeira balsa trazia os soldados da linha de frente. Ali ficavam os combatentes de infantaria mais preparados, guiados pelos líderes com maior experiência. Também eram conhecidos como "a marreta", a ferramenta que esmagava tudo que havia pelo caminho, causando a maior destruição possível entre as fileiras de zumbis. Era nessa embarcação que se achavam Matheus, Eduardo, Mônica, Gisele, Zac, Klaus e Oliveira.

Na balsa seguinte vinha a segunda leva, aquela cujo desembarque só seria possível graças às forças da linha de frente. Um contingente de mil combatentes tão fortemente armados quanto o primeiro.

Na terceira e última balsa vinham os blindados. Quando os tanques desembarcassem, o sucesso da missão estaria praticamente assegurado. Os Urutus abriam caminho com a força bruta, e os soldados seguiam a pé atrás, matando tudo que conseguisse escapar. Chegar a esse ponto do combate era a parte fundamental, e normalmente significava a diferença entre a vida e a morte.

Matheus olhava fixo para as criaturas se acotovelando no porto. Alguns seres, ao verem as balsas deslizando sobre as águas e se aproximando do píer, caíam no mar, tamanha a ansiedade para tentar alcançar um dos seus ocupantes.

— Preparem-se! Deixem nossos ancestrais orgulhosos, soldados!
— Klaus gritou, de punho cerrado, com seu forte acento nordestino. Nessa hora, todo traço de brincadeira cessava, agora não havia espaço para piadas. Era hora de guerra.

— Em posição! Menos de dois minutos para o desembarque! Que Deus proteja a todos nós! — Jéssica gritou.

A balsa foi ultrapassada por dois barcos de combate, que se encarregariam de ajudar a liberar parte do porto para facilitar o desembarque. Eram embarcações do modelo MRCD 1200; cada qual possuía quatro potentes motores náuticos e duas metralhadoras de cinquenta milímetros. As armas de grosso calibre seriam usadas para abater o maior número possível de zumbis.

Naquele momento, o som potente de um helicóptero Sikorsky UH-60 Black Hawk se elevou nas alturas. A aeronave decolara de Ilhabela e atravessava rapidamente a faixa de água que separava a ilha do continente. A imensa máquina de guerra se deslocava a quase trezentos quilômetros por hora, equipada com duas metralhadoras GAU-19 de calibre .50 12,7 milímetros.

Matheus pegou o binóculo e observou o helicóptero, esperançoso. Ele esperava ver alguém muito especial pilotando o aparelho. E ao constatar quem era o comandante, sorriu.

Ivan, seu pai, pilotava a aeronave pessoalmente. Do alto de seus sessenta e seis anos, com cabelos já grisalhos e o rosto cheio de

rugas, ele rumava para o combate mais uma vez.

* * *

— Vejam todos, nosso patrono está aqui! Ele veio pessoalmente lutar conosco, meus companheiros! A vitória é certa! — Matheus gritou.

Homens e mulheres gritaram e vibraram quando o helicóptero de combate pairou no ar sobre a balsa, de frente para o porto e a gigantesca horda de zumbis que infestava toda aquela parte da cidade de São Sebastião.

E quando faltava menos de cinquenta metros para a balsa atracar, o helicóptero baixou um pouco mais e acionou as duas metralhadoras ao mesmo tempo, no que foi imitado pelos barcos de combate que já haviam se aproximado.

As armas de grosso calibre varreram a primeira linha de seres, despedaçando os zumbis mais próximos em segundos.

O som das metralhadoras era pesado e levemente abafado. Os disparos esfaqueavam os corpos das criaturas. Sangue e vísceras se espalhavam, deixando uma massa de restos mortais no chão do porto.

Rapidamente uma faixa do porto foi liberada, permitindo espaço suficiente para os primeiros soldados desembarcarem.

Fileiras de combatentes desciam da balsa, alcançando o porto. Centenas de escudos avançavam emparelhados uns com os outros, formando uma parede sólida. Atrás vinham mais e mais soldados. Os guerreiros, sem deixar frestas, empurravam uma imensa parede de escudos transparente.

E de frente para eles, vencendo o espaço livre aberto pela destruição causada pelas metralhadoras, surgia uma nova horda de zumbis, avançando trôpega e enfurecida, pisando sobre os restos dos mortos-vivos trucidados.

— Preparar para o impacto! Firmes! — Matheus posicionou um pé mais atrás e se preparou para o choque.

Várias fileiras de soldados o imitaram.

E uma verdadeira onda de seres demoníacos chocou-se contra a Muralha.

O impacto da massa de zumbis contra a Muralha foi ensurdecedor. As fileiras de homens foram se espremendo umas contra as outras à medida que milhares de seres se acotovelavam contra os escudos.

Os mortos-vivos, furiosos e dementes, tentavam enfiar suas mãos esqueléticas por entre os escudos, buscando assim alguma forma de alcançar um dos combatentes. Os gemidos e urros dos seres faziam o sangue dos soldados gelar.

Por isso, só participavam da linha de frente — “a marreta” — os soldados mais bem preparados militar e psicologicamente. Era preciso manter o sangue-frio enquanto se era empurrado para trás mais e mais, na tentativa de deter o avanço dos zumbis enquanto os últimos membros desembarcavam da balsa e entravam em formação.

A gritaria entre os soldados também era intensa. Homens e mulheres emitiam gritos de guerra e palavras de ordem ao mesmo tempo que a Muralha era achatada pela pressão imposta pelos zumbis.

— Segurem firme esses filhos da puta! — Jéssica ordenou.

— Aguentem! Força! — Klaus berrou, usando o braço direito como apoio extra na tarefa de manter o escudo em perfeita posição.

— Força, meus irmãos! Só mais alguns instantes! — Matheus, trincando os dentes, empregava toda a sua força.

A Muralha recuou alguns metros, enquanto os famintos zumbis só avançavam. As criaturas aumentavam a pressão cada vez mais, desesperadas por tentar alcançar alguma vítima.

Aqui e acolá, algum soldado se feria, ora por alguma unha afiada de um zumbi que conseguia atingir sua carne, ora porque a pressão dos mortos-vivos os espremia tanto que até mesmo ossos chegavam a se partir. A Muralha permanecia sólida, porém perdendo terreno a cada momento.

Os soldados posicionados nas fileiras de trás empurravam seus escudos contra as costas dos combatentes da linha adiante, conferindo-lhes força extra para manter a pressão equilibrada.

Cabia também ao combatente de trás uma tarefa ingrata, porém imprescindível: matar o companheiro à sua frente que eventualmente fosse contaminado. Quando um soldado se transformava em zumbi no meio da formação causava uma catástrofe e uma reação em cadeia muito difícil de controlar. Quando a pessoa da testa da muralha morria, o de trás dava um passo à frente, restaurando a falange.

Durante alguns instantes que pareceram horas, Matheus e os demais soldados da linha de frente mantiveram a Muralha compacta, mesmo perdendo espaço gradativamente, enquanto os últimos combatentes desembarcavam da balsa e assumiam suas posições.

Quando o desembarque acabou, os soldados de trás, também chamados de “travadores”, fizeram o recuo cessar. Esses homens muitas vezes não chegavam sequer a combater — seu papel principal era conter o retrocesso da Muralha após o choque inicial.

Alguns zumbis mostravam um semblante de confusão em meio à ferocidade ao se dar conta de que não conseguiam mais empurrar aqueles indivíduos para trás. A Muralha, de um instante para o outro, tornara-se algo tão forte que era impossível derrubá-la.

— Agora! Empurrem! — Matheus ordenou.

Em um esforço sincronizado e poderoso, os soldados das duas linhas mais à frente, na qual se encontravam todos os líderes, empurraram com violência os zumbis para trás usando seus escudos. Assim derrubaram alguns seres, abrindo um espaço mínimo entre eles e a horda.

E quando isso aconteceu, todos esses soldados aproveitaram o breve instante de alívio para fazerem uso de suas pistolas.

Os disparos de dezenas de armas automáticas reverberaram simultaneamente por aquele bairro, ao passo que a primeira fileira de zumbis quase inteira desabou, com crânios destroçados pelos tiros.

Quando as primeiras criaturas caíram, as de trás avançaram, pisoteando-as, e alcançando assim os escudos da Muralha. Mas durou pouco tempo.

— Empurrem, porra! — Eduardo berrou, e assim foi.

Aquele era o segredo. De empurrão em empurrão, a “marreta” fazia as criaturas recuarem e depois abatia uma fileira inteira de seres com tiros certos. Eles repetiam a operação de empurrar, ganhar espaço e matar várias vezes durante uma batalha.

Mais um espaço vazio se abriu com a segunda onda de criaturas abatidas, e dessa vez foram os soldados que avançaram em bloco.

Num desses choques, Klaus deixou sua pistola cair, perdendo-a no meio da massa de seres espremida pela Muralha. O líder ficou furioso consigo mesmo.

— Puta merda! Caralho! — Klaus vociferou.

— Você precisa de outra arma! — Eduardo acertou um tiro certo entre os olhos de uma criatura completamente careca e desfigurada que ele não poderia dizer se era um homem ou uma mulher.

— Esquece. Eu tenho tudo que preciso aqui. — Klaus desajeitadamente tirou algo do bolso, tentando manter o escudo na posição certa sem permitir que a parede se rompesse.

Em instantes Klaus enfiou na mão direita um soco-inglês que ele mesmo fizera anos antes. Era uma peça impressionante, com quatro pontas afiadas com dez centímetros cada, todas alinhadas com os quatro dedos principais.

Klaus manteve o escudo na posição, e quando teve uma oportunidade soltou um murro certo na testa do ser mais próximo, arrebatando-lhe o crânio. O zumbi caiu para trás com a cabeça quebrada.

— É isso aí, seus putos! Venham para o Papa Klaus! — gritou vitorioso. A verdade era que com seu soco-inglês Klaus já havia abatido uma quantidade incalculável de zumbis, por isso aquele era seu instrumento de guerra favorito. Pelo uso daquela arma ele já recebera vários apelidos, de Wolverine a Freddy Krueger. Mas Papa Klaus era seu favorito.

Um combatente foi agarrado pela perna por um zumbi, que mordeu sua coxa com tamanha força que nem mesmo a farda foi capaz de impedir que sua carne fosse lacerada. O infeliz berrou de dor e caiu no chão no meio dos soldados amontoados, com a criatura aferrada a si.

Ao ver aquilo, Jéssica balançou a cabeça, inconformada. Em seguida disparou dois tiros certos, matando o soldado e o zumbi em sequência. Aquele era o procedimento: matar os contaminados antes mesmo que pudessem se dar conta do que viria a seguir. Era a forma mais humana de lidar com o inevitável.

Em diversos pontos a situação se repetia. Durante o empurra-empurra da Muralha contra os mortos-vivos, uma jovem foi mordida no antebraço, e seu sangue jorrou abundante. Ela gritou de dor com a laceração profunda. Um dos soldados que encontrava-se a seu lado tentou ampará-la sem deixar de manter sua posição na Muralha. Ela se agarrava a ele, quase desfalecendo, enquanto seu escudo já pendia de forma débil, prestes a ser arrancado de seu braço pela pressão imposta por ambos os lados do confronto.

— Alguém me ajude aqui! — o rapaz gritou no momento em que um zumbi enfiava a cabeça no seu escudo, tentando furar o bloqueio a todo custo.

A falange ameaçava desmoronar naquele ponto, porque a moça não mais apoiava a Muralha, e o soldado, em pânico, também não fazia a sua parte. Caso a parede se rompesse, os zumbis se infiltrariam entre as fileiras, atacando pelas costas os soldados da linha de frente. Isso faria com que novos buracos na Muralha se abrissem, numa reação em cadeia que custaria centenas de vidas.

— Mata a garota! — Gisele berrou. — Rápido!

— Calma, eu vou... — o rapaz começou a falar, mas um grunhido próximo do seu ouvido o fez se virar.

A jovem já mostrava olhos brancos e leitosos, e uma baba espumosa saía da sua boca. Os dentes encontravam-se arreganhados numa careta diabólica.

Com o passar dos anos, a capacidade dos zumbis de transmitir a maldição aumentara consideravelmente. A transformação de uma vítima que fora mordida, dependendo do caso, não demorava mais do que alguns segundos.

Antes que o zumbi atacasse o soldado assustado, entretanto, um disparo certo fez seu crânio explodir, cobrindo o rosto do rapaz de sangue e pedaços de cérebro. A criatura caiu, inerte, porém sem bater no chão, pois não havia espaço para isso. Ela ficou ali, de pé,

como uma grotesca marionete ensanguentada, balançando de um lado para o outro, ao sabor da multidão de soldados que continuava empurrando a horda para trás.

O jovem combatente olhava para a moça, perplexo, com um nó na garganta. Mas voltou a si quando Zac lhe deu um tapa violento na cara.

— Acorda, imbecil! Ela morreu! Concentre-se! Do contrário você será o próximo! — Zac berrou, furioso.

O soldado continuava sem saber o que pensar, mas num gesto mecânico ele recolocou seu escudo na posição correta e voltou a empurrar, tentando ignorar o cadáver da garota, que ainda se equilibrava em pé no meio da confusão.

A Muralha avançara bastante, e a segunda leva já conseguira desembarcar também, duplicando o contingente. A força da parede de escudos agora era máxima, e impunha uma incrível pressão sobre a horda, cujas fileiras caíam para trás para em seguida serem abatidas com tiros de pistola.

Foi quando uma voz conhecida ecoou em todo o píer, como vinda de um sistema de som, e fez Matheus e os demais se arrepiarem.

— **BERSERKERS!** Eles vêm vindo! — Ivan gritou pelo comunicador.

— Onde, pai? Onde?! — Matheus respondeu.

— Um em cada ponta e mais um no meio. Três desgraçados ao todo! — Ivan berrou.

— Meu Deus... — Matheus murmurou. — Preparem-se, três berserkers estão chegando. Cuidado!

Todos os soldados se prepararam. Alguns trincaram os dentes, outros passaram o peso do corpo para o pé de apoio. Aquele era o momento decisivo.

— Pai, consegue vê-los? O do meio vai bater onde? — Matheus indagou.

— Eu o perdi de vista! Estou tentando...

— Pai...

— Calma, ele sumiu!

— Pai, eu preciso de uma resposta! — Matheus gritou, impaciente.

Foi quando Ivan avistou um rastro de zumbis sendo derrubados em sequência e velozmente, como se uma moto estivesse

atravessando a horda igual a uma flecha.

— Já vi, ele está indo na direção do Klaus! — Ivan informou no rádio.

Ao ouvir aquilo, Zac piscou e olhou para o desafeto. Em seguida, abandonou sua posição às pressas, passando entre as fileiras e empurrando os soldados, tentando chegar até o ponto onde ficava Klaus. Este, por sua vez, inclinou-se de leve para a frente, posicionando-se para deter o avanço de algo muito poderoso em movimento, usando seu escudo.

Zac e Klaus ficaram lado a lado, com os escudos perfeitamente emparelhados.

— Aguenta firme! — Klaus gritou.

Foi quando o berserker atravessou a linha de zumbis e bateu contra os escudos de ambos, causando um estrondo impressionante. Por muito pouco ele não atravessou direto entre os dois homens mais fortes do exército, arremessando cada qual para um lado.

Os berserkers eram zumbis que haviam passado por uma estranha mutação. Os motivos eram desconhecidos, mas o fato era que algumas criaturas, depois de certo tempo, mudavam para pior. Começava com uma espécie de hemorragia ocular, que fazia com que seus olhos, antes brancos, fossem tingidos de um vermelho forte, cor de sangue. Depois disso, a mudança física era impressionante. Esses seres, de um momento para o outro, perdiam a postura arrastada e cambaleante dos zumbis. Eles passavam a ficar eretos, firmes. E ao ver uma vítima, eles corriam em altíssima velocidade em sua direção.

Os berserkers eram zumbis que conseguiam correr tão rápido quanto um carro em baixa velocidade. Eram muito mais fortes também, capazes de atravessar uma porta sem sequer desacelerar.

No entanto, Zac e Klaus detiveram a criatura, apesar da pancada descomunal. Caso o ser não tivesse desacelerado ao atravessar a horda de zumbis, decerto teria matado ambos com a força do impacto.

O berserker não era maior que nenhum outro zumbi, mas se debatia alucinado espremido entre os dois escudos, tentando

penetrar na massa de soldados. Seus olhos totalmente vermelhos permaneciam tão arregalados que pareciam saltar das órbitas.

Zac ergueu a pistola e desferiu um tiro certo na testa daquele demônio, explodindo sua cabeça. O berserker, com um rombo no crânio, ainda se debateu por mais alguns segundos, até finalmente parar de se mover.

No flanco direito da Muralha, entretanto, outra criatura atingiu a parede de escudos com violência, derrubando vários soldados que haviam sido incapazes de impedir seu avanço.

O zumbi, cercado de soldados e completamente enlouquecido, deu um safanão com tamanha força em um dos combatentes que quebrou sua mandíbula, arrancando-lhe vários dentes.

O ser se lançou sobre um soldado, derrubando-o junto com mais alguns homens e mulheres, que gritavam num misto de fúria e espanto. O berserker mordeu o ombro do homem com tanta violência que esmagou seus ossos. A monstruosidade sacudiu a cabeça com ferocidade, como um cachorro furioso, balançando o infeliz de um lado para o outro como se ele fosse um boneco de pano.

Finalmente ele fez um movimento tão vigoroso que o soldado, que gritava de dor a plenos pulmões, foi arremessado longe, voou sobre a linha de escudos e caiu no meio dos zumbis. O braço e parte do ombro, entretanto, continuaram entre as garras da fera. Mas antes que a criatura diabólica pudesse saborear seu troféu, Mônica acertou-lhe um tiro na têmpora, e o berserker caiu fulminado.

— Reagrupar! Agora! — Mônica ordenou, fazendo com que os soldados voltassem às suas posições imediatamente antes que a falange desabasse.

Enquanto isso, do lado oposto da Muralha, o terceiro berserker avançava em alta velocidade contra a parede de escudos. O ser, que não conseguira passar pela compacta multidão de zumbis, subiu em seus irmãos de maldição e começou a pular sobre eles, como um gato selvagem que ia saltando de um lado para o outro, pisoteando cabeças e até mesmo quebrando pescoços de mortos-vivos à medida que avançava. Furioso e descontrolado, o ser arreganhou os dentes quando viu o primeiro soldado da falange. Oliveira o encarou

de volta e começou a disparar a pistola, com o outro braço sustentando o escudo contra a massa de criaturas.

O berserker, extremamente ágil, vinha pulando de um lado para o outro, o que dificultava a mira do coronel Oliveira, que trincou os dentes ao perceber que a cada pulo da criatura e a cada tiro desperdiçado o zumbi chegava mais perto.

— Maldito, fica quieto, porra! — Oliveira gritou, tentando acertar ao menos um tiro na criatura.

Quando a fera estava a pouco mais de dois metros de distância, deu um tremendo impulso e voou sobre os demais seres. Porém, antes que pudesse tocar os soldados, o zumbi foi atingido em pleno ar pelas metralhadoras do helicóptero.

As armas estraçalharam a criatura, arremessando-a sem cabeça, braços e completamente esburacada de volta para a multidão de zumbis. Uma chuva de sangue caiu sobre soldados e mortos-vivos.

Com o último berserker morto, os soldados recuperaram a confiança e, num esforço sincronizado, voltaram a ganhar terreno contra a massa de zumbis.

A cada nova investida, mais seres se desequilibravam e tinham suas cabeças despedaçadas por tiros de pistola. Assim a Muralha ia vencendo o confronto, ao mesmo tempo que a horda encolhia e perdia espaço no porto. O lugar assemelhava-se a um matadouro, com sangue e corpos espalhados por todos os lados.

Ao ver que os soldados já haviam feito os zumbis recuarem até a entrada do porto, tornando a Muralha mais larga, Matheus deu a ordem decisiva pelo rádio:

— Desembarcar blindados! Rápido!

No mesmo instante, a terceira balsa encostou e dez Urutus desembarcaram. Cada veículo contava com uma metralhadora de grosso calibre na torre e vários soldados a postos em seu interior, com fuzis e metralhadoras.

Os veículos avançavam devagar por entre as falanges, e os soldados iam se deslocando para os lados, procurando abrir espaço sem comprometer a integridade da Muralha. E quando os blindados chegaram à linha de frente, começaram a abrir caminho usando as metralhadoras de cinquenta milímetros.

Os Urutus destruíam tudo o que havia pelo caminho.

Daquele ponto em diante a vitória estava assegurada. Os Urutus passaram a avançar lado a lado, formando a linha de frente das tropas, que seguiam a pé logo atrás, matando os poucos seres remanescentes. Naquela etapa do confronto, os soldados passavam a carregar os escudos nos ombros ou nas costas, guardavam as pistolas ainda fumegantes e sacavam os fuzis de assalto, abatendo os seres cada vez mais rapidamente.

Os combatentes que sobreviveram àquela investida inicial avançavam lavados de sangue, olhar de pedra e caretas de fúria, dispostos a fazer os zumbis pagarem caro por aquele inferno que tiveram de atravessar.

E ao fim da tarde, aquela parte da cidade de São Sebastião, tão importante para a sobrevivência da grande comunidade de Ilhabela, finalmente voltava a pertencer aos seres humanos.

* * *

No retorno a Ilhabela, Matheus e seus soldados foram aclamados como heróis pelos cidadãos. Adultos, crianças e idosos aplaudiam o grupo que retornava da perigosa empreitada.

A gritaria, os aplausos e assobios só se acalmaram quando um jipe se aproximou lentamente, causando murmúrios entre todos. Nele vinham o prefeito de Ilhabela, Ivan, e seu vice-prefeito, Uriel. O vice-prefeito usava óculos escuros para proteger seus olhos, que haviam perdido a capacidade de enxergar vários anos antes, durante o bombardeio com napalm na cidade de Recife.

As pessoas recomeçaram a aplaudir de forma estrondosa, porém agora para reverenciar o grande líder, um dos fundadores da comunidade. O homem que agora mostrava-se abatido pela doença e a idade, mas que ainda era capaz de pilotar um helicóptero e impor baixas importantes aos seus inimigos.

Ivan acenava para a multidão com um pouco de dificuldade. Ele sofrera um AVC alguns anos antes, o que comprometera uma pequena parte das suas funções motoras, afastando-o em definitivo de qualquer tipo de confronto direto com os zumbis, o que muito o

entristecia. Seu ódio por aquelas criaturas, que viraram seu mundo de cabeça para baixo, não tinha limites. Mas a vida decidiu não lhe permitir mais o pequeno consolo de destruir aqueles monstros bem de perto.

— Pai, nós vencemos! Dedico esta vitória ao senhor! — Matheus abriu os braços.

Ivan desceu do jipe com cuidado e abraçou o filho. Matheus acariciou os cabelos brancos e ralos do pai e beijou-lhe a testa.

— Graças a Deus vocês estão bem! Eu rezei muito por todos. — Ivan sussurrou no ouvido do filho.

— Está tudo bem agora, pai. Impusemos um duro castigo aos desalmados, fique tranquilo.

Jéssica e Eduardo se aproximaram. Ele colocou a mão no ombro magro do pai adotivo, e Jéssica enlaçou Ivan pelo pescoço, dando-lhe um beijo estalado no rosto.

Mônica foi a última a se aproximar, e também deu um beijo nele. Depois se pôs ao lado de Matheus e tomou-lhe a mão.

— Que bom que estão todos bem! Digam-me, tivemos muitas baixas? — Ivan estava feliz por ver Zac, Gisele, Oliveira e Klaus se aproximando também, alguns dos seus melhores amigos.

— Vinte e um irmãos nos deixaram hoje, homens e mulheres. Uma perda irreparável, mas que poderia ter sido muito maior. — Matheus informou.

— Sinto muito, filho. Temos que trabalhar duro para que o sacrifício deles não tenha sido em vão. E nos cercar de todos os cuidados de forma que não tenhamos que passar por isso de novo. — Ivan sentenciou com expressão séria.

Todos concordaram com a cabeça. Precisavam redobrar os cuidados com a segurança para que aquele episódio não voltasse a acontecer.

Uriel também se aproximou, guiado por seu filho, Otávio, um menino de dez anos, moreno claro, muito quieto e tímido, que raramente falava.

— Grande Uriel, que bom que você está aqui! — Matheus cumprimentou com alegria o recém-chegado.

— Parabéns, meus amigos! Agradeço por mais uma vez vocês terem protegido nosso lar. Outra grande vitória sua, Matheus, realmente não poderíamos estar em melhores mãos. — Uriel sorria largo.

— Tive os melhores professores do mundo. — Matheus lembrou para o amigo.

Ele e Uriel tinham quase a mesma idade, mas o vice-prefeito sempre fora muito inteligente e um homem que entendia como ninguém a natureza humana; por isso tornara-se um valioso conselheiro.

O grupo conversou animadamente por mais alguns instantes, enquanto soldados e equipes de apoio circulavam de um lado para o outro. A próxima etapa daquela missão era reconstruir os postos de vigilância do porto de São Sebastião e mantê-lo seguro, para que assim nunca mais aquele lugar fosse tomado pelos zumbis novamente.

— Meus queridos, eu preciso ir, tenho algo muito importante para fazer. Mas quero convidá-los a irem à minha casa amanhã à noite, para comemorarmos esta vitória e conversarmos sobre o nosso próximo objetivo, que também é extremamente urgente. — Ivan meneou a cabeça. — Posso contar com sua presença?

Todos concordaram de imediato. Eles já sabiam do que se tratava — uma operação fundamental para a comunidade, que, no entanto, não pudera ainda ser realizada porque não tinham como desembarcar no continente sem antes retomar São Sebastião. Agora que aquele obstáculo fora removido, poderiam programar a próxima empreitada.

Ivan se despediu de todos um tanto apressado e partiu no jipe, logo se afastando.

— Para onde ele vai com tanta pressa? — Zac franziu a testa.

— Se bem conheço o meu pai, aposto que está indo contar para a minha mãe sobre a nossa vitória — Matheus respondeu.

* * *

Ivan chegou ao seu destino em poucos instantes. Sentou-se cuidadosamente numa cadeira e permaneceu em silêncio por alguns minutos, pensativo. Então, começou a falar.

— Estela, meu amor! Você precisava ter visto os nossos filhos hoje. Eles foram incríveis! — Ivan afirmou, orgulhoso. — O Matheus é um líder nato. E a Jéssica, a Mônica e o Eduardo são fantásticos. Com eles, nosso menino sente segurança para organizar as missões mais arriscadas. Nossas crianças formam uma equipe perfeita. Curioso, não é mesmo? Eu continuo chamando todos eles de crianças, e a Jéssica, a nossa caçula, já está com trinta anos.

Ivan riu de si mesmo.

— Os outros também tiveram um excelente desempenho em campo. O Zac, a Gisele, o Klaus, o Oliveira, todos impecáveis. É um alívio não termos mais que nos preocupar com a segurança da comunidade, não é mesmo, meu amor? E pensar que durante tantos anos pesou sobre nós esse fardo! E o Uriel tem me ajudado demais na parte administrativa. Ele é o melhor vice-prefeito que eu poderia querer. É um amigo leal e ótimo conselheiro. Acho que estamos vivendo nossa melhor fase. E agora que o porto de São Sebastião está seguro novamente, poderemos retomar nosso projeto com relação à usina.

Ivan suspirou, pensativo.

— Bom, eu só queria te contar o que aconteceu hoje. Desculpe ter demorado tanto, mas eu precisava cumprimentar nossos filhos e amigos, eles foram excepcionais. Amanhã pretendo dar um jantar em casa para comemorar e discutir os próximos passos. — Ele se levantou da cadeira devagar. — Voltarei o mais rápido possível. Agora tenho outras coisas para fazer, está bem? Mal posso esperar para vir aqui e estar com você de novo. Essa sempre é a melhor parte do meu dia.

Ivan olhava fixo para a frente. Naquele momento, seus olhos se encheram de lágrimas. Diante dele havia uma lápide, na qual liam-se os seguintes dizeres:

Aqui jaz Estela Leão. Esposa fiel, mãe amorosa
e protetora incansável de oito mil,

setecentas e cinquenta e cinco almas.
Que seu espírito descanse em paz para sempre.
Nós seremos eternamente gratos.
Quem salva uma vida salva a humanidade inteira.
Ilhabela, 19 de agosto de 2024.

Naquele dia, vinte e cinco anos atrás, Ivan perdia o grande amor da sua vida. Havia vinte e cinco anos que Estela, a líder maior da comunidade de sobreviventes de Ilhabela, partira deste mundo, deixando todos inconsoláveis.

CAPÍTULO 4

RECOMEÇO



DEZEMBRO DE 2019

A COMUNIDADE DE SOBREVIVENTES do Condomínio Colinas deixou São José dos Campos, no interior de São Paulo, e partiu para Ilhabela, no litoral norte do estado.

Quase três mil pessoas se espremeram em carros, ônibus e caminhões de vários modelos e tamanhos, num êxodo que tinha como objetivo salvar todos de um demônio chamado Jezebel. Uma criatura maligna e poderosa que rumava para São José dos Campos seguida por quase um milhão de zumbis e que tinha como único objetivo reduzir a pó sua irmã gêmea, Isabel, além de Ivan, Estela e toda a sua família.

O motivo de tanto ódio era o fato de Ivan ter se recusado a resgatar Jezebel ainda humana no Rio Grande do Sul, quando se encontrava sozinha e acuada pelos zumbis. O que ninguém sabia até então era que, ao ser infectada, em vez de morrer ou se transformar num zumbi comum ela viraria um supermonstro.

Jezebel se tornara um zumbi que falava, raciocinava e tinha poderes paranormais devastadores capazes de destruir tudo o que encontrava pelo caminho. E, acima de tudo, ela odiava toda a raça humana. Jezebel queria se vingar de Ivan, e pretendia matar sua

irmã gêmea para impedir que Isabel se tornasse tão poderosa quanto ela se viesse a ser infectada.

Assim, Jezebel e seu exército de zumbis rumaram para São José dos Campos, não sem antes reduzir a entulho parte de várias cidades pelo caminho, como Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba e São Paulo.

Diante desse adversário formidável, Ivan e Estela decidiram remover toda a comunidade para Ilhabela, um lugar suficientemente desconhecido por Jezebel e que era inacessível aos demais zumbis. Assim, eles explodiram o Condomínio Colinas, onde se abrigavam, com Jezebel dentro, desintegrando sua antiga morada.

O grupo de sobreviventes conseguiu chegar a Ilhabela após uma viagem perigosa, que demorou alguns dias devido ao estado de absoluto caos que passou a reinar nas estradas brasileiras após o surgimento dos zumbis. Todo e qualquer deslocamento terrestre se tornara complexo. Distâncias de poucos quilômetros levavam horas ou dias para serem vencidas, em função da inacreditável quantidade de veículos abandonados ao longo de avenidas e rodovias.

Quando enfim chegaram a Ilhabela, eles encontraram um cenário de completa desolação. Os zumbis não tinham poupado absolutamente nada. Mais de vinte mil criaturas vagavam pela ilha. Praticamente toda a população local se transformara.

O grupo de sobreviventes conseguiu religar as balsas e realizar a travessia de pouco mais de um quilômetro entre o continente e a ilha sem grandes problemas. Mas desde o primeiro momento souberam que o desafio seria muito maior do que eles imaginaram.

A ilha estava completamente infestada, com milhares de seres vagando pelas ruas e praias. Uma tarefa difícilíssima se apresentava para aquele grupo, que chegava sem ter um único lugar seguro para se abrigar e ainda precisava eliminar todos os zumbis.

Os primeiros dias foram de intensos combates até que, finalmente, os sobreviventes conseguiram criar uma zona livre e segura. Dessa forma, algumas ruas ficaram seguras, cercadas por uma linha defensiva de soldados de um lado, e o mar do outro. E em cada barreira, os zumbis iam chegando, sozinhos ou em bandos. E os soldados tratavam de matar todos e queimar os cadáveres.

Naquele pedaço de chão, três mil sobreviventes se espremeram durante semanas, tentando organizar os poucos recursos que tinham, procurando manter os desalmados longe. Para piorar, Ivan e Estela permaneceram vários dias afastados do resto do grupo. Ela ficara debilitada após ter dado à luz Jéssica, a filha caçula do casal, que chegara a Ilhabela com pouco mais de uma semana de vida. E Ivan contabilizava inúmeros ferimentos após seu duelo com Jezebel, inclusive diversos ossos quebrados. Foi uma longa recuperação.

Diante de tamanhas dificuldades, o grupo começava a dar sinais de desgaste. Milhares de pessoas que tinham vivido por mais de um ano em segurança num dos maiores e mais luxuosos condomínios de São José dos Campos agora se viam obrigadas a dormir em barracas, carros, barcos, pequenos pontos de comércio ou mal-acomodadas dentro de um número insuficiente de casas. Brigas aconteciam, discussões acaloradas se multiplicavam. Aquele ponto de entrada da cidade ao redor do porto de desembarque da balsa lembrava muito um acampamento de refugiados de guerra, onde doenças proliferavam rapidamente.

A comunidade ameaçava ruir. Muitos começavam a falar em ir embora, e de fato alguns veículos com famílias e grupos de conhecidos pediram para deixar Ilhabela — pegaram a balsa de volta para o continente e partiram para sempre, optando por enfrentar o mundo devastado a permanecer para morrer naquele pedaço miserável de chão.

Cada vez mais parecia que aquele imenso grupo iria se desintegrar a qualquer momento.

Depois daquele período de afastamento, em que receberam apenas algumas poucas informações dos seus comandados sobre a situação crítica na qual se encontravam, Ivan e Estela decidiram que era chegada a hora de retomar as rédeas daquele grupo. E assim, no final de 2019, os dois reuniram os membros da comunidade e começaram a construir um novo futuro.

* * *

— Boa tarde a todos — Ivan começou a falar, diante de inúmeros olhares desconfiados e um tanto rancorosos.

Próximo dele estava Estela, e ao redor se encontravam seus principais aliados: Zac, Gisele, Isabel, Canino, Sandra, Oliveira e Mariana, uma fuzileira de São Paulo que se unira ao grupo pouco antes da mudança para Ilhabela. Eles sabiam que precisavam arrumar uma forma de acalmar aquela gente e, principalmente, de garantir a sobrevivência de todos, ou iriam assistir ao fim do sonho de recomeçar a vida naquele lugar.

— Todos já sabem por que estamos aqui hoje. — Ivan ignorava os murmúrios e resmungos dos presentes, alguns deles ofensivos e altos o suficiente para que ele pudesse ouvi-los do capô do jipe, que improvisara como palco. — Meus companheiros, eu sei que nossa situação nunca foi tão difícil. Faltam lugares para dormir, comida, água e remédios. Saímos de um lugar confortável e seguro para um completamente inóspito. Mas a alternativa, não fugir, teria feito de cada um de nós um cadáver ou zumbi. É nisto que espero que reflitam. A Jezebel foi imbatível contra nossas maiores forças reunidas.

— Ivan, não podíamos simplesmente explodi-la em algum lugar?
— um homem gritou do meio da multidão.

— Pensamos nisso, mas entre querer fazer e conseguir enganar um ser tão inteligente quanto aquele há uma distância enorme. Ela só se deslocava no meio da sua horda de centenas de milhares de zumbis e se misturava facilmente naquela multidão. Caso contrário, a Estela poderia ter explodido a cabeça dela com um tiro.

Muitos se entreolharam e assentiram. Estela tinha uma pontaria assombrosa. Era capaz de atingir um alvo a centenas de metros de distância.

— Por isso decidimos deixá-la chegar ao condomínio, e lá armamos uma emboscada, algo que só poderia funcionar se a Jezebel se sentisse segura o suficiente para entrar na administração atrás de nós. E assim foi possível mandar tudo pelos ares, com a Jezebel lá dentro. No entanto, para alcançarmos êxito tivemos que sacrificar o nosso lar. De qualquer forma, acho que devemos nos concentrar naquilo que realmente importa.

— E o que é que importa, Ivan? Nós agora estamos aqui ao relento, só esperando a hora em que os zumbis vão invadir este lugar e matar todos nós! — uma mulher gritou, impaciente.

— O que importa é que neste lugar um futuro seguro de fato tem espaço, mesmo que nos dê muito trabalho. Aqui finalmente teremos algo que nos foi tirado há mais de um ano — Ivan respondeu.

— Do que você está falando? — alguém inquiriu.

— Liberdade — Ivan afirmou, direto.

Todos se entreolharam, e alguns cochicharam entre si.

— Vocês perceberam que aqui não iremos precisar de muros? — Estela aproveitou a deixa para entrar naquela conversa. — Eu só conseguia pensar em que tipo de vida nós teríamos ao longo de anos, talvez décadas, atrás dos muros do Condomínio Colinas. Vendo sempre as mesmas paisagens, as mesmas coisas. Sem nunca mais saber o que é andar por uma cidade ou tornar a ver o mar. Aqui, no entanto, o mar é a nossa proteção. Nenhum zumbi será capaz de atravessar um quilômetro de oceano. Esse foi um dos motivos pelos quais viemos: para que nunca mais tenhamos que nos perguntar se os muros serão suficientemente fortes para garantir a segurança.

— Mas hoje estamos cercados, este lugar está lotado de zumbis!

— Sim, companheiro, temos milhares de zumbis aqui conosco, e há de ser uma tarefa árdua eliminar todos eles — Ivan concordou. — E será que não vale a pena lutar por isso? Nós estamos diante de um desafio, mas também de uma oportunidade. Provavelmente teremos que superar tudo o que já fizemos até hoje, para que enfim possamos ter uma vida de fato. Sem muros, sem confinamento e, sobretudo, sem medo. Muitos aqui têm filhos, sejam biológicos ou adotivos, como aqueles que eu e minha esposa acolhemos. E tenho certeza de que todos gostariam de ver suas crianças correndo pela praia, brincando ou simplesmente passeando pela cidade, sem temores ou preocupações. Isso não seria algo pelo qual valeria a pena lutar, e até mesmo morrer?

— Sabemos que não será fácil — Estela argumentou, mais franca do que nunca —, mas garanto que temos uma chance real de

devolver para nossos entes queridos e para nós mesmos uma parte considerável da vida que nos foi roubada.

A mudança do ânimo dos ouvintes ocorreu gradativamente. Semblantes até então pesados pareciam agora mais tranquilos. Olhares amuados ganhavam um novo brilho. Onde havia desespero começava a brotar a esperança mais uma vez.

— Ivan, Estela, mais uma vez vocês nos pedem para lutar. Quando isso irá acabar? — um dos soldados questionou.

— Quando tivermos conseguido nos estabelecer com segurança. Nós insistiremos até conseguirmos, nunca iremos desistir. Foi assim que chegamos até aqui, enquanto muitos morreram pelo caminho.

— Ivan encarava o rapaz. — As coisas poderão se tornar mais fáceis após eliminarmos os zumbis desta ilha, mas por ora teremos que ser fortes e seguir em frente.

— Vocês acreditam que esse é o nosso caminho? Com muito menos nós tomamos um condomínio. Estão prontos para conquistar uma cidade inteira? — Estela perguntou.

Aos poucos as pessoas concordaram. Algumas com mais entusiasmo, outras com visível receio, mas todas compreenderam que seria necessário batalhar e superar seus medos mais uma vez.

No dia seguinte, quase mil pessoas pegaram em armas e avançaram sobre Ilhabela num sangrento embate com os zumbis. Os grupos percorreram ruas, avenidas, vielas e becos. No confronto com Jezebel, os melhores soldados haviam morrido, e os melhores equipamentos se perderam. Dessa vez os recursos eram muito menores, e por isso foi preciso armar pessoas que nunca haviam pego num fuzil antes. Voluntários que antes trabalhavam na manutenção do condomínio, na lavoura, na administração e até mesmo na cozinha foram transformados em combatentes às pressas. Ivan e Estela se uniram ao seu batalhão improvisado, conscientes do risco de grandes perdas.

Os combates duraram várias semanas. Os sobreviventes avançaram metro a metro, lutando contra os zumbis que saíam das casas, dos prédios, do matagal. Parecia que aquilo nunca iria terminar.

Antes do apocalipse zumbi, Ilhabela, no litoral norte de São Paulo, tinha uma população de cerca de trinta mil habitantes. O problema era o tamanho da ilha; com quase trezentos e cinquenta mil quilômetros quadrados; tratava-se de um município maior do que a cidade de Belo Horizonte. A explicação para esse disparate entre população e extensão se explicava pela existência do Parque Estadual de Ilhabela, uma área de preservação ambiental com vinte e sete mil hectares, maior que a cidade de Recife, e composto por grande parte do município, além de outras doze ilhas menores.

Por isso, os soldados de Ivan e Estela avançaram pelos bairros Costa Bela, Toca, Reino e Cambaquara, ampliando os limites da chamada Área de Exclusão, o nome dado por eles ao espaço livre de zumbis que a duras penas iam conseguindo criar. Mas o avanço ia cedendo à medida que eles alcançavam as diversas ruas sem saída, nos pontos onde a cidade acabava e começavam as imensas extensões de Mata Atlântica que compunham o parque.

— Daqui não há mais como prosseguir. Só tem floresta — Ivan disse a Estela, observando o Pico do Baepi, uma montanha rochosa que ficava no meio do parque, com pouco mais de mil metros de altura.

Estela recebia de vários soldados os mesmos relatos: as ruas já havia sido todas vasculhadas, e depois só havia mata.

— Sim, precisamos pensar nisso. Em teoria há zumbis vagando pela floresta. Faz mais de um ano que o apocalipse começou, podemos ter seres perdidos no meio da mata que avançaram dezenas de quilômetros para dentro. — Estela limpou o suor da testa. — E mais cedo ou mais tarde, essas criaturas podem decidir voltar para a cidade.

— E se isso acontecer, talvez sejamos surpreendidos por hordas inteiras. Quem sabe o que existe aí no meio? — Ivan balançou a cabeça. — Como na cidade quase não havia o que comer, eu sou capaz de apostar que muitos zumbis se embrenharam na mata atrás de animais selvagens, guiados pelo instinto de sobrevivência.

Eles decidiram tomar uma atitude prática em vez de se perder em suposições. Ivan e Estela optaram por mandar uma equipe até o

antigo prédio da prefeitura em busca de informações sobre qual era a população real de Ilhabela.

E à medida que começaram a queimar os cadáveres dos zumbis, também pediram que as equipes contassem os corpos. Era necessário ter uma estimativa do número de zumbis que desapareceram.

E assim, mais de um mês depois de começarem a operação de limpeza de Ilhabela, chegaram à conclusão de que faltavam ao menos quatro mil habitantes. Pouco menos de quinze por cento do total de pessoas que moravam naquele lugar evaporara.

— Meu Deus, é muita coisa. Se tudo isso tiver virado zumbi, nós temos um problema e tanto. — Ivan fitava as montanhas que compunham o parque.

— Verdade, é um número grande de criaturas que podem estar espalhadas numa extensão de terra gigantesca. O que vamos fazer? — Estela engoliu em seco.

— Acho que por ora não podemos fazer nada; nossas equipes estão esgotadas. Não temos o direito de exigir mais nada deles por enquanto — Ivan ponderou.

De fato havia sido um confronto de proporções épicas. Mais de duzentos soldados sucumbiram, e cerca de vinte e cinco mil zumbis foram abatidos. Tratava-se da maior carnificina já promovida por aquela comunidade, que agora começava a ficar perigosamente sem munição também, algo que não havia acontecido nos últimos doze meses.

— Precisamos parar e nos reorganizar. Vamos criar barreiras muito bem vigiadas em todos os pontos onde o parque começa, e manter patrulhas constantes. Garantir a segurança deste lugar não será fácil, levará um tempo até podermos considerar que o perigo acabou — Ivan disse com firmeza.

No fim daquele dia Ivan e Estela reuniram seus líderes exaustos, desgastados, exauridos. Mas apesar do esgotamento físico e mental e das baixas sofridas, em todos os semblantes era possível notar um sentimento de vitória, de objetivo alcançado.

Ivan explicou como eles iriam lidar com a ameaça dos zumbis da floresta. Diversos dos presentes se mostraram preocupados com

aquela situação indefinida e potencialmente arriscada, mas era inegável que precisavam interromper aquela operação para que pudessem se preparar novamente.

E assim, Ivan, Estela e os sobreviventes remanescentes estabeleceram-se em Ilhabela, com a perspectiva de morar lá por muito tempo. Talvez para sempre.

MEADOS DE 2024

IVAN FITAVA O MAR, tranquilamente, na Praia da Feiticeira. Aquela era uma parte gratificante da sua rotina — ele adorava tirar alguns instantes do dia para desfrutar da natureza exuberante de Ilhabela.

Estela se aproximou dele de mãos dadas com Jéssica, a caçulinha da família, pegou o braço do marido e o colocou sobre seus ombros. Ivan sorriu e puxou a esposa para junto de si.

— Dá para acreditar que já se passaram quatro anos? — Ivan perguntou depois de alguns instantes de silêncio.

— Verdade, o tempo voou. E eu que pensei várias vezes que nem ao menos conseguiríamos ver nossos filhos crescerem... — Estela observava Jéssica correndo na direção da água.

— Pois é. O Eduardo já é quase um homem, e o Matheus e a Mônica já são adolescentes. — Ivan sorria ao pensar nos filhos.

— Por falar nisso, não sei se me agrada o jeito como o Matheus olha para a Mônica. Outro dia eu o flagrei observando-a na praia. É óbvio que ele está interessado nela. — Estela falou com semblante um pouco preocupado.

— Bom, eles não são, de fato, irmãos. Se é isso o que querem, acho que não devemos interferir.

— Eu sei que não, mas considero isso tudo muito estranho; para mim parece errado. Acho que é porque me acostumei a chamá-la de filha — Estela admitiu.

— Tudo bem. Vamos conversar com eles mais tarde. Também não quero que nenhum dos dois se magoe.

— E então, está pronto para deixar de lado o cargo de prefeito? — ela perguntou, sorridente.

— Muito mais do que pronto! Sinto-me exausto. E você, já se preparou para assumir minha cadeira?

— Nós não temos certeza disso ainda, querido. A eleição é só daqui a um mês; mais alguém pode se candidatar.

— Ahã... Até parece que alguém vai perder tempo se candidatando para enfrentar você nas urnas. Ninguém vai tentar fazer isso. — Ivan deu-lhe um cutucão de leve.

Depois que a comunidade se estabeleceu em Ilhabela, Ivan tratou de convocar uma eleição para definir quem seria o prefeito daquele lugar. Na prática, ele aprendera uma dura lição com Jezebel: a liderança da comunidade não poderia estar centralizada. E, pensando a longo prazo, seria importante ter a renovação do poder. Assim, sempre todos se abriam para ideias novas, e a cada ciclo poderiam passar por uma reestruturação.

No final, acabou não havendo mudança alguma; ninguém quis disputar o cargo com Ivan. As pessoas haviam se acostumado a deixá-lo à frente de todas as decisões, mesmo que ele tivesse cometido erros graves no passado. Assim, Ivan se elegeu como prefeito, e Oliveira, um dos seus maiores aliados, assumiu como seu vice.

E a primeira ação de Ivan como chefe do Executivo foi reconstituir os poderes setoriais, recriando a Câmara dos Vereadores através de eleições. Em seguida, nomeou o novo poder Judiciário e definiu quem seriam os líderes do pequeno porém fundamental conjunto das Forças Armadas da comunidade, com Estela assumindo a função de comandante em chefe dos soldados.

Algumas pessoas comentaram que aquela reorganização política não passava de uma brincadeira de Ivan, pois era óbvio que as coisas permaneceriam inalteradas. Mas ele surpreendeu a todos com a primeira lei que conseguiu aprovar, a Lei da Mudança. Essa lei decretava, de forma definitiva, que a reeleição consecutiva seria terminantemente proibida em todas as esferas. Quem ocupasse o cargo de prefeito, vice ou vereador num mandato, não poderia se candidatar no ciclo seguinte para nenhuma função eletiva. A lei

ainda definia que os vereadores poderiam se candidatar várias vezes, desde que não em sequência.

Para o cargo de prefeito, as regras eram ainda mais rígidas. Somente seria permitido que a mesma pessoa ocupasse o cargo de líder no máximo duas vezes em toda a sua vida. Depois do segundo mandato como prefeito, nenhuma nova candidatura seria aceita, nem mesmo como vice ou vereador.

A norma recebeu a chancela de cláusula pétrea. Pelo novo conjunto de regras que Ivan criara, isso significava que a Lei da Mudança só poderia ser alterada com aprovação da Câmara dos Vereadores, do Judiciário e do próprio prefeito, e teria que ser referendada numa consulta popular.

Algumas pessoas questionaram e até mesmo protestaram veementemente contra Ivan, mas ele foi taxativo:

— Estou protegendo a todos de mim mesmo. Quero forçar a alternância constante de comando; isso precisa virar a nova regra do jogo. Todos aqui terão que se acostumar com isso.

E lhe perguntavam por que o prefeito só poderia assumir o poder duas vezes na vida, ele foi categórico:

— Se não for assim, o povo poderá se acomodar e tentar fazer com que eu e Estela fiquemos nos alternando no cargo até o fim das nossas vidas. Com isso também elimino essa possibilidade.

Ivan também tomou algumas ações importantes, tais como recuperar o sistema financeiro e voltar a produzir cédulas e moedas. As pessoas voltaram a receber salários pelo seu trabalho e a pagar por seus recursos básicos, como alimentos e outros serviços. Era tudo muito básico e confuso no começo, mas Ivan esperava, a longo prazo, incentivar a livre iniciativa e o comércio, dando um novo impulso para aquela comunidade prosperar. Ele não via sentido em manter uma comunidade em que tudo era de todos na mesma medida, controlada por um estado paternalista, onde tudo era fornecido para os moradores através da Prefeitura. As pessoas precisavam reassumir a responsabilidade pelas suas vidas, pelo seu sustento, pelo número de filhos ou horas que estavam dispostas a trabalhar.

E, claro, depois de um período de reorganização, foi retomada a busca por sobreviventes. Aos poucos novos contatos foram feitos, e mais focos de resistência, localizados. Pequenas comunidades em Santa Catarina, São Paulo, Bahia e Belém foram descobertas pelo rádio. Estela era a encarregada de organizar essa rede de colaboração mútua e viabilizar formas de enviar apoio técnico e material para esses grupos isolados — alguns dos quais habitando verdadeiras propriedades rurais afastadas dos grandes centros urbanos, onde a concentração de zumbis era muito menor.

Pequenos povoados começaram a prosperar com o recebimento de soldados, equipamentos e comida de Ilhabela. A ilha se tornara a força motriz capaz de permitir que ao menos algumas partes do país pudessem criar pequenas ilhas de segurança e começassem a ser repovoadas.

Passados seis meses de sua chegada a Ilhabela, a comunidade começou a receber as primeiras caravanas de sobreviventes. Multidões rumavam para o litoral norte em busca daquele oásis de segurança. Em outros casos, missões de resgate eram organizadas para buscar agrupamentos inteiros.

Aos poucos eles retomavam sua principal característica: a de estender a mão a quem precisava de ajuda.

No final do primeiro ano conseguiram chegar até Minas Gerais. E no semestre seguinte abriram um corredor de passagem pelas estradas completamente interditadas por carros abandonados até o Espírito Santo.

E o número de habitantes de Ilhabela só crescia, num ritmo médio de mais de mil pessoas por ano. Ivan e Estela encontravam-se exultantes.

— Nunca mais iremos correr o risco de sermos dizimados. Com milhares de pessoas trabalhando juntas, formaremos um grupo invencível — Ivan repetia para a esposa todos os dias.

Chegavam caravanas do Nordeste, do Centro-Oeste e do Norte. Até mesmo grupos da Argentina e do Paraguai foram contatados, e conseguiram atravessar o caos e alcançar Ilhabela para se unir à comunidade.

Dessa forma, aquele primeiro ciclo começava a se encerrar. Como Ivan já previa, tudo indicava que Estela seria a próxima prefeita. Mas depois disso ambos se afastariam para permitir que outras pessoas assumissem a função, para que assim se consolidasse a nova democracia de Ilhabela.

— Ao menos você irá continuar à frente das forças de segurança como líder militar, certo? — Estela perguntou.

— Claro que sim, estou novo demais para me aposentar! — Ivan respondeu rindo.— Não se preocupe! É apenas um compromisso de quatro anos. Com tantas coisas para fazer, o tempo vai passar muito rápido, eu garanto.

E a lista de assuntos para resolver não parava de crescer. Eles reabriram escolas para as crianças, além do hospital, que passou a ser dirigido por Sandra, a esposa de Oliveira, que era médica. Também reativaram a antiga usina hidrelétrica, reestabelecendo o fornecimento de energia para a ilha após dois anos às escuras. Logo as redes de água e esgoto viriam a ser reativadas. A comunidade inteira trabalhou duro para reerguer aquela cidade, que depois de quatro anos já contava com a maior parte dos serviços públicos essenciais funcionando novamente, mesmo que de forma precária.

Ao longo desse período, relativamente poucos zumbis surgiram. Com vários bloqueios por toda a cidade e nos acessos ao parque, e também por conta da grande quantidade de soldados patrulhando as ruas, era fácil detectar as ameaças que vez ou outra surgiam.

No geral eram ocorrências isoladas, grupos com dez, quinze criaturas no máximo. Seres deformados, cobertos de lama e musgo das árvores. Feras assassinas que eram exterminadas e queimadas sem grande alarde.

Por medida de segurança, ao anoitecer todos deviam permanecer em suas casas. Esse era um cuidado adicional, apenas para evitar surpresas. Ao que tudo indicava, Ilhabela se tornara um lugar seguro para se viver.

CAPÍTULO 5

BOA NOITE. EU TE AMO



NUMA DAS MUITAS CASAS ocupadas pelos sobreviventes moravam uma mulher chamada Ângela e seus dois filhos, André e Jonas. Eles chegaram de São Paulo junto com um grupo de sobreviventes, e desde então a família vivia em paz.

Aquela era uma sexta-feira como outra qualquer. Ângela se preparava para ir trabalhar, e os filhos, para a escola. Alguns poucos ônibus circulavam pela cidade agora, e era com eles que ela e as crianças se deslocavam para suas atividades.

Todos os dias Ângela agradecia a Deus por aquela rotina, que em outras épocas soaria como sem graça, desinteressante. Após o surgimento dos zumbis, as pessoas enxergavam as coisas por uma óptica completamente nova. O simples fato de se ter uma casa, comida na mesa e uma rotina normal que não implicasse lutar ou fugir daqueles seres todos os dias, esperando a morte, era como uma vitória e uma alegria sem limites.

Ângela saiu com as crianças exatamente às 7h30 da manhã. Assegurou-se de trancar a porta e seguiu pela rua, tranquilamente, com uma criança de cada lado, para mais um dia na comunidade de sobreviventes.

A manhã estava fria, e ventava bastante. O ar, gelado e úmido, algo muito comum numa ilha coberta por vinte e sete hectares de

mata nativa. Por isso Ângela agasalhara bem os filhos.

A rua se encontrava deserta, pois aquela parte da cidade ainda não era tão habitada. Apesar disso, Ângela se sentia segura, pois a menos de quinhentos metros de sua casa ficava um dos muitos postos de vigilância com dez soldados fortemente armados.

A pequena família apertava o passo. Caso perdessem o ônibus, teriam que esperar muito. Como quase todo o resto, aquela parte da infraestrutura de Ilhabela ainda era muito deficiente, pois havia poucos veículos em circulação.

Quando ela e as crianças chegaram à avenida onde passava o coletivo, uma chuva forte desabou de repente, e Ângela e os dois filhos passaram a correr. A pressa era tanta que ela demorou para entender o que via ao se aproximar do ponto de embarque.

Num primeiro momento Ângela pensou estar vendo um homem caminhando pela avenida em meio à chuva, andando na direção do ponto de ônibus. Possivelmente algum dos seus poucos vizinhos que também pegavam o coletivo naquele lugar.

Ângela tentava proteger o cabelo quando o homem aproximou-se por trás de André. Ele nada disse. Apenas agarrou o garoto de dez anos pelos cabelos, puxou sua cabeça para trás e mordeu seu pescoço com força sobre-humana, rasgando a carne com facilidade.

André gritou de susto, e em seguida, pela dor devastadora.

Ângela e Jonas gritaram de desespero ao ver André sendo mutilado vivo pelo zumbi — um homem alto, magérrimo e completamente maltrapilho. A criatura mastigou e engoliu ruidosamente o naco de carne que arrancou do menino, e já se preparava para uma nova investida.

A mulher, desesperada, atacou o zumbi com o que tinha. Começou a bater na criatura, que parecia hipnotizada pelo sangue que jorrava da artéria destruída do garoto. O ser ignorava por completo a presença e os golpes da mãe, que o espancava aos berros.

Sem cerimônias, o zumbi mordeu André pela segunda vez, no mesmo lugar do primeiro ataque, o que fez com que o sangue jorrasse ainda mais abundante, encharcando a calçada.

Jonas, chorando em pânico, correu para a avenida, no meio da chuva, enquanto sua mãe atacava o zumbi que dilacerava seu irmão.

De repente, surgiu um veículo em alta velocidade, atraído pela cena bizarra. Era um dos muitos que faziam a ronda por Ilhabela. Dele desceram dois soldados. Um deles era novato, um rapaz moreno e magro de dezenove anos chamado Felipe. O outro era Carlos, um homem também conhecido por todos como Canino, um dos soldados mais eficientes da comunidade e também marido de Isabel.

Canino desceu do carro de um salto, largando a chave no contato e o motor ainda ligado. Mas quando ele se aproximou, constatou que era tarde demais. O menino já se encontrava sem sentidos, inerte. O zumbi continuava segurando-o, mastigando sua carne, indiferente à mãe que, em lágrimas, permanecia esmurrando-o inutilmente.

Canino suspirou e abaixou a cabeça, com pena da mulher desafortunada. Em seguida deu um tiro certo na testa da criatura, que desabou para trás, largando o menino, que também caiu no chão, desacordado e sofrendo uma série de leves espasmos.

A mulher abraçou o corpo do filho, desesperada, como um animal ferido. O outro menino, Jonas, assistia a tudo da rua, soluçando, inconsolável.

— Por favor, me ajudem! Chamem um médico! — Ângela berrava a plenos pulmões, enlouquecida pela dor.

O sangue se espalhava pela calçada em meio à água da chuva, jorrando do pescoço da criança ferida. E Canino sabia que não poderia esperar muito — a transformação aconteceria em questão de minutos, ou segundos.

— Minha senhora, afaste-se apenas um instante, por favor. Preciso fazer algo muito importante pelo seu filho. — Canino se agachou ao lado do garoto inerte.

— Não! Afaste-se dele! Vá chamar um médico! — Ângela ordenou, antecipando o que Canino pretendia fazer.

Felipe se aproximou por trás dela e a agarrou pelos braços com firmeza. Ele e os demais soldados eram treinados para lidar com aquela situação. Era terrível, mas a melhor forma de agir. Se aquela mãe visse o filho acordando como um morto-vivo, na certa enlouqueceria de vez.

Ângela gritou e se debateu como uma louca, fora de controle. Jonas, ao ver o rapaz segurando sua mãe, avançou contra Felipe e começou a bater nele, com socos e tapas.

Canino aproveitou a confusão, sacou a faca e colocou a mão sobre a testa de André, que permanecia imóvel no chão.

— Sinto muito, garoto. Não perca nem um segundo mais nesta terra desgraçada, vá o mais rápido possível para perto de Deus, está bem? — Canino murmurou.

Quando André arregalou seus olhos brancos e mortos, Canino enfiou a faca através do seu ouvido, indiferente aos gritos de Ângela e Jonas, permitindo à criança descansar em paz.

* * *

Ivan e Estela ouviram consternados o relato de Canino sobre o ocorrido. Era a primeira vez em quatro anos que eles perdiam um morador. E o fato de ser uma criança tornava tudo pior.

— Canino, como isso pôde ter acontecido? Você era o responsável pelo posto de controle mais próximo. O que houve? — Ivan inquiriu, sério. A situação era grave, e ele precisava de uma explicação urgente.

— Ivan, não faço a menor ideia, mas posso garantir que aquele zumbi não passou por nós — Canino respondeu de imediato.

Os demais líderes que protegiam os outros postos de controle e que também participavam da reunião fizeram a mesma afirmação: o zumbi surgira de forma inexplicável.

— Acho que podemos ter outros pontos de acesso que não mapeamos, como quintais ou casas abandonadas que dão acesso à mata — sugeriu Canino.

— Se for isso o que aconteceu, então temos um problema sério. Se não sabemos por onde ele entrou, significa que podemos sofrer outros ataques — Ivan ponderou. — O fato é que temos uma falha na segurança e não temos noção de onde ela está.

— E dessa vez foi apenas um zumbi. Imaginem se algum dia aparece um grupo inteiro. Estaremos totalmente desprevenidos. — Estela franziu a testa.

— Podemos reforçar a segurança, colocar mais pessoas para patrulhar as ruas — Isabel, que acompanhava a conversa, manifestou-se.

— Sim, acho que essa precisa ser a nossa primeira medida, mas talvez seja pouco. As pessoas estão assustadas, e com toda a razão. — Ivan pensava alto. — Se ao menos pudéssemos garantir que esse foi um episódio isolado e não se repetirá... Mas não é o caso.

Todos ficaram em silêncio, pensando aquela situação e, sobretudo, as suas implicações.

— Muito bem, senhores... Alguma ideia? — Ivan perguntou. — Nós temos um problema; como iremos resolvê-lo?

— Eu tenho uma sugestão, mas não sei se você vai gostar. — Gisele deu de ombros. — Exigiria um grande esforço e envolveria um perigo razoável, mas ao menos seria uma solução definitiva.

— Uma solução definitiva parece algo muito promissor neste momento — Ivan respondeu, interessado. — O que tem em mente?

— Vamos terminar o que nós começamos quatro anos atrás — Gisele respondeu com simplicidade.

Por um instante os demais participantes da reunião não entenderam aonde ela queria chegar, mas depois de alguns segundos todos por fim compreenderam a proposta de Gisele.

— Você está sugerindo que a gente invada a floresta e acabe com os zumbis de uma vez por todas?! — Ivan perguntou.

— Isso me parece uma puta loucura. — Zac falou sem rodeios.

Gisele o olhou feio, e o rapaz esboçou uma careta.

— Mas essa seria, de fato, uma solução definitiva. Sem zumbis, não teríamos mais com o que nos preocupar. — Estela sempre tentava ponderar sobre qualquer sugestão ou ideia dos amigos.

— Pelas nossas contas, deve haver uns quatro mil zumbis espalhados por aí. Conseguem imaginar o quanto isso seria complicado? — Ivan franziu a testa, cruzando as mãos sobre a mesa.

— Acho que nesse caso teríamos que usar tudo que temos. Avançar sobre a mata com mais de mil combatentes, em grandes grupos fortemente armados. — Oliveira meneava a cabeça, com o semblante carregado.

— Será que vale a pena tamanho esforço? Pode ser que o que aconteceu hoje nunca mais se repita.

— Infelizmente não há como ter certeza de que isso não mais se repetirá, Canino. E é aí que se concentra todo o problema. Pode nunca mais acontecer, mas também pode se repetir amanhã, e em maior escala. Não temos como prever o que virá depois. — Ivan respirou fundo.

Passaram-se alguns minutos de um silêncio incômodo, desconfortável. No fundo, todos sabiam que a estratégia de Gisele era a mais sensata; a parte difícil era avaliar o tamanho do risco que teriam de enfrentar.

— Muito bem, amigos, creio que não adianta criarmos mais hipóteses. Vamos logo votar. Quem concorda com a sugestão da Gisele levante a mão.

Um pouco mais da metade dos presentes manifestou-se a favor. A decisão fora apertada, mas havia sido tomada.

Poucos dias depois, mil homens e mulheres marchariam sobre o Parque Estadual de Ilhabela, numa missão decisiva contra os zumbis.

* * *

Ivan e Estela retornaram em silêncio para casa naquela noite. Ambos estavam preocupados com os desdobramentos daquela campanha.

— Percebi que você votou contra o plano da Gisele. Por quê? — Ivan perguntou, já quase na entrada da casa.

— No fundo, confesso que estou com um pouco de receio. — Estela franziu a testa. — Acho que nos últimos quatro anos eu perdi um pouco o ímpeto para lutar. Estou ficando velha.

— Ah, nem me fale uma coisa dessas! Nós dois temos a mesma idade! — Ivan respondeu, sorrindo.

— Sim, eu sei, por isso mesmo que estou falando. Somos dois quarentões! — Estela complementou, sorrindo também. Seu sorriso era perfeito, cativante. Seus cabelos eram negros e chegavam praticamente à sua cintura. E seu corpo cheio de curvas era incrível.

— Podemos ser dois quarentões, mas ainda temos mais ânimo do que muitos adolescentes que vemos por aí. — Ivan a puxou pela cintura.

Colada ao corpo do marido de forma provocadora, Estela sorriu e enlaçou Ivan pelo pescoço, fechando os olhos e encostando a testa no rosto dele.

— Vamos fazer um pacto, está bem? Iremos prometer tomar muito cuidado e proteger um ao outro. Combinado? — Estela pediu, ainda de olhos fechados, esfregando o rosto com suavidade contra a face do marido, sentindo os pelos da barba dele espetarem de leve sua pele.

Ivan sentiu o cheiro dos cabelos dela, e aquilo mexeu com ele. Estela sabia provocá-lo como ninguém. Era incrível como ainda podiam sentir tamanha atração um pelo outro. Aquele impulso nunca arrefecia, apesar de já estarem casados havia quase quinze anos.

— Prometo proteger você para sempre... — Ivan sentia a excitação aumentar mais e mais à medida que a esposa parava de esfregar o rosto contra ele e aproximava os lábios do seu pescoço, dando-lhe beijos suaves intercalados com mordiscadas.

Ela desceu as mãos pelas costas de Ivan e espremeu os seios contra o tórax largo.

— Meu Deus, estamos na porta de casa! O que você quer fazer, meu amor? — Ivan estava espantado com a súbita disposição sexual da esposa.

— Eu quero você... Preciso de você — Estela sussurrou próximo do ouvido dele, causando-lhe um arrepio quente. — Quero você, agora.

Ivan arregalou os olhos ao ouvir aquela inusitada última parte. Louco de desejo, enlaçou Estela e a beijou com paixão. Um beijo molhado, excitante. Suas mãos correram pelo corpo dela, desde as costas até as nádegas.

Quando pararam de se beijar, Estela olhou para ele de uma forma enigmática, quase selvagem. Ela deixara de lado a esposa e mãe de família e fizera aflorar a mulher sensual e excitante que era.

Pelo olhar de Estela, Ivan percebeu que a esposa não iria esperar nem mais um segundo; estava além de suas forças. E das dele também.

Estela pegou Ivan pela mão e praticamente o arrastou até a garagem, que ficava na lateral da casa. Ali havia dois veículos, estacionados um atrás do outro, que eles raramente utilizavam, pois iam e voltavam da Prefeitura a pé todos os dias. O local era fechado, sem janelas e tinha apenas uma grande porta de madeira, que ela tratou de fechar sem demora. Nas paredes viam-se algumas ferramentas penduradas e, num canto, restos de material de construção e outros objetos.

Estela puxou o marido até a frente do primeiro carro, se encostou no capô e puxou Ivan contra si, fazendo seus corpos se encaixarem. Ela o olhava como um animal no cio.

— Você está animada hoje... — Ivan sussurrou, segurando o rosto de Estela com as duas mãos.

— Não estou animada... Estou completamente louca! — Estela o olhava no fundo dos olhos.

Ela arrancou a camisa dele, deixando-o nu da cintura para cima. Em seguida também tirou a própria blusa.

Estela roçou os seios nus contra a pele do marido, e isso o enlouqueceu de vez. Ivan levou as mãos aos quadris dela e arrancou sua calcinha. Em seguida ergueu a saia dela, deixando o sexo exposto.

Ali mesmo, com ele de pé e Estela sentada sobre o capô do carro, fizeram amor com paixão, urgência, desespero.

Em poucos minutos, ambos atingiram o clímax juntos. Estela só não gritou na hora do orgasmo por medo de atrair seus filhos e toda a vizinhança. Mas foi por pouco.

Estela se jogou para trás, deitando-se no capô do carro com a respiração ofegante. Os cabelos negros se espalharam por todos os lados, e uma discreta gota de suor escorria por sua têmpora. No rosto, uma inconfundível expressão de felicidade.

Ivan permaneceu de pé, respirando fundo, sorrindo do fato de que naquele momento os dois pareciam ter retornando à adolescência.

Arfando, ainda conseguiu dizer, rindo e limpando o suor da testa com a palma da mão:

— Bom, isso foi bastante divertido.

— Divertido? Admita, eu sou um verdadeiro furacão! — Estela ria, com os dois cotovelos apoiados na lataria e erguendo o tronco.

— Você é maravilhosa! Quero que fiquemos juntos para sempre — Ivan se declarou com um largo sorriso.

— Pode ter certeza de que ficaremos juntos. Não consigo imaginar minha vida sem você. — Estela tornou a se sentar e abraçou Ivan.

Os dois se olhavam profundamente. Estela revelava-se uma eterna apaixonada. Ivan sorriu e a beijou com suavidade nos lábios.

E assim permaneceram, por instantes esquecidos de todos os desafios daquele mundo.

* * *

Dois dias depois, Ivan e Estela conversaram longamente com os filhos, passando as últimas instruções. Os jovens eram muito responsáveis, e já haviam se acostumado a ficar sozinhos em casa quando os pais precisavam se ausentar. Mas dessa vez era diferente; talvez eles demorassem a voltar.

— Quanto tempo vocês acham que vai levar? — Eduardo, o filho mais velho, perguntou.

— Uma semana, talvez duas. Ou pode ser muito mais, é difícil prever — Ivan respondeu com sinceridade.

— Acham que será muito perigoso? — Matheus franziu a testa.

— Filho, em se tratando dos zumbis, o perigo sempre faz parte da equação — Estela ponderou, passando a mão no ombro de Matheus.

O garoto ficara enorme, já era bem mais alto que a mãe.

— Pai... — Matheus começou, mas hesitou.

— Diga, meu filho. O que você quer perguntar? Não tenha receio — Ivan o encorajou.

— Posso ir com vocês? — Matheus foi direto ao ponto.

Ivan e Estela se entreolharam, surpresos.

— Por que isso agora, filho? — Ivan ficou um pouco atordoado. — Sabe que não podemos permitir isso, você nunca disparou uma

arma na vida.

— Sim, mas você não acha que já passou da hora de eu aprender? — Matheus olhava o pai com seriedade. — Com toda essa loucura que enfrentamos ao longo dos últimos anos, vocês nunca nos ensinaram a nos defender. Será que não é o momento?

— Filho, fizemos um esforço monumental para tentar preservar sua infância e dos seus irmãos. Não queríamos que vocês se transformassem em adultos tão antes da hora. Sempre nos perguntamos se um dia teríamos que colocar armas em suas mãos, mas felizmente nunca foi necessário.

— Existem outros garotos que já matavam zumbis com dez anos de idade. Eu tenho catorze e nunca sequer disparei uma arma. Aliás, vi pouquíssimas dessas criaturas até agora. Não parece um absurdo?

— Matheus argumentou, aparentando descontentamento.

— São situações diferentes. Muitas pessoas não tiveram alternativa e precisaram lutar para se salvar. Graças a Deus, não foi o caso de vocês — Estela apontou a situação por outro ponto de vista, com brandura.

— Mas vamos conversar sobre isso quando vocês voltarem? — Matheus sugeriu, esperançoso.

— Claro, filho. Talvez você tenha razão. — Ivan sorriu. — Mas, por enquanto, precisamos que você, Mônica e Eduardo tomem conta dos seus irmãos mais novos, está bem? Depois discutimos como ensinar você a lutar com essas coisas.

— Eu também quero aprender! — Eduardo reclamou, indignado.

— E eu também! — Mônica interpôs.

— Eu também, mamãe! — A pequena Jéssica, de apenas quatro anos, que acompanhava a conversa com atenção, reivindicou seus direitos.

— Sosseguem, vocês todos! Quando voltarmos nós conversaremos! — Ivan interrompeu, rindo. — E quanto a você, pequenina, trate de se comportar, combinado? — E pegou no colo a caçulinha da família.

Imediatamente Jéssica bateu continência, desajeitada. Todos caíram na gargalhada.

E assim Ivan e Estela partiram para aquela jornada.

* * *

O batalhão de soldados foi dividido em grupos. Cada um invadiria a floresta pelos muitos pontos de acesso disponíveis. Ruas que terminavam no limite do parque e diversas entradas seriam usadas por grupamentos de algumas dezenas ou até mesmo uma centena de combatentes.

Ivan e Estela liderariam o grupo maior. Todas as equipes estavam munidas com mapas, nos quais eles procuraram especificar qual quadrante cada uma delas iria cobrir. Seria um trabalho árduo; em média, cada soldado teria que checar um espaço equivalente a cerca de vinte e sete campos de futebol. Isso tudo sem levar em consideração o fato de que havia montanhas, algumas com mais de um quilômetro de altura, além de rios, lagos, cachoeiras e grutas para inspecionar. Por isso, a perspectiva geral era de um grande período de ausência para todos.

Também deixaram ordens específicas para que os soldados que permaneceriam na cidade para cuidar da segurança mantivessem vigilância constante nos postos de controle e nas ruas e avenidas de Ilhabela.

Na imaginação de Ivan eles estavam prestes a arrebentar uma espécie de formigueiro gigante repleto de mortos-vivos. O efeito disso... só Deus poderia saber.

Acertados os últimos detalhes, os soldados invadiram o parque. Os veículos foram deixados nos limites da floresta em diversos lugares diferentes, junto aos postos de controle, pois a operação seria realizada a pé.

Ao longo das primeiras três horas de operação, nem um único tiro foi disparado.

O grupo liderado por Ivan e Estela caminhava cuidadosamente entre árvores e arbustos quando os primeiros barulhos de ramos sendo quebrados logo à frente foram ouvidos. De imediato Ivan fez um sinal para que parassem.

Ficaram todos alertas e em silêncio. Poderia ser uma ameaça, mas também poderia ser algum animal selvagem, ou mesmo um soldado

que se desgarrara do restante do seu grupamento; por isso todo o cuidado era pouco.

— Será um desalmado? — Estela sussurrou próximo do ouvido de Ivan, observando as folhas se movendo cerca de dez metros à frente deles.

— Não sei dizer... — Ivan respondeu entredentes.

Estela, Ivan e dezenas de combatentes permaneceram estáticos, aguardando que algo surgisse. O calor era grande e a umidade também, e isso os fazia transpirar muito, grudando as fardas em seus corpos. Os pernilongos também não davam trégua, zunindo sem parar nos ouvidos de todos.

Estela prendera os longos cabelos, mas mesmo assim sentia os fios colando no pescoço molhado de suor.

Passados alguns instantes enfim surgiu um animal entre os arbustos. Tratava-se de um caxinguelê, uma espécie de esquilo, muito comum naquelas paragens. Ele pulou para a clareira na qual os combatentes se encontravam.

Todos soltaram a respiração, aliviados. Estela chegou a sorrir.

— Meu Deus, você podia ter morrido, pequenino! — ela disse ao pequeno roedor.

De repente, uma mão acinzentada e repleta de escaras e veias escuras surgiu entre os ramos, agarrou o animalzinho pela cauda e o arrastou de volta para a mata fechada, diante do olhar de perplexidade de todos.

Imediatamente, a floresta ganhou movimento. De todos os lados e direções, galhos e arbustos, moitas e pequenas árvores começaram a se mover, seguidos de gemidos e lamentos.

De certa forma era um som triste, agonizante. Mas também ameaçador, carregado de avisos funestos. Era como um alerta de que aqueles que ali se encontravam deviam começar a correr naquele exato segundo.

— Eles estão aqui! Preparem-se! — Ivan gritou, com os olhos injetados de fúria.

E assim, dezenas de zumbis emergiram da mata, vindos de todas as direções. As criaturas avançavam com tamanho ímpeto que iam se enchendo de arranhões e ferimentos diversos. Algumas

sangravam no rosto, no peito e no pescoço, completamente indiferentes aos machucados.

— Atacar! Atirem à vontade! — Estela ordenou.

Dezenas de armas automáticas abriram fogo ao mesmo tempo. Rajadas de fuzis e metralhadoras estrondaram por todos os lados.

Os tiros rasgavam as criaturas como papel, às vezes dividindo os seres ao meio. Lascas de crânios voavam juntos com pedaços de cérebro e tecidos. Estela explodia cabeças de zumbis em sequência, sem se deter nem para respirar. Alguns soldados até mesmo pararam de atirar para assistir àquela performance. Ivan, que já acompanhara o desempenho dela em muitas outras batalhas, ainda se surpreendia com a capacidade da esposa de atingir alvos impossíveis.

Passados alguns instantes, todos os seres daquela pequena horda estavam mortos, caídos entre folhas lavadas de sangue pútrido. Os combatentes ainda permaneceram em alerta máximo por alguns instantes, todos com os dedos coçando no gatilho e lançando olhares frenéticos para todo lado, preparados para mais um confronto.

Após alguns minutos, todos respiraram fundo e relaxaram, baixando cuidadosamente as armas.

— Bom, acho que acabamos por aqui. — Ivan sorriu de leve. — É isso aí, pessoal, vamos contar os cadáveres e seguir em frente. Bom trabalho!

E assim o pelotão recomeçou a andar.

À medida que os soldados avançavam pelas trilhas antes reservadas aos turistas ou mesmo através da mata fechada, outrora dominada por onças e macacos, os zumbis começaram a surgir. Indivíduos desgarrados ou mesmo grupos de criaturas apareciam por entre as árvores ou do meio do matagal. Seres maltrapilhos de aparência deplorável, que haviam vagado pelo parque como animais selvagens ao longo de anos, agora se aproximavam com ímpeto de atacar, atraídos pela movimentação dos soldados e pelos sons das armas de fogo.

Os combatentes, entretanto, encontravam-se num número bastante grande e fortemente armados. Eles sabiam que se

permanecessem atentos teriam chances consideráveis de êxito, pois já haviam enfrentado situações muito mais críticas e desfavoráveis.

A cada novo encontro, mais cadáveres. Nesse primeiro dia, quase mil seres encontraram a morte, antecipando o que poderia vir a ser uma vitória bem mais rápida do que todos imaginavam.

Naquela noite, o grupo liderado por Ivan e Estela e o de Zac e Gisele se uniram e acamparam juntos no meio da mata fechada, em sacos de dormir e barracas de campanha. Foram organizados turnos de vigília, nos quais soldados se encarregaram da segurança munidos de óculos de visão noturna e fuzis com silenciadores.

Todos conversaram longamente ao redor da fogueira improvisada numa clareira, cercados pelos sons fantasmagóricos da floresta.

— Eu acho que tivemos um bom começo hoje. Mas não quero me animar demais. Esta ilha é gigantesca! — Ivan bebericava uma caneca de café.

— Sim, e tivemos boas performances. A equipe do Canino e da Mariana avançou quase cinco quilômetros floresta adentro; eles estão se movendo muito rápido — Estela comentou.

— Já o pelotão do Oliveira e da Sandra não andou nem dois quilômetros — Gisele complementou.

— Eles tiveram mais confrontos ao longo do dia — Ivan esclareceu. — E mataram mais de duzentos zumbis.

Permaneceram alguns instantes calados, contemplando o fogo. Foi Zac quem quebrou o silêncio:

— Será que teremos uma noite tranquila? Ou os desgraçados vão aparecer por aqui?

Antes que alguém pudesse dizer algo, um zumbi surgiu no meio da mata alguns metros à frente. Vinha cambaleante e desengonçado, se enroscando nos arbustos. Deu dois passos, e sua cabeça explodiu, despedaçada por um tiro disparado por um dos vigilantes.

Ivan e os demais nem sequer se levantaram. Viram o corpo caindo fulminado e continuaram a conversar. Se havia algo que não os preocupava mais era um zumbi solitário.

— Isso responde a sua pergunta? — Ivan sorriu.

— É inegável que essas coisas são uma praga mesmo. Nunca param de surgir. — Gisele fez uma careta.

— De fato. Só espero que eles não venham aos montes. Em pequenos grupos está ótimo. — Estela deu de ombros.

— Verdade. — Gisele soltou um suspiro e apoiou a cabeça no ombro imenso de Zac. — Dá para acreditar que estamos nessa situação de novo, dormindo ao relento enquanto somos devorados pelos pernilongos?

— É, já fazia alguns anos. Mas estamos bem preparados, melhor do que jamais estivemos. — Ivan esfregou os olhos com as mãos. Estava cansado após um longo dia de caminhadas.

Conversaram mais um pouco e decidiram se acomodar para dormir, pois aquela campanha prometia ser longa.

* * *

E as previsões mais pessimistas aos poucos se confirmavam. Quanto mais fundo penetravam na floresta, mais arrastado se tornava o avanço. Pelo rádio Ivan e Estela recebiam relatos dos companheiros que atualizavam suas posições, transmitiam dados sobre o quanto tinham conseguido ganhar de terreno e, sobretudo, a quantidade de zumbis que haviam derrubado.

A operação completara uma semana, e tudo indicava que não tinham conseguido cobrir nem um terço do território da ilha. Por outro lado, haviam fulminado quase dois mil zumbis, o que era promissor.

Os grupos sofreram baixas também. Meia dúzia de combatentes tombara, e essas notícias sempre chegavam carregadas de tristeza e arrefeciam o ânimo das tropas. Porém, os líderes procuravam manter o moral da equipe elevado.

Em dez dias as equipes encontravam-se a vários quilômetros de distância do posto de controle mais próximo.

Os soldados de Ivan e Estela avançavam com cautela por uma trilha enlameada no meio da mata, procurando subir um dos muitos montes que compunham o relevo acidentado da ilha. Naquele ponto, à esquerda, havia um declive acentuado, e à direita, mata fechada

morro acima. Um escorregão e eles iriam rolar ribanceira abaixo, em meio a muito capim, arbustos e lama.

Acima de suas cabeças era possível ouvir o canto dos pássaros e os gritos dos macacos que saltavam por entre as árvores. O grupo caminhava em fila indiana. Ivan se encontrava no meio do pelotão, e Estela vinha atrás de todos. Ela gostava de ser a última; detestava a hipótese de depender dos outros para vigiarem sua retaguarda.

O calor era sufocante, mas Estela já havia se acostumado a ele, após tantos dias de caminhada. Incomodava muito mais a saudade dos filhos, apesar de ela e Ivan conversarem com as crianças todas as noites pelo rádio.

Estela se encontrava envolvida em seus pensamentos quando sentiu uma tontura. De um instante para o outro tudo saiu de foco e ela precisou parar e apoiar em um galho de árvore. Tudo ao redor começou a girar, e estômago revirou, causando-lhe uma forte ânsia de vômito. Ela tentou falar, mas a voz parecia presa na garganta.

Estela engoliu em seco, com a respiração pesada, ofegante. E antes que pudesse emitir um único som, seu corpo se desequilibrou para a esquerda, e ela caiu, rolando ribanceira abaixo e desaparecendo em meio às folhagens.

* * *

— Parem, tem algo errado! Ivan! — um dos soldados gritou, causando em todos um sobressalto.

Ivan sentiu o sangue gelar nas veias, o coração disparar, e até mesmo suas pernas amoleceram. Aquele grito do soldado, com tamanha urgência, só podia significar uma coisa.

— Meu Deus do céu! Estela!

* * *

Estela rolou como uma pedra. Às vezes ela escorregava fora de controle, em outros pontos rodopiava sem conseguir se segurar.

Ela despencou durante segundos intermináveis. Então, finalmente parou, caindo de cara numa poça de lama em meio a uma pequena clareira. Permaneceu ali, tossindo em meio ao barro, sentindo o

corpo inteiro doer. Para piorar, a sensação de tontura agravara-se, como se estivesse completamente bêbada.

— Ivan... — ela balbuciou, de olhos fechados. — Preciso de você...

Mas o marido não estava ali, e não havia nada que ele pudesse fazer para ajudá-la naquele momento.

Em instantes, os arbustos mais próximos começaram a se mexer. E o primeiro zumbi surgiu do coração da mata.

* * *

— Onde ela está? Cadê a minha mulher?! — Ivan gritava, alucinado.

Todos se entreolhavam, nervosos. Ninguém tinha uma resposta, nenhum deles sabia o que dizer.

— Você era o mais próximo, onde ela está? O que aconteceu?! — Ivan interpelou o soldado que vinha logo à frente de Estela, agarrando-o pela gola da farda.

O rapaz se encolheu, assustado.

— Não sei senhor, não vi nada! — o jovem soldado gaguejou, desconcertado.

— Não pode ser! Eu não acredito! ESTELA!!! — Ivan levou as mãos à cabeça, desesperado.

A reação dele deixou todos em pânico. Ivan era famoso por manter o sangue-frio nas situações mais adversas, mas diante do sumiço da esposa ele se descontrolara de uma forma como nenhum deles jamais sonhara presenciar.

— Procurem por ela! Achem a Estela! Agora! — Ivan tentava a todo custo sair da situação de completo descontrole emocional no qual se encontrava.

Mas ninguém fazia a menor ideia de por onde começar a procurar.

* * *

Estela abriu os olhos quando ouviu passos ao redor. Apesar de saber que aquilo só poderia significar que um zumbi se aproximava, não conseguia reagir à altura da ameaça. Sentia-se entorpecida, incapaz de se defender.

Com imenso esforço, ela se virou na direção do som. Mesmo vendo o zumbi a menos de cinco metros de distância, não conseguiu sacar a arma e atirar. Ela suava, e seus olhos giravam nas órbitas.

Em seguida, o zumbi, um homem de barba densa e desgrenhada, cabelos empastados e ralos e aparência grotesca, se lançou sobre ela. O coração da fera, que já batia muito mais rápido que o de um ser humano normal, disparou diante do belo banquete diante de si. Sua boca se escancarou, e seu hálito fétido impregnou o rosto de Estela.

Nem assim ela conseguiu gritar.

* * *

Passaram-se alguns instantes de completa desorientação e desespero entre os soldados que acompanhavam Ivan. Todos vasculhavam os arredores, refazendo o caminho que haviam percorrido, tentando encontrar uma explicação para o desaparecimento daquela que era uma das pessoas mais queridas da comunidade de sobreviventes.

Um dos combatentes chegou a passar direto, mas estacou e voltou quando percebeu algo diferente. Ele analisou a cena com cuidado e chamou Ivan no mesmo instante.

— Senhor! Acho que encontrei! — o rapaz exclamou.

Ivan veio correndo, abrindo caminho entre os soldados.

— O que você achou? Quero ver! — Ivan falava aos tropeções.

— Aqui, acho que ela caiu da ribanceira neste exato ponto. — Ele apontou em uma determinada direção.

Ivan aproximou-se e entendeu de imediato o que ele dizia. Naquela parte da trilha dava para se notar galhos quebrados, mato amassado e um rastro em meio à lama.

Sem dizer nada, Ivan, começou a descer a ribanceira em desabalada carreira, praticamente deslizando em pé em alguns pontos, sendo imitado pelos demais.

* * *

Por um instante fugaz, Estela achou que estava tendo um pesadelo, ou talvez estivesse delirando, quando sentiu o peso do zumbi sobre si, seu hálito quente e nojento, sua baba asquerosa pingando em seu rosto. Quando enfim se deu conta de que aquilo tudo era verdade, sua mente clareou por alguns instantes.

— Meu Deus, não...! — ela balbuciou, com o medo finalmente correndo em seu sangue e a enregelando.

Estela esticou a mão, Tateando em volta, buscando encontrar alguma coisa que pudesse usar como arma.

A fera urrou sobre ela e avançou contra seu pescoço, em direção à sua jugular. Naquele momento, no qual uma fração de segundo significava a diferença entre a vida e a morte, ela encontrou uma pedra em meio à lama. Estela desferiu um golpe tão violento na nuca do ser que o zumbi tombou sobre ela praticamente inerte. E quando a criatura grotesca fez menção de erguer a cabeça, ela o atingiu de novo bem na têmpora. O morto-vivo desabou de vez, enquanto gotículas de sangue espirravam no rosto de Estela.

Estela encostou a cabeça no chão, exausta. Imediatamente, entretanto, a sensação de vertigem voltou. Na realidade, ela nunca cessara.

— Pai do céu, o que está acontecendo? — Estela sussurrou, sem forças, pois o pesado zumbi caído sobre si a sufocava rapidamente.

E então várias criaturas começaram a surgir de todos os lados. Quatro seres ao todo se materializaram em meio às folhagens, cambaleantes e desengonçados.

Estela arregalou os olhos diante daquela cena. Sentia-se atordoada, e encontrava-se presa sob um zumbi. Num reflexo, levou a mão ao coldre, tentando encontrar sua pistola. Não tinha noção de onde estava seu fuzil.

E para seu completo desespero, Estela percebeu que sua pistola também havia desaparecido.

* * *

Ivan descia o mais rápido que podia. Precisava manter o mínimo de calma; se rolasse a ribanceira poderia acabar quebrando o

pescoço.

Foi quando ele viu algo em meio à lama, coberto de barro e restos de folhagens.

Era o fuzil de Estela.

— Meu Deus, você está perto, não é mesmo, amor? — Ivan sussurrou diante da prova inequívoca de que sua amada havia passado por ali. Mas ela estaria bem?

Ele começou a descer ainda mais depressa, desprezando agora todas as precauções consigo mesmo.

* * *

Estela, vendo-se cercada de monstros vindos de todas as direções, alguns deles a menos de sete metros de distância, num esforço imenso girou o corpo, ainda presa sob o peso do zumbi abatido, tentando encontrar sua pistola. E ela viu a Glock em meio à lama, a pouco mais de um metro e meio.

Trincando os dentes, procurando superar a dor, ela empurrou o zumbi e saiu de baixo dele, em seguida alcançando a arma. Naquele exato momento, a primeira criatura que se aproximava a agarrou, puxando sua farda na altura do ombro.

Estela gritou como um animal selvagem, girou o tronco e começou a disparar.

* * *

Ivan e os demais ouviram os gritos, os tiros e, mais ao fundo, os urros e gemidos dos zumbis. Ele arregalou os olhos, injetados de desespero, fúria, pressa e milhares de sentimentos diversos.

— Estela! Não! — Ivan saltou na lama e desceu escorregando.

Quando Ivan chegou ao final da ladeira de barro e mato, os tiros haviam cessado, bem como quase todos os gemidos dos zumbis.

Mas não todos...

* * *

Estela saiu disparando a esmo, quase sem mirar. A pistola estava escorregadia, completamente coberta de lama.

Ela atingiu o peito do zumbi que a agarrou, e isso fez com que a criatura oscilasse para trás e a soltasse. Em seguida, ainda zonza, Estela praticamente encostou a arma entre os olhos do ser antes de puxar o gatilho. O crânio da fera explodiu, se despedaçando por completo. Em seguida, efetuou mais alguns disparos, arrebatando as cabeças de dois dos atacantes, cujas mãos vinham esticadas na sua direção a poucos centímetros de alcançá-la.

Quando mirou para a testa do último ser, Estela sentiu um arrepio ao puxar o gatilho — nada aconteceu. Pelo visto, a pistola havia emperrado por causa da lama. Estela tentou uma segunda vez, em pânico, mas não funcionou.

O zumbi se arremessou contra ela, alucinado, e Estela viu-se derrubada no solo novamente.

* * *

Ivan piscou ao ver aquela cena. Aquilo parecia um pesadelo.

Quatro zumbis se encontravam caídos em meio à lama, todos com os crânios arrebatados e ensanguentados. E mais à frente, Estela, deitada no chão, com um zumbi rosnando vitorioso sobre ela.

Ivan ergueu o fuzil e despedaçou a criatura, crivando-a de balas de baixo para cima, terminando por destruir sua cabeça. O ser caiu de lado, destruído.

* * *

— Amor, fala comigo! Estela! — Ivan chamou, em pânico, ao vê-la desacordada e coberta de sangue.

Estela arregalou os olhos de repente, e Ivan deu um pulo para trás, com o coração em disparada dentro do peito.

Ela olhou para ele, confusa, desorientada. Ivan conseguiu finalmente soltar o ar, aliviado, apesar do estranho estado da esposa.

— Que bom que você acordou, amor. Quase morri de preocupação! — Ivan falou, ansioso. — Você está bem?

Estela permaneceu alguns instantes em silêncio, apenas observando-o. E então pronunciou apenas duas perguntas:

— Quem é você? Eu te conheço? — Estela franziu a testa e tornou a perder os sentidos.

* * *

Ivan andava nervosamente de um lado para o outro no hospital. Seu semblante carregado evidenciava que uma verdadeira nuvem negra pairava sobre a sua cabeça.

Muito tenso, ele aguardava alguma notícia. Sandra levava Estela para fazer diversos exames havia horas. Em geral a médica permitia que Ivan acompanhasse a esposa, mas ele se encontrava num estado de descontrole tamanho que Sandra praticamente o expulsou do consultório.

Estela vinha apresentando momentos de lucidez intercalados com outros de puro delírio. Em alguns instantes ela se lembrava de tudo; em outros nem sequer se recordava do marido e dos filhos.

Sandra lançava mão de todos os recursos possíveis para tentar descobrir qual era a enfermidade da amiga. Tinha que haver alguma explicação.

E a resposta veio com uma tomografia do cérebro, seguida de uma biópsia.

* * *

Ivan ficou petrificado. Seus olhos vermelhos não tinham mais lágrimas para chorar. Sua face era a de um homem destruído, acabado.

Ele ainda tentava processar tudo o que acabara de ouvir, mas parecia anestesiado, alheio ao que acontecia ao seu redor. Sandra o fitava com preocupação e um nó na garganta.

O doutor Roberto — neurocirurgião de uns setenta anos de idade, que chegara à ilha dois anos antes e agora ajudava Sandra a tomar conta do hospital — observava a dolorosa cena sem saber o que fazer.

— Vocês têm certeza? Esse tumor realmente é... — Ivan começou a falar, mas a frase morreu na sua garganta.

— Inoperável? Sim, nós temos certeza. Eu sinto muito — Roberto respondeu com pesar. — Sua mulher tem um tumor do tamanho de uma laranja no centro do cérebro, e não há nada que possamos fazer.

— Jesus Cristo, como isso pôde ter acontecido?! Tão rápido! — Ivan meneava a cabeça sem conseguir acreditar no que ouvia.

— Trata-se de um câncer muito agressivo. Acredito que ele permaneceu estável durante muito tempo, mas agora está crescendo fora de controle. — O doutor Roberto falava como quem pedisse desculpas.

— Não tem algum tipo de tratamento? Radioterapia, talvez? — Ivan indagou, súplice, tentando encontrar alguma esperança em que se agarrar.

— No caso dela, fazer quimioterapia ou radioterapia teria apenas efeito paliativo. Esses tratamentos nunca seriam suficientes para deter o avanço de uma doença tão agressiva. E, sinceramente, serviria apenas para que ela vivesse pouquíssimo tempo a mais com muito sofrimento, pois o tratamento destrói também a qualidade de vida. Além disso, não dispomos dos recursos necessários. — Sandra se sentia muito impotente diante do quadro que se apresentava.

— Vocês estão dizendo que a minha mulher vai... morrer? É isso? — Ivan se sentia mortificado.

Roberto e Sandra não responderam. Apenas olhavam para ele com tristeza. Seu olhar era a resposta.

Ivan sentiu uma parte sua sendo arrancada, ao mesmo tempo que uma mão de ferro se fechava em sua garganta. A tristeza e o desespero chegavam a doer fisicamente.

Ele cobriu o rosto com as mãos e recomeçou a soluçar de forma convulsiva. Nunca se sentira tão vulnerável em toda a sua vida. Porque dessa vez havia deparado com um adversário absolutamente invencível e impiedoso.

Pela sua mente dançavam mil imagens. O dia em que conhecera Estela, o primeiro beijo, o momento em que a pedira em namoro, o casamento, o nascimento das crianças.

Desesperado ele constatou o inevitável. Todos os momentos relevantes, as passagens mais felizes, tudo aquilo que tinha alguma

importância ele vivera ao lado de Estela. Seu universo girava ao redor daquela mulher. Sem ela, tudo ficava incompleto, disforme. Sua esposa era mais do que sua companheira, era tudo para ele. Uma vida sem tê-la ao seu lado era inimaginável.

Ivan agora começava a entender qual era a sensação de ser um zumbi. Pois ele sabia que em breve também estaria morto, apesar de teimosamente continuar respirando.

* * *

— Você veio... — Estela murmurou, débil. — Achei que eu fosse morrer aqui sozinha...

— Não diga isso, meu amor. Nunca mais fale uma coisa dessas, por favor. — Ivan tinha os olhos rasos de lágrimas dentro da U.T.I. — Eu estou aqui para cuidar de você. Vai ficar tudo bem.

— Ah, meu querido, você mente tão mal! Mas eu agradeço assim mesmo pela tentativa... — Estela tentou esboçar um sorriso.

Sem saber o que dizer, Ivan segurou a mão dela com delicadeza, levando-a aos lábios. Depois manteve a palma quente e macia da esposa sobre seu rosto. Quando fechou os olhos, eles ficaram novamente marejados.

Estela o fitava com um misto de ternura e tristeza. Ela respirou fundo, e as lágrimas também brotaram em seus olhos.

— Meu Deus, amor, meus filhos... O que será deles? As crianças precisam de mim. — Estela pôs a mão esquerda no rosto. Sua cabeça continuava enfaixada em decorrência da biópsia que realizara.

— Não se preocupe, porque nossos filhos ficarão bem. Eu estou tomando conta deles. Trate de descansar para poder se recuperar logo, meu anjo — Ivan falou, tentando soar convincente.

— Por favor, prometa que você irá protegê-los e amá-los para cobrir a minha ausência. Prometa! — Estela implorou.

Ivan engoliu em seco. Fazer aquela promessa era como aceitar uma sentença de morte. Porém, não havia alternativa.

— Eu prometo. — E naquele instante, dentro da U.T.I., Ivan sentiu seu coração sangrar.

* * *

Estela agonizou durante três terríveis meses. E ao longo desse período, Ivan quase não saiu de perto dela.

Ele se afastou de todas as suas atividades, entregando o comando da comunidade para seus aliados mais fiéis, e depois passou praticamente a morar dentro do hospital. Chegava de manhã e passava o dia inteiro ao lado de Estela. Em várias ocasiões nem sequer ia embora, e acabava dormindo lá. Médicos e enfermeiros sentiam-se compadecidos dele e de sua dedicação. Ivan nem comemorou quando recebeu a notícia de que Ilhabela se tornara uma cidade livre de zumbis, a primeira do Brasil, o que significava muito naquele novo mundo.

No correr das semanas, o estado de Estela só piorava. Ela não tinha mais episódios de amnésia e confusão mental, mas suas funções motoras foram se deteriorando rapidamente. Não demorou muito e não mais conseguia ficar de pé sozinha.

Estela perdeu quinze quilos em dois meses. Seu rosto ficou encovado, com olheiras profundas e pele pálida.

Para Ivan, cada novo dia era uma vitória, um presente que precisava ser aproveitado ao máximo, pois ele sabia que a ampulheta havia sido virada.

Os filhos adolescentes vinham sempre visitar a mãe. Os menores, no entanto, raramente recebiam autorização para entrar, pois o quadro de Estela era grave e desolador demais. Ela, apesar da fraqueza e do estado crítico, ainda encontrava forças para trocar algumas palavras de carinho e incentivo com os filhos.

— Tenho tanto orgulho da minha família! — Estela afirmou, com um sorriso fraco e lágrimas nos olhos. — Vocês estão se tornando adultos maravilhosos.

— E nós temos orgulho de sermos seus filhos, mãe... — Matheus respondeu, mordendo o lábio inferior e interrompendo a frase.

— Por que esse olhar tão triste, meu filho? — Estela esboçou um sorriso doce.

— Eu queria muito que você melhorasse. Se ao menos Deus escutasse minhas preces... — A voz de Matheus falhou, enquanto

um nó se formava em sua garganta.

— Ele sempre vai escutar suas preces, meu amor. Nunca se esqueça disso, está bem? Mas, infelizmente, às vezes a resposta Dele não será a que você quer ouvir.

— Não quero que você vá embora, mãe. Nós precisamos de você!
— Aninha se esforçava para não desabar.

Mônica, vendo a irmã adotiva quase chorando, limpou uma lágrima discreta no canto de seu olho também.

— Nunca irei embora. Eu continuarei viva no coração de cada um de vocês. Isso é uma promessa! — Estela os fitava com carinho.

E, quando o estado dela atingiu um ponto completamente crítico, todas as visitas foram liberadas.

Inúmeros amigos vieram vê-la. Todos os seus filhos, inclusive os mais novos, bem como Gisele e Zac, Sandra e Oliveira, Isabel e Canino, Scheyla e Hilton, agora bem mais velhos, Adriana e sua filha Ingrid, Mariana, e tantas outras pessoas.

E num lindo dia de sol, Estela atingiu o limite de suas forças. Deitada na cama do hospital, repleta de aparelhos ligados ao seu corpo, ela se viu cercada pelos seus amigos, filhos e pelo amado companheiro.

Ivan permanecia ajoelhado ao lado dela, segurando sua mão. Não fazia a barba havia mais de um mês, e sentia-se doente e arrasado. E ali, agarrado a Estela, estava decidido a não deixá-la ir embora.

Estela contemplou todos aqueles rostos queridos, inclusive a pequena Jéssica, sua filha mais nova, pendurada no colo de sua amiga Mariana. Haveria alguma forma mais perfeita de dizer adeus? Em todos os semblantes, uma tristeza profunda.

Estela tirou a máscara de oxigênio por um instante e olhou para Ivan, que se aproximou o máximo que pôde. A voz da esposa, naquele momento, era fraca, quase inaudível.

— Eu estou pronta, meu amor — Estela sussurrou com candura.
— Prometa que seguirá em frente, por favor.

— Eu vou tentar. — Ivan lutava contra as lágrimas. — Prometo que vou tentar.

— Que bom. Acho que vou dormir agora. — Estela sorriu e fechou os olhos.

Ele cerrou as pálpebras e chorou amargamente.

CAPÍTULO 6

LUTO



SETEMBRO DE 2024

DURANTE TODO O PRIMEIRO mês após a morte de Estela, Ivan viveu praticamente recluso. Ele se trancou dentro de si mesmo, engolindo em silêncio cada gota de sofrimento.

Seus filhos choravam a perda da mãe todos os dias, e aquilo só aumentava ainda mais sua própria dor. Ivan não conseguia fazer nada para aplacar tamanha tristeza. Ele não enxergava uma saída ou alternativa. Sua vida resumira-se a lamento, frustração e revolta.

Ivan se afastou de suas responsabilidades de tal forma que não houve escolha a não ser antecipar as eleições e substituí-lo imediatamente. Assim, Sandra passou a liderar a comunidade.

Liberado de suas funções, Ivan tinha todo tempo para mergulhar de vez no abismo de sua própria alma. Ele definhava a olhos vistos, sem vontade alguma de reagir. Acordava e saía cedo de casa, não raro sem falar com os filhos, que agora sofriam também com sua ausência. Matheus, Mônica e Eduardo tentavam tomar conta dos irmãos menores enquanto eles mesmos também precisavam lutar com suas próprias dores.

Certa vez, ao passar em silêncio pela sala, diante do olhar consternado dos filhos, Ivan deparou com a pequena Jéssica, que

não tinha completado cinco anos. A menina vinha chorando por algum motivo que Ivan ignorava totalmente. Ao vê-lo diante de si, Jéssica abriu os braços, pedindo o colo paterno. Ivan, entretanto, a ignorou, passando direto e ganhando a rua. Ao arriscar um olhar para trás ele viu a filha com o rosto lavado de lágrimas e o nariz escorrendo.

O clima entre os irmãos também começou a desandar. Começaram a brigar, dilacerados pela tristeza, pela perda de ambos os pais. Aquela família caminhava para a desintegração.

Os amigos de Ivan tentavam conversar com ele, sem sucesso. Hilton e Isabel, experientes em psiquiatria, ofereceram-se para lhe dar apoio psicológico, mas foi inútil. E na incapacidade de tirá-lo do seu estado de total depressão, dirigiram toda a atenção para as crianças.

Mariana, Adriana, Isabel e Canino revezavam-se na tarefa de diariamente verificar as condições dos garotos, ajudar nas tarefas da casa e cuidar dos menores. Todos, sem exceção, aguardavam alguma reação de Ivan.

E como a tristeza pode agir como doença contagiosa, Matheus começou a se sentir deprimido. Sem a mãe, sempre tão carinhosa e compreensiva, e com o pai morrendo aos poucos, ele também mergulhou numa terrível espiral de melancolia e reclusão. Matheus parou de se alimentar, e não queria mais sair do quarto. Começou a desejar seguir a mãe numa viagem para longe desse mundo.

Os amigos perceberam que estava na hora de tomar uma atitude mais firme. Não havia mais esperança para aquela família. Alguns propunham tirar todas as crianças da custódia de Ivan e entregá-las para adoção.

A imagem de Ivan naqueles dias era de um ser em total abandono, sentado na praia, barbudo, sujo, magro, mudo e de olhar vazio. Todos achavam que ele acabaria morrendo de dor, ou talvez se matasse.

Então algo aconteceu.

* * *

Ivan observava as ondas na praia, apático. Usava bermuda e chinelo. Comera algo cedo, embora muito pouco, e agora se encontrava naquele lugar, à espera de alguém que nunca chegaria. Parecia que uma nuvem escura pairava sobre ele. O odor, as roupas e a aparência de mendigo afugentavam quem se aproximava.

Nos seus delírios de tristeza e saudade, Ivan imaginava que Estela surgiria a qualquer momento por entre as ondas e o levaria embora daquela terra para sempre. E ele estaria disposto a abandonar todos se isso acontecesse.

Foi quando Ivan se encostou numa árvore, sentado na areia, sempre fitando o mar, aguardando por algo que nem mesmo ele sabia o que era. Talvez fosse a morte, e nada mais, o que tanto esperava.

* * *

— Você está com uma cara péssima! — uma voz masculina soou perto de Ivan, causando-lhe um sobressalto.

Aquela voz era familiar demais. Seria possível? Ivan olhou em volta e viu exatamente quem ele imaginava: um homem que já havia morrido alguns anos atrás.

— Fala aí, Ivan, tudo bom? Já se esqueceu de mim?

— Bob, é você mesmo?! — Ivan perguntou, sorrindo pela primeira vez em muito tempo. Achava que poderia estar maluco, vendo mortos. Mas por estar vivendo agora como um zumbi vivo, nada mais o surpreendia.

— Claro que sou eu! Quem mais poderia ser? — Bob respondeu com seu jeito debochado.

Ele sempre fora um dos amigos mais queridos de Ivan e Estela, e morrera anos antes, durante a invasão dos zumbis ao Condomínio Colinas. Após vê-lo transformado num morto-vivo, Ivan o matara pessoalmente.

Ivan levantou-se e se agarrou ao amigo, abraçando-o apertado. Bob retribuiu o carinho, acolhedor. E passados alguns instantes, durante os quais ambos se mantiveram em silêncio, Ivan começou a chorar. Um pranto descontrolado, de puro desespero.

Bob não se mexeu, apenas manteve o amigo junto a si.

— É isso aí, meu amigo, bota pra fora. Não deve ficar guardando tudo isso, não — Bob murmurou.

— Não aguento mais... Sinto vontade de morrer, todos os dias — Ivan falou, aos prantos.

— Não diz isso, Ivan! Seus filhos precisam de você. É preciso ser forte.

— Onde ela está? Você pode me contar? — Ivan perguntou esperançoso, por fim soltando o amigo.

Bob sorriu ao vê-lo mais calmo.

— Meu caro, digamos que agora Estela está muito mais próxima de nós do que de você. Mas não deixa de pensar na família nem por um segundo sequer. — Bob sorriu. — E ela está, mais do nunca, cercada de amigos.

— Sim, nós todos fizemos uma grande festa de boas-vindas — outro alguém, também de voz familiar, falou por atrás de Ivan. — É o que dizem, não é verdade? Tristeza na Terra, alegria no céu...

Ivan se virou na hora e viu outro amigo muito querido, falecido anos antes.

— Reginaldo! — Ivan abraçou o recém-chegado.

Reginaldo, negro e franzino, falecera em Taubaté durante o confronto com um grupo de bandidos.

— Que bom ver você, Ivan! Precisamos conversar. — Reginaldo segurava Ivan pelos ombros.

— Eu sei, estou fazendo tudo errado, não é? — Ivan estava um tanto envergonhado.

— Está, sim. Mas inteligência nunca foi seu forte. Eu sempre disse: haja paciência para aguentar esse Ivan! — Bob era implacável nas suas brincadeiras.

Ivan riu, enfim relaxado.

— Mas está na hora de reagir. Esta comunidade precisa de você, e seus filhos também. Tem de levantar a cabeça, meu amigo. Não estamos reconhecendo mais o Ivan que é o líder de tanta gente. — Reginaldo meneou a cabeça.

— A perda da Estela me dói demais... Não tenho forças nem ânimo para continuar — Ivan desabafou.

— Acho que você tem é que se concentrar nos seus filhos, que também estão sofrendo, e precisando do pai. Sobretudo o Matheus, que neste exato momento se encontra mais desesperado que você — Bob argumentou. — E não pense na Estela por enquanto; sua mulher está bem. E implorando para que você reaja logo. O homem com quem ela se casou nunca se entregaria.

— Ela disse isso? É mesmo verdade?— Ivan sentia ainda mais vergonha de si mesmo.

— Ivan, como você vai saber o que é verdade? Você não saberá sequer se nossa conversa foi real — Reinaldo falou, matreiro.

— Mas para mim parece. É um sonho ou estou ficando louco?

— O que você acha? — Bob tornou a sorrir. — Agora, trate de voltar rápido para a sua família. Matheus está precisando de você agora mesmo. E por favor, Ivan, dê um beijo na minha filha por mim. Estou sempre próximo dela e da Adriana, acompanhando seus passos.

Ao dar mais um abraço nos dois, Ivan se sentia emocionadíssimo. Esfregou os olhos, e os primeiros pingos de chuva caíram em seu rosto. Ele olhou em volta, procurando Bob e Reginaldo, mas estava sozinho na praia. Aquela conversa tão real acontecera dentro de um sonho.

O vento soprava forte, e a chuva caía cada vez mais intensa. Ivan sentou-se na areia, pensativo, confuso, absorto ainda pela conversa que tivera com os amigos já falecidos.

— Estou mesmo fazendo tudo errado... — Ivan murmurou para si mesmo, e foi tomado de uma enorme vergonha pelo modo como vinha lidando com a perda de Estela até aquele momento. Sabia que não agira daquela forma de modo consciente, mas precisava acordar.

Naquele momento, Ivan teve uma certeza: precisava reagir logo, senão tudo o que ele e Estela haviam feito para criar aquela família teria sido em vão. Olhou para o alto e disse:

— Obrigado pelo aviso! Já sei o que fazer. — Ergueu-se e bateu a areia da bermuda. Olhando para o mar, respirou fundo, sentindo o cheiro revigorante da maresia. O vento gelado, carregado de

gotículas, batia com força no seu rosto misturando-se às lágrimas. — Vou levar você comigo para sempre, Estela!

Em seguida, Ivan voltou para casa, deixando para trás suas lembranças mais dolorosas.

* * *

Ivan entrou encharcado em sua sala. Por um lado, ele apresentava uma aparência ainda pior do que quando saíra, horas antes. Mas havia algo diferente, que podia ser percebido com apenas um olhar. Estava de volta o mesmo semblante decidido, cheio de convicção e coragem.

Mônica, ao vê-lo entrando, de início se preocupou. Porém, ao encará-lo, abriu um sorriso, atravessou a sala e se jogou nos braços do pai adotivo, ignorando o fato de ele estar completamente molhado. Ivan a apertou contra o peito, acariciando seus cabelos. Ela percebera que, enfim, era ele quem estava ali.

— Você voltou, papai! Eu tenho certeza, posso sentir! — Mônica segurava o rosto barbudo de Ivan com ambas as mãos.

— Sim, eu estou aqui. Finalmente achei o caminho de volta. — Ivan a olhava com carinho.

Seus outros filhos, vendo aquela cena, aproximaram-se e formaram um abraço coletivo. Porém, faltavam dois deles.

— Onde estão a Jéssica e o Matheus? — Ivan olhava em volta.

— A Jéssica está no quarto, muito magoada — Mônica foi sincera. — Quanto ao Matheus, nós estamos preocupados, papai, porque ele saiu há horas.

— Eu vou atrás dele. Mas antes, deixem-me falar com sua irmã, está bem? — Ivan se desvencilhou dos filhos. — Queridos, eu peço desculpas. E prometo que daqui pra frente as coisas vão melhorar.

Em seguida, ele beijou e abraçou um por um, carinhosamente, e então foi até o quarto de Jéssica. Ao entrar, encontrou a menina sentada na cama, com as duas perninhas cruzadas, pintando um desenho que havia feito em uma folha de papel. Desde cedo ela já mostrava uma capacidade artística aguçada.

Quando viu o pai molhado e desgrenhado diante de si, a menina ficou um pouco intimidada, receosa do que iria acontecer.

— Por favor, você pode perdoar seu velho pai? Eu fui um bobo, desculpe. — Ivan ficou de joelhos diante da filha.

Jéssica olhou para ele e, sem nada dizer, levantou-se e o enlaçou pelo pescoço, num abraço repleto de amor.

* * *

Ivan caminhava pelo cemitério, sob a tempestade que não dava trégua. Já anoitecera, e os raios riscavam o céu, iluminando a escuridão. A roupa, encharcada, estava colada ao corpo. Ele procurava o ponto onde Estela fora sepultada, pois imaginava que ali encontraria Matheus. E acertou. Seu filho, ajoelhado na terra diante da lápide da mãe, chorava desesperadamente, com as duas mãos enfiadas na lama, olhando para as inscrições feitas na pedra.

Aquelas palavras de reconhecimento não traziam alívio, nem tampouco as flores deixadas pelos moradores. Tudo isso só fazia com que se sentisse mais só, mais abandonado.

Matheus se sobressaltou com o vulto caminhando em sua direção em meio à escuridão. Tudo que ele conseguia divisar era que se tratava de um homem adulto se aproximando.

— Quem está aí? — o garoto perguntou em voz alta, tentando apurar a visão.

— Sou eu, filho. — Ivan chegou perto o suficiente para que o rapaz conseguisse enxergar seu rosto. Em seguida, ajoelhou-se também, diante do filho todo molhado e sujo de terra.

Eles só conseguiam enxergar um ao outro em detalhes nos momentos em que os relâmpagos iluminavam o céu. Após alguns instantes, Matheus rompeu o silêncio:

— Como iremos viver sem ela, pai? — perguntou, fitando a lápide, inconsolável.

— Permanecendo todos juntos, custe o que custar. Eu prometo que nunca mais irei me afastar de vocês. Dou a minha palavra!

Os dois se abraçaram em meio à chuva e ao vento. E pai e filho choraram juntos, compartilhando pela primeira vez o sofrimento

comum.

* * *

No dia seguinte, Ivan retomou seus afazeres. Era hora de reconstruir sua vida.

Depois desse evento, todos viveram um longo momento de paz, e os anos voaram. Mas o aumento da comunidade promoveria novos desafios, e com eles, novas perdas e sofrimentos.

CAPÍTULO 7

O PEDIDO



AGOSTO DE 2049

IVAN CHEGAVA EM CASA após visitar o túmulo de Estela. Horas antes, ajudara Matheus e os demais soldados a retomar o porto de São Sebastião. Ele estava cansado, mas feliz; aquele fora um dia decisivo.

Seu lar era um imóvel mediano, bem diferente daquela imensa casa que ocupara nos tempos em que sua família tinha uma dezena de crianças. Não havia mais necessidade de uma residência tão grande, pois tudo mudara ao longo de todos aqueles anos.

Seus filhos Matheus, Eduardo, Jéssica e Mônica eram adultos agora, e tinham suas próprias vidas como membros das forças de segurança. Aninha tornara-se médica e trabalhava com Sandra no hospital. Outros de seus filhos que adotou com Estela haviam morrido — os dois irmãos biológicos de Eduardo e os irmãos de Mônica; todos haviam partido.

Ivan se dirigiu à pequena estante de madeira na qual havia diversos livros, seu diário e alguns porta-retratos. Pegou um em particular que ele adorava e se sentou no sofá. Contemplou a foto por alguns instantes.

Certa ocasião, havia encontrado uma antiga câmera Polaroid, uma máquina que imprimia fotos na hora. Era uma chance única de conseguir registrar algum momento da família após o surgimento dos zumbis. Por isso, ele, Estela, seus três filhos biológicos e as oito crianças adotadas após o surgimento dos mortos-vivos, alguns dos muitos órfãos abandonados à própria sorte naquela terra maldita, tinham se reunido para tirar uma foto da família toda. Aquele era o único registro de todos eles juntos. A única lembrança que restara. Matheus, Ana, Jéssica, Roberto, Ângela, Eduardo, Giovanni, Aline, Mônica, Gustavo e Guilherme, além de Ivan e Estela.

Ivan abraçou o porta-retratos, saudoso daquele tempo e daqueles que não voltariam mais. Ao contrário de muitas pessoas, ele tinha algo para guardar com carinho, apesar do caos que se abatera sobre o mundo. Ele e Estela haviam construído a mais bela família com que poderiam sonhar, mesmo em meio a adversidades tão inesperadas.

Viveram tempos difíceis e tristes juntos, de grande medo e inúmeras incertezas, mas também muitos momentos bonitos.

Ivan lembrou que, antes de sair do condomínio em Taubaté, um pesquisador de São Paulo chamado Oscar alertara sobre sua teoria fatal, que iria se mostrar terrivelmente acertada. Oscar fizera pesquisas que indicavam que todos aqueles que haviam escapado da transformação deflagrada pela aproximação do planeta Absinto possuíam algum tipo de anomalia cerebral. Em menor ou maior escala, todos os sobreviventes mostravam algum tipo de problema.

Estela foi apenas a mais evidente, ceifada aos quarenta anos pelo tumor no cérebro. Mas não foi a última. Nos anos seguintes, inúmeras pessoas morreram de causas naturais. O hospital permanecia sempre lotado, e os velórios eram diários.

Aneurismas, tumores, derrames. Foram organizados imensos mutirões com os poucos médicos disponíveis para tentar identificar o quão frágil era a saúde dos sobreviventes. E aos poucos ficou claro que o problema era imenso; mais da metade dos moradores apresentava anomalias que, com o passar do tempo, infelizmente se mostrariam de fato graves. Até mesmo Ivan sofrera um AVC causado por uma má-formação congênita.

A vida cobrava caro pela oportunidade que dera aos sobreviventes de Ilhabela. As mortes por questões de saúde dispararam.

E Ivan, por ter uma família tão numerosa, pagou em dobro. Roberto seguiu Estela para o túmulo apenas dois anos depois. Ângela partiu no ano seguinte, ainda no começo da adolescência. Em quinze anos, seis dos filhos de Ivan deixaram este mundo.

Aline foi a última a falecer, com apenas vinte e nove anos de idade. Durante seu velório, Ivan nem conseguiu chorar. O sofrimento de tantas perdas deixara o pobre homem anestesiado, quase incapaz de lamentar. Felizmente ele tinha alguém para apoiá-lo.

A quantidade de óbitos foi tão grande ao longo da primeira década em Ilhabela que Isabel, então prefeita da cidade, propôs um polêmico projeto: a Lei Continuar, promulgada em 2029, cinco anos após o falecimento de Estela.

Com a ajuda de Ivan e de vários outros especialistas em gestão, Isabel constatou que estavam diante de uma cilada: com uma geração inteira de pessoas doentes, o pavor de gerar mais filhos tornava improvável que aquela comunidade se mantivesse em pé por muito tempo. E no ritmo em que os indivíduos morriam, tudo indicava que em algumas décadas aquele lugar seria inviável.

Sem conseguir enxergar outra forma de lidar com o problema, Isabel, apoiada por seus conselheiros, propôs a Lei Continuar, que imediatamente enfureceu a grande maioria das mulheres da comunidade. Esse projeto de lei definia que todas as mulheres com mais de vinte e cinco anos deveriam ter, num prazo máximo de dez anos, ao menos três filhos. Aquelas que descumprissem a lei receberiam punições diversas.

A reação popular foi extrema. Ocorreram greves, protestos e até mesmo depredações. As forças de segurança foram para as ruas para conter a multidão, que pedia a imediata renúncia de Isabel. Ela, entretanto, manteve-se firme, com o apoio incondicional dos seus amigos e parceiros. Aquela era uma decisão que seria cumprida independente de quem fosse o líder naquele cargo.

Eles perceberam, no entanto, que subestimaram a estratégia. Isabel tentou implantar a lei sem uma consulta popular, ou ao menos uma ampla discussão. Assim, quando a situação foi

controlada, ela se pronunciou publicamente, perante toda raivosa população de Ilhabela:

— Meus amigos, me deixem explicar mais uma vez. Se nós não fizermos isso, estaremos nos condenando à extinção. Precisamos renovar a população deste lugar com pessoas saudáveis de fato.

— Você não pode afirmar isso! — um homem gritou. — Nossa população não para de crescer!

— Errado. Nossa população cresce por causa dos sobreviventes que chegam quase todos os dias provenientes de focos de resistência. Mas essas pessoas são como nós, elas têm os mesmos problemas que nós. Só não viraram zumbis no Dia Z por terem alguma fragilidade que, em algum momento, irá se manifestar. Nós contamos com quinze mil sobreviventes morando em Ilhabela atualmente. É um número enorme, sobretudo se considerarmos que, quando chegamos aqui, apenas dez anos atrás, éramos só duas mil pessoas. Mas esse número encolhe quando consideramos que perdemos quase cinco mil homens, mulheres e crianças no mesmo período.

Todos a ouviam com atenção.

— Nossa população atual deveria ser de vinte mil pessoas, não quinze — Isabel prosseguiu. — As previsões são pessimistas. Nesse ritmo, em duas décadas não teremos gente suficiente para manter esta ilha segura e funcionando. E em trinta anos, isto aqui será uma cidade fantasma.

— Mas e os sobreviventes que têm chegado sempre? Nosso grupo vai continuar crescendo... — o mesmo homem tentou argumentar, agora sem muita convicção.

— Como eu disse, nosso grupo vai continuar crescendo com pessoas doentes; esse é o problema. Não adianta. Precisamos que nasçam indivíduos saudáveis. Em breve, o número de sobreviventes que chegam até nós diminuirá drasticamente, pois essas pessoas, em lugares com menos recursos que nós, morrerão mais rápido.

— Três filhos é muita coisa. Eu, por exemplo, nem tenho um marido — Mariana argumentou. — Nem todas nós tivemos a sorte de achar um companheiro e constituir família como você, Isabel.

Isabel suspirou. Aquele argumento era justo e válido. Porém, ela sabia que não poderia flexibilizar muito, ou aquela comunidade iria definhir.

— Mariana, você tem toda a razão. O destino me deu Canino, e com ele vivi quase nove anos. E juntos tivemos três filhos lindos, que são o motivo de eu querer continuar viva e lutando, desde que o meu companheiro também foi levado por uma doença — Isabel falou com pesar. Instintivamente olhou para o anel que Canino lhe dera. Não era uma aliança de fato, mas se tornara o símbolo da união deles. Fazia pouco mais de um ano que se tornara viúva. — E você me conhece muito bem. Ninguém mais do que eu entende como a família é sagrada. Mas agora isso deixou de ser algo desejável para se tornar uma necessidade. Sem isso, nós vamos todos morrer sozinhos. Nós temos espaço, recursos e um hospital funcionando bem. Mas isso não servirá de nada se não tivermos gente para cuidar de tudo.

Isabel lançou um breve olhar para Ivan, que balançou a cabeça, concordando.

— Se atingirmos essa meta, nascerão cerca de quinze mil crianças na próxima década. Esse número será suficiente para garantir a continuidade da nossa comunidade. Caso contrário, considerando que o número de óbitos se mantenha no mesmo ritmo... além do fato de que muitas mulheres em alguns anos deixarão de ser férteis... iremos caminhar para um declínio populacional rápido e, com o tempo, irreversível.

Houve um murmúrio geral.

— E isso tudo que estou falando se baseia em estatísticas. Fizemos um levantamento detalhado da quantidade de mulheres férteis e suas respectivas idades. Hoje são quase cinco mil. Em dez anos, serão menos de mil. E isso inclui você, Mariana. É provável que em uma década você não tenha mais condições de engravidar. Temos quase quatro mil mulheres numa faixa de idade muito parecida.

— Meu Deus do Céu, isso é insano! Você está nos obrigando a engravidar na hora em que acham adequado! — Mariana balançava a cabeça. — É um pedido sórdido!

— Estou propondo isso porque estamos sob uma ampulheta, com o cronômetro ligado. Se não começarmos já, nossa comunidade perecerá. Não será possível tomar essa decisão quando os recursos médicos, alimentos, água potável e energia começarem a faltar, pois será tarde demais — Isabel afirmou. — Agora, ninguém vai ser expulso da comunidade.

— Existe um lado bom nessa arbitrariedade? — Mariana arqueou as sobrancelhas.

Isabel não respondeu. Apenas fez um sinal com a mão. Imediatamente duas meninas e um menino se aproximaram. A caçula não tinha mais de três anos de idade. As três crianças, tímidas, ficaram ao lado dela.

Isabel carinhosamente enlaçou sua família. As três crianças que concebera ao lado de Canino. Ele queria ter tido meia dúzia de filhos, mas o tempo esteve contra seus planos.

— Digam vocês. Acham que essa saída é tão ruim assim? Nenhuma mulher que decidir ter mais filhos será deixada à mercê da própria sorte — Isabel assegurou, assertiva, confiante.

Com aquele pronunciamento, ela derrubou os boatos, as outras possíveis soluções. Deixou a população tensa, mas ciente de que era uma solução necessária. E assim a Lei Continuar foi implantada.

* * *

Deitado no sofá, Ivan acabou pegando no sono. Sentia-se exausto. Os problemas de saúde, agravados pela idade, lhe pesavam muito agora. Ele dormia profundamente com o porta-retratos nos braços.

Uma mulher entrou na casa e, ao vê-lo dormindo, tomou todo o cuidado para não incomodá-lo. Quando se aproximou, vendo o porta-retratos junto ao peito dele, pensou, magoada: “Em quem será que ele pensa mais? Em Estela ou nos filhos?”

Ela colocou sobre uma cadeira a sua bolsa, tirou dela a pistola Glock e a levou para o quarto que dividia com Ivan. Lá, guardou a arma no criado-mudo e retornou à sala. Apesar de agora apenas trabalhar na Prefeitura, fazia questão de treinar tiro ao alvo todos os

dias. Impossível saber quando seria necessário usar suas habilidades de fuzileira novamente.

Ela era a atual esposa de Ivan Leão, Mariana Fernandes.

NOVEMBRO DE 2029

IVAN FORA A SALVAÇÃO de Mariana após a aprovação da Lei Continuar. Ela não sabia o que fazer para gerar três filhos. Na época da criação da lei, Mariana tinha trinta e cinco anos. Era uma mulher bela, saudável, de cabelos castanhos lisos, olhos verdes e pequenas sardas no rosto.

A parte mais estranha era que se tratava do grande sonho dela. Mariana sonhava com a maternidade desde um terrível episódio que vivera, apenas alguns meses antes de a comunidade se transferir para Ilhabela, fugindo de Jezebel.

Mariana estava grávida quando os zumbis surgiram, e com o tempo descobriu que seu bebê também havia se transformado numa daquelas criaturas. Por isso, ela fez um aborto com a ajuda do seu pai, o coronel Fernandes, e o doutor Oscar, o mesmo pesquisador que detectara as anomalias cerebrais dos sobreviventes do apocalipse.

Pouco antes de conhecer Ivan e Estela, entretanto, Mariana descobriu que o seu feto continuava vivo. Como todos os outros zumbis, aquele ser não morria, não importavam as circunstâncias. E, depois que fez o aborto, descobriu que aquele ser fora transformado numa cobaia no laboratório de Oscar.

Aquela experiência mexeu muito com ela. Desde o momento em que se descobriu grávida, Mariana quis muito se tornar mãe. Mas a vida se tornou difícil e complicada demais nos anos seguintes. Ela passara a ser uma das pessoas mais essenciais daquela comunidade. Enquanto Estela esteve viva, foi seu incansável braço direito.

Mariana foi líder de segurança, conselheira, vereadora. Havia muito trabalho para fazer; todo o resto teria que esperar. E assim

passaram-se dez anos, até que a Lei Continuar foi aprovada. E com isso, ela se apavorou.

O que iria fazer? Seu sonho teria que ser realizado à força. Mas com quem?

E apenas um homem lhe ocorreu. O único no qual ela confiava o suficiente para fazer uma proposta tão delicada — e absurda — como aquela. Mas tratava-se de um novo mundo, cheio de regras novas, e aparentemente o inimaginável era uma delas.

E assim Mariana procurou Ivan.

* * *

— O quê? Eu entendi direito, Mariana? Você quer ter um filho comigo? — Ivan perguntou, perplexo.

— Não, Ivan. Eu acho que você não entendeu a minha proposta.

— Mariana coçou a cabeça, sem graça.

— Ah, bom! Por um instante eu pensei que...

— Na realidade, eu quero ter três filhos com você — Mariana falou rapidamente, antes que ele concluísse a frase e tornasse a situação ainda mais constrangedora.

Ivan olhou para Mariana, tentando se certificar de que realmente ouvira direito ou que ela não havia enlouquecido. E pelo visto não havia engano.

— Mari, eu não sei o que dizer... — Ivan sentou-se em uma poltrona.

— Olha, você não precisa responder agora. Leve o tempo que julgar necessário. Eu sei que é uma decisão difícil. — Mariana tentava aliviar a sensação de desconforto que tinha certeza que causara.

Ivan pensou por alguns instantes. Não sabia como reagir àquilo. Depois da morte de Estela, sofrera perdas demais. Parte considerável da sua família morreria, e só Deus sabia quantos mais partiriam e quando. Quem imaginaria que ele venceria a batalha contra os zumbis, mas perderia estrondosamente a guerra contra os problemas de saúde crônicos que marcavam quase toda aquela cidade?

Ivan não se sentia pronto para ter mais filhos. Nem sequer houvera tempo para se recuperar de suas mais recentes perdas.

— E como exatamente iríamos... digamos... fazer isso? Quero dizer, caso eu aceite, como você imagina... Bem, o processo... O ato necessário para a fecundação...

— Não, Ivan, pelo amor de Deus! Para com isso! — Mariana fechou os olhos e tapou os ouvidos. Não queria escutar o que ele tentava falar de forma tão atrapalhada.

— Bom, desculpe! Mas esse é um aspecto pertinente da questão. — Ivan jamais imaginara que teria uma conversa como aquela na sua vida.

— Ivan, eu estou propondo que façamos sexo até você me engravidar. Depois que eu tiver meu filho, repetiríamos o procedimento mais duas vezes, até eu ter três crianças. Resumindo ao máximo, é disso que estamos falando.

Ivan ficou petrificado, de boca aberta, encarando Mariana. Ela sustentou seu olhar, para confirmar o que dizia.

— Entendi... É, agora está esclarecido. — ele murmurou, na falta de algo melhor para dizer. — Jesus Cristo, isso é loucura!

— Você foi um dos idealizadores dessa loucura, lembra? Ao que me consta, você ajudou Isabel a preparar essa lei. — Mariana tentava não rir do olhar de desespero dele.

— Sim, eu sei, mas nunca pensei que fosse ter uma participação tão... direta nisso tudo.

— Bem, vocês deviam ter pensado nisso antes. As mulheres vão precisar de uma pequena ajuda para cumprir essa lei. — Mariana agora se divertia descaradamente com aquela situação.

— Você está achando isso engraçado? Sério? — Ivan franziu a testa.

— Ah, qual é? Não é possível que eu seja uma missão tão ruim assim! — Mariana ficou de pé diante dele. — Estou começando a me sentir horrível!

Ambos gargalharam daquele comentário, e enfim Ivan sentiu-se menos constrangido. Mariana conseguira deixar a atmosfera mais leve.

Talvez fosse uma boa ideia. Será que aquela seria a peça que faltava no quebra-cabeça? A alegria de alguns bebês caminhando pela casa para ajudar a esquecer tanta dor?

— Por favor, prometa ao menos pensar no assunto — Mariana pediu. — Sem pressão. Eu posso esperar.

— Sim, prometo, Mari. Vou refletir com muito cuidado. Apesar de surpreendente, a sua proposta faz sentido. É fácil fazer uma proposta quando se está de fora, mas agora você me chama para participar de um grande sacrifício — Ivan respondeu, tentando não rir, pois sabia exatamente o que viria a seguir.

— “Grande sacrifício” é o diabo que te carregue, entendeu? Está pensando que eu sou o quê? — Mariana reclamou, indignada, rindo em seguida.

Ivan também não resistiu e tornou a gargalhar.

Ele ponderou durante uma semana sobre o assunto, e até conversou com alguns amigos. E chegou a uma conclusão: aceitou a proposta de Mariana, e ambos passaram a viver juntos, para estranheza de alguns — os filhos dele não entendiam — e alívio de outros, que torciam pela felicidade dos amigos. Aquela foi uma condição de Ivan. Ele não queria ser apenas um reprodutor, mas sim, de fato, o pai daquelas crianças.

Mariana concordou de imediato. E assim, no período de 9 anos, nasceram Jennifer, Samanta e Paula, três meninas que agora contavam dezenove, treze e dez anos, respectivamente.

E era com as quatro que Ivan dividia a maior parte da sua vida atualmente. Uma jornada longa, áspera, cheia de surpresas, muitas tristezas e algumas alegrias. É um ponto vazio constante no coração, que nada nem ninguém era capaz de preencher.

CAPÍTULO 8

O JANTAR



COM DELICADEZA, MARIANA tentava tirar o porta-retratos dos braços de Ivan, pois temia que o objeto caísse no chão e se quebrasse. Mas, com o movimento, Ivan acordou. Um pouco assustado, abriu os olhos, e viu Mariana diante de si. Ao perceber que dormira abraçado com o porta-retratos, sentiu uma pontada de vergonha.

— Desculpe, Ivan. Eu não queria acordá-lo. Minha intenção era apenas guardar o porta-retratos para que não quebrasse.

— Sem problemas, muito obrigado. Eu caí no sono. Onde estão as meninas? Ainda não chegaram?

— Ainda não. Você sabe como elas são. A Samanta e a Paula devem estar com as amigas, empolgadas com a vitória de hoje. E a Jennifer com certeza está no hospital ajudando a Aninha e a Sandra a cuidar dos feridos. — Mariana colocou o porta-retratos no seu devido lugar, na estante.

— Sim, tem razão. — Ivan tentava disfarçar um certo desconforto com aquele pequeno flagrante.

Mariana ficou observando a estante durante alguns segundos, tentando decidir se deveria se manter em silêncio. No fundo sabia que precisava esquecer aquilo, porém não conseguiu.

— Você ainda sente muita falta dela, não é mesmo? — Mariana perguntou sem se virar.

— Mari, por favor, não faz isso.

— Não é uma crítica, e muito menos uma reclamação. Quero apenas saber. — Mariana tentava parecer calma.

— Nós já falamos sobre isso antes. Por que voltar a esse assunto?

— Ivan se levantou do sofá.

— Porque eu ainda tento entender se tudo isto aqui não é um erro. — Mariana se virou e ficou cara a cara com Ivan.

— Mari, estamos morando juntos há vinte anos. Temos três filhas lindas, e não me lembro de termos tido uma briga sequer nesse período. De que forma isso pode ser um erro?

— Ivan, não me leve a mal. Os termos do nosso acordo sempre foram muito claros para mim. Nós nos juntamos por amizade, tivemos as nossas filhas e as criamos juntos. E tivemos uma vida boa, de companheirismo e apoio mútuo. E eu sou grata por isso.

— Mas...?

— O fato é que nosso relacionamento é baseado apenas em amizade, nada mais — Mariana falava com delicadeza, escolhendo as palavras com todo o cuidado para não ofendê-lo. — Falta algo, e você sabe disso.

— Mas nós temos uma química boa, nunca estivemos nessa relação puramente destinados a cumprir a lei. Tivemos carinho, sexo, tudo que um casamento pode ter — Ivan argumentou, sabendo, no entanto, que seria inútil.

— Ah, Ivan! Amizade e tesão realmente nunca foram problema. A questão é que nossa relação nunca foi de amor. Simples assim — Mariana foi suave ao emitir o comentário.

Ivan suspirou diante daquilo. Ele já negara aquele mesmo argumento várias vezes, mas era óbvio que Mariana tinha razão. Não havia como mentir para ela, e muito menos para si mesmo.

— Mari, me desculpa. Eu sei que tenho sido um marido ausente, distante, mas prometo que vou tentar melhorar.

— Por favor, você sabe que não é disso que estou falando, Ivan.

— Mariana o olhava com firmeza agora. — A questão é que se

passaram vinte e cinco anos e você não conseguiu seguir em frente. Esse é o ponto.

— Mari, eu...

— Calma, deixe-me concluir. Não estou magoada com você, de verdade. Acho que fizemos o melhor possível e, meu Deus, eu amo nossas filhas! No final das contas, a Isabel me fez um imenso favor com aquela lei. Sem deixar de lembrar o óbvio: ela salvou essa comunidade. Esta cidade vai prosperar graças ao que vocês fizeram.

— Eu também sou louco pelas meninas. E foi muito importante tê-las na minha vida, sobretudo depois de tantas perdas dolorosas. Sofri demais com as mortes dos meus filhos e da Estela. — Ivan soltou um suspiro pesado. — E ter você ao meu lado foi fundamental. Mariana, eu enterrei seis dos meus filhos, e você esteve ao meu lado, sempre. E em três dessas ocasiões já era a minha companheira, sendo meu porto seguro em cada uma dessas tempestades. E a mesma coisa aconteceu com meus rebentos que sobreviveram; você acabou sendo uma segunda mãe para eles.

— Era o mínimo que eu podia fazer, pois estou aqui graças à sua liderança. E você entrou nessa relação de cabeça, tornando-se um marido presente e pai amoroso. Eu reconheço tudo isso, Ivan. E acho que nós dois chegamos bem perto.

— Bem perto de quê? — Ivan temia ouvir a resposta.

— Nós quase conseguimos construir um casamento de verdade. Só não pudemos amar um ao outro.

— Mariana, por favor, não faz isso! Eu gosto muito de você! — Ivan segurou a mão dela com delicadeza.

— Viu só? Você gosta de mim, mas não me ama. Nunca amou, na realidade — Mariana falou, quase com pesar.

— Vamos com calma, está bem? Sei que podemos superar tudo isso. Eu não quero correr o risco de perder o que nós construímos. — Ivan estava preocupado com os rumos daquela conversa.

— Ivan, nós não podemos perder algo que nunca tivemos. Sei que é triste, mas é a pura realidade. — E Mariana se virou fazendo menção de se afastar, porém, a pergunta de Ivan a deteve.

— Você vai me deixar, Mari? É isso? — Ele sentia um nó na garganta.

— Não, de jeito nenhum. Pode ficar tranquilo, eu nunca faria isso. Alguém precisa cuidar de você. Não sei como a Estela dava conta. Você não é capaz de fazer nada sozinho! — Mariana afirmou, sorrindo.

Ivan sorriu também, aliviado. Ele gostava de Mariana, o relacionamento deles era ótimo, e ela se tornara sua grande referência. Seria mais uma perda irreparável.

— Amanhã teremos visitas, certo? Acho bom eu começar a me planejar. — Mariana deu um beijo no rosto de Ivan e dirigiu-se ao seu quarto.

* * *

Na noite seguinte, Ivan e Mariana receberam diversas pessoas — entre elas vários queridos, mas também alguns convidados com os quais Ivan não simpatizava muito. No entanto, aquela era uma reunião estratégica, e ele precisava de todas as peças mais importantes da comunidade.

Matheus chegou com Mônica e seu filho, Sílvio. A relação entre ambos não andava muito bem desde que o general não deu permissão ao adolescente para fazer parte da linha de frente durante a batalha contra os zumbis. O rapaz tinha dezoito anos, e Matheus o considerava jovem demais, apesar de já ter se mostrado um soldado eficiente e capaz de adaptar estratégias em momentos de grande tensão.

Sílvio não se sentia com disposição para festas junto com o pai, mas gostava muito do avô. Além disso, havia uma pessoa que ele desejava muito ver e decerto estaria no evento. Por isso, aceitou ir também.

— Meu querido, como você está? — Ivan perguntou ao ver Sílvio chegando.

O neto era tão imenso quanto o pai. Ivan precisava olhar para cima para fitar o rosto dele.

— Estou bem, vô. Mas o meu pai é um porre! Ele não me dá uma única oportunidade de mostrar do que sou capaz. Quero lutar na linha de frente! — Sílvio abraçou o avô.

— Tenha um pouco mais de paciência! A linha de frente da Muralha é muito perigosa. Confie no seu pai, ele sabe o que está fazendo — Ivan repetiu pela milésima vez.

Em seguida, chegaram Klaus e seu companheiro, Douglas. Eles haviam se casado anos antes numa cerimônia que reuniu os amigos mais próximos e dirigentes da comunidade, apesar das várias críticas de um grupo de moradores. Ivan e Mariana foram os padrinhos da união, e ela foi a primeira a saber da decisão quando o casal resolveu adotar um bebê recém-nascido cuja mãe falecera durante o parto.

Ivan abraçou os dois amigos com carinho. Ele pouco se importava com as alas mais conservadoras daquela comunidade. Para Ivan, aqueles dois formavam um casal como outro qualquer, e uma família admirável.

— Meus caros, que bom vê-los! Eu peço desculpas, sei que estamos devendo uma visita — Ivan os cumprimentou, sorridente.

— Pois trate de aparecer com a Mariana lá em casa. Estou precisando mesmo tomar umas cervejas e massacrar vocês de novo em uma partida de buraco. — Klaus sorriu largo.

A filha de Douglas e Klaus também se aproximou. Nívea era uma menina de dezoito anos muito bonita, de ascendência indígena, com cabelos negros lisos na altura dos ombros. Era muito magra, de altura mediana, e se apresentava sempre impecavelmente vestida e maquiada, incentivada por Klaus, que fazia questão de arrumar a filha pessoalmente.

— E olhe só pra você, que moça linda! — Ivan a beijou com carinho.

— E elegantíssima, como sempre. — Mariana ficou admirada com o vestido da adolescente.

— Obrigada! Meu pai me ajudou hoje, de novo! — Nívea riu gostoso. — Ele se empolga por me arrumar cada vez que tem uma festa. Imagina se tivesse nascido mulher... — Em seguida, Nívea deu um beijo estalado na bochecha de Klaus, que sorriu para a filha, orgulhoso.

— Ela está maravilhosa, meus parabéns — Ivan falou para o casal de amigos.

— O Klaus é fantástico, cuida dela com um carinho impressionante. — Douglas segurou a mão do parceiro.

— É incrível... Vendo-a assim tão delicada é quase impossível notar o quanto essa menina é durona. Ela é um verdadeiro diamante, lindo por fora e praticamente indestrutível. — Ivan comentou, admirado. — Vocês educaram essa garota como poucos. Devem estar orgulhosos...

Sílvio acompanhava toda aquela conversa com muito interesse, olhando discretamente para Nívea de tempos em tempos. Aquilo não passou despercebido a Ivan, que começava a entender por que o neto viera, mesmo brigado com o pai.

Em seguida foram chegando mais pessoas. Zac e Gisele, Sandra e Oliveira, Isabel, Jéssica, Eduardo e Sávio, o vice-prefeito Uriel e seu filho, Otávio, e dois membros da Assembleia Legislativa de Ilhabela.

Gisele cumprimentou Klaus e Douglas, enquanto Zac se manteve um pouco afastado. Ele não gostava de Klaus e de sua homossexualidade explícita, mas Klaus procurou diminuir o incômodo. Sabia que irritara o marido da amiga no dia anterior.

— Grande Zac! Desculpe as brincadeiras de ontem. E obrigado por me ajudar a segurar o berserker. Aquelas coisas são perigosíssimas!
— Sorrindo, Klaus se aproximou estendendo a mão para Zac.

Ele hesitou por um instante, mas também o cumprimentou.

— Por nada. Felizmente aquele era um dos pequenos. Eu e a Gisele uma vez vimos um desses tombar um carro. São muito fortes.
— Zac sorriu um tanto desajeitado com seu rosto deformado.

— Desculpem-me, mas de onde saiu esse nome? Por que vocês chamam esses zumbis mutantes de berserkers? — Nívea indagou, curiosa.

— Ah, isso você precisa perguntar para o meu amigo Uriel aqui! — Klaus pegou Uriel pelo ombro e o puxou para a conversa. — Foi ele que inventou esse nome esquisito.

— Eu não inventei nada, está nos livros de história! — Uriel, de bom humor, arrumou os óculos escuros com cuidado.

— Nos livros de história? Como assim, existe alguma parte da história que trata de zumbis? — Nívea achou graça daquela resposta inesperada.

— Na realidade, os berserkers eram guerreiros nórdicos ferocíssimos. Eles entravam num frenesi tamanho antes da batalha que partiam alucinados contra seus inimigos, atacando tudo e todos. Muitas vezes eles faziam isso com o mínimo de armas ou proteção, e era muito difícil alguém deter seus avanços. Alguns estudiosos defendiam, inclusive, que eles ficavam nesse estado consumindo cogumelos alucinógenos antes dos confrontos. — A informação veio de Sílvio, que decidiu participar da conversa.

— Exatamente igual às coisas frenéticas que atacam nossos soldados nas batalhas — Uriel comentou sorrindo.

— Sim, visto por esse ângulo, esse nome cai como uma luva para eles. — Zac se servia de um pouco de bebida.

— Vereadores Marcos e Alessandro, obrigado por virem — Ivan cumprimentou os dois principais líderes da Assembleia Legislativa, e seus eternos adversários políticos. Não simpatizava com eles, sabia que constantemente tramavam pelas suas costas, mas tinha consciência de que manter uma relação cortês com ambos era fundamental.

Alessandro também era um oficial do exército de Ilhabela de alta patente, que possuía grande influência sobre as lideranças dos combatentes.

— Foi um prazer. Parabéns pela fantástica vitória de ontem. — Alessandro apertou a mão de Ivan.

— Sim, mais um grande feito seu e de sua família de valentes soldados. Suas façanhas enchem-nos de orgulho — Marcos disse de forma efusiva.

— Agradeço muito, mas sou um mero coadjuvante agora. Nossas forças de segurança são muito eficientes, muito mais bem preparadas do que eram quando eu me tornei líder da comunidade. — Ivan deu de ombros, modesto.

— Graças à Grande Imersão que você criou, nossos jovens já crescem versados na arte da guerra. Uma medida sábia, mesmo que difícil para todos. — Alessandro erguia o copo como num brinde.

— Eu me inspirei na história da cidade-estado de Esparta. Lá eles faziam de tudo para que as crianças se tornassem soldados completos desde cedo — Ivan respondeu. — Mas como sempre

defendi que os pequenos precisam viver a infância, apliquei esse conceito na adolescência.

A Grande Imersão era obrigatória dos quinze aos dezesseis anos para todos os adolescentes, sem exceção. Naquele período, eles passavam por um treinamento militar extremamente rígido. Os jovens uniam-se às equipes de busca que viajavam pelo país, abrindo estradas, contatando grupos de sobreviventes, levando e trazendo itens úteis ou mesmo transportando combustível.

Todos tinham contato com o mundo cão que existia além dos limites de Ilhabela. Não havia ninguém na ilha que após essa idade já não tivesse matado ao menos cinco zumbis, número mínimo obrigatório para poder encerrar a experiência após um ano. Depois disso, muitos seguiam carreira nas forças de segurança, como Sílvio. Outros optavam por rumos diversos; como Jennifer, a filha mais velha de Ivan e Mariana, que era agora aspirante a enfermeira.

Ivan experimentara esse sistema com seus próprios filhos. Eduardo, Aninha, Matheus e Mônica foram os primeiros a serem treinados pelo pai, atravessando o país em tanques de guerra e jipes, lutando contra hordas de zumbis nos lugares mais distantes. Com os excelentes resultados, Ivan estendeu a regra a todos os demais. Tempos depois foi a vez de Jéssica trilhar o mesmo caminho.

Muitos pais e mães ficavam desesperados quando esse momento chegava, mas era uma medida necessária. Apesar da proteção que a ilha oferecia, as idas ao continente eram constantes e fundamentais. E os confrontos com os zumbis, inevitáveis.

Essa era a única forma de garantir a estabilidade e a segurança, ainda mais em uma comunidade cuja expectativa de vida era relativamente baixa. Os soldados tinham sempre de atingir patamares elevados de excelência. Isso significava que os combatentes eram sempre extremamente aptos e muito bem treinados.

Mônica, que se aproximava, dizia:

— Eu me lembro de quando participei da primeira turma da Grande Imersão. Hoje em dia é tudo muito leve se comparado à nossa época.

— Leve? A Grande Imersão é considerada desumana. Adolescentes matando zumbis com porretes e ingerindo somente quatrocentas calorias por dia! — Uriel meneou a cabeça. — E dormindo três horas por noite ao longo de um ano inteiro.

— Sim, como eu disse, é leve — Mônica reforçou. — Em nossa época, simplesmente não levávamos alimentos. Tínhamos que caçar, roubar, invadir, fazer o que fosse preciso para sobreviver. Nosso pai nos ensinou a viver com pouco, e não raro com nada.

Ao ouvir aquilo, Uriel fez uma careta. Os vereadores, por outro lado, adoravam aquele tipo de conversa. Não era à toa que Mônica se tornara uma das líderes da Muralha.

— Eu me lembro bem da minha experiência. Era sofrido, mas também fiz bons e leais amigos naqueles tempos — o vereador Marcos afirmou. — Acho que foi uma das medidas mais inteligentes que você implantou, Ivan.

— E você, vice-prefeito? Creio que com sua deficiência visual não foi possível participar do treinamento, não é? — Alessandro perguntou, sem o mínimo de tato.

— Não, de fato não participei. Mas minha namorada, Renata, esteve na Grande Imersão e nunca voltou. — Uriel franziu a testa. — E eu fiquei com nosso filho, Otávio, para cuidar. — Ele enlaçou o filho tímido pelos ombros.

Um silêncio pesado se abateu naquele grupo. Infelizmente, por ser realista demais, a Grande Imersão trazia riscos consideráveis. E uma tragédia ocorrera para uma das turmas.

— Coitada da Renata, foi uma perda lamentável. Ela e mais dois jovens morreram quando uma horda de zumbis atacou o acampamento. — Ivan soltou um suspiro. — Tratava-se de uma equipe bem preparada, mas a quantidade de criaturas era grande demais; foi impossível salvá-los. A Renata, como a mais velha do grupo, queria ser útil e ajudar na defesa da comunidade. Por isso resolveu participar, apesar de já ter quase trinta anos e ser mãe do Otávio.

— Papai, diga que eu nunca vou precisar ir para a Grande Imersão. Eu tenho medo! — Otávio resmungou.

Uriel abraçou o filho apertado e deu-lhe um beijo na testa.

Foi Ivan quem respondeu:

— Fique tranquilo, Otávio! Muitas coisas mudaram. A Grande Imersão é menos perigosa hoje, tenho certeza de que você se sairá muito bem.

O garoto o olhou de forma estranha, detestando aquele comentário. Ivan achou esquisito, mas preferiu não falar nada.

— A Renata era a irmã mais nova do Klaus, certo? Os dois salvaram você em Recife, Uriel, se bem me recordo. — Marcos tentava mudar os rumos daquela parte da conversa.

— Exatamente. Eu já havia perdido a visão, e fiquei escondido dentro de um guarda-roupa na casa onde morava. Minha mãe, transformada em zumbi, tentava arrombar a porta para me matar. Gritei tanto que o Klaus e a Renata me ouviram da rua, invadiram a residência e me salvaram. Bom, a Renata era apenas uma criança na época, mais nova que eu; o verdadeiro herói naquela ocasião foi o meu cunhado.

Naquele momento Klaus veio ter com eles.

— Pois é, eu tinha dezoito anos e tinha sido expulso de casa pelo meu pai porque ele havia descoberto que eu era gay. — Klaus exalou um suspiro. — Eu e meu namorado estávamos na rodoviária, íamos fugir juntos. Mas aí os zumbis surgiram, e tudo desabou.

— O que houve com o seu namorado? — Marcos indagou, receando ser indelicado.

— Ele também se transformou. Tive que matá-lo. — Klaus deu de ombros. — Depois disso voltei para casa; eu precisava ver meus pais e minhas irmãs.

— E eles estavam bem?

— Não muito, Alessandro. Minha irmã caçula e minha mãe tinham virado zumbis, e meu pai as matou. Quando eu cheguei, somente ele e a Renata haviam sobrado. — Klaus engoliu em seco.

— O Uriel falou que você e a Renata o salvaram. O que aconteceu com seu pai? Ele não conseguiu escapar? — Alessandro prosseguia com as perguntas, sem se importar com os sentimentos que suscitavam.

Naquele instante Douglas surgiu para salvar o companheiro. Ele conhecia as histórias e sabia o quanto eram dolorosas para Klaus,

por isso decidiu intervir.

— Amigos, a Mariana está chamando para comermos, ela está servindo uns quitutes deliciosos. — Douglas sorriu e pegou Klaus pela mão. — É melhor nos apressarmos, ela não é mais soldado, mas dizem que ainda tem uma pontaria excepcional.

Todos concordaram e começaram a se dirigir para a mesa de jantar, posicionada do lado de fora da casa.

Alessandro guiou Uriel e aproveitou para refazer a pergunta que Douglas habilmente interrompera:

— Você conhece o Klaus desde aquela época, quando vocês fugiram de Recife e acabaram chegando aqui. O que houve com o pai dele?

— Não é óbvio? O Klaus fora expulso de casa por ser homossexual. Quando ele voltou, encontrou o pai praticamente louco por ter tido que matar a mulher e uma das filhas. Ele já não se importava com mais nada. O pai do Klaus tentou matá-lo, na frente da Renata.

— Meu Deus do céu, eu não sabia... E o que houve depois?

— Acho que o resto você pode concluir sozinho. — Uriel acenou com a cabeça. — Meu cunhado já era um sobrevivente antes mesmo de os mortos caminharem.

* * *

O jantar seguia animado, com muitas conversas e piadas. A mesa era bem grande e farta.

O consumo de bebida alcoólica também era grande, e isso começou a deixar alguns dos convidados um pouco alterados, falantes demais e sem muito bom senso. Foi isso o que levou Alessandro a entrar em um assunto inconveniente e espinhoso:

— Meus caros prefeito e vice-prefeito, aproveitando a ocasião, eu gostaria de saber quando os senhores pretendem mudar as leis que regem o nosso processo democrático. — E ele entornou mais um gole de vinho.

— Meu nobre colega vereador, creio que esse assunto é algo do passado e devia ser esquecido. É óbvio que temos visões

divergentes com relação ao nosso processo eleitoral, e não vejo por que discutirmos esse tópico novamente — Ivan respondeu com delicadeza.

— Excelência, o senhor há de convir que esta cidade evoluiu muito e, acompanhando esse crescimento, surgiram mais necessidades e desafios. Nosso município precisa de projetos de longo prazo que apenas a possibilidade de reeleições ilimitadas, tanto para prefeito como para vereador, poderia suprir — Marcos ponderou de forma quase protocolar.

— Não estamos propondo o fim da democracia, pelo contrário. Queremos melhorá-la, apenas para dar ao povo maiores possibilidades de escolha, inclusive a de não trocar de governante.

— Alessandro mostrava os olhos meio baços depois de tanto beber.

Ivan, fitando-os de forma penetrante, argumentou:

— Sei que vocês são dignos representantes do povo e só visam o bem daqueles que os elegeram. No entanto, é importante entender a alternância de poder como o mecanismo mais saudável do qual uma democracia pode dispor. Ela permite o surgimento de novas propostas, a fiscalização de projetos elaborados pelos representantes do povo da turma anterior e a constante rediscussão das prioridades. Quando alternamos, criamos também a necessidade de os trabalhos serem realizados de forma mais rápida e damos maior lisura a todo o processo democrático. É assim que diminuimos o uso da máquina pública para fins eleitorais. Enfim, tornamos a liberdade menos frágil. A alternância obriga o eleitorado a repensar constantemente em quem serão seus representantes.

— Todos nós conhecemos sua trajetória como líder militar, administrador sábio e equilibrado, além de prefeito atuante. É óbvio que vossa excelência se coloca no papel de pai zeloso de todos nós, e por isso provavelmente exagera às vezes um pouco nos cuidados com os quais nos cerca — Alessandro falava com uma pequena dose de ironia, detectada por Ivan e pelos demais. — Mas, para todo pai, um dia chega o momento de confiar nas habilidades dos filhos de tomar suas próprias decisões, inclusive aquelas com as quais não concorda.

— É claro. Não menospreze a capacidade dos eleitores de tomarem suas próprias decisões, excelência. O povo saberá escolher o que é melhor para si. Dê aos seus concidadãos o direito de decidir — Marcos expressava-se com habilidade. — Crie o projeto de lei permitindo a reeleição consecutiva e ilimitada, e a Assembleia Legislativa irá votá-lo ainda nesta semana.

— Depois, como manda a lei, iremos preparar o referendo popular. Com sua imensa aprovação, todos irão votar a favor. Não há ninguém nesta comunidade que não queira ver o senhor ocupando essa posição por mais um mandato. Faça isso e sua reeleição é certa! — Alessandro complementou.

— Faça isso pelos seus eleitores, que confiam no senhor sem reservas. Dê-lhes a felicidade de reconduzi-lo ao poder quantas vezes acharem necessário — Marcos encerrou, entusiasmado.

Ivan ouvia todos aqueles argumentos com um semblante muito sereno. Sua filha mais nova, Paula, que acompanhava toda a conversa atentamente, também quis colocar sua opinião.

— Pai, eu acho que eles têm toda a razão. Se é isso o que o povo quer, por que não permitir? — A menina franziu a testa. Ela lembrava muito a mãe. Igual a Mariana, Paula também tinha olhos verdes, pele branca e algumas sardas no rosto.

— Minha filha, eu sei que à primeira vista pode parecer um ótimo conceito, mas deixe-me explicar uma coisa, está bem? — Ivan deu a entender que iria demolir os argumentos dos dois vereadores. — No nosso país já tivemos a possibilidade da reeleição consecutiva ilimitada dos poderes Legislativo e Executivo, e isso nunca funcionou muito bem. Nossos governantes, muitas vezes, preocupavam-se muito mais com a sua reeleição do que com o cumprimento dos seus deveres. Em alguns lugares, o processo eleitoral era um jogo de cartas marcadas, no qual já se sabia quem iria vencer.

Ivan, olhando a filha com ternura, prosseguiu:

— Na prática, para alguns dos nossos governantes grande parte do trabalho consistia em tomar medidas meramente populistas e focadas em garantir os votos necessários para assegurar a continuidade no cargo. Era o exercício do poder em função de mais poder. — Ele cruzou as mãos sobre a mesa e encarou Alessandro.

— Excelência, não seria isso o que aconteceria, por favor. Se um dirigente não cumpre seu papel, basta o povo deixar de votar nele, é muito simples. Essa é a dinâmica da democracia — Alessandro retrucou, cara a cara com Ivan.

— Sim, meu caro vereador, assim parece, não é mesmo? E é aí que se encontra a armadilha. Políticos que só querem se eternizar no poder sabem se passar por santos como ninguém. É nesse ponto que o verdadeiro golpe acontece, quando se usa a democracia para matar a democracia. Damos ao povo liberdade máxima de escolha, inclusive o direito de não precisar escolher nada, simplesmente manter o que já existe, e assim nascem os governos populistas semiautoritários, aferrados ao poder como se suas vidas dependessem disso, quase tão ditatoriais quanto os que vivenciamos nas décadas de ditadura militar — Ivan falava de forma incisiva. Eu vivi na pele o que acontece quando uma pessoa concentra poder demais sem alternância. A simples perspectiva de isso acontecer começa a abalar as convicções do homem mais bem-intencionado. O poder corrompe, e o poder absoluto corrompe absolutamente. Por isso, nunca irei defender uma mudança nas regras do jogo democrático.

— Vossa excelência parece ser contra um projeto de governo de longo prazo, com resultados mais duradouros. É uma pena, esperava maior visão do senhor.

— Pelo contrário, vereador Marcos, sou a favor de projetos que visem benefícios de longo prazo. E já provei que, na maioria dos casos, quatro anos são mais do que suficientes para implantá-los — Ivan retrucou. — A explicação de que é necessário mais tempo do que isso, a meu ver, não passa de conversa fiada, sobretudo numa comunidade como a nossa, com pouco mais de trinta mil pessoas.

— Vossa excelência está sendo radical nas suas posições. É lamentável! Ao fazer isso, ignoramos os desejos mais profundos do povo que nos elegeu! — Alessandro atacou, muito irritado.

— Mas estamos defendendo os interesses desse mesmo povo, o que é muito mais importante do que meramente cumprir seus desejos — Uriel entrou na conversa com semblante fechado. — A linha que divide essas duas visões pode ser tênue, senhor vereador,

mas a diferença é imensa. Concordo com Ivan, a lei é uma evolução imensa se comparada com o antigo sistema democrático brasileiro, e mudá-la seria um retrocesso inaceitável.

Alessandro, diante daquele último comentário, silenciou. Era óbvio que ele tinha esperanças de conseguir demover Ivan de sua posição, mas falhara imensamente. Marcos também se calou, emburrado.

Matheus, Eduardo e Jéssica entreolharam-se. Mônica, diante daquele breve duelo de pontos de vista, trocava algumas palavras com Isabel. Em maior ou menor intensidade, todos à mesa ficaram um tanto desconfortáveis.

O jantar foi encerrado após alguns instantes, e as pessoas passaram a formar grupos para conversar. Alessandro e Marcos se mantiveram isolados em um canto. Pelo visto, o mal-estar inicial havia sido superado.

Em dado momento, Oliveira, que olhava com interesse a estante de Ivan, notou um livro diferente dos demais, que de imediato chamou sua atenção. Tratava-se de um volume que nunca ficava lá; alguém devia tê-lo esquecido naquele lugar.

— Ivan, esse livro parece ser um diário. É isso mesmo? — Oliveira apontava para o volume ricamente encadernado. Presa à lateral havia uma belíssima caneta Mont Blanc preta com detalhes dourados.

— Sim, é. — Ivan se adiantou e pegou o livro. — É uma velha mania minha; eu anoto tudo o que acontece. Costume de ex-gerente de projetos.

— Pela velocidade com que você pegou esse livro, acho que deve estar cheio de segredos cabeludos aí — Zac brincou.

— Não, não... Na verdade eu anoto apenas os nomes e endereços das minhas amantes. Sabe como é, são muitas mulheres, tenho medo de esquecer alguma. — Ivan levou um tapa no ombro de Mariana, que fazia uma cara indignada.

Todos riram da brincadeira, enquanto ele levava o diário de volta para o seu quarto. Até mesmo Alessandro e Marcos fizeram piadas com o prefeito.

Aproveitando o momento mais descontraído, Ivan decidiu abordar o assunto que mais interessava naquela noite. O ponto que era

fundamental para a comunidade.

— Meus amigos, como alguns de vocês devem imaginar, não os convidei aqui apenas para beberem meu vinho e se fartarem na minha mesa. E muito menos para que deixem toda a louça para eu e Mariana lavarmos depois — Ivan disse, bem-humorado, arrancando risadas dos demais. — Quero tratar de um ponto altamente estratégico para todos nós. Uma empreitada que só será possível agora, depois da retomada da cidade de São Sebastião.

Muitos dos presentes entreolharam-se, pois já esperavam por aquilo. Havia algo que precisavam realizar fazia muito tempo, e a hora chegara.

— Temos de viajar até o interior do estado e retomar o controle da Usina Moreno. Quando poderemos partir para mais essa missão?

CAPÍTULO 9

A USINA



A USINA MORENO FICAVA no município de Luiz Antônio, a mais de quatrocentos quilômetros de distância de Ilhabela. Tratava-se de uma gigantesca usina de álcool e açúcar, que nos seus tempos áureos era capaz de produzir até um milhão e duzentos mil litros de etanol por dia.

Durante os primeiros anos da comunidade de sobreviventes, todo o combustível utilizado foi retirado de uma grande refinaria existente em São José dos Campos. O lugar era imenso, e tinha uma reserva de milhões de litros de gasolina e diesel. Por isso serviu à comunidade durante um longo período. Mas, depois de anos de consumo, mesmo os enormes tanques começaram a esvaziar, sobretudo com a evaporação natural do combustível. Dessa forma, Isabel, Ivan e várias pessoas se reuniram para estudar opções.

Havia um consenso geral de que sem combustível eles ficariam tremendamente vulneráveis, além do fato que seria impossível dar prosseguimento às excursões em busca de recursos e sobreviventes. Foi cogitada a possibilidade de partir em busca de outras refinarias, mas Isabel estava convicta de que uma solução definitiva seria a ideal, mesmo que acarretasse mais trabalho e riscos. Do contrário, em breve o problema retornaria. Foi quando decidiram que uma usina de etanol seria a solução mais adequada.

Com mais de quinze mil moradores, a comunidade tinha condições de realizar uma façanha: invadir e reativar uma usina de cana-de-açúcar. Assim iriam se tornar autossuficientes, e o fantasma do desabastecimento desapareceria.

Puseram-se então a pesquisar opções, partindo em busca de gigantescas estruturas que no passado eram capazes de gerar milhões de litros de combustível por dia. E assim chegaram à Usina Moreno. Depois de eliminarem os zumbis que vagavam por lá, as equipes de soldados e técnicos conseguiram fazer as máquinas funcionarem novamente. Em alguns meses passaram a cultivar cana e começaram a produzir o combustível do qual tanto precisavam. Logo, adaptaram todos os veículos para funcionar com etanol, incluindo tanques e helicópteros, eliminando a dependência de outro tipo de combustível.

Assim, a Usina Moreno passou a ser uma das peças mais importantes na estratégia daquela comunidade. Lá eram mantidos mais de trezentos voluntários o ano inteiro, responsáveis por plantar, colher e moer a cana-de-açúcar, usando os modernos equipamentos da fazenda. Também havia mais de cem soldados, responsáveis por manter a segurança do local.

Com essa conquista, passaram-se anos sem que os sobreviventes tivessem de se preocupar com abastecimento. Eles criaram um corredor seguro nas estradas pelo qual caminhões-tanque passavam de tempos em tempos carregados com milhares de litros de combustível, sempre escoltados por Urutus e jipes repletos de soldados armados, não raro, com jovens membros da Grande Imersão. Porém, pouco mais de dois meses após perderem o controle do porto de São Sebastião, devido a uma grande invasão de zumbis que assolou o litoral norte, era uma questão de tempo para que o mesmo ocorresse com a usina. Uma gigantesca horda de criaturas invadiu o local, matando inúmeros colonos e soldados. E a Usina Moreno mais uma vez passou a servir de morada para milhares de desalmados.

Ivan determinara na época que fosse feito um imenso racionamento de combustível até segunda ordem, pois seria um desafio colossal retomar o controle da usina, já que antes teriam de

reconquistar o porto de São Sebastião, que era o principal acesso ao continente. Agora que o maior obstáculo havia sido removido, eles enfim poderiam estudar formas de retomar a usina, sobretudo naquele momento, quando o estoque de combustível alcançava níveis críticos.

— Creio que este é o momento ideal. Se não agirmos agora, poderemos não ter combustível suficiente para deslocar todo o contingente que será necessário para reassumir o controle da usina — Ivan foi objetivo.

— Sim, pai. Esse assunto foi o tema central das conversas dos líderes militares da comunidade. Há muito temos discutido a necessidade de retomar a produção de combustível. E todos nós concordamos com o senhor. Já passou da hora de recuperarmos a Usina Moreno — Matheus argumentou.

— Até porque, quanto mais tempo demorarmos, mais nossos equipamentos irão se deteriorar, e conseqüentemente mais trabalho teremos. Cada dia que passa torna a retomada das operações mais demorada e custosa — Uriel explicou.

— E dessa vez temos que tomar cuidados redobrados. Não podemos permitir que a invasão aconteça de novo. Essa usina foi nas últimas décadas nosso mais importante recurso, e como tal deve ser mantida segura a qualquer custo — Isabel afirmou com a propriedade de quem já governara aquela cidade inteira.

— Acredito que temos como partir em uma semana — Matheus calculava. — Será preciso estudar a planta da usina e preparar uma grande operação de ataque. As estradas até lá estão liberadas, e podemos mandar alguns batedores em motos para checar o caminho. Em menos de um dia será possível cercar o local com tanques, veículos de transporte e uns mil soldados, no mínimo.

— Além de um helicóptero de combate dando apoio aéreo. — A informação de Ivan causou surpresa nos demais.

— Pai, você está considerando a hipótese de ir conosco? — Matheus perguntou, cético. — Tem certeza?

— Não estou considerando a hipótese, eu vou! — Ivan respondeu, sorrindo. — Não vá me dizer agora que me considera velho demais para participar dessa jornada.

— Bom, sem dúvida o senhor já não é mais um jovem soldado. — Matheus sorriu também. — E deve concordar que a sua saúde também não é mais a mesma.

— Ah, claro! Agora o problema é a minha saúde! Pois fique sabendo que ainda sou capaz de acabar com a raça de um monte dessas criaturas desgraçadas, entendeu? Sobretudo em segurança dentro do meu helicóptero, é claro — Ivan respondeu, arrancando risadas de todos.

— Pois está muito bem. Sem dúvida será importante. O senhor é nosso melhor piloto na atualidade. — Para Matheus, seria empolgante partir em uma missão como aquela junto com o pai. — Muito bem, amigos, vamos nos preparar?

Todos que faziam parte dos grupos de combate concordaram imediatamente, enquanto Marcos e Alessandro acenavam com a cabeça em sinal de aprovação. Uma empreitada daquele porte precisava ter o apoio da Assembleia Legislativa, e por isso Ivan fizera questão de convidá-los.

— E eu vou também, quero muito acompanhar isso de perto! — Mariana deixou todos perplexos, e arrancou protestos das filhas. — Vamos, Sandra, será igual aos velhos tempos!

— Eu topo! — Sandra falou, e o coronel Oliveira a olhou, espantado. — Alguém tem de tomar conta de vocês. Vai que alguém se machuca...

— Eu também vou! — Aninha falou pela primeira vez. — Vai ser bom sair daqui da ilha novamente.

— Vocês têm certeza? Nenhuma das três dispara um fuzil há anos! — Matheus ainda tentava se recuperar do espanto. — Aliás, Aninha, você só treinou durante sua estada na Grande Imersão, correto?

— É verdade, mas vou basicamente como médica. Ajudarei a Sandra a cuidar de vocês. Será necessário mais do que apenas uma médica para cuidar de todos — Aninha explicou.

Ivan achou graça daquela situação. Era a primeira vez em toda a sua vida que partiria numa missão com seus cinco filhos mais velhos. Seria, sem dúvida, uma experiência diferente de todas.

— Perfeito! Então estamos combinados. Devemos partir em até dez dias. Comecem os preparativos. — E Matheus encerrou a

conversa.

* * *

Os dias que se seguiram foram de intensa movimentação. Líderes dos diversos pelotões reuniam-se diariamente para analisar as plantas da usina e definir as estratégias de ataque. Seria necessária uma varredura geral na propriedade gigantesca para eliminar os zumbis, e depois garantir a segurança.

Por precaução, Matheus pediu a Ivan que o levasse até a Usina Moreno com o helicóptero. Ele queria fazer um voo de reconhecimento para que pudessem ter uma noção do cenário. Também aproveitariam para tirar muitas fotos e mostrá-las aos líderes da operação de retomada. Jéssica e Mônica os acompanhariam. Toda a excursão duraria apenas algumas horas, e eles nem sequer chegariam a aterrissar.

No dia combinado Ivan, Jéssica, Matheus e Mônica embarcaram na aeronave com destino ao interior do estado. Esperavam retornar em cerca de seis horas.

O único que não aparecera naquele dia fora Eduardo, que aparentemente encontrava-se indisposto. Matheus falou com o irmão mais velho pelo rádio e recomendou que ele descansasse, pois a partida seria em apenas quatro dias.

Os quatro conversavam animados no helicóptero. Ivan olhava para os filhos com evidente satisfação. Ver aquela cumplicidade e aquele carinho mútuos fazia com que ele se lembrasse de outros tempos.

— Vê-los assim, sempre juntos, me faz pensar na sua mãe — Ivan comentou. — Nós tínhamos um relacionamento muito parecido com o de vocês. Estávamos sempre juntos, rindo e de mãos dadas.

Para surpresa de Ivan, nenhum dos três sorriu nem fez comentário algum. Pelo contrário, seus dois filhos biológicos e sua filha adotiva pareciam de repente desconfortáveis.

Os quatro ficaram em silêncio por alguns instantes, o que deixou todos um tanto incomodados. Depois de uns cinco minutos sem que ninguém pronunciasse uma palavra sequer, Ivan decidiu abordar o assunto. Não pretendia passar as próximas seis horas calado.

— Desculpem, mas eu falei algo que não devia? Notei que todos ficaram estranhos após meu comentário.

— Pai, desculpe a franqueza, mas você precisa parar com isso. Acho que o senhor tem que começar a respeitar um pouco mais os sentimentos das outras pessoas.

— Do que você está falando, Jéssica? Eu não entendi nada! Com quem é que estou faltando com o respeito? — Ivan se virou para a filha, sem nunca descuidar da pilotagem do helicóptero.

— Estou falando da Mariana, pai! Você fala da mamãe como se ela ainda estivesse aqui. Tenho certeza de que a Mari fica magoada e isso não é justo. Ela cuidou de todos nós durante anos. Você precisa superar isso e parar de pensar nela desse jeito. A nossa mãe partiu deste mundo. — Jéssica fitava Ivan com um olhar severo.

— Eu concordo com a Jess, pai. O senhor visita o túmulo da mãe quase todos os dias. Fala dela o tempo todo, e até mesmo dorme abraçado com a foto dela. Isso não é justo com a Mari — Matheus argumentou, fazendo coro com a irmã.

— Você também pensa assim, Mônica? — Ivan olhava para a frente, conferindo os instrumentos da aeronave de tempos em tempos.

— Pai, sou obrigada a concordar. Quando a mamãe morreu, parte de mim partiu junto com ela. Mal consigo me lembrar dos meus pais biológicos; vocês dois foram e sempre serão meus pais, tanto que eu nunca consegui chamá-lo de “sogro”, mesmo depois que eu e o Matheus nos casamos. Você é meu pai querido. E a Estela, minha mãe amada. Mas o fato é que eu me esforcei e superei isso, e consegui construir uma relação de amizade e respeito com a Mariana. No entanto, você está acorrentado ao passado, mesmo depois de vinte e cinco anos. — Mônica falava com delicadeza. A última coisa que queria na vida era magoar seu maior herói.

— Pai, desculpa falar isso, mas o senhor tem de esquecer a mamãe e seguir com a sua vida. Eu sei que pra mim é fácil falar. — Jéssica deu de ombros. — Praticamente não me lembro dela, na verdade passei uma parte considerável da minha existência junto com a Mariana. Porém, essa é a sua vida agora, e você a está estragando.

— Minha filha, eu entendo sua opinião, mas como posso esquecer sua mãe? Eu a vejo todos os dias, não existe forma de seguir em frente — Ivan afirmou com ternura.

Seus três filhos entreolharam-se, cismados.

— Você é idêntica a ela, Jess. O mesmo rosto, olhar, cabelos... Tudo. Também tem o mesmo temperamento impulsivo que eu tanto amava. — Ivan sorriu, admirando a beleza de sua filha Jéssica. — O Matheus tem a mesma força e coragem dela, a Mônica possui a lógica e o senso de justiça. A Estela continua viva em todos vocês, e eu a vejo sempre, quer queiram, quer não. A Mari é muito querida, mas acontece que eu sou um homem profundamente marcado pelo casamento único que tive um dia com a Estela. — Ivan sentiu um nó se formando na garganta. — E isso está gravado na minha alma. Não sei se consigo superar, acho que já fiz tudo o que podia.

Os três filhos silenciaram diante daquele comentário. Por mais que eles quisessem que o pai se libertasse daquelas amarras, não poderiam fingir que sabiam o que ele havia passado. A vida de Ivan, cuidando sozinho dos filhos durante anos, fora muito dura. Casar com Mariana foi um alívio do fardo, e uma forma de deixar parte da tristeza de lado. No entanto, ele jamais conseguiu superar tudo.

Seguiram em frente até o destino. Ivan tinha consciência de que mais cedo ou mais tarde seus filhos voltariam àquele tema, mas ele não sabia o que poderia fazer. Seu coração estava árido, e nada mais germinava ali, não importava o que acontecesse.

* * *

Mais tarde, naquele mesmo dia, os quatro retornaram para Ilhabela após observar cuidadosamente a situação da Usina Moreno. Ao chegarem, fizeram um lanche rápido e se reuniram com os demais líderes.

— Muito bem, Matheus, qual o tamanho da encrenca? — Zac mantinha os braços enormes cruzados sobre a mesa.

— Será grande, é óbvio, mas longe de ser impossível. Nós avistamos centenas de criaturas perambulando pelo complexo e na plantação de cana, que está excelente, apesar do abandono.

Também não avistamos berserkers nem nenhum outro tipo de anormalidade. Precisamos invadir, matar os zumbis, queimar os corpos e consertar as cercas e as barreiras para manter a segurança — Matheus resumiu ao máximo. Antes que pudesse continuar, entretanto, ele percebeu algo estranho. Faltava alguém. — Cadê o Eduardo? Ele não vem? Temos diversos pontos para debater. Depois de amanhã partiremos logo cedo.

— Para ser honesto, eu nem o vi hoje. Talvez esteja doente — Oliveira sugeriu, arqueando as sobrancelhas.

— Pode ser. Ele estava mesmo um pouco indisposto. Mais tarde vou até lá, para checar se está tudo bem. Em anos, nunca vi o Eduardo se ausentar sem nenhum tipo de aviso. — Matheus estava cismado.

— Não seja neurótico, querido. Seu irmão deve estar doente, ou apenas decidiu descansar e se esqueceu de avisar. Estamos morando no lugar mais protegido do mundo agora. Há mais de vinte anos que nada acontece por aqui, fique tranquilo!

— Também acho que está tudo bem, Mônica, mas não custa nada averiguar. Além do mais, ele é uma parte importante da nossa operação.

A equipe permaneceu reunida até altas horas da noite, acertando os últimos detalhes do plano que provavelmente levaria vários dias para ser concluído. E quando terminassem tudo e o complexo estivesse completamente seguro, um novo grupo de colonos e soldados iria se instalar lá para garantir a segurança — que seria muito mais reforçada do que antes para evitar a invasão dos zumbis.

Ao fim da reunião, os membros da equipe voltaram para suas respectivas casas. O dia seguinte seria atribulado em virtude dos últimos preparativos para a viagem.

Matheus, Mônica e Jéssica despediram-se dos demais e decidiram passar na casa de Eduardo, no caminho de volta. Ele morava a menos de duzentos metros de distância da residência de Matheus e Mônica, e ainda mais perto do pequeno apartamento no qual Jéssica morava junto com Aninha.

Ao chegarem ao sobradinho de dois andares, com seu portão de correr levemente enferrujado, encontraram todas as luzes apagadas.

Pelo visto, não havia ninguém em casa, ou Eduardo já havia se recolhido para dormir.

— Estranho... É cedo demais para ele ter ido dormir. O Eduardo sempre dorme muito tarde. — Matheus franziu a testa, observando as janelas da casa às escuras, tentando enxergar alguma movimentação.

— É verdade. Será que ele saiu? Talvez esteja de namorada nova. O Eduardo sempre foi mulherengo — Mônica argumentou, enquanto confirmava que o portão encontrava-se de fato fechado.

— É, pode ser. Vai ver ele passou o dia na cama com alguma mulher e não quis dar as caras. É raro, mas já aconteceu. O Eduardo é um pouco irresponsável nessas situações. — Matheus esboçou um sorriso.

— Meu Deus, que tal mudar de assunto? Tudo que eu não preciso agora é ouvir vocês dois discutindo a vida sexual do meu irmão!

— Muito bem, Jéssica, vamos embora. Amanhã cedo eu passo aqui para falar com o Eduardo. Não quero tocar a campainha, porque posso acabar acordando-o sem necessidade. — Matheus girou nos calcanhares, e cada um foi para a sua respectiva residência.

* * *

— Como assim ele desapareceu? O que está acontecendo aqui? — Ivan perguntou para Matheus, preocupado. — O Eduardo não deixou nenhum bilhete, recado, nada?

— Não, pai. Absolutamente nada. Já falei com todo o mundo. O fato é que algo aconteceu esta noite — Matheus afirmou, desconfiado. — Eu arrombei a casa dele esta manhã, depois de ter tocado a campainha várias vezes sem resposta. E encontrei parte da casa dele bagunçada, com móveis tombados e até mesmo vasos quebrados. Houve uma luta lá dentro.

— Pai do céu, isso está muito estranho... Acho que devemos enviar um comunicado geral para a cidade inteira pedindo para as pessoas entrarem em contato caso tenham alguma informação — Uriel, que participava da conversa, sugeriu.

— Já fiz isso. Todos estão de sobreaviso. Se o Eduardo botar um pé que seja na rua, eu serei avisado. Fiquem tranquilos. — Matheus checkou se o rádio estava mesmo ligado e na frequência correta.

— Algum vestígio de sangue? Jesus Cristo, será que ele está ferido? — Ivan engoliu em seco. Ele temia que mais uma tempestade estivesse prestes a desabar sobre sua cabeça.

— Calma, pai, não vamos tirar conclusões precipitadas, está bem? Nós não sabemos o que houve, mas o Eduardo é um osso duro de roer. Não seria fácil alguém conseguir feri-lo. Ele é um dos nossos combatentes mais experientes — Matheus tentava tranquilizá-lo. — E também não consigo imaginar um motivo para alguém machucá-lo.

Quase não houve tempo para Matheus concluir a frase. No instante seguinte alguém o chamou no rádio.

— Matheus, aqui é a Sandra falando. O Eduardo está aqui no hospital, e bem. Mas acho melhor você vir para cá agora mesmo. Nós temos um problema.

* * *

Matheus chegou ao hospital acompanhado de Mônica e dois soldados armados com fuzis. Ambos também traziam pistolas nos coldres, pois as notícias indicavam que talvez precisassem tomar certa precaução, embora Ivan insistisse que não havia nada com que se preocupar.

— Que história esquisita essa... — Matheus comentou com Mônica ao descer do carro. — O que você acha disso?

— Também acho estranho. Mas pelo menos eles estão bem — Mônica falou, pensativa. — Você vai prendê-lo, Matheus?

— Baseado no que a Sandra relatou pelo rádio, não tenho alternativa, concorda?

Ambos entraram no prédio do hospital seguidos pelos dois soldados fortemente armados que os acompanhavam de perto. Passaram pela recepção e adentraram um corredor estreito e de paredes brancas. Agora aquele lugar se achava tranquilo, porém

alguns dias antes estivera lotado de feridos, após o embate com os zumbis em São Sebastião.

Matheus e seu pequeno séquito chegou à ala de emergência do hospital. Sandra, Aninha e Jennifer os aguardavam na entrada.

Matheus cumprimentou a amiga e suas duas irmãs mais novas:

— Bom dia, minhas queridas, como vocês estão? Podem me dar os detalhes do que está acontecendo?

— Há cerca de meia hora o Eduardo chegou ao hospital carregando o Sávio desmaiado. Ambos estavam feridos, mas o Sávio tem escoriações bem graves e precisou receber uma sutura no rosto. Ele está fazendo alguns exames agora; espero que não haja nenhuma fratura — Sandra explicou.

— O Eduardo está bem melhor, com apenas o supercílio cortado e um olho roxo. Mas, dadas as circunstâncias, tive que mandar prendê-lo, Matheus. Ele está sob custódia de um dos vigilantes do hospital agora mesmo.

— E ele afirma que os dois brigaram, Sandra? Por isso ele tinha desaparecido? — Matheus estava inconformado com tamanha irresponsabilidade.

— Sim, eu conversei com o Eduardo para tentar acalmá-lo — Aninha interveio. — Ele disse que se desentendeu com o Sávio, e os dois acabaram marcando uma conversa na casa dele. Mas as coisas fugiram de controle, e eles acabaram brigando feio. Em seguida, o Sávio teria fugido para a floresta, com o Eduardo em seu encalço, e eles brigaram ainda mais, tanto que ambos acabaram desmaiados. O Eduardo só conseguiu voltar hoje, pois teve que carregar o Sávio pela mata.

Matheus não podia acreditar naquilo. Seu olhar deixava claro que estava furioso. Aquela era a coisa mais ridícula e absurda que já escutara. Seu irmão mais velho e braço direito rolando na mata aos murros com um subordinado. E o que era pior: admitindo isso abertamente.

— Quero falar com ele agora mesmo. O Eduardo tem muito que se explicar! — Matheus esbravejou. — Levem-me até ele agora mesmo!

Aninha e Mônica se entreolharam. Matheus herdara o gênio ruim do pai quando se irritava. Aquela tinha tudo para ser uma conversa realmente péssima.

— Muito bem, nós iremos com você, então — Mônica decidiu. — Aninha e Jennifer, vocês também vêm? Mostrem o caminho, por favor.

— Não, eu quero falar com ele a sós — Matheus contrapôs.

— O Eduardo também é meu irmão e da Aninha. E praticamente ajudou a criar a Jennifer, que é como uma irmã para ele. Isso é um assunto de família, e você não vai nos deixar de fora, pode desistir — Mônica enfrentou o marido sem sequer piscar.

Matheus olhou para ela e procurou respirar fundo. Sabia que Mônica tinha razão. Todos eles eram muito unidos, muito próximos, não fazia sentido deixar as irmãs de fora. E provavelmente elas seriam úteis para manter as coisas sob controle, pois Matheus não pretendia pegar leve com Eduardo, por mais que amasse o irmão.

— Muito bem, então vamos acabar logo com isso — decidiu.

* * *

— Essa é a sua posição? Você se recusa a dizer o que houve? — Matheus, parado diante de Eduardo, soltava faíscas pelos olhos.

— É isso mesmo. Não quero falar desse assunto. Eu não tenho nada a dizer! — Eduardo encarava Matheus de forma selvagem. Por sorte, permanecia algemado ao assento no qual se encontrava, que era chumbado ao piso de concreto.

— Eu quero uma explicação, Eduardo. Estou falando sério! Ou você diz o que aconteceu ou eu tomarei minhas medidas com base no que é melhor para a segurança da comunidade. Estou avisando! — Matheus berrou, furioso, apontando o dedo para o irmão.

— Eu tive meus motivos, já falei! Deixe-me em paz, Matheus! — Eduardo gritou. — Tire estas malditas algemas e me deixe ir embora para a minha casa. Que saco!

— O Sávio podia estar morto! Ele vai ficar internado no hospital por sua causa. Como espera que eu te libere para ir embora? É

óbvio que não vou permitir que vá para casa! — A ira de Matheus crescia, diante do olhar preocupado da esposa e das irmãs.

— Como assim? É claro que eu vou para casa, tenho que me preparar para a viagem! Tire estas algemas, agora! — Eduardo berrava esbaforido, mostrando o punho fechado para Matheus de forma ameaçadora.

— Não, de jeito nenhum. Você está preso! Será registrada uma ocorrência por agressão, e reze para que o promotor não decida acusá-lo de tentativa de assassinato. É melhor pensar direito nas suas explicações quando estiver diante do juiz. Fui claro? — Matheus decretou, inflexível. — Soldados, prendam este homem imediatamente!

— Você não pode fazer isso! Nós não somos mais irmãos, ouviu?! Nunca vou te perdoar! Soltem-me, meu pai precisa de mim! Matheus! Matheus! — Eduardo gritava enquanto era arrastado algemado pelos soldados.

— Meu Deus, o que aconteceu com ele? Nunca imaginei vê-lo dessa forma. O Eduardo está completamente transtornado. — Matheus observava o irmão sumindo no corredor.

— Não se preocupe tanto, dê tempo ao tempo. O Eduardo está furioso, mas logo irá se acalmar e se dará conta do quanto está sendo irracional. Fique tranquilo. — Mônica segurava as mãos do marido. — E você está certo; adoro nosso irmão, mas ele não pode fazer uma coisa dessas. Não importa a posição que ele ocupa nesta ilha.

— Ok, estou de acordo. Acho que todos nós temos que dar o exemplo. Ele terá de assumir a responsabilidade pelos seus atos. O que aconteceu foi muito grave. — Matheus estava bastante preocupado.

— O problema é esse mesmo. O que exatamente aconteceu? Ele não deu nenhuma explicação! — Aninha ficara inconformada com a atitude do irmão.

— Eu não sei o que houve, mas pretendo descobrir. Porém, não será hoje. Precisamos retomar os preparativos, pois amanhã vamos viajar. — Matheus deu o assunto por encerrado até ali. Não

importava qual era a verdade por trás daquele episódio lamentável, o assunto iria esperar.

Matheus e Mônica retornaram para a central do conselho de segurança para cuidar dos últimos preparativos da viagem, enquanto Aninha e Jennifer voltavam a seus afazeres.

* * *

No dia seguinte, exatamente às oito horas da manhã, mil e quinhentos soldados deixaram Ilhabela em direção ao interior do estado de São Paulo. Eles viajavam distribuídos em vários blindados, caminhões de transporte de tropas, jipes e diversos ônibus.

Matheus acompanhava Ivan no helicóptero com Mariana, Mônica, Jéssica e Aninha. Todos os demais líderes da operação se deslocavam por terra.

— Eu realmente não entendo o que houve com o Eduardo. Não acredito que ele não está aqui conosco. — Ivan, inconformado com a atitude do filho, pilotava a aeronave com cuidado, enquanto conversava com os demais. — Tentei falar com ele na delegacia, mas se recusou a me receber.

— O Eduardo também não quis falar comigo, pai. Acho que ele está com raiva do mundo, não fique chateado — Jéssica comentou. — Pelo visto, levará um tempo para ele se acalmar.

O deslocamento do comboio por mais de quatrocentos quilômetros através de estradas em péssimas condições de conservação consumiu o dia inteiro. Mais de trinta anos de abandono acabaram com o asfalto em alguns trechos. Em outros a rodovia fora prejudicada por quedas de barreira, árvores e até mesmo pontos onde a vegetação invadia parte da pista.

— Mais cedo ou mais tarde teremos de cuidar de pelo menos parte dessa estrada. Temos de torná-la mais transitável. — Matheus observava os veículos passando com dificuldade. — Isso é um trabalho para o senhor, pai.

— É verdade! Vou pensar em um projeto para lidar com isso. Difícil é conseguir aprovar algo na nossa Assembleia Legislativa. A

oposição de Alessandro e Marcos é implacável. — Ivan suspirou fundo. O jogo político era algo muito cansativo.

Já era tarde da noite quando acabaram de armar o acampamento, distante cerca de vinte quilômetros da usina. Logo foi montada uma escala de vigilância para manter a segurança de todos. No dia seguinte, bem cedo, começariam a operação.

Naquela noite, Ivan e seus três filhos biológicos, sua filha adotiva e sua esposa sentaram-se ao redor da fogueira, acompanhados de diversos amigos. Uma cena que não acontecia havia muitos anos.

— Fazia tempo que eu não saía a campo dessa forma, sobretudo com todos vocês presentes. É uma sensação estranha. — Ivan comentou, olhando para o fogo.

— Verdade. Depois de tantos desafios, os últimos tempos foram mais ou menos tranquilos. Nós ficamos mal-acostumados. — Oliveira tomava uma xícara de café fumegante para se aquecer do frio.

— Pois é, os tempos são outros agora. Para nós, essas coisas não são mais tão perigosas como eram antes. Estamos mais bem preparados. Desde que ficemos longe de São José dos Campos, é claro. — Matheus estava pensativo.

— Com certeza. Aquilo é o portão do inferno! Quanto mais longe, melhor. — Zac engoliu em seco, observando a madeira crepitar.

Alguns soldados mais jovens sentavam-se em volta, fitando o fogo e acompanhando a conversa. E um deles acabou cedendo à curiosidade e fez a pergunta crucial:

— Senhor, o que tem em São José dos Campos? Por que é proibido chegar perto dessa cidade, até mesmo de helicóptero? Quando precisamos ir até São Paulo e demais comunidades da região Sul para levar combustível e alimentos, não seria mais fácil usar a rodovia Dutra? Por que temos de desviar tanto?

— O que você acha que existe lá, soldado? O que foi que lhe contaram? — Gisele indagou, olho no olho. A fogueira iluminava parcialmente o rosto dela, conferindo-lhe um aspecto sinistro, estranho.

— Relatos absurdos, descontraídos. Não tenho muita certeza se de fato acredito no que ouvi. Parecem histórias de terror. — O soldado comentou sem graça diante do olhar perscrutador de Gisele.

— Uma delas fala de um demônio em forma de mulher, um zumbi capaz de falar e destruir tudo chamado Jezebel.

— Pois eu lhe digo que algumas histórias de terror são bem reais. Aliás, a realidade pode ser mais assustadora que muitos contos horripilantes que escutamos por aí. — Gisele esboçou um sorriso estranho. — Quer saber por que ninguém pode entrar em São José dos Campos, a ponto de nós termos decidimos dinamitar algumas pontes e viadutos que serviam de ponto de acesso àquela região?

— Sim, senhora. Eu gostaria. — O soldado a fitava, atento, procurando se preparar para o que iria ouvir.

— Nós fizemos isso porque naquele lugar vive o Mal. Ninguém que tenha ido até lá voltou para contar o que viu — Gisele afirmou, sombria. Até mesmo os ruídos da noite, insetos e grilos, pareceram silenciar diante daquela afirmação. — Por isso nós chamamos São José dos Campos de Buraco Negro. Aquele lugar suga a vida para seu centro, engole todos que chegam perto. — A frieza dela era tamanha que o soldado sentiu a pele arrepiar. — O que existe lá devora todos e cospe os ossos fora. Vinte e poucos anos atrás, uma caravana de sobreviventes de São Paulo entrou em contato conosco. Eles eram nômades, um grupo de cerca de quarenta pessoas que vinha sobrevivendo da forma que era possível, fugindo dos zumbis, indo de uma cidade para outra em busca de água e comida. Pessoas iguais a nós, líderes de Ilhabela, que precisavam lutar para continuar vivos. Qual seu nome, soldado?

— Lucas — ele respondeu, relutante.

— Você nunca passou fome, não é, Lucas? Já nasceu em Ilhabela, cercado de soldados e tanques que vigiam a ilha, certo?

— Não, senhora, nunca passei por esse tipo de dificuldade — Lucas foi sincero.

— Imagine então esse grupo de sobreviventes famintos e maltrapilhos fazendo contato conosco. O grupo era composto por idosos, crianças e até bebês que haviam nascido no meio da estrada, no meio do caos. Procure pensar no quanto eles ficaram felizes quando falamos que Ilhabela era um lugar seguro e que todos eram bem-vindos. — Gisele estreitou os olhos. — E nós nos oferecemos para buscá-los. Pedimos para que eles ficassem onde

estavam, pois iríamos encontrá-los, e mandaríamos tanques e outros veículos de combate para ajudá-los. Nós pretendíamos mesmo salvá-los. Mas você sabe o que aconteceu?

— Não, senhora... — Lucas sentia o vento gelado açoitando sua pele. As demais pessoas ao redor ouviam a história com atenção.

— Eles se recusaram a esperar por nós, disseram que conseguiriam chegar, sobretudo quando falamos que as estradas do trecho entre São Paulo e Ilhabela haviam sido desobstruídas. Ficaram ansiosos demais para aguardar, sabiam que em algumas horas poderiam estar às portas da salvação — Gisele prosseguiu. — Bastava que eles rumassem pela Dutra e atravessassem São José dos Campos, rumo ao litoral norte. Mas a verdade é que eles nunca chegaram. O último contato deles dava conta de que estavam entrando em São José dos Campos em direção à rodovia dos Tamoios. Depois disso, não houve nenhuma comunicação clara. Quarenta pessoas desapareceram como que tragadas pela terra. Porém, alguém tentou nos chamar pelo rádio. Um dos membros do grupo nos procurou, e fui eu que atendi ao rádio. Lembro-me perfeitamente da sua voz; era uma menininha de uns dez anos, no máximo.

— E o que ela disse? — Lucas perguntou, já arrependido de ter abordado aquele assunto.

— Ela gritava histericamente pelo rádio. A menina implorou pela própria vida durante uns dez minutos, mais ou menos — Gisele continuava a contar. — Ao fundo, eu ouvia os gritos dos demais sobreviventes, intercalados com gemidos e urros dos zumbis que os perseguiam e matavam impiedosamente. E não havia nada que pudéssemos fazer para ajudar, não dava tempo de tentarmos chegar até eles. Mas ao final, eu consegui ouvi-la com clareza, sabe? A menina falou uma frase clara e desconcertantemente conformada de quem aceita o inevitável. Sabe o que ela falou Lucas?

— Não, senhora, eu não imagino...

— A menininha murmurou: “Meu Deus, ela fala!” E depois disso, o rádio ficou mudo para sempre.

O soldado engoliu em seco. Todos os demais em volta ficaram em silêncio, inclusive Ivan e seus filhos.

— Quando a nossa equipe de resgate chegou, não encontrou nada, apenas veículos destruídos, retorcidos, reduzidos a sucata. Não encontramos um sobrevivente sequer. Apenas um cadáver, todos os demais haviam sumido. Nem mesmo sangue pelo chão; tudo havia sido meticulosamente limpo.

— O cadáver que vocês encontraram era a menininha, Gisele? — o soldado quis saber.

— Suponho que sim. Era uma criança do sexo feminino; a conclusão óbvia foi de que se tratava da mesma garotinha que nos contatara. Ela fora deixada para trás como um aviso para quem quer que passasse por ali. Uma espécie de obra de arte maligna. — Gisele sacudiu de leve a cabeça, desejando do fundo do coração poder apagar aquelas lembranças de alguma forma.

— Como assim? O que a senhora quer dizer com “obra de arte maligna”? — O soldado estava visivelmente assustado.

— A menina estava crucificada de cabeça para baixo numa placa de trânsito, com as mãos e os pés atravessados por lascas de metal arrancadas dos veículos que foram improvisadas como estacas. A cabeça havia sido arrancada e fincada no topo da placa, e o fio do rádio fora usado para amarrá-la.

Os olhos de Lucas se esbugalharam.

— E, claro, tinha uma mensagem na placa, ao redor do cadáver, escrita com o sangue da garota.

— Que horror! E o que dizia a mensagem? — Lucas se achava impressionado e assustado com a história, mas chegara a um ponto em que precisava ouvir tudo.

— Dizia: “Deixai toda esperança, ó vós que entráis!”

Um silêncio pesado se abateu naquele lugar. Os que nunca até então tinham escutado aquela história calaram-se de espanto. E os que já a conheciam preferiam não comentá-la.

— Desde esse episódio, esporadicamente outros casos aconteceram. Chegamos a perder um helicóptero certa vez, há uns quinze anos. O piloto fazia um voo de reconhecimento em uma região próxima e resolveu passar sobre São José dos Campos, desobedecendo seu plano de voo. Ele nunca mais voltou. — Gisele deu de ombros. — Aquilo é a morada do Anticristo. Por isso foi

escrita aquela mensagem; quem entra naquela cidade deve deixar de lado qualquer esperança de sair.

— E alguém já esteve diante desse monstro? Encarou o bicho olho no olho e sobreviveu para contar a história? — Agora o rapaz queria saber todos os detalhes.

— Apenas um homem, Lucas. Apenas um. — E Gisele lançou um olhar profundo para Ivan.

CAPÍTULO 10

A QUEDA DO GIGANTE



A OPERAÇÃO DE RETOMADA da usina seguia um curso positivo, dentro de um excelente cronograma. Após a assustadora história de Gisele, na noite anterior, todos decidiram se recolher, pois a manhã seguinte seria muito importante.

Logo cedo todos levantaram acampamento e partiram para a usina, que se encontrava a menos de meia hora de viagem. Antes de saírem, revisaram os últimos pontos da estratégia e seguiram em frente. O objetivo era ocupar o complexo já na noite seguinte, após terem eliminado todos os zumbis de lá. Com isso em mente, os soldados entraram no complexo com tanques e carros de combate e fuzilaram tudo o que se mexia. Na sequência, Matheus, Mônica e os demais soldados desceram dos veículos e deram início às excursões a pé. Ivan e Mariana permaneceram no helicóptero, circulando a área e passando informações para as equipes de solo. Mariana, armada com um fuzil com mira telescópica, ia abatendo os zumbis que surgiam, atraídos pelos sons dos tiros e barulho da aeronave.

Matheus e Zac, seguidos por um grupo de ataque, invadiram a sede da usina. Sua expectativa era encontrar poucos zumbis lá dentro, visto que o local fora mantido em segurança durante anos, e, ao ser abandonado, ainda não havia sido completamente invadido pelos mortos-vivos.

O grupo caminhava formando um pelotão sólido, todos com armaduras policiais — um aparato de combate que contava com capacete, ombreiras de alta resistência, proteção para braços, mãos, pescoço, pernas, além do colete à prova de balas.

Eles se deslocavam rápido, carregando fuzis e escopetas, vasculhando sala por sala. Como todas tinham as paredes brancas e farta iluminação natural, o trabalho de localização e extermínio era muito facilitado.

Havia ambientes equipados com computadores, gráficos, mesas e painéis com anotações em meio a poeira e teias de aranha. Tudo aquilo fora deixado para trás por aqueles que conseguiram sobreviver ao ataque da horda que invadira a usina, menos de um ano antes.

— Este lugar foi abandonado às pressas — Matheus concluiu, vendo uma solitária caneca com café sobre uma mesa. O líquido já havia secado, transformando-se em uma borra escura.

— Sim, dá para perceber isso pela forma como tudo foi deixado. — Zac meneou a cabeça. — Precisamos checar os alojamentos. É lá que iremos passar a primeira noite.

Quase no final da checagem dos ambientes internos, o barulho alto de um armário ou algum outro móvel robusto caindo no chão fez-se ouvir. O grupo parou subitamente.

— Mas que diabo é... — Matheus começou a frase, perplexo, porém sem ter a chance de concluí-la, pois um quadro de avisos pendurado logo à frente caiu; em seguida, um relógio de parede um pouco mais adiante também despencou.

E, sem aviso, uma porta a cerca de doze metros deles oscilou perigosamente para adiante, após receber um golpe violento pela parte de dentro. A intensidade do estrondo deixava claro que algo gigantesco a atingira. Com o segundo golpe, no entanto, a porta não resistiu e se escancarou, fazendo voar lascas de madeira e partindo algumas dobradiças.

E diante dos olhares perplexos surgiu um berserker gigante, maior que todos os que eles já tinham visto. Devia ter mais de dois metros de altura, pois precisou se curvar para passar pelo batente. Ao contrário dos demais, que sempre mostravam a pele escurecida e

corpos franzinos, aquele era alto e forte, e sua cabeça, gigantesca e desproporcional ao corpo, tinha duas imensas protuberâncias na testa deformada. Seus olhos eram do tamanho de bolas de golfe, saltados para fora e vermelhos como sangue. A boca, arreganhada, exibia dentes escuros e afiados como navalhas. Ele vestia um jaleco, branco e imundo, com o logotipo da Usina Moreno estampado na altura do peito. As roupas se achavam tão apertadas no tórax e nas pernas descomunais do morto-vivo que ameaçavam se rasgar a qualquer momento.

— Mas que porra é essa?! Atirem, merda, atirem! — E Zac começou a disparar seu fuzil.

A criatura partiu alucinada na direção deles, e então todos abriram fogo ao mesmo tempo. Furiosa, a coisa levou inúmeros disparos no peito e pescoço, tiros inúteis desperdiçados pelo susto inicial dos combatentes. O zumbi descomunal venceu a distância entre ele e os soldados numa fração de segundo. No meio do caminho havia uma mesa que poderia atrapalhar seu avanço. Mas ele não hesitou e, com a mão direita, agarrou o tampo do móvel que deveria pesar mais de vinte quilos e o arremessou longe. A peça destruiu uma janela do lado oposto da sala e caiu no pátio da usina.

O berserker levou mais de vinte tiros, e dois dos disparos atingiram sua cabeça em cheio, arrancando a pele e até mesmo lascas do crânio. Mas seus ossos eram duros demais — as balas não conseguiam penetrar sua caixa craniana.

Ele se atirou como um raio no meio do grupo de combatentes, um verdadeiro touro enlouquecido, e logo desferiu um golpe com a parte de trás da mão direita na cabeça de um dos soldados. A viseira do capacete se despedaçou e a peça inteira foi arrancada da cabeça do infeliz, que foi arremessado para trás, tamanha a violência da pancada.

Em seguida, o berserker desferiu um golpe com o cotovelo esquerdo no peito de outro soldado, jogando-o com violência contra a parede e partindo-lhe os ossos. O combatente desabou de cara no chão, sem fôlego.

A grotesca criatura chegou a tentar outro golpe na direção de Matheus, mas ele se abaixou, caindo de joelhos diante do ser.

Naquela posição em que se encontrava, Matheus não teve dúvida: crivou de balas as pernas da criatura. Com os joelhos e as tíbias despedaçados pelos disparos do fuzil, o zumbi oscilou para a frente e despencou de quatro no chão. Mas aquele pequeno revés não diminuiu nem um milímetro da selvageria da criatura. Nada parecia ser capaz de fazê-la parar.

Porém, antes que ele se levantasse novamente, Zac sacou sua pistola do coldre, uma vez que o fuzil estava descarregado, encostou a arma na nuca do berserker e descarregou ali o pente da arma.

Em um primeiro instante, os tiros só deixaram o monstro ainda mais furioso. Entretanto, em seguida, surtiram efeito tão logo a sequência de balas conseguiu abrir passagem através da espessa barreira de ossos.

Quando finalmente o primeiro projétil atravessou de fato a massa encefálica do berserker, ele caiu fulminado. Nisso, ele era igual a todos os outros zumbis do mundo: o cérebro ainda era o único ponto fraco.

— Estão todos bem? Vá olhar o soldado — Matheus ordenou a um subordinado e, ainda se recuperando do susto, perguntou: — O que era aquela coisa?!

— Quem me dera saber... Essa criatura é do tamanho de um urso! Eu nunca tinha visto nada igual! — Zac se aproximou de um dos homens caídos no chão. — Precisamos de ajuda aqui imediatamente.

Em instantes Sandra e Aninha chegaram à sala, acompanhadas de mais uma dúzia de soldados. Ambas traziam fuzis pendurados nos ombros e as maletas médicas com equipamentos de primeiros socorros. Aninha se ocupou do soldado que havia sido derrubado com um murro no rosto, enquanto Sandra correu até o homem atingido no peito.

Aninha logo confirmou o óbito. O berserker quebrara o pescoço e a mandíbula do soldado, apesar do capacete e da viseira.

— Nossa Senhora! Jamais vi nada parecido com isso. Essa coisa devia ser tão forte que conseguiria deter um carro — Aninha murmurou diante do soldado morto, cujos olhos permaneciam arregalados de espanto.

Sandra checou as condições do segundo soldado, e ele ainda respirava. Mas as primeiras checagens não eram animadoras.

— Aninha, por favor, preciso de ajuda aqui. Acho que ele está com algumas costelas quebradas e hemorragia interna. E desconfio de que a espinha esteja quebrada também. — Sandra começava a imobilizar o soldado.

As duas trabalhavam para estabilizar o combatente quando Ivan chegou seguido por Mariana. Ele tinha decidido ver pessoalmente o que os soldados já começavam a descrever como o maior predador já visto depois de Jezebel.

Ivan ficou espantado com o tamanho do berserker. A criatura devia pesar mais de duzentos e cinquenta quilos. Talvez mais, pois os braços eram grossos como troncos de árvores, e o pescoço lembrava o de um touro.

— O que é isso? Puxa, esse é um novo tipo de criatura, só pode ser. — Ivan tomava o pulso da fera, só por precaução. Mas não havia dúvida, o zumbi morrera.

— Não sei, mas quero estudar esse corpo. Se de fato há outros como ele por aí, a coisa vai ficar feia. Precisamos entender melhor com o que estamos lidando. — Sandra parou por um instante para observar aquela monstruosidade.

Ivan e Mariana decidiram partir imediatamente no helicóptero com Sandra, o soldado ferido e o cadáver do berserker. Matheus e os demais continuariam com a missão, agora com cuidado redobrado, pois viam-se diante de algo completamente inusitado.

* * *

Horas depois o helicóptero aterrissava no heliporto de Ilhabela, ao lado de outro aparelho mais antigo, um Helibras HB-350B, que Ivan já não usava fazia algum tempo, justamente por não possuir equipamentos de combate. Um grupo de médicos aguardava a chegada deles, alguns para ajudar com o soldado ferido e diversos outros para auxiliar Sandra com a criatura, sobre a qual a ilha inteira já comentava. Todos ficaram surpresos com aquela aberração da

natureza. Foram necessários cinco homens para carregá-lo e conduzi-lo até o necrotério da cidade.

Ivan decidira voltar para a cidade de Luiz Antônio naquele mesmo dia, por isso pediu para que preparassem o helicóptero sem demora. Nem mesmo a curiosidade motivada por aquela criatura incomum seria capaz de impedi-lo de estar junto dos filhos naquele momento.

— Tenha calma! Vamos comer algo primeiro, e aí voltamos. Ainda demora um tempo para abastecerem o helicóptero — Mariana argumentou, vendo-o tão impaciente.

— Você tem razão, mas quero demorar o mínimo possível. — Ivan estava mesmo ansioso. — E antes de retornar eu gostaria de dar mais uma olhada naquela coisa.

Ele e Mariana entraram no necrotério cerca de uma hora depois. As primeiras notícias que chegavam davam conta de que o soldado ferido estava sendo operado naquele instante, mas seu estado era crítico, e as chances de sobrevivência, mínimas.

O berserker fora colocado nu sobre uma mesa de aço inox. O ser era muito forte, incrivelmente musculoso. E as surpresas apenas começavam a surgir.

— E então, Sandra, o que temos aqui? Estou preocupado com essa descoberta — Ivan foi direto.

— Ivan, a situação é grave; vamos por partes. Eu quero te mostrar algo antes. — Sandra chamou Ivan e Mariana até outra mesa ao lado. — Vejam isto aqui.

Ao se aproximar eles viram diante de si um dos berserkers que haviam sido abatidos durante a retomada de São Sebastião. O ser também se encontrava despido, porém limpo, e com seu tórax aberto, com um corte que começava no pescoço e descia até o baixo-ventre. Era um zumbi mirrado, com cerca de um metro e sessenta de altura e uns cinquenta quilos, mais ou menos.

— Essa criatura é um berserker clássico, está bem? Sabemos pouco sobre eles, mas podemos afirmar que têm dez vezes mais adrenalina do que um ser humano comum, o que explica a força desproporcional ao seu tamanho, a velocidade e a agressividade exacerbadas — Sandra começou a explicação.

— Sim, lembro também que você e os outros estudiosos já haviam concluído que eles são uma mutação dos mortos-vivos comuns — Ivan falou. — Eles não existiam nos primeiros anos do apocalipse zumbi, começaram a surgir após algum tempo.

— Isso mesmo. São zumbis originais, desalmados, que evoluíram ao longo de décadas. E é nesse ponto que começam nossos problemas. — Sandra estava muito séria.

— Bom, é aqui que começam as más notícias, certo? Eu já não me surpreendo com mais nada. — Ivan passou as mãos nos cabelos brancos e ralos. — O que você descobriu a respeito do grandalhão?

— Descobri que ele fazia parte da nossa comunidade menos de um ano atrás — Sandra respondeu, seca.

Ivan e Mariana arregalaram os olhos. Ambos já haviam se preparado para algo grave, mas não tão perigoso.

— Calma aí! Um ser humano virou aquilo em apenas um ano? É isso que você está me dizendo? — Ivan indagou, estupefato. — Quem esse cara era antes?

— Veja você mesmo. Nós tínhamos registros detalhados de todos os colonos que viviam na usina, por isso foi fácil levantar a ficha desse em particular. Dá uma olhada. — Sandra passou uma pasta para Ivan.

Ele abriu a pasta, com Mariana observando por sobre seu ombro, curiosa. E o que viram era chocante.

O nome do homem da foto era Diogo. Segundo aquele registro, ele teria vinte e cinco anos agora e era um dos técnicos que trabalhavam na usina. Também havia uma foto dele, tirada pouco antes da mudança para o interior do estado junto com os demais colonos. Apesar da diferença estupenda, era o mesmo homem. Mas na época da foto, apenas dois anos antes, ele tinha um metro e setenta de altura e pesava setenta e três quilos.

— Ivan, eu seria capaz de apostar que levou bem menos de um ano para ele ficar assim. As fibras da pele se romperam abruptamente, ele está cheio de estrias, apesar da musculatura desenvolvida. Estamos falando de um tipo de criatura completamente nova. Além da adrenalina, ele possui taxas de testosterona equivalentes às de um elefante, e um nível de GH... um

hormônio importante para o desenvolvimento muscular... cem vezes maior do que o normal. Além disso, o Diogo de agora surgiu com dois metros e meio de altura e trezentos e poucos quilos. — Sandra respirou fundo. — Em minha opinião, ele foi contaminado por outro ser igual a ele. E quando se transformou, virou rapidamente essa... coisa.

— Meu Jesus, imagine uma monstruosidade igual a essa caminhando por aí, contaminando outros seres humanos e gerando mais aberrações. Vocês já se deram conta do quanto isso é grave? — Mariana falou, preocupadíssima.

— Exato! É justamente esse o ponto. Não tenho nenhuma teoria sobre como o primeiro apareceu, mas receio que estejamos vendo uma espécie nova, muito mais forte, surgindo. E a história nos conta que toda nova raça superior, em algum momento, se torna a dominante. — O semblante de Sandra mostrava toda a sua aflição.

Ivan observou a criatura sobre a mesa. Aquele ser havia matado um soldado e aleijado outro com apenas dois golpes, e foram necessários mais de dez homens para detê-lo. O que aconteceria se tivessem que enfrentar vários iguais a ele? E se precisassem enfrentar uma horda inteira? Ivan engoliu em seco. Tinha de avisar Matheus imediatamente.

— Muito obrigado pelas informações, Sandra. Vou partir o mais rápido possível para Luiz Antônio. Meu filho precisa saber disso tudo agora mesmo. — Ivan despediu-se em seguida e deixou o necrotério com Mariana.

O casal passou em casa apenas para pegar algumas coisas, inclusive o diário de Ivan. Ele queria tomar notas de tudo; era a única forma de organizar seus pensamentos. Mas ficou irritado quando não encontrou o livro.

— Mariana, você consegue me dizer onde está o meu diário? Eu o havia deixado no meu criado-mudo, e agora desapareceu. — Ivan perguntou, revirando as coisas da gaveta.

— Nem imagino. Você vive perdendo aquele livro! Precisamos mesmo procurar isso agora? Não quero viajar à noite.

— Tudo bem, depois eu encontro. Vamos embora logo, estou ansioso para conversar com o Matheus.

Em instantes, ambos saíram em direção ao heliporto.

* * *

Ivan e Mariana embarcaram no helicóptero após a finalização dos últimos preparativos. Ivan já havia feito um resumo da situação para Matheus pelo rádio, e o filho, como não poderia deixar de ser, também ficou muito preocupado.

Ao menos as notícias no *front* da Usina Moreno eram boas. O complexo já havia sido quase totalmente ocupado pelas forças de Ilhabela. Naquele momento, os combatentes faziam as derradeiras excursões pelos prédios que compunham o lugar em busca dos zumbis remanescentes.

O combinado era que, ao chegar, Ivan, Matheus, Mariana e todos os demais líderes fariam uma reunião de emergência para definir como lidariam com aquela nova e imprevisível ameaça.

— Chegaremos à usina ao anoitecer. Você não acha perigoso, Ivan? — Mariana colocava o cinto de segurança.

— Um pouco. Mas quero ir assim mesmo. Precisamos falar com o Matheus e começar a traçar um plano de ação. Se há muitas outras aberrações por aí, pode ser que nem todas as nossas forças de combate combinadas sejam suficientes para garantir a segurança.

— Aberrações? É assim que você pretende chamá-los? — Mariana franziu a testa.

— Bom, é um nome bem apropriado, concorda? — Ivan sorriu.

— Você e o Uriel são criativos para escolher nomes. Eu ainda prefiro berserker.

Ele assentiu. Berserker era mesmo um nome imbatível.

Ivan ligou o Black Hawk, e, depois de alguns instantes de aquecimento do rotor, a aeronave começou a subir lentamente, na vertical. Em seguida, o aparelho passou a se deslocar para a frente, na direção do continente.

Mariana olhava distraída pela janela, admirando o mar que circundava a ilha, enquanto Ivan conferia os instrumentos do aparelho. Após a morte de Estela, ele decidira se especializar naquele tipo de pilotagem, e agora, com quase vinte anos de

experiência, já conhecia todos os segredos e procedimentos daquele aparelho.

Faltavam cerca de cem metros para começarem a sobrevoar o continente quando um grande estrondo aconteceu logo acima de suas cabeças. Foi um barulho alto, estridente, que fez o helicóptero inteiro tremer. Mariana e Ivan sentiram a vibração no corpo inteiro.

— Mas o que...?! — Ivan não concluiu a frase, pois faíscas começaram a saltar do painel, enquanto diversos alertas e sinais se acenderam simultaneamente em várias partes da aeronave.

O helicóptero começou a girar em seu próprio eixo, descontrolado. Uma fumaça negra invadiu a cabine. Quando Mariana gritou, o gás tóxico invadiu sua garganta. Tudo pareceu queimar dentro dela, e seus olhos lacrimejavam.

— Meu Deus, Ivan!

O helicóptero perdia altura em grande velocidade.

— Mari... — Ivan fazia um esforço sobre-humano para tentar manter o helicóptero no ar. Porém, ele sabia que era uma batalha perdida; a aeronave despencava verticalmente.

Não houve tempo para mais nada. O Black Hawk mergulhou no mar, e a água salgada invadiu a cabine em poucos instantes.

* * *

Mariana precisou de muito esforço para despertar. Mesmo a água fria quase não fora capaz de trazê-la de volta à consciência. Com o impacto da queda, muito forte, ela desmaiara.

Confusa, abriu os olhos e olhou para o próprio colo, tentando colocar os pensamentos em foco. Seu corpo inteiro doía, e uma espécie de zunido reverberava em seus ouvidos.

Quando enfim entendeu o que acontecia, Mariana sentiu o coração disparar: estava coberta de água até a cintura, pois o helicóptero afundava no oceano.

Ao olhar para a frente, constatou que o para-brisa fora destroçado, o que permitia ao vento gelado fustigar seu rosto. A água, levemente tingida de sangue, jorrava aos borbotões para dentro da cabine.

Ela olhou para os lados, frenética. A adrenalina começava a cumprir seu papel, por fim arrancando Mariana do seu torpor e trazendo-a de volta para a realidade. Precisava escapar dali sem perda de tempo.

Mariana desconectou o cinto de segurança, mas então olhou para a esquerda e viu Ivan inerte, com a cabeça pendendo sobre o peito.

— Meu Deus, Ivan! Acorda! Acorda! Socorro! — Mariana gritava, vendo a água subir cada vez mais, naquele momento atingindo o tórax do seu marido desacordado.

Ivan despertou assustado e um tanto desorientado. Quando o primeiro borrifo de água salgada atingiu sua boca, ele sacudiu a cabeça, cuspidando o líquido de sabor desagradável.

— Meu Deus, precisamos sair daqui, Mari. Agora! — Ivan tentava inutilmente soltar o cinto de segurança. Seu rosto encontrava-se tingido de sangue em virtude da violência do acidente. Ele apertou o botão que destravava o cinto, e nada aconteceu. O engate fora destruído, assim como boa parte da aeronave.

Mariana adiantou-se para escapar pelo buraco no para-brisa quando o helicóptero começava a virar de lado. A água já invadira quase tudo — era uma questão de segundos para o aparelho ser completamente engolido pelo oceano.

— Vamos, Ivan! Solta seu cinto, temos que... — Mas Mariana parou de falar ao ver o olhar de Ivan.

— Não consigo sair, estou preso — Ivan disse em um tom de voz que misturava medo e calma de uma forma desconcertante. Ele virou a cabeça para trás ganhando alguns centímetros antes de a água cobrir sua boca.

— Ivan! Ivan... — Mariana murmurou com metade do corpo para fora do helicóptero, testemunhando o marido, que não conseguia se mexer, desaparecendo rapidamente nas águas.

Os olhares de ambos se cruzaram por um instante. Ele parecia resignado, ao passo que Mariana entrara em pânico. E finalmente a água invadiu por completo o helicóptero.

— Ivan! Não! — Mariana, desesperada, num último impulso mergulhou no mar do litoral norte de São Paulo.

A cerca de cem metros de distância, uma lancha repleta de soldados partia do porto de São Sebastião em disparada na direção do acidente.

Mariana viu a aeronave virando de cabeça para baixo e afundando. A cauda foi o último pedaço a submergir, e o helicóptero desapareceu no mar levando Ivan consigo.

* * *

Ivan se debatia, seu corpo era tragado para o fundo, dentro da aeronave de dez toneladas. Era uma queda rápida, vertiginosa, na direção de um verdadeiro buraco negro feito de água gélida. O aparelho ia virando e girando de forma alucinante. O pânico crescente prejudicava cada vez mais a capacidade de Ivan de manter o oxigênio dentro dos pulmões à medida que sua queda só acelerava.

Por fim o aparelho se chocou contra uma superfície arenosa. Ivan poderia jurar que descera centenas de metros, apesar de na realidade o mar ter apenas quinze metros de profundidade naquele ponto.

Ivan puxava e socava o engate do cinto de segurança, num último esforço desesperado para se soltar. Ao seu redor, escuridão e frio. Seus pulmões se contraíam, exigindo que ele respirasse. Ele trincou os dentes e fechou os olhos com toda a força, procurando adiar o inevitável. Era impossível resistir ao comando incontrolável do cérebro que exigia ar.

Esgotado, apavorado, com o coração em disparada dentro do peito, e ainda por cima sozinho, Ivan não conseguiu segurar. Inconscientemente sua boca abriu, e a água penetrou, gélida e cortante, pela garganta, inundando seus pulmões. O último grito que ele gostaria de ter soltado foi esmagado pela força implacável do mar.

“Estela”, ele pensou, enquanto pontos brilhantes saltitavam diante dos seus olhos e sua consciência se esvaía.

* * *

Quinze metros acima, na superfície, Mariana finalmente se lembrou da faca que carregava no cinto, então encheu os pulmões de ar e mergulhou de novo, poucos segundos antes de a lancha alcançar o ponto onde ela se encontrava.

Ela sempre fora uma ótima nadadora, e mantivera um excelente condicionamento físico ao longo daqueles anos, apesar de não fazer mais parte das forças de segurança havia algum tempo. Só esperava que não fosse tarde demais, pois perdera segundos valiosos assistindo a cena com desespero, e isso poderia ser a diferença entre a vida e a morte.

Mariana não conseguia enxergar muito, mas não hesitou. Continuou nadando, descendo cada vez mais, ignorando todas as probabilidades, impulsionada por uma vontade quase irracional.

Então ela finalmente enxergou o que sobrara do helicóptero, agora sepultado no fundo do mar.

Mariana atravessou o buraco onde antes existia um para-brisa e entrou na aeronave destruída. Ivan flutuava, inerte, dentro da cabine. Ela não olhou para ele, ignorou a falta de ar e evitou pensar nas chances de aquilo dar certo. Seu falecido pai costumava dizer que quem pensa demais em situações extremas é o primeiro a morrer.

Assim, Mariana agarrou o cinto de segurança e o cortou com a faca de uma só vez, libertando Ivan. Em seguida, ela o agarrou pela camisa e o arrastou para fora daquele mausoléu submerso. Por estar completamente inerte, apesar de estarem na água, o peso dele duplicava, e ela estava exausta e sem ar. Mariana sentiu um calafrio correndo sua espinha quando se deu conta de que talvez fosse incapaz de subir com Ivan de volta para a superfície.

Nesse momento, um par de mãos agarrou Ivan, tirando-o dos braços de Mariana. Um dos membros da equipe de resgate que mergulhara também finalmente os alcançara. Outro homem a pegou pelo braço e começou a puxá-la para cima, bem rápido.

E então Mariana emergiu, tragando com voracidade o imprescindível oxigênio e enchendo os pulmões de ar. Seu coração batia tão forte que ameaçava explodir. Seu peito arfava e doía, enquanto ela respirava de forma desesperada. Mariana descia e

subia no mar, engolindo água salgada várias vezes, tentando recuperar o fôlego. Mais dez segundos e ela teria se afogado também.

O soldado que a resgatara tentava ajudá-la a boiar.

— Ivan?! — Mariana conseguiu perguntar, entre uma golfada de ar e outra.

— Eles o estão subindo agora, veja. — O soldado apontou. Sua voz tinha uma inconfundível nota de desânimo.

Mariana viu um grupo de homens arrastando Ivan desacordado para cima da lancha. Ele parecia um boneco de pano sendo puxado, todo desengonçado. O rosto, arroxeadado, não demonstrava nenhuma reação.

— Deus do céu, ajudem o meu marido! — Mariana implorou, com a fala ainda entrecortada pela respiração pesada.

Os homens deitaram Ivan no meio da lancha e iniciaram o trabalho de imobilização do pescoço e da coluna vertebral, que poderiam estar lesionados após o acidente, enquanto tomavam seu pulso. E constataram que não havia nada. Nenhum sinal de vida.

Ivan estava morto.

CAPÍTULO 11

SUSPEITAS



MATHEUS E SEUS PRINCIPAIS soldados reuniram-se em uma das salas da usina, avaliando os resultados daquela primeira investida. Apesar do susto que tomaram com o surgimento do berserker descomunal, a operação poderia ser considerada um grande sucesso.

Jéssica fazia desenhos em uma cópia da planta da usina, onde indicava em quais partes os soldados haviam sido posicionados para manter o perímetro em segurança, enquanto os demais líderes iam fazendo sugestões e comentários sobre quais eram os pontos mais vulneráveis.

Naquele instante um soldado adentrou a sala correndo e sem bater, causando em todos um sobressalto. Ele trazia um rádio tático de grande alcance nas mãos.

Ao ver o olhar de desespero do soldado, Matheus entendeu de imediato que algo gravíssimo havia acontecido. E sua intuição já dizia quem era a vítima.

— Senhor... — o soldado começou a falar.

— O que houve, é algo com meu pai? Fale! — Matheus ordenou.

Jéssica e Mônica entreolharam-se, aflitas.

— Senhor, um terrível acidente aconteceu em Ilhabela. As primeiras notícias dão conta de que seu honrado pai, Ivan Leão,

faleceu. — O soldado não conseguiu evitar que seus olhos esbugalhados se enchessem de lágrimas.

— Não! Isso não pode ser verdade... — Matheus murmurou, diante dos olhares aturdidos de Jéssica, Mônica, Zac, Gisele, Oliveira, Klaus e todos os demais.

* * *

A equipe de Sandra trabalhava incansavelmente no atendimento a Ivan. Um dos socorristas fazia respiração artificial usando um balão de ar, enquanto outro aplicava massagem cardíaca. Ainda permaneciam dentro da ambulância que havia sido deslocada para o porto de Ilhabela.

Sandra aplicou doses de adrenalina e atropina em Ivan, e em seguida conectou uma agulha em sua veia. Ela iria usar todos os medicamentos que conhecia para tentar reanimá-lo.

— Vamos, Ivan! Reage, droga! — Sandra resmungou.

Secaram o peito dele e usaram o desfibrilador, e nada aconteceu. O coração de Ivan parecia se recusar a bater. E ele apresentava claros sinais de hipotermia também.

Mariana acompanhava tudo, desconsolada, segurando uma toalha contra a cabeça para tentar conter um sangramento no couro cabeludo e enrolada num cobertor.

— Há quanto tempo ele já está assim? — Sandra indagou.

— Uns quinze minutos, senhora. — Um dos socorristas respondeu, diligente.

— Nossa! É muito tempo... Felizmente a água é muito gelada nesta época do ano; talvez o cérebro esteja intacto. — Sandra respirou fundo. — Afastem-se, desfibrilando de novo!

Ela aplicou mais uma descarga elétrica em Ivan, e mais uma vez nada aconteceu. Aquele homem, que já enfrentara inúmeras situações limite, dessa vez parecia ter sucumbido.

— De novo, afastem-se! — Sandra ordenou, determinada.

E naquela terceira vez, o cardiógrafo por fim emitiu um sinal. Tinham conseguido um batimento cardíaco, uma minúscula fagulha de vida.

— Temos pulso! — Sandra exclamou, vitoriosa, enquanto uma ensurdecidora salva de palmas explodia entre as pessoas que assistiam àquela cena dramática.

Mariana levou a mão ao rosto e fechou os olhos, agradecendo a Deus por tal milagre.

— Ele está respirando também, vamos para o hospital. Rápido! — Sandra ordenou.

Mariana se acomodou na ambulância junto com Sandra e outro médico, e todos partiram imediatamente para a emergência.

* * *

Seis horas depois do grave acidente que quase matara Mariana e Ivan, Matheus, Aninha, Mônica e Jéssica saltaram do helicóptero, retornando da Usina Moreno, e rumaram para o hospital, preocupadíssimos.

Naquele momento, os quatro já haviam recebido informações atualizadas que mostravam que Ivan sobrevivera ao trauma, mas o quadro clínico era gravíssimo. Ele havia sofrido hipotermia aguda por um tempo prolongado sob a água gelada. Além disso, apresentava disfunções cardíacas e sinais de traumas no pulmão em virtude da aspiração da água. E Sandra não tinha nenhuma ideia da extensão de possíveis danos cerebrais acarretados pela falta de oxigenação.

A médica introduzira um cateter de artéria pulmonar para monitorá-lo constantemente, e diversos tipos de medicação vinham sendo administrados. E, como tentativa de restaurar sua temperatura corporal, Ivan permanecia envolto por um cobertor térmico. O termômetro por enquanto mal passava de trinta graus centígrados, algo inacreditavelmente baixo para o corpo humano.

Ao se encontrarem com Sandra os quatro irmãos começaram um verdadeiro tiroteio de perguntas. Às vezes todos falavam ao mesmo tempo, aturdindo a médica.

Mariana e as outras filhas de Ivan já estavam lá também, e logo foram abraçar os irmãos mais velhos. No instante em que viu Jessica, Jennifer se jogou em seus braços soluçando, enfim extravasando toda a angústia que sentia.

Matheus abraçou Mariana apertado. Sentia mais do que nunca que tinha uma dívida de gratidão para com a madrasta.

— Muito obrigado! Meu pai tem sorte por ter você junto com ele — Matheus falou próximo do ouvido de Mariana.

— Não precisa me agradecer, Matheus. Eu jamais o deixaria partir. Se fosse necessário, morreria tentando salvá-lo — ela afirmou com sinceridade.

— Você gosta mesmo dele. Eu sei que no começo vocês fizeram um pacto de amizade, mas sei também que isso mudou ao longo do tempo. — Matheus olhava profundamente para Mariana.

— Nós temos uma história, Matheus. Por vias inusitadas, acabamos construindo algo. Não é nenhum conto de fadas, mas no fundo sinto que temos muito mais do que a maioria dos casais. — Mariana tinha os olhos rasos d'água. — Porém, tenho certeza absoluta de que ele não sente as coisas do mesmo jeito que eu. No fundo, o coração dele pertence a outra pessoa, que nem sequer está mais aqui.

— Onde quer que esteja, minha mãe aprovou a união de vocês. Isso eu posso garantir — Matheus disse com convicção. — Nem ela nem ninguém seria capaz de imaginar alguém melhor do que você para aturar meu pai. — Arrematou sorrindo, arrancando risadas de Mariana.

— Acho que devemos tentar arrumar uma autorização para trazer o Eduardo, certo? Ele vai ficar preocupado, e é bem provável que queira ver o pai. Talvez o chefe da carceragem abra uma exceção — Jéssica sugeriu.

— Duvido muito, pois ele também está internado aqui. Passou muito mal outra noite, chegou a desmaiar durante seu plantão noturno na delegacia. Talvez seja mais fácil vocês procurarem o juiz responsável pelo caso do Eduardo — Sandra, que estava por perto, explicou.

Matheus começava a se sentir sem nenhum controle sobre o que quer que fosse. Tudo resolvera dar errado ao mesmo tempo.

Isabel chegou, apressada. Não conseguira vir antes em função de vários afazeres urgentes. Como os demais, também estava

preocupada. Ainda mais porque Sandra já antecipara que havia um grande favor que ela pretendia pedir.

Isabel cumprimentou a todos rapidamente enquanto Sandra se aproximava. Chegara a hora da verdade.

— Muito bem, Isabel, conforme falei pelo rádio, preciso que você me ajude fazendo algo que eu já lhe pedi em outras ocasiões. Porém, desta vez é especial. É do Ivan que estamos falando.

— É tão grave assim, Sandra? Você acha mesmo que ele chegou a um ponto irreversível? — Isabel perguntou, séria.

— Sim, infelizmente. No entanto, ninguém é mais capaz que você para me dar a resposta que eu preciso. — Sandra encarou a amiga.

— Muito bem, então vamos logo com isso. — Isabel já caminhava na direção da U.T.I.

Sandra a seguia de perto, e os demais ficaram do lado de fora, aguardando o veredicto.

Isabel fez a preparação necessária para poder entrar na U.T.I., e depois rumou decidida para os diversos cubículos ocupados por outros pacientes em estado grave. No final da sala ampla, Ivan permanecia deitado numa cama hospitalar.

Ele estava entubado, com muitos aparelhos de monitoração ligados e algumas bolsas de soro com medicações diversas conectadas às suas veias. Tanto o pescoço quanto o tórax tinham sido imobilizados, e seu rosto e a cabeça apresentavam vários curativos.

— Meu amigo, não acredito que estou vendo você aqui, agora, nesse estado. Mas eu confio em você. Não me decepcione agora, está bem? — Isabel sussurrou diante do seu mais querido aliado. Por algum tempo eles não se deram muito bem, mas acabaram por se tornar grandes amigos.

Isabel pegou a mão de Ivan com delicadeza, fechando os olhos e procurando se concentrar. Aquele era o favor que Sandra pedira; ela queria que Isabel lesse a mente de Ivan e descobrisse se ainda existia alguma fagulha de raciocínio lá, ou se o cérebro havia sofrido uma lesão grave. Sandra observava tudo, ansiosa.

Isabel permaneceu em absoluto silêncio por alguns instantes, de olhos fechados. Então, ela se virou e encarou Sandra, ainda

segurando a mão dele.

— Ele está bem, a capacidade cerebral se encontra preservada. Ivan está apenas sonhando com você sabe quem. — Isabel abriu um largo sorriso.

* * *

Ao erguer as pálpebras, Ivan se viu dentro de uma casa. Mas aquela não era a casa na qual ele morava. Nem tampouco pertencia a algum dos seus amigos ou filhos.

Ele notou estar deitado numa cama muito confortável, num quarto amplo e arejado. Havia diversos espelhos e um lustre no teto, que era adornado por sancas de gesso. Tratava-se de um lugar familiar, mas Ivan não conseguia se lembrar de onde conhecia aquele cômodo.

De repente, ele começou a ouvir uma música linda, maravilhosa, suave. O inconfundível som de um piano sendo tocado com maestria. Alguém executava *Pour Elise*, de Ludwig Van Beethoven, a apenas alguns metros de onde ele se encontrava.

Quando Ivan se levantou da cama, finalmente conseguiu se lembrar de que lugar era aquele. Havia um quadro na parede logo acima do leito, com uma foto dele e Estela no dia de seu casamento. Ela com o vestido de noiva, toda de branco, um véu imenso e um belíssimo buquê de rosas vermelhas nas mãos. Ivan estava muito elegante num fraque com paletó cinza-escuro, calça cinza-clara e gravata prateada.

Aquele era o apartamento em que ele e sua família moravam antes do apocalipse zumbi. Será que aquilo tudo era verdade? Talvez os zumbis não tivessem passado de um pesadelo do qual ele enfim despertara!

Ao olhar para um dos espelhos, Ivan avistou seu rosto sem rugas. Seus cabelos não eram mais brancos e ralos, mas sim loiros e volumosos. Ele voltara aos seus trinta e poucos anos.

E tudo se encaixava, inclusive aquela música. Eles tinham um piano em casa. Aquela, inclusive, era a música favorita de...

Foi quando ele se deu conta da parte mais importante de todas. O coração de Ivan disparou, a respiração se tornou ofegante de um instante para o outro, e a boca, seca. Tamanha excitação repentina se devia a uma coisa: só havia uma pessoa naquela casa capaz de tocar aquela música ao piano, sobretudo com tamanha competência. Alguém que ele ansiava ver fazia décadas, e com a qual não tivera a oportunidade sequer de sonhar. Essa era uma das partes mais angustiantes: Ivan não sonhara nem tivera sequer pesadelos com Estela durante todos aqueles anos de luto prolongado.

Quando chegou à sala, ele a viu. As mesmas costas, os cabelos negros e longos, o corpo bem desenhado e atraente. Estela dedilhava o piano com delicadeza, e a música sublime preenchia a sala toda, aquecendo o seu coração.

O sorriso dele cresceu. Ivan tinha a sensação de que iria morrer de felicidade. Sentiu as lágrimas queimarem os olhos ao ver sua amada no mesmo lugar no qual erguera as bases de toda a sua vida familiar. O porto seguro que ambos construíram juntos, ombro a ombro.

Ivan começou a caminhar apressado na direção dela, mas Estela falou, sem se virar:

— Não, querido, pare aí mesmo. Não dê mais nenhum passo. — Ela ainda dedilhava o piano, quase encerrando a música.

— Estela, meu amor... — Ivan começou a falar, mas a voz falhou. Ele queria correr até ela e abraçá-la, erguê-la o mais alto possível, matar aquela saudade que o asfixiava havia tanto tempo.

Estela tocou o último acorde da música de forma triunfal, e enfim o silêncio pairou sobre aquela sala. Ela, porém, permanecia imóvel, ainda de costas.

Ivan queria se aproximar, mas ela fora resoluta em afirmar que ele não deveria chegar mais perto. No entanto, como poderia se manter longe? Ivan era um homem sedento caminhando pelo deserto diante de um oásis.

A não ser que o oásis não passasse de uma miragem.

E então Ivan de repente se viu vestido como soldado de novo, a mesma roupa que ele usara por anos nas perigosas jornadas à procura de sobreviventes. Ao olhar em volta, percebeu que o

apartamento não era mais acolhedor como antes. Era o mesmo imóvel, porém repleto de pó e teias de aranha. Até mesmo o lustre que antes ficava sobre a mesa encontrava-se agora espatifado sobre a mesma.

Estela permanecia parada, de costas para ele. O piano que ela tocara apenas alguns instantes antes se mostrava empoeirado e apodrecido; nem devia funcionar mais. Aquele lugar fora abandonado havia mais de trinta anos.

— Isso aqui não é real, não é mesmo? Tudo não passa de uma ilusão. — Ivan se sentia amargurado e decepcionado.

Estela, entretanto não respondeu. Mas ela exalou um suspiro pesado e dolorido. Seus ombros, e a postura antes ereta, curvaram-se de leve para a frente, demonstrando certo desânimo.

Percebendo que ela não se virava e com seu senso de perigo tendo voltado ao normal, Ivan sacou a pistola do coldre e apontou para a nuca de Estela. Ele sentia que havia algo errado; aquela mulher tentava enganá-lo.

— Quem é você? O que está fazendo aqui? Aliás, por que nós dois estamos aqui? — Ivan gritou ameaçador. — Eu exijo uma resposta, senão...

— Senão o que, meu amor? Você vai tentar me matar? — Estela o interrompeu enquanto se virava para olhá-lo, com o mesmo sorriso cativante e perfeito que usava para desarmá-lo sempre. — Desculpe a presunção, mas eu duvido que você seja capaz de atirar em mim, querido.

— Estela... — Ivan baixou a pistola, largando-a no chão. Em seguida caiu de joelhos sobre o piso empoeirado, olhando-a com adoração. — Meu amor, minha esposa... — Ele sentia um ímpeto quase incontável de correr até ela.

— Não, querido, eu não sou mais a sua esposa. Esse papel cabe à Mariana agora, lembra? Eu sou apenas um fantasma do passado que decidi aparecer para te assombrar um pouco — Estela falava com seriedade a princípio, mas depois achando graça do próprio comentário.

— Não, você é o MEU fantasma. Meu amor, minha vida... — Ivan balbuciou, rezando para que aquilo tudo não fosse um sonho; e se

fosse, que não acabasse nunca.

— Bom, um fantasma de bom gosto, com toda a certeza! Como você pode ver, nem depois de morta eu abro mão da vaidade. — Estela fez um meneio com as mãos, mostrando que o estilo e o senso de humor continuavam os mesmos.

— Então eu estou morto, é isso? Você veio para me buscar? — Ivan perguntou com um sorriso cheio de esperança no rosto. Se a resposta fosse sim, aquele seria o dia mais feliz, mais maravilhoso de toda a sua vida.

— Não, querido, você está bem vivo. Todo arrebatado, é verdade, mas ainda não pertence a este mundo. Lamento te decepcionar. Por isso demorei tanto a vir: sabia que iria te magoar muito. — Estela, pesarosa, sentiu emergirem lágrimas a seus olhos ao ver a súbita expressão de sofrimento do marido.

— Eu quase enlouqueci de tanto sofrimento. Porém, me esforcei muito, procurei seguir em frente apesar da dor e do vazio que ficaram no meu peito. Quase não acredito que consegui chegar tão longe — Ivan afirmou, derrotado.

— Eu sei, amor. E sinto muito por isso. Gostaria tanto de ter ficado mais... No entanto, meu tempo havia se esgotado completamente. Vou ser franca, quando o barqueiro veio me buscar para atravessar o rio que leva ao mundo dos mortos, por muito pouco eu não desisti. Tinha decidido ficar, não importava o preço a pagar. Mas teria sido pior, apenas adiaria nosso reencontro. Por isso eu respirei fundo e parti com o coração sangrando. — Por fim as lágrimas de Estela caíram.

— Eu não aguento mais esperar, preciso ao menos abraçar você, tocar seus cabelos, seu rosto... — Ivan se levantou, fazendo menção de se aproximar. Ao fazer isso, um rangido se elevou nas alturas, enquanto o apartamento inteiro tremia.

— Que pena, meu amor! Isso complica tudo. Eu falei para você não tentar se aproximar. Este lugar não resistirá mais. Sinto muito.

Nesse momento, as placas de gesso começaram a desabar. Os vidros explodiram, as portas envergaram e se despedaçaram, as paredes racharam. O prédio inteiro se esvaía.

— O que está havendo... Estela?! — Ivan gritou, olhando desesperado para a esposa uma última vez.

— Preciso ir, meu amor. Eu ergui este lugar para poder encontrar você, mas na verdade ele nem sequer existe mais, já foi destruído há décadas. E agora está se desfazendo. — Estela se sentia triste; queria muito ter mais tempo. — Agradeça à Mariana por mim. Nunca vou poder pagar por tudo o que ela fez, tomando conta de você e dos nossos filhos por tantos anos.

— Estela, por favor... — Ivan se adiantou para alcançá-la, mas o piso da sala se dividiu ao meio, enquanto uma fratura separou o prédio inteiro em duas partes.

A mesa, as cadeiras, os sofás e quadros despencavam no abismo, batendo contra partes dos pisos inferiores e se destroçando, enquanto tudo desmoronava ao redor. Até mesmo o piano caiu pela imensa abertura, destroçando-se contra as lajes inferiores, fazendo teclas brancas e negras voarem pelo ar. Ivan ficou de um lado, Estela do outro. Tão próximos e, ao mesmo tempo, tão distantes. Mesmo depois de tantos anos de saudade, eles não tinham direito nem mesmo a um abraço.

— Fique firme. Tempos difíceis se aproximam, mas eu estarei sempre por perto. Confie em mim! — Estela pediu no instante em que uma nuvem de pó começou a surgir por todos os lados, encobrindo a visão de ambos.

— Sim! Sempre! — Ivan gritou, enquanto a esposa, a sala e ele mesmo eram engolidos pela nuvem de pó e escombros, e o som de destruição atingia um volume insuportável.

Uma fração de segundo depois, Ivan abriu os olhos. Diante de si estava uma sorridente Isabel que segurava sua mão. Ele se encontrava no hospital.

Ivan queria falar, mas o tubo que passava pela sua garganta o impedia. Estava tudo confuso. Na verdade, ele se encontrava sob o forte efeito das medicações que Sandra lhe aplicara.

— Fique calmo. Você não pode falar, mas eu consigo te ouvir. Está tudo bem, sei com quem você estava — Isabel sussurrou com delicadeza, aproximando-se dele.

“Você a viu? Então não foi apenas um sonho?”, Ivan pensou.

— Garanto que não foi apenas um sonho, eu vi tudo. Aliás, eu vejo tudo. Há muito tempo o mundos dos vivos e o dos mortos são a mesma coisa para mim. — Isabel deu uma piscadinha para Ivan. — Agora durma, você precisa descansar.

Em instantes, ele voltou a cair no sono.

* * *

Com o passar dos dias Ivan apresentava uma melhora lenta, porém animadora. Ele teve pneumonia devido ao tempo submerso, o que o manteve por dez dias na U.T.I. Foi um alívio para todos quando os médicos o mandaram para um dos quartos. Sandra concluiu que a pior parte estava superada. Para desgosto de Ivan, porém, seria necessário ainda passar algumas semanas de cama. No acidente ele quebrara o fêmur, e isso, somado à idade avançada, exigiria um tempo prolongado de repouso.

Acomodado no quarto, Ivan recebeu diversos relatos referentes aos últimos acontecimentos. A retomada da usina fora um sucesso absoluto e, apesar do susto com ele e Mariana, tudo corria bem na ilha. Uriel traçara um plano completo para que a Usina Moreno voltasse a produzir em poucos meses, vindo a se tornar a principal fonte de combustível da comunidade.

— Não se preocupe com nada, meu amigo. Estou tomando conta de tudo — Uriel garantiu, sorrindo. — Assim que você se sentir apto, poderei despachar os assuntos da Prefeitura diretamente na sua casa.

— Nada disso. Ele precisa descansar! — Mariana protestou. — Eu é que vou ter que tomar conta do Ivan. Não quero nem saber de vocês levando trabalho para casa. — O tom era de brincadeira, e arrancou risadas dos demais.

Ao olhar em volta, Ivan avistou muitos rostos conhecidos; seus filhos e amigos encontravam-se todos lá. Mas sentia falta de Eduardo, e falou sobre isso com Matheus.

— O Edu veio até aqui para ver você uma vez, pai. Consegui uma autorização judicial para que ele pudesse deixar aarceragem. O caso ainda está para ser julgado, vamos ver o que será decidido. O

problema é que o Sávio podia ter morrido. Trata-se de um assunto delicado. Receio que ele acabe preso durante muito tempo. — Matheus não se conformava com a atitude estúpida do irmão.

— É uma pena. Espero que o juiz leve em consideração todos os serviços prestados por ele à comunidade. E o Sávio, está bem?

— Sim, pai. Ele está ótimo, já foi pra casa. Ficaré mais alguns dias em repouso e em breve retornará às suas atividades. — Embora falasse com tranquilidade, Matheus mostrava uma expressão estranha no olhar.

Todos em volta perceberam que algo havia mudado no semblante dele.

— Tem algo te incomodando ou é impressão minha? — Mônica arqueou as sobrancelhas.

— Não é apenas impressão sua. Tem algo que eu quero perguntar há alguns dias, mas decidi esperar nosso pai sair da U.T.I. Agora creio que já posso abordar um assunto que vem me incomodando muito. Pai, a Mariana falou que no dia do acidente vocês ouviram um estouro vindo da parte de cima do helicóptero. É isso?

— Isso mesmo, filho. Parece que algo no rotor explodiu, e o Black Hawk começou a girar e perder altitude. Em segundos a gente se espatifou no mar. Foi tudo muito rápido, mas dessa parte eu me lembro muito bem — Ivan falou com segurança. — Por que está perguntando isso agora?

— Confesso que estou um pouco insatisfeito com a forma como o acidente foi tratado até o momento. Não houve uma investigação de fato, e isso seria responsabilidade da nossa polícia, mas até agora ninguém se manifestou. Estão dando esse assunto como encerrado. Mas eu não vejo assim. — O comentário de Matheus surpreendeu a todos, inclusive Mônica.

— O que você quer dizer com isso? Tem alguma suspeita? — Ivan franziu a testa, cismado. Ele já imaginava o que o filho tinha em mente, e ele mesmo, no leito do hospital, já ponderara sobre aquilo tudo. De fato, algumas peças pareciam não se encaixar.

— É, tenho algumas dúvidas. Falei com os responsáveis pela manutenção do helicóptero, e eles disseram que as revisões encontravam-se em dia. O próprio chefe da equipe, que tem mais de

setenta anos e trabalhava com isso desde muito antes de os zumbis surgirem, admitiu que nunca tinha ouvido falar de um episódio dessa espécie com esse modelo de aeronave.

— Temos alguma testemunha do que aconteceu? Você falou com alguém? — Isabel perguntou, com o semblante carregado. Aquela história começava a cheirar muito mal.

— Sim, falei com a equipe que fez o resgate. Eles viram tudo, posicionados a pouco mais de cem metros de distância. Disseram que houve uma espécie de explosão no rotor, tão forte que viram até mesmo uma das hélices sendo arrancada, o que explica por que a aeronave perdeu completamente o controle. — Matheus balançou a cabeça. — E isso torna tudo ainda mais suspeito. Os mecânicos falaram que o fluxo de material inflamável na área do rotor é muito pequeno, insuficiente para causar uma explosão dessas proporções.

— Filho, seja claro, o que você tem em mente? Do que está desconfiando? — Ivan, muito sério, encarava Matheus.

— Por enquanto não estou desconfiando de nada nem de ninguém. Mas confesso que eu gostaria muito de fazer uma avaliação do helicóptero. No entanto, os mergulhadores disseram que ele está encalhado a uma profundidade razoável, seria necessário um guindaste especial para esse tipo de trabalho.

Todos os presentes se sentiram desconfortáveis com aquele comentário. Seria possível que houvesse alguém por trás do ocorrido? Será que a queda da aeronave não fora acidental? Essa era uma questão que exigia uma resposta, mas talvez fosse impossível chegar a uma conclusão sem ter acesso ao Black Hawk.

* * *

Duas semanas depois Ivan pôde voltar para casa. Ele ainda levaria algum tempo para se recuperar, mas o pior havia passado. Porém, uma dúvida incômoda pairava no ar: o que teria derrubado o helicóptero?

E então, na manhã seguinte ao retorno dele ao lar, todos depararam com algo inacreditável.

* * *

Leonardo caminhava tranquilamente pelo porto de São Sebastião. Ele passara a noite inteira no seu posto de vigilância avançado no continente, pois fazia parte do pelotão de soldados designados para garantir a segurança da área de embarque e desembarque das balsas. Com a retomada da Usina Moreno, era imperioso que a entrada e saída de soldados pudesse ser realizada com agilidade e de forma segura.

O sono fazia as pálpebras de Leonardo pesar. Permanecer a noite toda acordado monitorando os zumbis que eventualmente se aproximavam das barreiras que haviam sido construídas era muito cansativo. O maior desejo de Leonardo era pegar o primeiro barco de volta para a ilha, pois precisava muito dormir.

Ele foi o primeiro a chegar à área de embarque e desembarque, e podia avistar ao longe o barco saindo do porto de Ilhabela. Em cerca de cinco minutos a embarcação atracaria no continente com o grupo de soldados do próximo turno. Aquele dia estava claro, sem nuvens no céu, e as gaivotas faziam muito barulho.

Demorou um pouco para que Leonardo se desse conta de que as aves estavam mais barulhentas do que o normal. Elas grasnavam sem cessar, muito perto de onde Leonardo se encontrava. Ele olhou em volta, tentando descobrir o que estava atraindo tantos pássaros.

Foi quando ele avistou algo simplesmente fantástico a cerca de cinquenta metros de distância, do outro lado do porto. Algo que não estava ali na noite anterior, uma visão perturbadora — Leonardo viu o helicóptero no qual Ivan e Mariana se acidentaram. A aeronave fora colocada no porto, coberta de areia e algas marinhas, e servia de poleiro para dezenas de gaivotas curiosas daquele estranho objeto.

* * *

— Acho que eu não entendi. Você pode repetir, por favor? — Matheus olhava com perplexidade para o soldado diante de si. Será que aquele homem estava bêbado logo cedo?

— Senhor, ao que tudo indica, alguém içou o helicóptero do fundo do oceano. A aeronave que quase vitimou nosso prefeito e a

primeira-dama está fora da água, pousada no porto de São Sebastião — o soldado repetiu, quase envergonhado da notícia que estava dando.

Matheus e Mônica entreolharam-se. Uriel, que assumira interinamente o lugar de Ivan, franziu a testa, confuso com aquela informação.

— Senhores, eu posso ser cego, mas quero muito ir até o porto, isso é inacreditável! O que seria capaz de erguer do fundo do mar um helicóptero de dez mil quilos?

— Não faça a menor ideia, mas pretendo buscar respostas agora mesmo. Vamos para lá neste minuto! — Matheus se levantou da cadeira e ofereceu o braço para guiar Uriel. Mônica acompanhou os dois, curiosíssima.

A notícia correu rápido, e no barco no qual eles embarcaram também estavam Zac, Gisele, Mariana, Klaus e Jéssica, todos muito curiosos de ver com os próprios olhos aquela cena absurda.

E quando chegaram, confirmaram o que se dizia. O helicóptero havia sido arrancado das entranhas do mar, mas não se sabia como. A aeronave estava bastante avariada, não só pela violência do acidente como também por ter permanecido quase duas semanas submersa. De qualquer forma, não havia dúvida: era o mesmo aparelho.

— Meu Deus, quando eu penso que já vi de tudo... — Matheus murmurou, com o imenso helicóptero arruinado diante de si.

— Nós temos alguma máquina ou equipamento capaz de erguer isso do fundo do mar? — Gisele perguntou, perplexa.

— Com certeza absoluta não. Como vice-prefeito, eu sei exatamente tudo de que dispomos em termos de maquinário. Não há nada em Ilhabela ou São Sebastião capaz de realizar tal façanha. — Uriel se sentia desconcertado.

— Sendo assim, qual seria a explicação? Algo aconteceu aqui esta noite, e bem debaixo do nosso nariz! — Matheus pôs as mãos na cintura. — E nós precisamos descobrir o que foi.

— Matheus, todos nós sabemos que existe alguém capaz de fazer algo tão extraordinário. Uma criatura que achávamos ter morrido.

Mas infelizmente temos plena consciência que de alguma forma ela continua vagando por aí.

— Mari, eu também pensei de imediato na Jezebel. Ela seria capaz de fazer isso facilmente, baseado em todos os relatos que nós já recebemos. Mas não faz sentido ter sido ela. Não haveria motivo para que fizesse algo assim. Além do mais, Jezebel já teria matado todos nós se tivesse descoberto que estamos aqui, ou morreria tentando. — Matheus sentiu um arrepio, pois a simples possibilidade de Jezebel ser capaz de achá-los era assustadora, apesar de estarem a mais de cem quilômetros de distância de São José dos Campos e da famigerada Senhora dos Mortos.

Impossibilitados de descobrir o que havia acontecido, eles decidiram tomar as medidas ao seu alcance. Matheus ordenou que a segurança fosse redobrada e que vigias fossem colocados em pontos de observação estratégicos nas estradas que ligavam o litoral norte ao Vale do Paraíba. Ele queria garantir que aquele demônio em forma de mulher não vagava por ali.

De resto, não havia dúvidas de que o surgimento do helicóptero era algo providencial. Matheus poderia enfim pedir que uma equipe de técnicos averiguasse o aparelho e descobrisse o que causara o acidente.

Com o auxílio de um guindaste, a aeronave foi movida para a balsa, o que permitiu que o helicóptero fosse levado para Ilhabela. Lá chegando, um caminhão transportou o equipamento para um galpão onde o time de mecânicos e engenheiros aguardava para iniciar os trabalhos de análise, cuja conclusão poderia levar dias.

Entretanto, menos de doze horas depois eles já haviam chegado a uma conclusão.

* * *

— Tem certeza absoluta? Não há margem para dúvidas? — Matheus olhava diretamente para Alex, o engenheiro-chefe da equipe de manutenção, que havia feito carreira na Embraer.

Mônica, Mariana, Aninha e Jéssica acompanhavam a conversa, muito sérias.

— Não, senhor, eu posso afirmar com convicção que não existem dúvidas. As evidências falam por si — Alex afirmou, resolutamente. — Faltam detalhes a serem esclarecidos, mas a conclusão é irrefutável.

— Você está afirmando, portanto, que foi um atentado. Alguém deliberadamente tentou matar meu pai? — Outra característica de Jéssica idêntica à da mãe era o olhar ameaçador. Quando ela ficava daquele jeito, deixava claro que a situação era muito grave.

— Sim, senhora. É isso mesmo que quero dizer. Encontramos vestígios de explosivos no rotor da aeronave. Ou seja, alguém preparou algum tipo de artefato que foi detonado com a intenção de inutilizar ou, mais provavelmente, derrubar o Black Hawk. — Alex sustentava o olhar dela, convicto.

Matheus olhou bem para ele e não viu nenhum sinal de hesitação. Era o que ele temia.

— Mande agora mesmo uma equipe de soldados fortemente armados para a casa do meu pai. Quero também uma varredura completa no local. Diga para procurarem explosivos, bombas ou qualquer coisa que possa servir de ameaça. Organize turnos. Quero aquele lugar sob forte vigilância vinte e quatro horas por dia. Ninguém entra sem autorização expressa de alguma das pessoas desta sala; fui claro? — Matheus chamou um oficial que se encontrava do lado de fora e começou a disparar ordens.

O homem bateu continência e saiu às pressas.

Matheus agradeceu a Alex e pediu-lhe que coletasse todas as informações que conseguisse e encaminhasse um relatório o mais rápido possível. Ele desejava saber qual o tipo de detonador usado, o explosivo empregado, o tamanho do artefato e tudo o mais que a equipe conseguisse descobrir. Em seguida tornou a agradecer e dispensou-o, ficando a sós com sua família. Meneando a cabeça, Matheus se jogou numa cadeira, preocupado.

— Muito bem, agora nós temos um problema sem precedentes. Vou acionar a polícia, temos de conduzir uma investigação. Há um traidor entre nós. Alguém zangado o suficiente para tentar matar vocês dois, Mari. E, claro, em virtude da posição que ocupa aqui, creio que é possível afirmar que o alvo principal era o meu pai.

— Eu concordo, Matheus. Infelizmente Ivan acumulou alguns desafetos ao longo da vida. Contudo, acho que nem ele seria capaz de supor que algum desses inimigos teria coragem para tentar matá-lo. — Mariana engoliu em seco. Imaginar alguém preparando uma emboscada para ela e o marido era assustador.

Matheus avisou o chefe da polícia de Ilhabela, que abriu um inquérito por dupla tentativa de homicídio. As investigações começaram imediatamente. Um alerta geral foi emitido avisando a todos na cidade que havia uma conspiração para o assassinato de Ivan, e que todos deveriam reportar qualquer anormalidade.

Ivan recebeu com serenidade as notícias de Matheus e Mariana, enquanto membros das forças de segurança reviravam sua casa em busca de algo suspeito. Nada foi encontrado, mas todos sabiam que era cedo para comemorar.

— De fato, confesso que não esperava algo desse tipo a essa altura da minha vida — Ivan comentou, sincero. — Mas tudo bem, eu nunca fui nem pretendo ser uma unanimidade, já pisei em muitos calos.

— Sim, e na prática não é difícil achar suspeitos. Temos algumas pessoas que se beneficiariam com sua morte. E iremos investigar todas, sem exceção — Matheus garantiu com olhar gélido.

Assim, todas as pessoas mais próximas de Ivan e Mariana foram convocadas, além de aliados, rivais e subordinados.

Alessandro e Marcos, adversários políticos declarados de Ivan, foram os primeiros a serem chamados. Uriel, Gisele, Zac, Oliveira, Sandra e todos os filhos também tiveram de vir. E durante o interrogatório de Eduardo, o último da lista de investigados, Matheus fez questão de estar presente. Ele detestava pensar naquilo, mas o fato de o irmão ter se envolvido numa confusão dois dias antes do atentado o colocava em evidência. Sem contar que ele falara algumas coisas que agora necessitavam de urgentes esclarecimentos.

— Matheus, eu entendo por que você está me chamando aqui. Sei que houve toda aquela confusão entre mim e o Sávio, e me arrependo daquilo. Mas passou. Imagino que talvez vocês estejam procurando alguma conexão entre as duas coisas. No entanto, sinto

informar que não tenho nada a acrescentar, desculpe. — Eduardo encarava o irmão.

— Você é meu irmão, e eu te amo. Mas esta conversa não é por causa da briga, e sim por algo que você falou e também por tudo aquilo que não falou. Você se recusou a esclarecer o ocorrido, mas mesmo assim as poucas palavras que escutei da sua boca foram suficientes para me deixar desconfiado. — Matheus deixava transparecer toda a sua preocupação.

— E o que foi que te deixou tão desconfiado assim? — Eduardo franziu a testa.

— Primeiro, sua insistência em se recusar a falar o que houve. Isso por si só levanta inúmeras suspeitas. E segundo, você disse que o nosso pai precisava de você. O que isso quer dizer?

O olhar de Eduardo agora demonstrava certa hesitação. E Matheus notou.

— Eu disse isso porque tínhamos uma missão perigosa e queria estar por perto, já que o papai insistia em participar. Foi esse o motivo. Eu queria garantir que ele ficaria bem, Matheus.

— Meu irmão, você mente mal demais, desculpe. Não sei o que está escondendo, mas agora tenho certeza absoluta de que tem algo errado em sua fala. Quero muito ouvir a verdade.

— Essa é a verdade, Matheus! Mas que droga! Por que não acredita em mim? Eu só queria proteger meu pai dos zumbis, merda! — Eduardo reclamou, irritado.

Matheus sentiu que o irmão escondia alguma coisa, porém não sabia dizer o quê. No entanto, estava convencido de que era algo relacionado ao episódio do confronto com Sávio.

— Tudo bem, Eduardo. Não vou te pressionar mais, por enquanto. Mas confesso que estou muito decepcionado. Você sabe de algo relacionado à tentativa de assassinato do nosso pai, e se recusa a falar. Sinceramente, não te reconheço mais — Matheus falou com uma nota amarga na voz. — Porém, irei sugerir que convoquemos o Sávio também. Quem sabe ele se mostra mais colaborativo...

— Faça isso, Matheus. O mais rápido que puder — Eduardo foi enfático, até meio desafiador.

Cerca de três horas depois, Sávio chegava algemado à delegacia. Os policiais relataram que ele resistira à prisão. Todos eles eram de opinião que aquele homem tinha, sem dúvida, alguma relação com o atentado.

Um dos policiais reportou:

— Ele se mostrou extremamente agressivo quando chegamos. E depois que o prendemos e dissemos que ia ter que falar a verdade, ele disse algo como “O Ivan não sabe o que é o amor de um filho por seu pai”. Esse homem odeia Ivan, Matheus. Só precisamos descobrir o porquê.

— E iremos descobrir, podem ter certeza absoluta disso. Se for necessário, iremos fazer uma acareação entre ele e Eduardo — Matheus argumentou, diante do olhar de concordância dos policiais. — Sugiro prendê-lo numa cela bem distante do meu irmão, assim eles não trocam informações durante a noite. E Deus queira que Eduardo não tenha nenhuma participação nisso.

— Como o Sávio acaba de entrar para nossa lista de principais suspeitos, eu quero que vocês façam uma busca na casa dele. Procurem qualquer coisa comprometedora, algo que possa ligá-lo de alguma forma ao crime — o delegado responsável pelo caso ordenou. — Irei obter uma autorização judicial para uma diligência.

Os soldados assentiram e se foram.

* * *

Mais tarde, naquele mesmo dia, meia dúzia de homens entrou na casa de Sávio, e Matheus era um deles. Era uma residência pequena na periferia de Ilhabela, bastante convencional, típica de um homem jovem e solteiro. Eles reviraram os dois quartos, a sala e a cozinha. Abriam todos os armários, ergueram as camas e até mesmo checaram dentro das caixas de descarga dos vasos sanitários, em busca de alguma evidência.

Mas foi nos fundos da casa, em uma pequena área de serviço, que encontraram o que procuravam. Em um armário ao lado da máquina de lavar roupa acharam uma sacola de lona um tanto rústica. E lá dentro, diversos itens comprometedores.

— Ferramentas, fios, componentes eletrônicos e... — Matheus falava à medida que retirava os objetos da sacola. — O que é isso? — Ele apanhou um saco plástico com algum tipo de massa cinzenta.

Matheus tinha quase certeza do que se tratava, mas queria a opinião de um especialista, por isso passou aquela substância para um dos técnicos da polícia científica. Ele analisou o material e deu o veredicto:

— Explosivo plástico, do mesmo tipo usado no helicóptero. É isso, amigos. Achamos nosso homem! — O policial vibrou, enquanto os demais se cumprimentavam e alguns até mesmo aplaudiam.

Todos ali nutriam imensa admiração por Ivan, e qualquer um que tivesse a ousadia de tentar matá-lo era um inimigo em potencial.

Matheus, que continuava revirando a sacola à procura de mais evidências, não cabia em si de satisfação. E ali ele achou um pequeno molho de chaves com três peças. Eram todas muito similares, de um tipo maior, mais grosso. Matheus seria capaz de apostar que não pertenciam àquela casa; não pareciam servir em nenhuma das portas pelas quais passaram. E se tinham sido escondidas junto com as demais evidências do crime, deviam estar relacionadas ao atentado que quase vitimara seu pai.

Todas as provas foram reunidas e levadas de volta para a delegacia. No dia seguinte seriam cobradas informações de Sávio. Ele tinha muito o que explicar.

No posto policial, todos comentavam as novidades. Ao que tudo indicava, o caso chegava muito próximo de um desfecho. E um dos carcereiros, ao passar pela cela de Sávio, não resistiu e fez uma provocação:

— Amanhã você vai se complicar de vez, garoto. Sugiro que não tente bancar o esperto e coopere com os investigadores. Do contrário, irá se arrepender.

— Veremos, meu caro. Veremos. — Sávio esboçava um sorriso enigmático. — Nada como um dia após o outro, não é mesmo?

Na manhã seguinte, quando o mesmo carcereiro foi levar o café da manhã de Sávio em sua cela, encontrou-o enforcado com as próprias roupas.

* * *

Matheus e Mônica observavam o legista examinando o corpo de Sávio. Sua pele escura agora apresentava uma cor acinzentada. Os olhos permaneciam semiabertos, e a língua parcialmente para fora da boca.

— Não há dúvida alguma, morte por enforcamento. Creio que nosso amigo aqui não suportou a ideia de ser acusado pela tentativa de homicídio do nosso líder e deu cabo da própria vida — o médico deduziu, acabando de verificar o cadáver.

— É, ao que tudo indica, foi isso mesmo — Matheus comentou um tanto distante, vendo o legista finalizar o exame.

— Bom, creio que o caso está encerrado, certo? — Mônica soltou um suspiro pesado. Ela não se conformava em ver um soldado jovem e com um futuro tão promissor jogando tudo fora daquele jeito.

— Não posso decidir isso. Cabe ao promotor responsável pelo inquérito concluir se vai encerrar as investigações ou não. Mas acredito que ele irá decidir pelo arquivamento. — Matheus de súbito se sentia ansioso para deixar aquele lugar.

Ele e Mônica saíram do necrotério do hospital e rumaram de volta para a delegacia. Matheus queria conversar com Eduardo mais uma vez, apenas para confirmar um ponto que considerava mal explicado, apesar de ele agora ter quase certeza de qual seria a resposta.

Chegaram à delegacia e rumaram para as celas. Matheus e Mônica tinham acesso liberado a todas as dependências daquele lugar. A carceragem encontrava-se quase vazia agora, havia apenas Eduardo e mais alguns poucos indivíduos presos naquele momento.

O casal se aproximou da porta da cela e viu Eduardo sentado na cama, que consistia de uma base de concreto com um colchão em cima. Ele lia um livro, mas, ao notar a presença dos irmãos de criação, parou a leitura e se levantou, com um olhar pesaroso.

— Já estou sabendo das notícias, sinto muito pelo Sávio. — Eduardo chegou perto das grades. — Porém, após a confirmação das suspeitas, confesso que não consigo me sentir tão triste quanto

gostaria, apesar de ele ter sido um camarada fiel e um amigo pessoal.

— Eu entendo, meu sentimento é o mesmo. — Matheus olhou para baixo e franziu a testa. — Apenas me explique uma coisa. O Sávio ameaçou o pai? Foi esse o motivo da briga e por isso você “deixou escapar”... — Ele traçou as aspas no ar, com os dedos. — ...aquela informação de que deveríamos investigá-lo?

— Exatamente. Nós estávamos bebendo juntos, e num determinado momento o Sávio começou a fazer diversas críticas ao nosso pai. Em seguida, passou a ameaças concretas. Foi quando perdi a paciência e mandei que se calasse. Ele disse que meu pai deveria morrer, eu o esmurrei e nós brigamos. O resto você já sabe. Por algum motivo, o Sávio nutria imenso ódio por ele. Infelizmente, levou os motivos para a sepultura. — Eduardo não se conformava com aquilo.

— Entendi. Era exatamente isso que eu esperava ouvir. — Matheus observou em volta. — Tudo bem, Edu, obrigado por me contar isso. Precisamos ir agora.

Ele e Mônica se despediram de Eduardo e se encaminharam para a saída. Ao passarem pela cela ocupada por Sávio, Matheus se deteve e se pôs a analisar o cubículo agora vazio.

Sobre a pequena pia de porcelana a um canto da cela de paredes brancas, manchadas por infiltrações de água, Matheus avistou uma caneca de alumínio. Todos os detentos recebiam uma para poder beber água entre uma refeição e outra. Matheus entrou na cela, que havia sido deixada aberta, e olhou em torno. Em seguida, apanhou a caneca e a observou com curiosidade.

— Tem algo te incomodando. O que é? Você percebeu alguma coisa estranha? — Mônica quis saber.

— Por enquanto, nada. Porém, algo me diz que ainda existem algumas peças faltando nesse quebra-cabeça. — Matheus guardou a caneca no bolso e a levou consigo.

* * *

O legista se preparava para iniciar a autópsia de Sávio. Ele já separara todos os equipamentos necessários, de bisturis a afastadores de costela. O cadáver fora colocado sobre uma mesa de aço inoxidável, e um potente refletor iluminava o corpo.

O médico pegou o bisturi e começou a fazer a primeira incisão, começando o corte na altura da garganta. Quando a abertura estava com cerca de dez centímetros, um estrondo abafado lhe causou um enorme sobressalto — parecia que alguém esmurrava uma porta de metal.

O legista parou com o que fazia e olhou em volta. O som forte soara muito próximo e incrivelmente distante ao mesmo tempo.

Um segundo estrondo ecoou dentro do necrotério, bem mais forte e intimidador. O médico poderia jurar que até mesmo o chão tremera dessa vez. E então o homem, assustado, se deu conta de que o som vinha daquela sala na qual se encontrava. Mais precisamente, o barulho vinha de dentro das gavetas refrigeradas nas quais os cadáveres eram guardados. Alguém esmurrava as paredes de aço dos armários de dentro para fora, tentando sair.

O legista chegou mais perto do armário, perplexo. Seria um engano? Mas a verdade era que não havia engano algum. O que estaria acontecendo?!

Um novo estrondo grotesco fez tudo estremecer, enquanto a parte frontal de uma das gavetas deformou-se inteira com a violência do golpe. O médico deu um passo para trás, assustado com a porta de metal amassada. Em seguida, um segundo golpe arrancou a peça fora, e ela foi cair no meio do necrotério.

Duas mãos imensas surgiram de dentro da gaveta, em meio à nuvem de ar gelado. E em seguida, para horror e desespero do pobre legista, o monstro de mais de dois metros de altura que Zac e Matheus haviam abatido no dia da invasão à Usina Moreno.

* * *

Aninha, ao lado de Sandra, seguia pelos corredores do hospital em direção ao necrotério. Ambas queriam acompanhar a autópsia de Sávio, pois não poderia haver dúvidas quanto à causa da morte.

Esse aspecto era essencial para o encerramento ou continuidade do inquérito policial.

Apesar da grande diferença de idade entre elas, as duas eram muito amigas. Embora Sandra tivesse mais de sessenta anos, idade suficiente para ser mãe de Aninha, as duas mais pareciam uma dupla de adolescentes, sempre brincando, apesar da rotina estressante do hospital.

Elas conversavam sobre os últimos acontecimentos, sobretudo a surpreendente reviravolta após o suicídio de Sávio, quando ouviram um barulho de peças de metal caindo e sendo arremessadas contra as paredes. As duas se entreolharam e correram na direção do som. Vários funcionários do hospital fizeram o mesmo, sendo seguidos por membros da segurança.

Quando entraram no corredor, as duas viram o momento exato em que três soldados invadiram o necrotério, de fuzis em punho. De lá de dentro vinham os gritos do médico legista, que implorava por ajuda.

— O que está acontecendo aqui?! O que está havendo?! — Sandra perguntava aos gritos para uma Aninha tão atônita quanto ela.

Em instantes, ambas se aproximaram da porta. Berros, palavras de ordem, urros e o som de disparos dos fuzis chegavam cada vez mais nítidos até elas.

E quando as duas amigas olharam para o necrotério, depararam com um quadro absolutamente grotesco. O legista, caído no chão, tinha a cabeça esmagada. Logo atrás dele, na parede, uma mancha de sangue salpicada de restos de massa encefálica e fragmentos de ossos. Ao que parecia, ele havia sido socado contra a parede, como prego que tivesse sido fincado por um martelo. Um dos soldados jazia no chão diante delas com o rosto lavado de sangue e os ossos da face moídos; vários de seus dentes se espalhavam pelo chão.

A criatura descomunal segurava um dos soldados pela cabeça e o chacoalhava de um lado para o outro como se brincasse com um boneco, enquanto avançava contra o terceiro homem, que gritava e disparava seu fuzil, enlouquecido. As pernas e os braços do soldado balançavam no ar, inertes.

O homem que tentava abater o monstro bateu as costas contra a parede no exato momento em que se deu conta de que seu fuzil não tinha mais munição. Ele olhou para a criatura, que se agigantava diante de si, e engoliu em seco, ciente de que seu tempo na Terra se esgotara.

Sandra e Aninha congelaram naquele momento, estupefatas. Não podiam acreditar no que viam. Aquela coisa fora morta semanas atrás... Como poderia estar ali, de pé, diante delas?

A aberração arremessou longe o soldado que segurava displicentemente. Ele voou pelo ar, bateu contra o teto e se espatifou no chão, com diversos ossos reduzidos a cacos. Então, a criatura parou diante do soldado assustado, encarando-o de forma feroz, alucinada. Os lábios tremiam de fúria, e uma baba amarelada escorria pelo canto da sua boca. Os gigantescos olhos vermelhos estavam arregalados, saltados para fora.

— Foda-se, seu desgraçado! — O soldado jogou o fuzil de lado e levou a mão ao coldre para tentar sacar a pistola.

O ser avançou contra ele e arreganhou a boca numa extensão inimaginável, muito mais do que qualquer ser humano seria capaz de fazer. A mandíbula parecia ter se desencaixado da sua articulação para permitir uma abertura muito maior. Aquela criatura seria capaz de engolir um frango inteiro com uma única abocanhada.

Com uma das mãos ele agarrou o pescoço do soldado; com a outra, segurou seu ombro. E mordeu o pescoço do rapaz com a ferocidade de um leão, enquanto erguia o corpo do moribundo do chão com imensa facilidade. Tamanha foi a força da mordida que separou a cabeça do soldado do corpo. O monstro mastigou a carne e os ossos do soldado de forma indistinta.

Na sequência ele arremessou a cabeça de lado, que saiu rolando pelo piso, e então a fera foi se ocupar do corpo do combatente morto. A criatura rasgou o tórax ao meio, dividindo o cadáver em dois. Depois começou a devorar as vísceras ruidosamente.

Sem dizer uma única palavra, Sandra e Aninha entraram no necrotério. Sandra arrancou o fuzil do cadáver do soldado caído no chão com o rosto desfigurado. Aninha pegou a arma do combatente cujo corpo havia sido arremessado contra o teto. E, sem nenhum

aviso, ambas abriram fogo contra a criatura, que ainda permanecia de costas para elas.

Sandra alvejou o ser na altura da nuca e na parte posterior da cabeça. Aninha concentrou o fogo nas costas da fera, contando com o fato de que o desgraçado iria se virar.

E quando o zumbi, num misto de surpresa e ódio se voltou na direção delas, Aninha crivou de balas a sua cara. Os tiros da potente arma de fogo despedaçaram o nariz, rasgaram a boca, quebraram o maxilar e arrancaram vários pedaços do crânio, mas não conseguiram arrebentar o cérebro do zumbi. No entanto, surtiram ao menos parte do resultado esperado.

Cego de dor, ele se desequilibrou para trás, tropeçando nos restos do cadáver do soldado morto. A criatura bateu contra a janela, despedaçando-a, projetando seu imenso corpo para fora.

As duas amigas, vendo o ser desnorteado, concentraram o fogo no seu peito, atingindo-o com vários disparos certos. Um último tiro vindo do fuzil de Aninha entrou pela clavícula do ser, fazendo-o cair para trás, urrando de raiva. O zumbi girou sobre o batente da janela e desabou no meio do estacionamento do hospital, espatifando-se por completo.

As duas amigas avançaram lado a lado, com os fuzis em punho e na altura dos olhos, com a mira pronta. Qualquer movimento e bastava puxar o gatilho. Mas quando chegaram à janela e olharam para o estacionamento, as duas médicas constataram que não havia mais nada que pudessem fazer — o desgraçado havia desaparecido.

Elas baixaram as armas lentamente e por fim conseguiram respirar. Entreolharam-se, enquanto vários outros soldados adentravam a sala às pressas. Um deles, ao ver o cadáver despedaçado de um dos combatentes mortos, vomitou.

— O que foi isso?! Aquele monstro tinha sido morto com a cabeça em pedaços, e agora está correndo por aí, matando gente! — Sandra pendurou o fuzil no ombro. O peso da arma era uma sensação familiar; felizmente não havia perdido a prática.

— Tivemos sorte, pois conseguimos afetar uma coisa que nem mesmo três soldados conseguiram enfrentar. — Aninha limpou o suor da testa. — Agora, tenho uma dúvida. Temos ao menos duas

pessoas mortas que não sabemos afirmar se foram mordidas ou não. O que faremos com elas?

Sandra ponderou por um instante sobre aquilo e concluiu que Aninha tinha razão. Elas não presenciaram o ataque ao médico nem ao primeiro soldado. Caso eles tivessem sido mordidos e se transformassem, poderia se dar uma tragédia de imprevisíveis proporções.

— Eu acho que sei o que devemos fazer. Abra a primeira gaveta daquele armário, pegue o que há lá dentro e traga pra mim. — Sandra indicou um móvel de aço mais à frente.

Aninha assentiu e foi até o armário. Quando se aproximou, avistou o cadáver de Sávio jogado em um canto com o peito semiaberto. Pelo visto, ele havia sido derrubado durante a confusão. Ela abriu a gaveta do armário, curiosa de saber o que havia dentro. Aninha estacou, imaginando que talvez tivesse entendido errado.

— Sandra, tem certeza de que é isso que você quer? — Aninha perguntou, perplexa.

— Sim, absoluta. Traga isso aqui, rápido. — Sandra se ajoelhou ao lado do médico morto.

Aninha pegou o utensílio que Sandra pedira e retornou rápido, procurando uma tomada elétrica para ligá-lo. Ela segurava uma serra cirúrgica usada sobretudo em autópsias e amputações.

Um dos soldados, que observava tudo ainda trêmulo, fez o sinal da cruz quando se deu conta do que estava para acontecer.

Sem perda de tempo, Sandra cortou fora as cabeças de todos os mortos.

* * *

Matheus e Mônica chegaram ao hospital com um regimento inteiro de soldados, além de dois Urutus. Fora decretado toque de recolher imediato na cidade inteira. Todos os moradores haviam sido instruídos a irem para suas residências e permanecerem com as portas e janelas trancadas.

Mais de mil soldados passaram a patrulhar as ruas de Ilhabela em busca da aberração. Os melhores rastreadores foram convocados

para tentar encontrar pistas que levassem ao paradeiro da criatura, e houve consenso entre eles; a aberração havia fugido para a floresta.

Matheus recebeu os relatos com preocupação. Se o zumbi de fato se refugiara na mata, uma missão para localizá-lo seria muito mais complicada e perigosa. Ele precisava pensar se iria correr tamanho risco.

— Qual a opinião de vocês? Partimos em busca desse desgraçado?

— Matheus perguntou para Zac e Gisele.

— Eu acho que devemos esperar um pouco. Vamos cercar o parque e manter todos a postos. Mais cedo ou mais tarde a aberração vai sentir fome e acabará se aproximando da cidade. Se estivermos preparados, teremos a chance de fazer uma emboscada. Nesse caso em particular, acho mais prudente bancar a caça, e não o caçador — Gisele argumentou, debruçada sobre o mapa do gigantesco parque de Ilhabela.

— Concordo com ela, Matheus. O parque é um labirinto, você sabe disso. No meio da mata, seremos presas fáceis para aquele monstro, e cada um de nós que ele atacar pode se transformar em uma coisa idêntica, segundo os estudos da Sandra. Se esperarmos do lado de fora, tiramos a vantagem dele de nos emboscar, pois estaremos em campo aberto — Zac falou, convicto.

Matheus refletiu sobre aquilo e decidiu que os amigos tinham razão. Eles precisavam ter uma estratégia muito clara e coerente naquele momento, e ingressar na mata como um bando de caçadores num safári não parecia uma boa ideia. Além disso, não podiam correr o risco de ter mais pessoas se transformando naquela monstruosidade.

Diante de tal cenário, tinham sido organizados postos de controle, e a cidade inteira era mantida sob vigilância. Pela primeira vez em décadas, Ilhabela encontrava-se sob a ameaça direta de um zumbi, e dessa vez ninguém sabia o que esperar.

— Só sei de uma coisa: aquele que o encontrar deve cortar-lhe a cabeça imediatamente. Estou convencida de que esse é o único jeito de matá-lo — Sandra disse. — Aquela criatura tinha morrido com a

cabeça cheia de buracos de bala, e duas semanas depois retornou do inferno, que é de onde eu acho que ela saiu.

— Você tem toda a razão. Vamos passar essa instrução para todos. A aberração conseguiu se recuperar dos ferimentos, mas duvido que seja capaz de fazer crescer uma nova cabeça; isso eu não acredito ser possível. — Matheus respirou fundo.

Quando iam deixando o hospital, Matheus reparou em um homem sendo conduzido à saída numa cadeira de rodas por uma enfermeira. Devia se tratar de um paciente recebendo alta. Matheus o conhecia de algum lugar, mas a memória o traía. Por isso achou mais fácil perguntar para Sandra de quem se tratava.

— Trata-se do chefe da carceragem da delegacia. Lembra dele? Você queria pedir uma autorização para que o Eduardo pudesse visitar seu pai. No entanto, o pobre homem adoecera e fora internado algumas horas antes do atentado que quase matou o Ivan e a Mariana. Ele sofreu algum tipo de envenenamento acidental, e só recebeu alta agora.

Matheus parou diante da médica. Zac, Gisele e Mônica viram o semblante dele e também se detiveram. O olhar do general deixava claro que algo estava errado.

— Como assim? Envenenamento acidental? O que isso significa?
— Matheus franziu a testa.

— Bom, de fato não conseguimos identificar o que houve. Ele ingeriu algo estranho, que causou uma forte reação em seu organismo. Nem mesmo o paciente soube dizer o que aconteceu. — Diante do questionamento de Matheus, Sandra também ficara preocupada. Ela se empenhara tanto nos cuidados do chefe da carceragem, além dos vários episódios anormais naquelas semanas, que agora sentia que deixara passar algo.

— Sandra, diga-me uma coisa. Esse envenenamento poderia ter sido causado por algo saído daqui deste hospital? Algum tipo de medicamento existente aqui? — Matheus a encarava, muito sério.

Sandra pensou por alguns instantes. Ela ainda não havia conseguido entender aonde ele queria chegar, mas precisava tentar responder àquela pergunta. E a resposta era óbvia.

— Sim. Existem medicamentos aqui que, se administrados em grande quantidade, poderiam acarretar os problemas que ele teve. E desculpe-me a franqueza, Matheus, mas eu gostaria muito de saber o que se passa na sua cabeça. Confesso que estou ficando preocupada.

— Sossegue, não estou desconfiado de você. Eu já entendi que não deu pra identificar a substância em questão. Mas seria possível tentar descobrir se existem vestígios da mesma substância localizada no organismo do carcereiro em outro lugar?

— Depende. Em que lugar você quer que procuremos? — Sandra franziu a testa.

— Aqui. — Matheus mostrou um volume embrulhado num plástico, um pacote que vinha carregando consigo o tempo todo. — Eu gostaria de saber se existem traços do mesmo produto nisto aqui.

Tratava-se da caneca de alumínio que Matheus encontrara na cela de Sávio, no dia seguinte ao suicídio.

* * *

A confirmação das suspeitas de Matheus veio no dia seguinte, após algumas análises laboratoriais feitas às pressas por membros da equipe do hospital. A mesma substância que intoxicara o carcereiro fora encontrada na caneca e também no cadáver de Sávio.

— Você tinha razão, Matheus. Encontramos os mesmos elementos. Sávio ingeriu o mesmo produto que o carcereiro. A causa da morte foi, de fato, asfixia por enforcamento, mas não há dúvidas de que ele foi drogado — Sandra explicou.

— E nesse caso, temos que passar a considerar a hipótese de que ele foi assassinado, correto? — Matheus bateu os dedos na madeira da mesa.

— Podemos afirmar que foi homicídio. Digo isso baseada no fato de que, de posse do resultado dos exames, descobri que a substância em questão era algum tipo de calmante bem potente. Sávio foi dopado antes de morrer.

— E o carcereiro que passou mal? Por que ele ficou tão doente assim? — Mônica indagou, interessada.

— A dosagem que ele recebeu foi muito maior. É provável que a ideia tenha sido apenas deixá-lo grogue, mas quem administrou o remédio errou completamente a dose e quase o matou por causa disso. — Sandra balançou a cabeça.

Outro carcereiro os acompanhava, um homem calvo, baixo e um pouco fora de forma, o mesmo que assumira a responsabilidade pelos presos da delegacia enquanto o chefe da carceragem permaneceu hospitalizado. Seu nome era Carlos e ele estava desconcertado.

— Carlos, alguém visitou o Sávio no dia em que ele foi preso? Passaram-se apenas doze horas entre o momento da prisão até encontrarmos seu cadáver. Alguma pessoa deve tê-lo visitado nesse período — o delegado questionou, enérgico.

— Não, senhor. Ninguém apareceu. Acho que nem família ele tinha — o carcereiro respondeu, intimidado.

— E existe alguma chance de ele ter levado o remédio consigo? Talvez com a intenção de se matar... — A pergunta foi mera formalidade, pois no fundo o delegado não considerava aquela teoria.

— Sob hipótese alguma. Nenhum encarcerado leva nada para a cela, tudo que eles usam, inclusive as roupas, é fornecido por nós. Ele não entrou com esse remédio lá, posso assegurar — Carlos afirmou com convicção.

— E existe a possibilidade de algum outro preso ter tido contato com ele? — O delegado franziu a testa, cismado.

— Não, senhor. Os presos ficam em celas individuais feitas de concreto, trancados com chaves e cadeados. Para que algum deles saísse, seria necessário arrombar a porta, o que é humanamente impossível, e teria deixado rastros indisfarçáveis. E a câmara de segurança no *hall* da delegacia mostra que absolutamente ninguém entrou na área das celas após as nove horas da noite.

— Sandra, qual a hora estimada da morte do Sávio?

— Entre três e quatro horas da manhã, delegado. Pode haver alguma variação mínima, mas a princípio não deve ser muito

diferente disso.

— Portanto, vocês estão me dizendo que é impossível alguém tê-lo matado, seja um preso, um carcereiro ou mesmo uma visita? É isso? — O delegado não disfarçava a irritação.

— Senhor, perdoe-me, mas não vejo uma explicação lógica. Não faço ideia de como a droga foi parar lá dentro, nem de como alguém pode ter chegado até ele. — Carlos suspirou, pesaroso.

Matheus e Sandra entreolharam-se. Toda aquela história era muito estranha, com seus diversos pontos inexplicáveis.

Chegaram à conclusão que não havia nada que eles pudessem fazer por ora. A polícia prosseguiria com as investigações e, caso descobrissem alguma novidade, entrariam em contato.

Matheus e Mônica despediram-se de Sandra, do delegado e do carcereiro, e retornavam a sua casa quando Matheus decidiu fazer uma visita ao pai. Sabia que Ivan iria gostar de ser mantido a par de todas as novidades, mesmo estando proibido de fazer qualquer esforço.

Mônica acabou pedindo para Matheus ir sozinho, pois queria chegar logo em casa. Mas pediu que ele fosse cuidadoso e não chegasse depois de escurecer. Ela não se sentia tranquila com a ideia de um monstro vagando livremente pela ilha.

Matheus concordou e rumou na direção da casa de Ivan e Mariana. Ele sabia que Isabel vinha ajudando a cuidar de seu pai, porque Mariana precisou se ausentar. Ela vinha tentando colaborar com Uriel na administração da cidade.

Era um alívio poder contar com a ajuda dela. Ivan encontrava-se temporariamente preso a uma cadeira de rodas e necessitava de toda a ajuda possível. E naquele momento todos os filhos estavam atolados de afazeres.

Matheus estacionou em frente a casa e saiu do carro com o fuzil pendurado no ombro. Não pretendia correr riscos desnecessários. Até acharem a aberração, teriam que se cercar de cuidados.

Mal havia trancado o veículo quando um som estranho chamou sua atenção. Parecia o barulho de diversos móveis rangendo ao mesmo tempo, algo estranho, incomum. Matheus procurou a origem do barulho, bastante alto e incômodo, e se deu conta de que partia

da casa do pai. Parecia que algo grande acontecia lá dentro naquele momento.

Ele se arrepiou com uma súbita ideia. E se a aberração estivesse lá e o seu pai corresse perigo?

Com o coração a mil, Matheus correu e tentou abrir a porta, sem sucesso. Ao perceber que estava trancada, começou a esmurrá-la sem parar, gritando:

— Pai, Isabel, vocês estão aí? O que está acontecendo? Abram a porta! — Matheus socava a madeira sem cessar.

De repente, o estrondo de algo muito pesado caindo no chão chegou claramente aos ouvidos de Matheus, que sentiu o coração disparar no peito. Definitivamente havia algo errado.

— Pai! O que houve? PAI!!!

O general deu um passo para trás, destravou o fuzil e deu um violento chute na porta, arrebatando a madeira e arrombando-a de imediato. Em seguida, ele invadiu a casa com a arma em posição de tiro.

Para sua imensa surpresa, entretanto, ele encontrou Ivan e Isabel sentados, um de frente para o outro, ela em uma poltrona, e ele na cadeira de rodas, olhando-o como se nada houvesse acontecido. Mas havia algo estranho nas expressões de ambos.

— Filho, o que foi? Por que você destruiu minha porta? — Ivan perguntou, com uma expressão de perplexidade um tanto deslocada.

— Pai, eu ouvi um barulho estranho e depois outro som... Vocês estão bem? O que está acontecendo? — Matheus ficou muito cismado, com a estranha sensação de que havia interrompido algo.

— Nós estamos ótimos, filho. Não tem nada de errado. Isabel veio me fazer companhia, estávamos apenas conversando — Ivan disse com naturalidade. — Quem não está bem é a minha porta. Você vai precisar consertar isso.

— Claro, pai. Pode deixar... — Matheus falou olhando em volta. — Vocês têm certeza absoluta de que...

Foi quando Matheus notou algo estranho: o sofá fora de lugar, seguramente uns cinquenta centímetros de distância do local usual. E viu uma das cadeiras caída no chão.

— Por que o sofá está assim? E o que houve com a cadeira? — Matheus franziu a testa.

— Ah, fui eu que empurrei o sofá, enquanto procurava uma coisa para seu pai e me esqueci de colocar de volta no lugar. Em seguida, fui desastrada e acabei esbarrando na cadeira, por isso fez barulho. Você deve tê-la escutado caindo. — Isabel sorriu.

Matheus analisava os dois. Realmente parecia estar tudo bem, mas ele sabia no íntimo que ambos escondiam algo. E naquele momento, não estava disposto a correr riscos.

— Pai, me desculpe, o senhor se incomodaria se eu desse uma olhada na casa? Apenas por precaução? — Matheus temia ser invasivo ou mesmo inconveniente.

— Fique à vontade, filho. Aproveite, sente-se conosco e beba algo, quero saber de todas as novidades. E se você achar meu diário por aí, traga-o para mim, ele desapareceu.

Matheus fez uma busca completa pela casa e concluiu que não havia nenhum tipo de ameaça. Depois disso, sentou-se com o pai e Isabel, e colocou-os a par dos últimos acontecimentos. Após mandar que viessem reparar a porta, ele se despediu de ambos e foi para casa antes do anoitecer, conforme prometera à esposa.

Após a saída dele, Ivan e Isabel entreolharam-se, aliviados por estarem sozinhos de novo.

— O que você acha, Ivan? Será que o Matheus desconfiou de algo?

— Com certeza absoluta ele não engoliu sua explicação. Mas duvido que tenha sequer chegado perto da verdade. — Ivan mordeu o lábio inferior. — Isabel, há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Há uns dez anos, para ser bem sincera. Eu pensei mil vezes se deveria contar pra alguém ou não. Fiquei com muito receio de qual poderia ser a reação das pessoas caso isso viesse a público. Mas confesso que não conseguia mais guardar segredo. Nem meus filhos sabem o que está acontecendo. — O desânimo de Isabel deixava claro o quanto aquela situação a estava consumindo.

— Você poderia ter confiado em mim. Nós somos amigos. Sabe que eu teria ficado do seu lado — Ivan argumentou, olhos nos olhos. — Pretende continuar escondendo isso dos demais?

— Sim, eu gostaria. Não estou pronta para revelar a mais ninguém. Posso contar com a sua discrição? — Isabel o encarava, séria.

— Seu segredo está seguro comigo. Confie em mim. — Ivan segurou as mãos da amiga.

* * *

Os dias seguintes não trouxeram novidades. A Usina Moreno permanecia segura e começava a retomar suas operações. Ivan se recuperava bem. A única preocupação era que a aberração desaparecera sem deixar vestígios. Também se aproximava a hora do julgamento de Eduardo, o que era um ponto de tensão para a família. Apesar de saberem que ele cometera um erro, ninguém queria que Eduardo fosse condenado; ainda mais considerando o fato de que agira em defesa do pai.

A polícia já dava sinais de que poderia encerrar o caso do atentado contra Ivan e decretar que Sávio simplesmente tentara assassiná-lo e em seguida se suicidara, por mais que essa tese tivesse pontos falhos. Não parecia haver outra explicação. E era justo esse ponto que deixava Matheus angustiado. No íntimo ele tinha convicção de que havia algo mais.

Tratava-se de um mistério sem lógica. A não ser que...

Foi quando Matheus se lembrou de uma frase que Estela pronunciara muitos anos antes. Ela dizia que a lógica regia tudo, e quando um problema desafiava essa regra universal, era o momento ideal para buscar mais informações fora do problema. Sempre é preciso se distanciar e olhar aquele fato isolado dentro de um todo, pela óptica de algo maior.

Com esse conselho em mente, Matheus retornou à delegacia com um pedido que deixou o delegado bastante curioso:

— Delegado, o senhor tem um registro de todos os crimes e ocorrências das últimas semanas?

— Sim, claro. Como você sabe, a nossa cidade é muito pacífica, pois a presença das forças de segurança é constante. Portanto, os poucos problemas que temos são todos registrados no livro de

ocorrências. O caso do atentado contra seu pai é o mais grave que já tivemos desde a criação da comunidade — o delegado informou.

— Por gentileza, eu posso ver o livro? Gostaria de analisar algo — Matheus pediu.

O delegado assentiu e saiu da sala, deixando-o a sós com suas teorias. Matheus não sabia bem o que devia procurar, mas tinha convicção de que poderia encontrar algo que, de alguma forma, pudesse lançar luz sobre os acontecimentos.

Em instantes o delegado retornou com o livro de ocorrências. Tratava-se na realidade de um caderno grande, de capa dura preta, no qual eram escritas à mão todas as denúncias e queixas, que em geral não passavam de brigas de bar, pequenos furtos ou episódios isolados de vandalismo.

Matheus começou a folhear as páginas, lendo cada descrição atentamente. De fato eram poucos ocorridos, não mais do que alguns eventos por mês.

Ele encontrou o registro do atentado ao seu pai, no qual havia o número do inquérito policial, esse sim um arquivo maior em que eram anexadas todas as evidências e provas. Também localizou a ocorrência da briga entre Eduardo e Sávio. E no dia anterior ao episódio, ele viu algo que lhe chamou a atenção. Tratava-se de uma ocorrência descrevendo o arrombamento de uma loja, seguido do roubo de alguns poucos itens. A parte curiosa era que a tal loja nada mais era do que uma fabriqueta de confecção de chaves.

— De acordo com os registros, alguém arrombou uma pequena empresa que faz instalação de fechaduras, cópias de chave e outras coisas do gênero. É isso mesmo, delegado?

— Sim, general. Alguém, pelo visto, queria fazer as cópias de algumas chaves e não tinha dinheiro para pagar. Como foi um delito insignificante, trata-se de um caso sem inquérito policial.

— Bom, pelo que vejo aqui, alguém fez cerca de vinte cópias de chaves. Havia evidências de que o invasor ficou horas dentro da oficina trabalhando. Por que alguém precisaria de tantas cópias? — Matheus franziu a testa, cismado.

— De fato é estranho. Não sei dizer. — O delegado se perguntava o que aquele fato poderia representar.

Matheus refletiu um pouco sobre aquilo tudo. Havia algo a respeito daquele assunto que o incomodava, pois no fundo ele enxergava alguma conexão. Foi quando encontrou um envelope colado à página da ocorrência. Matheus o abriu e tirou dele algumas fotos tiradas no local do delito.

— Às vezes fazemos isso. Quando não abrimos inquérito, mas temos alguma evidência para anexar à ocorrência, colocamos no caderno mesmo. Essas fotos foram tiradas pelo proprietário do estabelecimento, e por isso as deixamos junto com a descrição da invasão — o delegado explicou.

Matheus foi passando uma fotografia de cada vez. O dono do lugar fotografara a bancada de trabalho suja com restos de chaves, a porta arrombada e os modelos de chaves roubados. E um deles em particular pareceu saltar à sua frente: uma chave diferente, grossa. No verso da fotografia, constava uma anotação feita a lápis na qual se lia “Faltam três peças”. Matheus lembrou-se de algo, uma parte estranha de toda aquela situação e que agora parecia mostrar que suas suspeitas faziam sentido.

— Delegado, lembra que encontramos na casa do Sávio diversos itens que concluímos que eram os restos dos materiais usados para montar o artefato que derrubou o helicóptero?

— Claro, general. Estão todos na sala de provas, relacionados ao inquérito do seu pai. O que têm eles?

— Havia um molho de chaves, eu me recordo bem. O senhor pode, por favor, trazê-lo até aqui?

O homem arregalou os olhos, pois acabara de entender aonde o general queria chegar, e foi rapidamente à sala de provas. Ele voltou em instantes com uma caixa de plástico, com vários itens numerados e, do lado de fora da peça, a identificação do inquérito policial.

Matheus começou a revirar os objetos, procurando o molho de chaves. E quando o encontrou, não teve dúvidas: as três chaves eram exatamente iguais àquelas que haviam sido roubadas da oficina do chaveiro.

— Aqui está. Já temos mais o que explorar. Os dois crimes estão interligados. Pelo visto, nosso amigo Sávio precisava fazer diversas

cópias de chaves com extrema urgência e sigilo, e acabou invadindo a oficina para realizar o seu intento. — Matheus olhava agora com muito interesse as outras chaves roubadas.

— Para que será que servem essas três?

— O senhor vai dar risada, mas eu já tenho uma desconfiança com relação a elas. Sou capaz de apostar que sei quais portas elas abrem. Só não consigo entender por que foram feitas várias outras cópias de chaves e o que elas significam; e ignoro onde estão. Se foi o Sávio que as fez, só podem estar relacionadas a esse caso.

Aquilo surpreendeu o delegado.

Naquele momento Daniel, um dos carcereiros, entrou na sala do delegado, trazendo alguns formulários para ele analisar e assinar depois. À cintura, ele também trazia um molho de chaves com várias peças.

Matheus congelou diante daquilo; ele captara algo que até aquele dia lhe passara despercebido. Agora, porém, diante daquele fato novo, tudo enfim começava a fazer sentido. Era algo terrível, mas havia uma chance real de ser verdade.

— Delegado, preciso de uma informação urgente, e depois teremos que sair. Estou com uma desconfiança horrível, e espero estar errado. — Matheus se ergueu às pressas.

— Não é possível... O que foi que você conseguiu perceber em tão pouco tempo? Do que desconfia?

— O Sávio tinha um cúmplice, e eu tenho quase certeza de que sei quem ele é e onde está.

O delegado ficou estarrecido diante da afirmação do general.

CAPÍTULO 12

INGRATIDÃO



ERA NOITE QUANDO MATHEUS e o delegado voltaram à delegacia, após um dia intenso. Eles estiveram em seis lugares diferentes fazendo diligências em várias casas, mas agora tinham fortes indícios de quem era o cúmplice e assassino de Sávio.

Porém, Matheus precisava conversar com certa pessoa, e por isso foi direto para as celas do posto policial. Ele queria falar com Eduardo.

O irmão mais velho de Matheus, ao vê-lo parado no corredor, abriu um sorriso. Mas logo ele notou que o irmão mostrava um semblante estranho, quase indecifrável. O delegado e mais um policial acompanhavam-no, observando tudo.

— Salve, irmão! Que bons ventos o trazem aqui?

— Eu vim à delegacia porque estou ajudando na investigação da tentativa de homicídio do meu pai, Eduardo — Matheus afirmou, sério. — E é sobre isso que quero falar com você.

— Desde quando você é investigador, Matheus? Essa sua faceta é novidade pra mim! — Eduardo comentou, surpreso.

— Pra mim também, mas decidi ajudar quando me dei conta de que alguém havia tentado assassinar o meu pai. Ao fazer isso, essa pessoa se tornou minha inimiga.

— Concordo com você, irmão. Qualquer um que se volte contra o meu pai tem que pagar caro — Eduardo falou com sinceridade, com uma pitada indisfarçável de ódio na voz.

— Eu entendo... Só estou em dúvida sobre um ponto que preciso muito que você me explique... — Matheus se aproximou mais das grades. — De qual pai você está falando?

Eduardo fitou Matheus surpreso, tentando entender a extensão daquelas palavras.

— O que você está...

— Eduardo, me deixa explicar. Como você bem sabe, meu pai quase morreu em um atentado a bomba que derrubou seu helicóptero. Pensamos a princípio que se tratava de um acidente, mas de alguma forma misteriosa o Black Hawk simplesmente emergiu do fundo do mar, revelando a verdade. Quando ficou claro que se tratava de uma tentativa de homicídio, interrogamos todo o mundo, inclusive você e o Sávio, pois você tinha dito que precisava proteger meu pai de algo, e isso soou muito estranho. Quando fomos interrogar o Sávio, ele tentou fugir. E assim ele praticamente assinou uma confissão de culpa. E ao revistar a casa dele, encontramos inúmeras provas de que ele fora um dos responsáveis pelo atentado. — Matheus fez uma pausa. — Eu me perguntava o tempo todo por que ele teria agido daquela forma. Por que tinha tanta certeza de que estávamos indo prendê-lo, sendo que ele nem era o nosso principal suspeito ainda?

— É simples. Como eu já falei, o Sávio fez ameaças ao nosso pai. Ele deve ter concluído que eu havia contado tudo pra vocês e por isso imaginou que todos suspeitavam dele. — Eduardo deu de ombros.

— Essa foi mesmo a minha primeira conclusão, por isso imaginei que ele fosse o responsável. Mas ainda faltava o mais importante: um motivo. O Sávio simplesmente não tinha por que desejar matar meu pai. Era isso que eu pretendia descobrir, mas ele foi morto antes e levou as respostas para o túmulo.

— Ao que me consta, o Sávio se suicidou. — Eduardo franziu a testa.

— É, parecia mesmo suicídio. Mas eu encontrei uma caneca na cela dele e a guardei. E acabei descobrindo que nessa caneca existiam vestígios de um potente calmante, o mesmo que foi encontrado no organismo do Sávio e do chefe dos carcereiros, que havia passado mal dias antes. Com isso, ficou claro que ele não se matou, mas sim foi dopado e assassinado dentro da cela.

— Entendi. Essa é uma história fantástica... Bom, suponho que vocês estejam investigando os carcereiros. Eles são os únicos que teriam como entrar na cela dele e matá-lo. Todas as celas ficam trancadas o tempo todo.

— Acontece que as imagens da câmera de segurança mostram que ninguém entrou na ala das celas. O crime foi cometido por alguém que já estava aqui dentro — Matheus afirmou com toda a calma.

— Impossível, meu irmão. Pra fazer isso seria preciso...

— ...um molho de chaves igual a este, certo? — Matheus mostrou o conjunto de um dos carcereiros. — Sim, é exatamente esse o ponto. Uma oficina de fabricação de chaves foi arrombada logo depois da sua prisão, e tenho certeza, pelos modelos roubados, que alguém copiou todas as peças que abrem as celas desta delegacia.

Eduardo olhou para o irmão de forma enigmática. Era um olhar diferente de tudo o que Matheus já tinha visto na vida.

— Aonde você quer chegar, Matheus? Essa história toda é sem pé nem cabeça. Quem teria feito a cópia dessas chaves e por quê? — Eduardo perguntou um tanto irritado.

— Quem fez a cópia foi o Sávio. Nós encontramos parte das chaves copiadas na casa dele. Eu desconfiei do que se tratava e confirmei hoje; eram cópias das chaves que abrem as portas de um dos nossos arsenais, algo a que apenas alguns soldados e oficiais mais graduados têm acesso. Ele as usou para poder roubar os explosivos e detonadores usados no atentado. Essa parte nós já confirmamos, mas há alguns itens faltando.

— Bom, então está explicado. O Sávio fez as cópias das chaves da delegacia para tentar fugir, caso fosse pego. Ele queria se precaver diante da possibilidade de o plano dele dar errado. — Eduardo deu

de ombros. — O cara era bem esperto. Agora você só precisa saber qual carcereiro o ajudou.

— Ninguém da delegacia o ajudou. Ele ou outro alguém drogou o carcereiro. Lembra que encontramos o mesmo calmante no organismo do chefe de carceragem? O coitado foi dopado com uma dosagem tão alta que quase morreu. Durante o desmaio dele, o Sávio pegou as chaves, foi à oficina, fez as cópias e devolveu tudo ao seu devido lugar. O problema é que ele não teria como entrar com as chaves aqui; nenhum preso consegue entrar com nada. Por isso eu tive certeza de que ele deixou o molho de chaves com uma pessoa de dentro. Um cúmplice que também estava preso, alguém que poderia ajudá-lo a escapar se as coisas dessem errado e ele também viesse parar aqui. O comparsa que poderia ser a rota de fuga do Sávio, mas que também nunca seria suspeito, pois se encontrava encarcerado no momento do atentado. Na minha opinião, essa pessoa é o verdadeiro mentor desse crime; eu só preciso descobrir o motivo.

— Essa me parece a parte simples. Deve ser algum mercenário, trabalhando a mando de algum dos inimigos do nosso pai. Alessandro e Marcos são adversários políticos históricos. Vocês precisam interrogá-los imediatamente — Eduardo falou com urgência na voz.

— Ou talvez alguém com desejo de vingança. Uma pessoa que quisesse matar meu pai e que decidiu preparar um plano mirabolante, contando com a ajuda de um camarada extremamente fiel. — Matheus se aproximou ainda mais das grades e tirou algo de uma sacola que segurava. — Reconhece isto, irmão?

Eduardo não entendeu a princípio, mas arregalou os olhos ao ver um livro nas mãos de Matheus. Um livro muito familiar.

— Este é o diário do meu pai, Eduardo, que estava desaparecido fazia dias, e eu o achei hoje. Nele meu pai narra seus segredos mais íntimos, inclusive um episódio ocorrido trinta anos atrás e que o atormenta até hoje. Meu pai fala de duas pessoas que ele foi obrigado a matar, e como isso destruiu uma família. Essa parte inclusive estava grifada.

— Ah, Matheus, o que você...

— Eduardo, nesse diário meu pai revela como ele matou a sua mãe depois de ela ter se transformado num zumbi, e como ele matou seu pai após ele ter sido cercado por uma horda dessas criaturas desgraçadas. E eu o achei hoje NA SUA CASA! Que coisa interessante!

Eduardo, imóvel, encarava Matheus. Seu semblante não transparecia quase nenhuma emoção, apenas um quê de raiva muito bem controlada.

— Você não é mais meu irmão, você tentou matar o meu pai por vingança! — Matheus gritou num crescente de fúria, e decidiu subir o tom como um último recurso para fazê-lo falar. — Você leu este diário e, ao descobrir a verdade, decidiu se vingar. Falou com o Sávio e armou essa história da briga. Enquanto você era preso, ele roubou o calmante do hospital. Dias depois o Sávio foi à delegacia e dopou o carcereiro, roubando as chaves, fazendo as cópias e por fim devolvendo as originais ao lugar, deixando as cópias e o resto do sedativo com você, a seu pedido. O Sávio realizou o atentado e escondeu as evidências na casa dele, mas se apavorou ao ver os policiais. Creio que ele pensou que você o tivesse traído. Quando o Sávio foi preso, logo na primeira noite você saiu da sua cela e o procurou de madrugada. E provavelmente em um momento de distração dele, você o dopou e o matou, tentando assim jogar toda a culpa sobre o infeliz. — Matheus meneou a cabeça. — Você é um ingrato desgraçado que tentou matar o homem que o acolheu como um filho!

— FILHO?! Eu não sou filho daquele canalha! Meu pai chamava-se Oswaldo, e ele morreu porque o Ivan o largou para trás ainda vivo para ser devorado pelos zumbis, fugindo como um covarde! Essa é a verdade. Seu pai não me acolheu e a meus irmão por ter sentimentos paternos por nós, Matheus. Ele fez isso por remorso!

— Ele fez isso porque é um homem decente! Protegeu sua família, e é assim que você retribuiu! Você não passa de um dissimulado e rancoroso, que decidiu se voltar contra a mão que te alimentou!

Eduardo deu dois passos para trás, sem parar de encarar Matheus. Seu olhar se tornara de escárnio, como se também desprezasse o irmão de criação.

— Seu pai me amava tanto que fez de você nosso general. Eu sou o mais velho e o mais experiente, mas ele escolheu o filho dele. O Ivan se considera o rei deste lugar, e somente seu próprio sangue é digno de substituí-lo — Eduardo cuspiu as palavras. — Meus parabéns, “irmãozinho”. Você matou uma boa parte da charada, mas faltaram alguns detalhes. E o mais importante de todos diz respeito à noite em que o Sávio trouxe as chaves e o remédio para mim.

— Ah, é? Então me conta. — Matheus, desconfiado, viu Eduardo dar mais um passo para trás.

— Você não pensou mesmo que eu ia pedir para o Sávio trazer apenas umas chaves e um frasco de calmante pra mim, certo? — Num movimento rápido, Eduardo enfiou a mão debaixo do colchão, para espanto do delegado e do policial que presenciavam a cena, puxou uma pistola e começou a disparar.

* * *

Foi tudo muito rápido. Eduardo atingiu um tiro na cabeça do delegado e outro no rosto do policial, derrubando ambos instantaneamente. Matheus deu um pulo para o lado, e isso o salvou de levar um tiro certeiro no peito. A bala atingiu seu braço esquerdo, lacerando sua carne.

O general sacou a pistola e disparou duas vezes na direção da cela, enquanto se arrastava para o extremo oposto. Ele ouviu o momento exato em que Eduardo destrancou a cela usando seu molho de chaves e saiu correndo pelo corredor, de arma em punho. Matheus atirou no irmão mais velho, que revidou. Aqueles dois, que tinham sido os melhores amigos a vida toda, agora se transformaram em inimigos mortais.

Eduardo correu na direção oposta, deixando a área das celas e chegando ao *hall*, enquanto os demais presos se jogavam no chão tentando se proteger do tiroteio.

Lutando contra a dor, Matheus levantou-se e correu para a saída, ouvindo mais disparos à sua frente. Pelo visto, Eduardo vinha abrindo passagem à bala, abatendo quem atravessava seu caminho.

Ao chegar ao *hall* da delegacia, Matheus encontrou dois policiais caídos, além de outras pessoas jogadas no chão procurando se proteger da forma que era possível. Logo adiante, a porta que levava à rua ficara escancarada. De todos os lados da delegacia, policiais armados iam surgindo, atraídos pela confusão de gritos e tiros.

Matheus correu e, ao chegar lá fora, viu um carro arrancando, cantando os pneus, erguendo uma nuvem de fumaça e desprendendo um forte cheiro de borracha queimada. Eduardo conseguira um veículo para empreender sua fuga.

Disparando sem parar, Matheus crivou de balas a lataria, destruindo o vidro traseiro e até mesmo furando um dos pneus. Mas mesmo assim o veículo continuou acelerando, com ainda mais velocidade. Fez a curva e sumiu de vista.

Eduardo escapara.

* * *

À noite, com um semblante que misturava tristeza e decepção, Ivan ouvia toda a narrativa de Matheus junto com suas filhas, perplexas.

— Meu Deus... E pensar que eu chamava esse monstro de irmão.
— Jéssica balançou a cabeça, horrorizada.

— Todos nós chamamos, e eu acho de verdade que ele gostava da gente. Mas ao ler o diário, o Eduardo simplesmente se transformou.
— Matheus exibia um grande curativo no braço. — E agora ele está solto por aí, armado e perigosíssimo.

— Espero que nós o encontremos antes que ele cometa mais algum crime. Cinco pessoas morreram durante a sua fuga. A casa dele está sob vigilância?

— Sim, Mari, o tempo todo, mas eu duvido que ele vá pra lá. Para ser franco, também não acredito que o Edu vá tentar mais alguma coisa contra o nosso pai, seria estupidez demais da parte dele. Acredito que tentará fugir de Ilhabela.

— E é exatamente isso que precisamos tentar impedir. Nas atuais circunstâncias, creio que é um risco para nós deixá-lo à solta por aí.

Além do mais, o Eduardo precisa responder pelos seus crimes. O que ele fez foi imperdoável — Mônica afirmou, implacável.

* * *

Naquele mesmo instante, a alguns quilômetros dali, Eduardo dava mais um passo no seu plano de fuga. Já era noite, e ele chegara ao Centro Náutico Ilhabela, um local que antes servia de ponto de guarda de lanchas e iates, e que se encontrava abandonado. Continuavam ali as carcaças de diversas embarcações que tinham sido destruídas pela ação do tempo, mas como tudo era inútil, raramente alguém se aproximava daquele local.

Eduardo procurava por um pequeno barco a motor que ainda funcionava. Ele e Sávio o tinham pego e escondido ali, semanas atrás. Dali Eduardo pretendia ganhar o mar e chegar ao continente.

O local era bem amplo, com paredes pintadas de amarelo e um portão de madeira verde já completamente desbotado pela maresia. E em meio às diversas embarcações estragadas, ele encontrou a que procurava.

Eduardo deu mais uma olhada em volta para se certificar de que não fora seguido e se aproximou do barco coberto por uma lona azulada e encardida. Dentro dele também havia uma mochila com algumas roupas, mais uma arma, munição e um pouco de comida e água. Tudo o que precisava para escapar. Sem perda de tempo, ele tirou a roupa de presidiário e colocou calça, botas e uma camiseta do exército. Para poder se trocar, ele deixou momentaneamente a pistola dentro do barco, e foi nesse momento, quando ele acabava de amarrar o cadarço do coturno, que ouviu uma voz bem familiar.

— Ora, ora, ora... Vejam só o que temos aqui. Acabo de encontrar o frangote traidor — Klaus falou com seu sotaque nordestino característico, segurando uma pistola Glock.

— Papa Klaus! Que surpresa encontrá-lo aqui! — Eduardo forçou um tom alegre.

— Mãos na cabeça, seu moleque filho duma égua! Eu devia era te matar aqui mesmo. Mas esse prazer eu vou deixar para o Matheus, que é um homem de verdade. Muito diferente de você, seu puto! —

Klaus cuspiu as palavras com ódio e desprezo, lutando contra sua vontade de enfiar uma bala na cabeça de Eduardo ali mesmo.

— Calma, Klaus! Vamos conversar. — Eduardo ergueu as mãos. — Você me conhece. Eu nunca cometeria os crimes dos quais estou sendo acusado! Isso tudo não passa de uma conspiração contra mim!

— Conspiração o cacete! Você é uma cobra venenosa, e eu devia era te esfolar vivo! Meu instinto me alertou sobre este lugar, e vim checar. Esse barco novo e ajeitado demais para estar aqui era tudo muito suspeito. Por isso decidi fazer uma tocaia. E aqui estamos nós, eu e o traidor covarde. Agora, trata de colocar as mãos na...

Eduardo, num gesto muito rápido, apanhou a pistola de dentro do barco e começou a atirar em meio à penumbra. Um dos tiros atingiu o peito de Klaus. O colete à prova de balas o salvou, porém o impacto o derrubou. Entretanto, Klaus caiu atirando contra Eduardo.

Eduardo pulou de lado e disparou mais duas vezes. E então constatou que sua arma estava descarregada. Boa parte da munição já havia sido gasta na fuga da delegacia. Assim, ele correu contra Klaus, que tentava fazer mira caído no chão, e aplicou um chute na mão do ex-companheiro de armas. A pistola do soldado saiu voando, indo parar em algum ponto na escuridão.

Vendo seu adversário caído e desarmado, Eduardo aplicou-lhe um pontapé nas costelas. No entanto, Klaus era muito forte, e o colete ajudou a aliviar o impacto. Eduardo tentou um segundo ataque, mas Klaus agarrou sua perna e jogou-o para trás, derrubando-o na areia que cobria o chão de todo o lugar.

Eduardo ficou de pé num salto, enquanto Klaus também se erguia e se colocava em posição de luta.

— Quem diria... Eu lutando com o temido Papa Klaus! Desculpe, mas tenho quase dez anos a menos que você, bicha velha! E eu não pretendo pegar leve. Você é capaz de lidar com um coronel das forças de segurança? — Eduardo ergueu os punhos cerrados. Seus braços eram grossos, e os bíceps quase rasgavam as mangas da camiseta.

— Ah, claro que sou capaz! Eu devoro frangotes como você no almoço todos os dias, moleque. E estou morrendo de fome,

portanto, venha para o Papa Klaus! Eu vou te ensinar a ter respeito pelo seu pai!

— Ele não é meu pai! — Eduardo gritou e avançou ferozmente contra Klaus com ímpeto homicida.

Klaus desferiu um murro tão forte contra o rosto de Eduardo que ele sentiu a mandíbula inteira se deslocar e todos os dentes estalando. As mãos do soldado eram como duas marretas.

Eduardo cambaleou e levou a mão ao rosto, atordoado. Klaus o agarrou pela gola da camiseta e desferiu um soco na boca do estômago, expulsando todo o ar dos seus pulmões. Em seguida deu mais dois murros rapidamente na linha da cintura, que fizeram seu adversário se curvar ainda mais, arfando de dor. E por último Klaus desferiu mais um golpe na têmpora do fugitivo, rasgando seu supercílio e levando Eduardo ao chão, estatelado.

— Frangote de merda! Você não é digno de ser chamado de filho de um homem honrado como o Ivan! Eu vou dar um corretivo em você, seu infeliz! — E Klaus aplicou um chute certo nas costelas de Eduardo, que rolou pela areia.

— Bicha maldita... — Eduardo murmurou.

Klaus era muito mais forte do que ele era capaz de sonhar.

— Levanta, infeliz! Os tiros já devem ter atraído alguma patrulha, e aposto que é questão de minutos para alguém chegar. Enquanto isso eu vou te amaciando, desgraçado! — Klaus fez um gesto com a mão, desafiando Eduardo a continuar a luta.

Eduardo reuniu toda sua coragem e se colocou de pé. Seu rosto estava empastado de sangue e areia, e sua cabeça latejava. Mas não pretendia se render tão facilmente. Ele avançou contra Klaus, agarrando-o pela linha da cintura e erguendo-o do chão. Os dois se chocaram contra uma grande lancha enegrecida, quase derrubando-a do suporte no qual havia sido acomodada, apesar de ela pesar toneladas. E então Eduardo começou a desferir murros contra a cintura de Klaus.

— Eu vou te matar, maldito! — Eduardo gritava, dando golpes seguidos.

— Isso é o melhor que você pode fazer, frangote? — Foi a vez de Klaus enlaçar Eduardo pela cintura, e começou a jogá-lo de um lado

para o outro.

Quando Eduardo desferiu um último golpe contra o abdômen um tanto avantajado de Klaus, sentiu uma forte cotovelada contra suas costas dada pelo seu adversário. A pancada foi tão dolorosa que as pernas de Eduardo cederam imediatamente, e ele caiu de joelhos.

Klaus o agarrou pelo colarinho, se abaixou um pouco para ficar cara a cara com Eduardo e deu-lhe uma cabeçada devastadora no rosto, quebrando-lhe o nariz e fazendo o sangue jorrar. O irmão de Matheus até virou os olhos quando despencou para trás.

Klaus apoiou as mãos nos joelhos, observando Eduardo estirado no solo. Aquele último embate o deixara sem fôlego. Com quase cinquenta anos ele já não tinha a mesma resistência de antes, apesar de a força descomunal permanecer a mesma.

— Eu te aconselho... a não levantar mais, frangote... Minha paciência se esgotou... — Klaus arfava, esticando as costas e observando Eduardo, que começava a se virar, ficando de quatro e de costas para seu oponente, fazendo menção de se erguer.

Ele tinha sido duramente castigado, mas não parecia estar pronto para desistir. Eduardo se abaixou, pegando algo no chão, o que pôs Klaus em alerta. Havia algo errado.

Foi quando Eduardo se virou com a pistola de Klaus em punho. Depois que Eduardo o desarmara, Klaus perdera sua arma de vista, e agora seu inimigo acabara de encontrá-la.

— Moleque covarde de uma figa... — Klaus murmurou estreitando os olhos, vendo sua própria pistola apontada em sua direção.

— Adeus, Klaus — Eduardo sussurrou, esgotado, passando a parte posterior da mão suja de areia no nariz, tentando limpar o sangue que escorria abundante. Em seguida, descarregou a pistola contra o corpo do seu adversário.

* * *

Douglas e Nívea chegaram correndo ao hospital, de mãos dadas. As informações que se ouviam eram desencontradas, mas davam conta de que Klaus fora encontrado gravemente ferido.

Quando entraram na emergência, várias pessoas já estavam ali, como Uriel, que parecia inconsolável. Para ele Klaus era como um pai, seu anjo protetor, o grande responsável por estar vivo. Se o amigo morresse, Uriel nunca perdoaria Eduardo.

— Cadê ele? Onde está o meu Klaus? — Douglas perguntou, esbaforido, seguido por Nívea.

— Amigos, fiquem calmos. A Aninha está com a equipe dela cuidando do Klaus. Estamos aguardando notícias. Ao menos o uso do colete à prova de balas impediu parte dos ferimentos. — Jennifer se compadecida dos dois, sobretudo de Nívea, que tinha praticamente a mesma idade dela e era uma grande amiga.

Ao ver Ivan e Mariana, Nívea se jogou nos braços de ambos. Eles a haviam batizado e tinham um carinho especial pela bela adolescente de traços indígenas.

— Padrinho! Madrinha! Por favor, não deixem meu pai morrer! — Nívea suplicou.

— Calma, meu anjo. O Klaus é muito forte, tenha fé. E a Aninha é uma médica experiente. Ela vai cuidar dele com toda a atenção que seu pai merece. — Mariana acariciava os cabelos lisos da menina.

— Jennifer, seja sincera. A situação é grave? — Douglas perguntou para a filha de Ivan que tinha acesso a informações privilegiadas por trabalhar no hospital também.

Douglas era praticamente da família. Jennifer não podia mentir em um momento como aquele, por mais que tivesse vontade.

— Ah, Douglas... eu adoro você e o Klaus. Você sabe disso. Cresci junto com a Nívea, e vocês são parte da minha família. E eu lamento ter que dizer isso, mas ele levou quase dez tiros. Sinto muito — Jennifer foi sincera.

Douglas sentiu que o chão fora retirado de sob seus pés. Até aquele momento, ele não sabia quantas vezes Klaus havia sido alvejado, mas sem dúvida um número como aquele nunca passaria pela sua cabeça.

— Tudo isso? Meu Deus... — Douglas sentia-se derrotado. No íntimo, já sabia o que viria a seguir.

Mas não esmoreceu nem demonstrou o que sentia. Amparou a filha, conversou com os amigos, passou otimismo para todos.

Durante a cirurgia, que demorou seis horas, Douglas permaneceu firme como uma rocha, do jeito como Klaus gostaria. Devia isso a seu companheiro de uma vida inteira.

E no dia seguinte, quando os primeiros raios de sol despontavam no horizonte, o grupo de amigos viu Aninha se aproximando. Ela aparentava cansaço, após permanecer tantas horas dentro do centro cirúrgico. Já havia retirado a roupa de cirurgiã e se aproximava de jaleco branco. Ao vê-la chegando, Douglas segurou a mão de Nívea, sua filha amada.

E assim, Aninha anunciou aquilo que no fundo todos já esperavam: Klaus não resistira a tantos ferimentos. O capitão partira para sempre.

Nívea e Douglas desabaram, chorando juntos de modo convulsivo, um nos braços do outro, diante do olhar de tristeza de seus amigos.

CAPÍTULO 13

O FUGITIVO



O FUNERAL DE KLAUS foi um evento terrivelmente triste. Todos os seus soldados compareceram. Para muitos, ele fora um pai, um grande guia e amigo conselheiro. Ilhabela inteira ficou de luto.

Uriel permaneceu de mãos dadas com Douglas e Nívea quando o caixão desceu à cova, acompanhado de uma estrondosa salva de palmas. Ele chorava sem parar, também amparado por seu filho, Otávio.

Zac e Gisele, abraçados, viram os coveiros começarem a cobrir o caixão com terra. Ela chorava copiosamente a morte do amigo, e o próprio Zac se sentia mal por suas várias rusgas. Só conseguia pensar agora em como Klaus era um homem de fibra, e tão fiel. Desejava ter sido menos ignorante com o antigo aliado.

Ao fim, o casal foi direto para a casa de Ivan, para uma reunião de emergência. A morte de Klaus era irreparável e exigia uma resposta enérgica, mas a situação era complicadíssima.

— Nós precisamos achar aquele canalha! Isso não pode ficar assim. O Eduardo vai pagar caro pelo que fez! — Gisele bradou, furiosa, ainda com olhos rasos d'água.

— Eu concordo. Mais do que nunca agora quero perseguir esse traidor até os confins da Terra. Mas o problema é que ninguém sabe qual direção ele tomou — Matheus respondeu com toda a franqueza.

— Ao que tudo indica, o Eduardo fugiu da ilha e está no continente agora. Não temos pista alguma pra seguir, estamos no escuro.

— Bom, sozinho em terra duvido que ele dure muito. Um berserker vai acabar desmembrando-o vivo. Só lamento não estar lá pra assistir. Que ódio! — Jéssica falou entredentes.

— Nós mandamos várias patrulhas por terra e mar; talvez ele não tenha ido longe. Porém, temos que tomar muito cuidado, não quero arriscar a vida de ninguém tentando localizar o desgraçado. — Matheus olhava fixo a mesa de madeira.

— Sim, ele tem que estar em algum lugar. Espero que a gente o encontre. — Ivan tentava ainda aceitar a transformação do filho num monstro.

Assim, todos continuaram unidos no esforço de achar o traidor, mesmo sabendo que ele talvez já estivesse muito longe.

* * *

Após alvejar Klaus, Eduardo partiu imediatamente com o barco na direção do continente, pouco antes de os primeiros soldados chegarem ao local do crime. Ele sabia que aquela era sua derradeira chance de escapar. Se fosse preso, estaria perdido.

Para evitar ser surpreendido, seguiu por mar até Caraguatatuba, a alguns quilômetros dali. Eduardo imaginou que o movimento natural dos soldados de Matheus seria procurá-lo nas imediações da cidade de São Sebastião, então ele teria maiores chances de despistar a todos.

Demorou mais de duas horas para atravessar aquele trecho de oceano. Ao longo dos anos, as equipes de segurança já tinham verificado todo o litoral do Brasil, desde a costa do Rio Grande do Sul até o Nordeste. Em algumas ocasiões, comunidades inteiras haviam sido movidas para Ilhabela por mar.

Por isso, todos eram muito familiarizados com a navegação naquela região. Por um lado, isso concedia a Eduardo a experiência necessária. Mas por outro facilitava que seus perseguidores partissem em seu encalço. Então ele avançou o mais rápido que pôde, com as luzes apagadas e contando apenas com a iluminação

da lua e das estrelas. Ao longe, chegou a enxergar as primeiras lanchas vasculhando a orla e iluminando os arredores com poderosos holofotes. Na certa haveria também tanques vagando por São Sebastião naquele instante, participando de sua busca. E em terra haveria sem dúvida soldados armados com fuzis e metralhadoras. Após ter baleado Klaus, um dos combatentes mais queridos e admirados da comunidade, Eduardo acreditava que ninguém estaria disposto a prendê-lo. Muitos daqueles homens prefeririam enfiar uma bala na sua cabeça à queima-roupa, mesmo que tentasse se entregar. Ele era sem dúvida a pessoa mais odiada de Ilhabela, além de também ser considerado o filho ingrato que tentara assassinar o próprio pai adotivo.

Dessa forma, Eduardo seguiu em frente. Sabia que poderia bater numa pedra em meio à escuridão, e isso custaria sua vida, mas não havia escolha. Ele tinha que tentar. E os perigos do mar não se comparavam àqueles que enfrentaria em terra firme. O litoral norte de São Paulo era infestado por zumbis. As criaturas eram atraídas pelos inequívocos sinais de presença humana, e por isso sempre vagavam pela região, geralmente em hordas que somavam dezenas de milhares de seres.

Depois de horas navegando, ele alcançou as praias de Caraguatatuba. A surra que Klaus lhe aplicara também cobrava seu preço — Eduardo sentia todos os músculos do corpo doendo. O capitão poderia tê-lo matado de pancada se não tivesse descuidado da pistola.

Como estava ferido e exausto, e por saber que as criaturas eram mais ativas à noite, Eduardo decidiu não se expor. Avistou à beira-mar um quiosque abandonado que ele mesmo já observara a distância em outras ocasiões. Parecia ser um bom lugar para se esconder e descansar até o sol nascer.

Entretanto, ele sabia que precisava apagar todos os seus rastros. Por isso precisaria abrir mão da sua única opção de transporte disponível até aquele momento: teria que se livrar do barco.

Assim, com a faca, abriu um buraco no fundo da pequena embarcação, e a água jorrou para dentro rapidamente. Eduardo pegou sua mochila, protegeu a arma de forma que a munição não

molhasse e mergulhou nas águas geladas do mar, a uma distância razoável da orla. Era necessário que o barco fosse a pique em um ponto suficientemente profundo para que desaparecesse por completo, tragado pelas águas sem deixar vestígios.

Eduardo começou nadar, enfrentando a correnteza, arrastando sua mochila em meio à escuridão. O cansaço, a fome e a dor no corpo dificultavam a tarefa de atravessar naquele trecho.

Arriscou uma última olhada por sobre o ombro na direção do barco. Viu que ele já começava a inclinar, à medida que a água invadia seu interior aos poucos, e começou a se arrepender. Talvez devesse ter chegado mais perto da praia. A distância que precisaria atravessar a nado era muito maior do que calculara, e por mais que se esforçasse, a impressão que tinha era de que não chegaria à terra firme nunca. Aquele poderia ser o seu fim.

Exausto, Eduardo começou a boiar, tentando recuperar o fôlego. A bolsa com seus poucos pertences pesava cada vez mais no mar, e suas reservas de energia haviam acabado. Ficara quase um mês trancado numa cela minúscula, e isso afetara também o seu condicionamento físico.

Para piorar, o mar começou a ficar cada vez mais agitado. O vento forte mexia com o humor da maré, que respondia com agressividade. Uma tempestade se aproximava. Logo começaram a cair os primeiros pingos, e então desabou uma chuva torrencial.

Eduardo nadou mais alguns instantes, e ficou sem fôlego novamente, vendo-se forçado a voltar a boiar. O fato era que ele sentia-se completamente sem energia. Em meio à escuridão, as ondas faziam com que seu corpo subisse e descesse, à mercê das ondas...

Ele olhou, ofegante, na direção da praia, sem nada enxergar. Não sabia dizer se zumbis vagavam na areia. Conseguia apenas distinguir algumas poucas paineiras, a silhueta do quiosque abandonado e, ao fundo, os espectros de alguns poucos prédios, construções abandonadas havia décadas e condenadas a desabar com a ação do tempo.

Chegara a hora de tomar uma decisão. Eduardo se deu conta de que não conseguiria chegar à areia arrastando a mochila carregada

de munição. Caso se livrasse daquele peso extra, suas chances aumentariam. Porém, não teria arma para se defender, nem roupas, nem comida. Enquanto pensava, a chuva gelada fustigava seu rosto.

— Droga, Deus, me ajuda! Eu não queria atirar no Klaus, ele não me deu alternativa! — Eduardo gritou para a escuridão, enquanto mais água salgada entrava por sua boca. Ele engasgou, e sua garganta começou a arder.

Um relâmpago rasgou o céu, iluminando a noite, permitindo a Eduardo enxergar bem por alguns segundos. E o que ele viu causou-lhe um calafrio que correu sua espinha: uma imensa onda se agigantava como uma verdadeira parede de água salgada. Ameaçadora, ela se dirigia em sua direção velozmente.

O colosso marinho arrebentou sobre ele, que se viu tragado para o fundo, girando em meio a um turbilhão de água gélida e salgada. Ao menos naquele momento suas dúvidas se esvaíram. A mochila foi subtraída de suas mãos, desaparecendo em meio à tormenta.

A escuridão era tamanha agora que Eduardo não sabia ao certo nem se estava subindo ou descendo em meio às águas, em busca de atingir a superfície à procura de ar. Um novo relâmpago clareou a noite, o que lhe permitiu vislumbrar mais acima o fim da lâmina d'água.

Eduardo nadou desesperado, tentando fugir do abismo negro que se estendia ao infinito. Precisava se salvar. Encontrava-se quase sem fôlego, e em breve a falta de ar praticamente o obrigaria a respirar sob a água. Dessa forma, ele se afogaria.

Mas um pensamento o impulsionava a seguir adiante, proporcionando-lhe energia extra e redobrando seu ânimo. Uma verdadeira ideia fixa, uma obsessão: vingança. Depois de tudo, ele pensou sobre si mesmo, não podia morrer. Não ainda. O traidor covarde ainda vivia, ao passo que seus pais tinham apodrecido em algum lugar, sem sequer o direito a uma sepultura.

Ivan precisava morrer. Ele não merecia a vida, e matá-lo seria um favor para toda a humanidade. No passado, Eduardo considerava o pai adotivo um herói. Mas agora havia apenas espaço para ódio e desprezo no seu coração. Ainda não cumprira sua tarefa. O homem que abandonara seu amado pai precisava pagar.

Movido pela ira, Eduardo nadou com determinação até a superfície, lutando contra a fúria do oceano. Quando finalmente emergiu, respirou fundo de forma ruidosa, enchendo os pulmões de ar, com o mar continuando seu castigo inclemente, como se quisesse fazê-lo desistir.

Sem o peso da mochila, nadou na direção da praia. E após instantes intermináveis, ele sentiu um imenso alívio quando a ponta do seu pé tocou a areia, enquanto as ondas golpeavam suas costas, implacáveis.

Aos tropeções, Eduardo foi atravessando os derradeiros metros, caindo e se levantando, com as últimas ondas finalizando seu castigo. Quando por fim saiu do mar, ele caiu na areia, exausto, com o rosto contra o solo e a chuva a fustigá-lo, impiedosa.

No entanto, Eduardo logo se refez e abriu os olhos, tentando se pôr alerta novamente. Não podia se arriscar a pegar no sono, pois algum zumbi poderia surpreendê-lo enquanto dormia, e isso seria fatal. Com esforço, ficou de pé, lutando contra o cansaço extremo.

Ao olhar na direção do quiosque construído a cerca de cinquenta metros de distância, deu-se conta de que não estava só. No meio do seu caminho havia um zumbi, uma criatura errante que caminhava pela praia em meio à escuridão. O ser, que vagava sem destino, arreganhou os dentes podres ao ver Eduardo à sua frente, e começou a avançar na direção da presa, trôpego.

Ao ver que a criatura andava — e não corria — Eduardo suspirou, aliviado. Ele era plenamente capaz de enfrentar um zumbi esquelético. Respirou fundo e analisou o ser que se aproximava. O zumbi era tão magro que poderia se desmanchar com um único golpe, mas Eduardo era experiente o bastante para saber que o pior erro que um soldado poderia cometer era subestimar o perigo de enfrentar um morto-vivo, sobretudo quando se encontrava cansado e desarmado.

Com isso em mente ele sacou a faca que ainda mantinha na cintura — a única arma que restara — e, quando a criatura se aproximou, desferiu um golpe contra a testa do ser. A lâmina afiada penetrou o cérebro do zumbi, que desabou no chão, inerte.

Ofegante, com o cadáver a seus pés, Eduardo voltou a atenção mais uma vez para o quiosque. Precisava desesperadamente descansar, sentia-se totalmente exausto, e a fome agora era cada vez mais intensa. Decidiu seguir em frente.

Chegando à pequena construção, percebeu que infelizmente não serviria de proteção contra os zumbis, mas pelo menos o manteria escondido. Era um lugar rústico, todo feito de madeira, fechado com grandes toldos emborrachados que se mostravam completamente enegrecidos e imundos devido à ação do tempo, com aberturas diversas.

Com muita cautela, Eduardo entrou naquele pequeno espaço havia tanto tempo abandonado. O lugar cheirava a mofo e se encontrava repleto de teias de aranha. Porém, o mais importante era que não havia mortos-vivos para atacá-lo e poderia servir de pouso para ele, ao menos naquela noite.

Eduardo checou todo o local e se certificou de que realmente era seguro. Vendo que não havia com que se preocupar, ele procurou pratos, panelas e outros utensílios que poderia distribuir nas entradas do quiosque. Empilhou diversas peças nos pontos críticos. Ele sabia que os desalmados eram desengonçados por natureza, e se algum deles entrasse no quiosque, inevitavelmente derrubaria uma daquelas pilhas, causando um grande barulho e denunciando sua presença. E isso poderia ser a sua salvação.

Desconfiado, ele conferiu o lugar mais de uma vez, sempre atento a quaisquer ruídos, quer fossem do lado de dentro ou de fora. Após mais uma cuidadosa checagem, concluindo que não havia perigo, Eduardo achou um canto sob o balcão e se deitou para poder descansar. No dia seguinte, refeito dos desafios daquela fuga, ele decidiria quais seriam seus próximos passos.

Eduardo permaneceu algum tempo na escuridão, completamente sozinho pela primeira vez na vida. Mesmo em seus treinamentos, nunca estivera tão solitário, sempre havia pelo menos um companheiro de armas. Dessa vez não tinha ninguém; além disso, via-se em total falta de recursos. O que fazer dali em diante? Conseguira realizar a parte fácil, que era fugir, mas como se manter vivo?

Embora atormentado por esses fantasmas, Eduardo fechou os olhos e, finalmente, conseguiu pegar no sono, embalado pelo som das ondas do mar.

* * *

Eduardo dormia profundamente, apesar do frio e do imenso desconforto de estar deitado na areia nua. O desgaste das horas que sucederam sua fuga deixaram-no esgotado, e quando acordou o sol já brilhava.

Ele abriu os olhos, sonolento, e enxergou toda a área interna do quiosque. Um balcão de pedra polida coberto de pó e teias de aranha, estufas enferrujadas antes utilizadas para manter salgadinhos aquecidos e alguns *freezers* estragados faziam parte do mobiliário daquele lugar agora decadente e mal-assombrado.

Eduardo sentou-se sob o balcão e, ao se esticar, sentiu os ossos doendo. Na altura das costelas a dor era tamanha que parecia ter sido atropelado. Uma grande marca roxa era facilmente visível sob a camiseta. Ele conferiu as inúmeras escoriações nos braços e no tórax. E tinha certeza de que, se tivesse um espelho para verificar a situação de seu rosto, depararia com algo muito pior, pois sentia o inchaço e dores nos olhos, fruto da luta com Klaus.

— É, Klaus. Você fez por merecer sua fama de durão. Pena que decidiu lutar comigo. — Eduardo soltou um suspiro.

Demorou alguns instantes para que percebesse os sons que o cercavam. Eram barulhos dispersos que algumas vezes soavam distantes; outras, pareciam preocupantemente próximos.

Eduardo franziu a testa e apurou a audição. Não havia margem para dúvida: o que ouvia eram gemidos de zumbis. Sons agonizantes, cheios de sofrimento e angústia. E vinham de todas as direções, pareciam estar em todo lugar.

Ele virou o corpo, permanecendo abaixado atrás do balcão. O quiosque era todo cercado por toldos que lhe garantiriam boa cobertura, mas aquela proteção não era total, porque havia algumas aberturas, as mesmas que ele protegera com utensílios barulhentos que serviriam para denunciar a presença de alguma praga invasora.

Uma criatura que estivesse mais próxima e olhasse através de uma das frestas conseguiria enxergá-lo com facilidade.

Eduardo se moveu sem fazer ruído, sempre abaixado. Arriscou uma olhada sobre o balcão, com os olhos à altura da base de pedra, mas não avistou nada, apenas a parte interna dos toldos de borracha. Pela claridade ele imaginava que já seriam nove horas mais ou menos; talvez dez.

Mais ao lado, uma faixa de sol forte penetrava por uma das frestas e invadia o quiosque. Partículas de poeira dançavam em meio à luz que chegava até os *freezers* ao fundo. Ele foi caminhando de lado, sempre abaixado, respirando profundamente e de forma silenciosa, sutil. Eduardo decidiu chegar até a fresta, o que lhe permitiria vislumbrar o lado de fora. Com um pouco de sorte, não haveria mais do que umas dez criaturas circulando por aquela parte da praia. Esse era um número que ele seria capaz de despistar ou mesmo enfrentar, caso conseguisse improvisar um bom porrete.

Eduardo deu mais uma olhada em torno, mas não encontrou nada que pudesse usar como arma. Ele tinha uma ótima faca, porém, e teria que se contentar com ela.

Ele se aproximou da fresta e olhou para fora, e sua visão foi ofuscada momentaneamente pela forte luz solar. Eduardo engoliu em seco e estreitou os olhos, tentando adaptar a visão à claridade intensa e repentina.

Foi quando descobriu que havia centenas de zumbis vagando pela praia. Próximos, distantes, altos, baixos, homens, mulheres, idosos, crianças. Havia de tudo naquele pedaço do inferno. A situação era muito pior do que imaginara, mas ele se manteve calmo. Já estivera frente a frente com zumbis muitas vezes, fosse como parte da Muralha ou mesmo em expedições em tantas cidades diferentes. Ele era um soldado, treinado para sobreviver e matar zumbis com o mínimo de recursos. Contudo, naquele caso, sua melhor opção era permanecer escondido.

E no momento em que decidiu voltar para o seu esconderijo e permanecer invisível, Eduardo viu um zumbi surgindo diante de si. Apenas uma parte do rosto do ser surgiu de repente por entre a fresta, com seus olhos brancos e leitosos encarando-o. Uma espécie

de gosma branca brotava dos globos oculares da criatura, que o encarou, raivosa.

Eduardo não se intimidou — encarou o zumbi de volta, feroz. E quando o ser rosnou na sua direção e fez menção de passar pela fresta no toldo, Eduardo sacou a faca e desferiu um golpe certo na testa do zumbi, que pareceu congelar quando a lâmina rasgou seu cérebro ao meio. O ser tombou aniquilado, sem soltar nenhum grunhido mais.

Porém, aquele movimento foi suficiente para atrair mais criaturas. Diversos zumbis, sem sequer terem enxergado Eduardo, começaram a se aproximar, caminhando de forma vacilante. Todos eles tinham a pele enegrecida e grossa, curtida por décadas caminhando ao sol.

— Mas que merda... — Eduardo balbuciou, vendo a imensa quantidade de seres que se aproximava por todos os lados.

Zumbis eram feras que caçavam de preferência em bandos, por isso nada os instigava mais do que outros mortos-vivos caminhando numa direção. Em pouco tempo, todas as criaturas da praia começavam a rumar para o quiosque, mesmo sem terem nenhuma consciência do porquê de caminharem ou do que existia naquele lugar.

Eduardo trincou os dentes e arregalou os olhos, sentindo a adrenalina invadir sua corrente sanguínea. Agora não tinha mais jeito — precisava sair dali urgentemente. Do contrário, um batalhão de zumbis o cercaria, e isso seria sua sentença de morte. Uma morte horrível — provavelmente os zumbis arrancariam todos os seus membros e órgãos.

Ele foi para os fundos do quiosque e saiu por uma brecha do toldo. De imediato, sentiu o forte calor do sol, pois a temperatura do lado de fora era bem mais quente. Eduardo, empunhando a faca, olhou em volta, avaliando a situação: havia várias criaturas daquele lado da praia também. Algumas um pouco mais distantes, outras a não mais de quinze metros de distância. E como ele era a única coisa comestível que aquelas coisas viam em anos, muitas rumaram na sua direção de braços esticados, com uma postura que, apesar da irracionalidade, só poderia ser descrita como de puro desespero pela possibilidade de cravar os dentes em algo.

Eduardo começou a correr em linha reta, dirigindo-se a um ponto no qual a quantidade de seres parecia ser menor. Ao que tudo indicava, aquela era uma rota de fuga mais promissora do que qualquer outra, naquele momento. Eduardo precisava sair dali e achar algum local onde pudesse se esconder e pensar melhor em seus próximos passos.

Ele correu pela areia, driblando os zumbis um após o outro. Não podia perder tempo matando as criaturas, a não ser que fosse absolutamente necessário. Havia seres demais para enfrentar. A melhor estratégia era fugir.

Em determinado momento, um dos seres quase o agarrou — seria impossível afirmar com certeza se aquela criatura era homem ou mulher, apesar de estar completamente nua. O estado de ressecamento de sua pele era tal que se assemelhava a um plástico cinza-escuro. Eduardo atingiu o humanoide com o ombro sem se deter, derrubando-o na areia.

Ao deixar as areias da praia, ele chegou à avenida Doutor Artur Costa Filho. Outrora uma das mais importantes avenidas de Caraguatatuba, agora era tomada por areia, sujeira e restos de folhas e galhos, carregados pelo vento ao longo de anos de abandono. Eduardo atravessou correndo o calçadão e chegou à pista principal. À sua direita, conseguia ver diversos pontos comerciais e algumas agências bancárias abandonadas; à esquerda, avistava a praia, da qual iam surgindo vagarosamente zumbis por todos os lados, numa extensão de centenas de metros. Sua conta inicial estava equivocada — sem dúvida havia milhares de criaturas ali.

Eduardo sentiu o estômago se contrair de tensão ao ver a multidão de zumbis deixando as areias e ganhando a avenida aos milhares, como uma revoada que mudava de rumo exatamente ao mesmo tempo e seguia no mesmo sentido. Ele correu na direção da calçada do lado oposto à orla, passando por entre carros abandonados estacionados de ambos os lados da avenida. Eram veículos inúteis, completamente enferrujados e cobertos de areia, com os pneus murchos e as rodas de metal já tocando o chão. Nada daquilo serviria para fuga.

Eduardo chegou à calçada do lado direito, correndo cada vez mais rápido, ganhando velocidade e com a adrenalina a mil por hora. De ambos os lados da avenida, os zumbis avançavam na sua direção — duas paredes que se fechavam rapidamente sobre ele. Quando constatou que não dava mais para seguir em frente, ele se abaixou, apanhou uma pedra grande e correu na direção de uma agência bancária abandonada. Lançou a pedra com violência em direção à porta de vidro, quebrando-a e abrindo passagem. Ele entrou naquele lugar agora cheio de pó e mofo, e logo centenas de seres se acotovelavam na abertura que ele improvisara.

Eduardo olhou ao redor, buscando uma saída, com o suor escorrendo pela sua testa, fazendo a camiseta grudar no corpo. Ele estava ofegante, mas o instinto de sobrevivência gritava para que não perdesse tempo e seguisse em frente. Ao ver, no fundo do local, uma escada que levava ao segundo andar, Eduardo não hesitou e subiu por ela. Já no topo, arriscou uma olhada para baixo e viu os primeiros seres galgando os degraus inferiores. Naquele momento, o saguão do estabelecimento abandonado já se encontrava infestado em busca daquele banquete tão esperado.

No segundo piso, Eduardo saiu à procura de algo que pudesse ajudá-lo. Encontrou uma pesada mesa de madeira maciça cheia de pó, objetos e papéis. Sem perda de tempo, agarrou uma das extremidades e arrastou o pesado móvel, posicionando a mesa bem diante da escada. O barulho estridente deixou os zumbis ainda mais alvoroçados. Lá embaixo, dezenas de zumbis já se achavam no meio do percurso. Era perfeito, o móvel tinha quase a mesma largura da escadaria.

— Ei, imbecis! Divirtam-se com isto aqui! — Eduardo gritou, erguendo a lateral da mesa e fazendo o pesado móvel rolar escada abaixo.

A mesa bateu contra os degraus, girou uma vez e em seguida deslizou sobre o próprio tampo, acertando a massa de criaturas e empurrando-a para trás. Os mortos-vivos caíram uns sobre os outros, em uma espécie de efeito dominó. A multidão de zumbis se amontoou ao pé da escada, desengonçada.

Ao olhar em torno, Eduardo divisou outros móveis que poderiam ser usados como barreira. Assim, jogou mesas, cadeiras e armários escada abaixo. Cada peça se espatifava contra a massa de criaturas mais abaixo, derrubando mais seres, obstruindo a passagem e aumentando a confusão.

Havia uma luminária de metal em um canto, e ele teve uma ideia. A peça era longa e pesada — poderia servir como arma. Eduardo arrancou-a com violência da tomada e despedaçou a parte de cima e a base; a haste de ferro que sobrou tinha cerca de um metro e meio de comprimento.

Ele se posicionou em frente à escada, pronto para derrubar o primeiro zumbi que surgisse. Sentia-se confiante. Conseguira improvisar uma barreira que impediria que as criaturas subissem num número grande. Isso se fossem capazes de passar. A confusão que ele armara, entretanto, parecia ser suficientemente grande para comprometer o avanço dos seres por alguns minutos, e isso era tudo que ele precisava para arrumar uma forma de sair dali. Talvez a melhor opção fosse quebrar alguma janela e descer pelos fundos do pequeno prédio.

Foi quando Eduardo ouviu um urro aterrorizador, que fez todos os zumbis que antes grunhiam ao pé da escada silenciarem imediatamente. Eduardo sentiu o sangue gelar nas veias e as pernas fraquejarem. O som vinha da rua, mas era impossível confundir. O que vinha em sua direção era o maior pesadelo que um soldado que já estivera no *front* diante de uma horda de zumbis poderia enfrentar.

— Que merda, é um berserker... — ele murmurou.

A multidão de zumbis mais abaixo foi sendo empurrada, derrubada para a frente, como se um trator estivesse entrando na agência bancária e tentasse abrir caminho usando a força bruta. E bem que ele gostaria que fosse realmente um trator.

Eduardo posicionou um pé atrás e segurou a barra de ferro firmemente com as duas mãos. Ele não chegara até ali para morrer assim tão fácil. Todos os soldados que tiveram a infelicidade de enfrentar um berserker haviam morrido de formas indescritíveis, mas ele não pretendia engordar aquela estatística.

Por mais que Eduardo detestasse pensar naquilo, no entanto, era impossível não se lembrar dos ensinamentos de Ivan naquele momento. Ele repetira inúmeras vezes que o maior trunfo dos berserkers era a velocidade e a impulsão, mas essa também era a sua maior fraqueza. Desde que fosse adequadamente explorada.

Após alguns segundos de espera torturante, uma criatura enegrecida e furiosa surgiu, saltando sobre os zumbis, pisando em suas cabeças. Como a maioria dos seres da sua raça grotesca, aquele berserker era magro, franzino e completamente dominado por uma loucura incontrolável. Alguns soldados os chamavam de chacais, pois mesmo com o porte diminuto escondiam a selvageria de um gigante.

A criatura olhou para cima e viu Eduardo parado diante de si, a não mais que vinte e cinco degraus de distância. Seus olhos vermelhos e esbugalhados quase saltaram das órbitas. O ser saltou para a frente, com os pés descalços apoiados sobre a cabeça de um dos zumbis que se acotovelavam diante dos móveis amontoados. Seu impulso foi tão forte que a cabeça do zumbi foi arrancada fora.

Com um grande salto, o berserker venceu um terço da distância que o separava de sua presa, mas seus pés mal tocaram os degraus e ele saltou de novo, avançando mais alguns metros. E na terceira vez que ele tomou impulso, já havia chegado até o ponto no qual Eduardo se encontrava, sem gastar mais do que três segundos.

E em pleno salto, quando parecia que ele cairia sobre o soldado diante si, Eduardo desferiu um golpe violentíssimo com a barra de metal contra o rosto da criatura.

— Os berserkers são rápidos, mas são pequenos e leves. Deixem que a velocidade deles os mate. Se os acertarem no momento de maior impulso, será como se eles tivessem batido contra um carro em movimento — Ivan teorizou certa vez.

A criatura foi arremessada para trás escada abaixo, deixando um rastro de sangue pela parede e na escada. O forte golpe fora amplificado pela aceleração e despedaçou a cabeça do monstro.

Quando o corpo do berserker atingiu a pilha de móveis, ele a atravessou como um raio, derrubando zumbis, cadeiras, mesas e

tudo o mais que havia pelo caminho. Eduardo contivera o ataque daquele predador, mas escancarou os portões do inferno.

A horda de zumbis começou a subir de novo, e agora ele não dispunha de mais móveis para atrasá-los. Tudo o que podia fazer era fugir.

Eduardo correu para uma janela e começou a quebrá-la com a barra de metal. Batia com determinação. Teria que destruir vários segmentos de alumínio até conseguir uma abertura larga o suficiente pela qual pudesse atravessar.

As criaturas começavam a apontar no andar às dezenas, e logo seriam centenas. O tempo de Eduardo se esgotara.

Então ele empurrou pra fora os pedaços da janela despedaçados e se jogou pela janela, sem sequer olhar para baixo. Eduardo caiu sobre o telhado de uma casa que ficava logo atrás da agência bancária. Foi uma queda desengonçada que lhe causou diversos ferimentos. Ofegante, ele se estirou sobre telhas trincadas que haviam amparado a sua queda. Uns três metros acima, centenas de zumbis se acotovelavam na janela pela qual ele fugira e o observavam frustrados e loucos de fome.

Ele se levantou com dificuldade, sentindo o corpo inteiro doer. De onde estava, podia avistar vários zumbis nas ruas em volta, cambaleando na sua direção. Não havia tempo para descansar. Se outro berserker surgisse ele não teria a menor chance. Eduardo se pôs a correr sobre o telhado, ciente de que teria que fugir de toda a população de zumbis de Caraguatatuba se quisesse ter alguma chance de continuar vivo.

* * *

Duas semanas haviam se passado desde a fuga de Eduardo, e Matheus já considerava a hipótese de encerrar as buscas. Seu irmão adotivo parecia ter sido tragado pela terra.

— Não sei mais onde procurar. Mesmo enviando diversas patrulhas diariamente e em direções diferentes, nenhum traço dele foi avistado. — Matheus fincou os cotovelos na mesa.

— Acho que estamos perdendo tempo. Qualquer rastro que ele tenha deixado já esfriou. Eduardo soube cobrir suas pegadas muitíssimo bem. Temos que admitir que o perdemos — Mônica argumentou, pensativa.

— De qualquer forma, estamos mantendo barcos de patrulha vigiando todo o entorno da ilha, além de diversos combatentes mantendo a segurança do porto de São Sebastião. Se ele tentar se aproximar daqui, leva bala — Zac falou num tom sombrio. Adoraria ter a oportunidade de arrancar a pele daquele traidor.

Apesar da sequência de tragédias, a vida na comunidade aos poucos começava a voltar ao ritmo normal, porém sem nunca descuidar da vigilância por causa da aberração desaparecida. Mais cedo ou mais tarde, todos sabiam que a criatura ressurgiria. E quando isso acontecesse, precisariam estar prontos.

Todavia, apesar do constante temor de depararem com um monstro, o que todos realmente se perguntavam era onde estaria Eduardo e, sobretudo, se ele pretendia voltar para tentar concretizar sua vingança.

* * *

Eduardo dormia desconfortável em um posto abandonado da polícia rodoviária localizado às margens da rodovia dos Tamoios. Aquela era a estrada que fazia a ligação entre Caraguatatuba e São José dos Campos.

Ao ouvir um barulho, ele acordou sobressaltado, com o coração acelerado. Olhou em volta, nervoso, procurando a origem do som, já empunhando a faca. Seu rosto começava a ficar encovado, pois ele perdera bastante peso desde a fuga.

Eduardo conseguira caçar alguns pequenos animais ao longo dos dias para se alimentar, mas aquilo era insuficiente. E procurar comida em casas e estabelecimentos comerciais era perda de tempo. O que já não havia sido saqueado por eles mesmos estragara completamente ao longo de trinta anos de abandono.

Sua barba crescera, e suas roupas estavam imundas. Não tinha água para beber desde o dia anterior, e também não sabia mais

onde procurar. Além disso, precisava se manter escondido dos zumbis e dos carros de patrulha que circulavam pelas cidades e estradas do litoral norte o tempo todo.

Três dias antes, ao avistar um Urutu circulando, Eduardo quase se entregou. Por um instante ele cogitou seriamente desistir daquela fuga suicida e pular no meio da estrada de mãos erguidas, entregando-se aos seus perseguidores. Mas acabou se contendo e decidiu seguir em frente.

A pergunta incômoda que não parava de atormentá-lo, entretanto, era outra. Seguir em frente para onde? Qual era seu destino? O que exatamente ele procurava? Com exceção da necessidade básica de fugir de Matheus e seus soldados, Eduardo já não sabia mais o que fazia. Ele caminhava, caçava seu alimento e buscava água, e se escondia em algum lugar quando avistava grupos de criaturas ou soldados. No entanto, ele parecia rumar para lugar nenhum; não sabia o que fazer nem para onde ir.

Ao despertar no posto de polícia, ele imediatamente passou por todos os cômodos do local, tentando localizar a causa do barulho, mas não encontrou nada. Talvez tivesse sido apenas um sonho.

Eduardo sentou-se no chão, encostado na parede, esgotado. Tudo aquilo se tornara muito mais difícil do que imaginara. Não havia um único veículo funcionando em nenhum dos lugares por onde passara. Sua única opção era caminhar, sozinho, por uma terra devastada havia décadas, em busca de alguma chance que nem ele mais poderia prever.

Com a cabeça encostada na parede, Eduardo fitava o vazio. E começou a se lembrar de sua casa, seus amigos, toda a sua vida na comunidade de sobreviventes de Ilhabela. Enfrentara tantas situações de risco naqueles anos, mas sempre tinha um lugar para onde voltar. Agora não sobrara nada; nenhuma esperança pela qual valesse correr riscos.

E para ele o grande culpado era Ivan. O traidor covarde que destruíra sua família e cuja mera existência fora capaz de acabar com a sua vida. Ele era o responsável por seus sofrimentos, ferimentos e privações. Eduardo o responsabilizava por tudo. Ele só

se arrependia de tê-lo um dia chamado de pai e de ter fracassado na sua tentativa de riscá-lo da face da Terra.

Seu estômago roncou de fome enquanto acalentava aqueles pensamentos de ódio e vingança. Eduardo não sabia como, mas faria Ivan pagar, nem que para isso precisasse...

— Não, isso não, de jeito nenhum — Eduardo resmungou para si mesmo, balançando a cabeça, como se tentasse espantar um pensamento terrível, inconfessável. — Se eu fizer isso, muitos inocentes vão morrer. Talvez eu condene a cidade inteira à aniquilação. — Passou as mãos pelos cabelos. — Não seria certo.

Respirou fundo e continuou conversando consigo mesmo, com o raciocínio prejudicado pela fome e pelo estresse:

— Por outro lado, quem mandou todos protegerem Ivan? Por que todos insistem em apoiar um traidor? Ele é o verdadeiro vilão! Eu fiz a coisa certa, protegi aquela comunidade!

— E agora você está fugindo, passando fome e frio, enquanto Ivan está tranquilo em casa vivendo com conforto. Isso por acaso é justo? — alguém falou ao lado de Eduardo.

Ele se virou, sobressaltado, e deparou com seu pai biológico. Oswaldo, seu pai, assassinado décadas antes por Ivan, voltara dos mortos para aconselhá-lo. Estranhamente, Eduardo considerou aquilo algo muito normal.

Eduardo via Oswaldo exatamente da forma como lembrava, um pouco gordo e usando óculos. Um homem bom, comum, que não tivera nenhuma chance quando fora abandonado pelo canalha traidor. Sim, essa era a definição ideal; nunca mais se referiria a Ivan de outro modo.

— Não, pai, isso não é justo. O canalha traidor tem de pagar — Eduardo afirmou, sombrio.

— Ele me abandonou para morrer, filho. Eu sofri muito quando os zumbis me atacaram. E foi ainda mais terrível quando ele me matou. Aposto que o Ivan estava rindo quando puxou o gatilho.

— Eu vou fazê-lo pagar, pai. O canalha desgraçado vai responder pelos seus crimes — Eduardo jurou, cheio de ódio.

— Não importa como, filho, faça-o pagar. Faça isso por mim, pelo seu velho pai. Tire tudo dele. Seus filhos, seus amigos, sua vida. Se

— você me vingar, eu poderei descansar em paz no inferno.

— Eu farei isso, pai. Vou arrancar tudo daquele maldito. O Ivan irá amaldiçoar o dia em que sobreviveu à queda do helicóptero. Ele irá pagar caro! — Eduardo prometeu de punho cerrado.

— Não importa o que você tenha que fazer. Cumpra o seu destino, lave o nome da nossa família com sangue. Você é o único que restou. Não me decepcione, filho — Oswaldo falava em um tom grave, como um pai que explica as coisas da vida para seu filho muito jovem.

— Pode deixar, pai. Quando tudo isso acabar, poderei encontrar você, minha mãe e meus irmãos de novo? — Eduardo perguntou, esperançoso.

— Claro, filho. Cumpra seu dever, e estaremos todos juntos de novo, como uma grande família feliz. Eu prometo. Mas agora, parta sem demora; você sabe para onde ir e o que tem que fazer.

— Sim, pai, confie em mim. Eu providenciarei o açoite que castigará o Ivan e todos aqueles que ele ama e que um dia cometeram o erro de protegê-lo. O senhor ficará orgulhoso de mim. — Eduardo se colocou de pé, de repente com ânimo redobrado. — Estou indo agora mesmo.

Em seguida, Eduardo deixou aquele lugar, que estava completamente vazio, dominado pela loucura e pelo ódio. Sua decisão fora tomada: não importava quantas pessoas teriam de morrer, ele já sabia exatamente o que precisava ser feito.

Assim, Eduardo partiu na direção de São José dos Campos.

CAPÍTULO 14

O TRONO DO ANTICRISTO



APÓS CINCO DIAS de caminhada extenuante, Eduardo enfim chegou à cidade na qual nascera, São José dos Campos. No ponto exato onde a rodovia Tamoios terminava e começava a avenida Jorge Zarur, que marcava o início do trecho urbano, havia uma placa colocada a mando de Ivan anos antes, na qual se lia a seguinte frase: "Retorne agora. Perigo extremo!"

Apesar de já não se lembrar muito bem da cidade, pois a deixara ainda criança, Eduardo sabia, pelas conversas que tivera com Ivan e os outros mais velhos, que bastava seguir em frente por aquela avenida até quase o final e estaria em frente ao famoso Shopping Colinas. E logo ao lado, encontraria o Condomínio Colinas, ou o que sobrara dele. Aquela que ele procurava fora vista pela última vez exatamente ali, no local onde nascera a comunidade de sobreviventes que Eduardo agora tanto ansiava destruir.

Ele caminhou com cuidado, como sempre, mantendo-se longe dos poucos zumbis que encontrava por onde passava, ou matando-os quando não tinha alternativa. Estranhamente havia poucas criaturas naquela parte do município.

Eduardo cruzou com viadutos que não eram usados fazia décadas, concessionárias de automóveis abandonadas e passou sob a rodovia Dutra, estrada que ele e todos os soldados foram proibidos de usar

anos antes em função do imenso perigo que se corria ao chegar perto demais daquele lugar.

À medida que avançava, porém, ele se sentia mais confuso, como se estivesse no lugar errado. Suas lembranças não eram muito claras, mas tinha certeza de algumas coisas, e por isso sentia dificuldade em reconhecer os arredores. Onde estavam todos os prédios? Aquela parte de São José era repleta de edifícios de classe média alta, entre eles o prédio no qual Ivan e sua família moraram antes do Dia Z. Mas Eduardo não via nada. Parecia que todas as construções tinham evaporado.

Ele olhava em volta, confuso. Até mesmo o prédio no qual residira, do qual conservava suas poucas lembranças da vida anterior ao advento dos zumbis, desaparecera. Eduardo até poderia imaginar que alguns edifícios tivessem ruído com o passar dos anos, mas não era possível que todos tivessem desabado.

Continuou avançando com cautela, cada vez mais convencido de que sua confusão fazia sentido. Sem dúvida nenhuma, algo havia mudado completamente a paisagem daquele lugar.

Eduardo reconhecia certos pontos menores daquela avenida, como por exemplo uma locadora de carros e uma imensa *pet shop*, mas todos os edifícios daquela região — seguramente mais de vinte — haviam sumido. Nem o entulho que teria resultado dos desabamentos se encontrava mais ali. E à medida que ele sentia que se aproximava da área na qual ficavam o Shopping Colinas e o Condomínio Colinas, notava também que diminuía a circulação de zumbis. Praticamente não havia criaturas naquele bairro, o que poderia ser um bom ou péssimo sinal, dependendo da forma como se encarava aquele fato inusitado.

E quando Eduardo chegou a algumas centenas de metros de distância daquele que acreditava que seria seu destino final, ele começou a avistar algo. De início imaginou que seria um morro, talvez até mesmo uma montanha. Mas não havia montanhas no meio de São José dos Campos. Portanto, o que poderia ser?

— Mas que diabo é isso...?! — ele balbuciou, perplexo.

Ao alcançar uma grande rotatória da avenida Jorge Zarur, de frente para onde ficava o Shopping Colinas, ele se deu conta de que

nem o shopping nem o condomínio que ficava ao lado existiam mais. No exato local onde os dois tinham estado algo completamente diferente fora erigido. Eduardo deparou com um gigantesco paredão de escombros. Tratava-se de uma monumental muralha feita de concreto, imensos pedaços de lajes e vigas retorcidas. Uma verdadeira montanha de restos de construção, com mais de trinta metros de altura.

Franziu a testa, estupefato. Caminhou para a lateral da avenida, passando por um posto de gasolina e chegando ao começo da ladeira da avenida Rio Branco, para assim poder visualizar melhor a bizarra obra de arte que agora dominava, imponente, toda aquela região.

Daquele ângulo, onde ele tinha uma visão melhor, dava para notar que o paredão tinha centenas de metros de comprimento e formava um semicírculo. Diante do gigantesco Extra, o hipermercado que ficava logo à frente daquela grotesca construção, havia uma única entrada, que impedia a formação de um perfeito círculo de escombros.

— Já entendi onde foram parar os prédios... E pelo visto, todas as centenas de casas do Condomínio Colinas também. — Eduardo ficou ainda boquiaberto.

Caminhou na direção daquela única abertura, olhando ao redor em busca de alguma ameaça, e não viu nada. Aquele bairro parecia deserto. À medida que contornava aquele gigantesco monumento, ele constatou que tudo aquilo deveria ter as dimensões de um estádio de futebol, mas no lugar de uma estrutura sólida, toda a estrutura era composta de caóticas pilhas de entulho. Mais parecia uma cratera formada de escombros, com gigantescas bordas se projetando acima do chão.

E quando ele estava quase chegando ao acesso que lhe permitiria ver aquela estrutura por dentro, Eduardo localizou os primeiros zumbis no interior daquela arena feita com destroços. Daquele ângulo foi possível enxergar algumas dezenas de seres se acotovelando. Surpreso, ele recuou de imediato, tentando retornar a um ponto no qual se tornasse imperceptível de novo. Mas era tarde demais.

Eduardo recuou alguns metros e aguardou um pouco, esperançoso de que não tivesse sido avistado. Mas quando os primeiros zumbis surgiram à sua frente, Eduardo começou a correr, convencido de que aquela ideia não fora muito boa.

Ele atravessou a avenida e arriscou uma olhada para trás. E o que viu o deixou arrepiado de medo: milhares de zumbis se espremiavam através da passagem naquele gigantesco anel de entulho. Aquele imenso lugar estava infestado de criaturas, o que explicava a ausência de seres nos arredores — estavam todos aglomerados ali naquele espaço.

Ao ver o hipermercado logo à frente ele imaginou que aquele seria um bom meio de escapar. Poderia atravessar o estacionamento coberto e sair do outro lado, e talvez assim despistasse seus perseguidores.

Eduardo entrou correndo no prédio, passando por vários carros enferrujados e abandonados, mas logo estranhou a escuridão reinante, pois não se tratava de um estacionamento subterrâneo. Foi quando ele notou que todas as saídas estavam seladas com carros e pedaços de entulho, que impediam completamente a passagem.

Aquele lugar não era apenas um hipermercado abandonado — era também uma gigantesca armadilha, na qual Eduardo caíra como um patinho.

Ele olhou em volta, apavorado, tentando vislumbrar alguma forma de escapulir, mas em nenhuma direção enxergava um ponto desobstruído sequer. Voltou-se para trás, pensando se ainda seria possível deixar o prédio pelo mesmo lugar que entrara, mas se encontrava cercado por todos os lados. Todas as passagens já se achavam abarrotadas de zumbis que inteligentemente obstruíam suas possíveis rotas de fuga. Aqueles seres pareciam ter sido treinados para cercar uma presa. E era exatamente o que estava acontecendo — Eduardo estava encurralado.

— Eles estão sendo manipulados para me cercar. Não é possível — Eduardo falou para si mesmo, franzindo a testa encharcada de suor.

Foi quando ele viu um jeito absurdo de tentar se safar. Ele ia tentar fazer algo que qualquer pessoa com um mínimo de bom senso descreveria como absoluta loucura.

Quando as primeiras criaturas se encontravam a pouco mais de dez metros de distância, Eduardo arriscou todas as fichas. Se estivesse errado, seria morto em instantes.

— Não me matem. Eu quero falar com a Jezebel! — Eduardo ergueu as mãos, mostrando estar desarmado.

Os zumbis, entretanto, continuavam avançando na sua direção de forma trôpega e selvagem. No semblante de cada fera havia apenas fúria e irracionalidade sem limites.

— Parem! Não me matem! Eu quero falar com a Jezebel! PAREM!

Os zumbis estavam muito próximos agora, faltavam meros segundos para dezenas de criaturas se jogarem sobre Eduardo. E quando isso acontecesse, ele seria despedaçado ainda vivo. Eduardo tremia sem parar, e seus olhos dançavam nas órbitas de puro terror. Estava encurralado, desarmado e cercado por milhares de feras.

— NÃO FAÇAM ISSO. EU POSSO LEVÁ-LOS ATÉ O IVAN! — Eduardo tentou uma última vez, desesperado, encolhendo-se contra a parede.

Imediatamente as criaturas pararam, como num passe de mágica. Os seres perderam o aspecto feroz e assumiram uma aparência vazia, como se Eduardo não estivesse ali.

Ele abriu os olhos e viu a multidão de seres paralisada diante de si, como se funcionassem por controle remoto. Uma cena que jamais imaginaria ver na vida, e na qual ninguém acreditaria caso ele contasse.

Eduardo, ainda tremendo, se aproximou de um dos seres, que ignorava sua presença. Aquilo ia contra todas as leis da natureza: um zumbi nunca deixava de atacar um ser humano, era assim que funcionava sempre. Ele chegou a balançar a mão diante do rosto da criatura, mas ela não esboçou nenhuma reação.

— Qual diabo é capaz de fazer isso? — Eduardo murmurou, olhando para a horda de seres, petrificada diante de si.

— Eu sou capaz, humano! A filha do Diabo! — uma voz gutural, que mais parecia o rugido de um leão, se elevou.

Eduardo se virou assustado e deparou com uma criatura gigantesca, com mais de dois metros de altura, vindo até ele. O ser

tinha cabelos ralos, brancos e longos, descendo pelo tórax imenso e pelas espáduas. A aberração parecia ter uma força descomunal.

O monstro se aproximou andando rápido, avançando contra Eduardo com determinação, empurrando os demais zumbis para os lados, abrindo caminho à base da força pela multidão de seres.

Vendo o ser de aspecto monstruoso se aproximando, Eduardo se colocou em posição de luta, apesar de sua estatura mal chegar ao peito da criatura. Quando a aberração chegou perto, Eduardo desferiu um tremendo murro na cara do ser, atingindo-o em cheio. E ele quase quebrou a mão, pois a criatura parecia feita de aço.

O monstro o olhou com ódio, como se tivesse se ofendido com a ridícula tentativa dele de reação. Em seguida, desferiu um golpe devastador com as costas da mão direita, atingindo a têmpora de Eduardo. Atirado longe, Eduardo caiu no chão semidesfalecido.

Antes de perder os sentidos, ele ainda pôde ver a criatura se aproximando e encarando-o bem de perto. Os olhos do ser eram gigantescos, três vezes maiores que o normal, e vermelhos como sangue, com veias rubras escuras, quase negras, cercando suas órbitas.

E então, Eduardo desmaiou e tudo escureceu.

* * *

Eduardo acordou e voltou a perder os sentidos várias vezes. Nos raros momentos de consciência, ficava se perguntando se não seria tudo um sonho, apesar de estar sentindo a pele queimar em alguns pontos e a cabeça doer tremendamente.

Ao abrir os olhos, ele viu tudo se movendo de lado, o que era muito estranho. Depois de alguns instantes, deu-se conta de que estava sendo arrastado pelo chão, puxado por sua perna pela criatura que o nocauteara com a mesma facilidade com que espantaria uma mosca. Ao seu redor, vários zumbis o acompanhavam, andando de forma quase sincronizada.

Apesar de a cabeça estar girando, Eduardo fez um esforço e olhou para a frente, tentando enxergar para onde estava indo. E se assustou ao descobrir que o ser o levava para dentro da gigantesca

construção em forma de círculo feita de entulho. O cheiro de pó ali era muito forte, e irritava seu nariz e suas vias aéreas.

Eduardo baixou a cabeça novamente e cerrou as pálpebras. O simples esforço de olhar para frente o deixara nauseado. Ele temia acabar desmaiando outra vez; se a fera tivesse batido apenas um pouco mais forte o teria matado na hora com um único golpe.

Em instantes, Eduardo viu-se dentro daquela estranha construção, cercado de seres por todos os lados. Por fim, a aberração soltou seu pé, largando-o no chão como se tivesse se livrado de uma carga incômoda.

Eduardo abriu os olhos e se esforçou para ficar de pé, sentindo ainda a visão fora de foco. E o que ele viu foi inacreditável.

Como imaginara, estava dentro de um gigantesco círculo feito com montanhas de entulho que deveria medir uns duzentos metros de um lado ao outro. Lá dentro, dezenas de milhares de zumbis permaneciam parados, como em transe, olhando para lugar nenhum. E no meio daquela estranha arena havia uma imensa e bizarra obra de arte. Dezenas de veículos achavam-se empilhados, formando um meio círculo com cerca de quarenta metros de comprimento por oito de altura. Naquela estrutura havia sedãs, utilitários e carros populares de diversas marcas, cores e modelos. A forma como haviam sido empilhados e esmagados uns contra os outros, formando uma parede sólida, seria um desafio para qualquer engenheiro, mesmo que ele dispusesse dos mais variados equipamentos.

Em frente a esse descomunal mosaico feito de sucata havia um pequeno morro de terra, com cerca de dois metros de altura, cercado por milhares de peças brancas que, daquela distância, Eduardo não saberia dizer do que se tratavam. E no meio desse morro via-se uma imensa poltrona de madeira maciça de estilo colonial, muito pesada e antiga.

E então, sentada nessa poltrona, uma criatura singular. Um zumbi de aparência horrenda, disforme. Era impossível saber se era um homem ou uma mulher. Seu rosto havia sido deformado por extensas queimaduras, e seus cabelos, completamente queimados. Seu corpo era coberto de escaras pútridas.

As pernas haviam sido arrancadas, decepadas na altura das coxas, e o mesmo aconteceu com o braço esquerdo. Aquele era um ser cujo corpo havia sido destruído, reduzido a quase nada. Apesar disso, era impossível sentir compaixão por aquela criatura, pois seu semblante impedia quaisquer sentimentos nobres por parte de quem quer que fosse. Seu olhar combinava doses imensas de arrogância, desprezo e ódio por tudo e todos.

Eduardo engoliu em seco diante daquela coisa, sentada de forma triunfal no meio de um cenário grotesco e impossível. Repentinamente e de forma sincronizada, milhares de zumbis que o separavam da criatura se moveram para os lados, formando um corredor que conduzia direto à base do morro.

Ele entendeu que não tinha escolha — aquele era um sinal claro de que deveria se aproximar. Seu instinto de sobrevivência gritava que aquela era uma péssima ideia, mas Eduardo sabia que retroceder não era uma opção naquele momento. No fundo, pressentia que se fizesse qualquer movimento suspeito milhares de zumbis avançariam sobre ele, reduzindo-o a nada numa fração de segundo.

Desse modo, Eduardo caminhou, chegando cada vez mais perto da criatura que o encarava. Quando se aproximou, se deu conta do que eram as inúmeras peças brancas que cercavam o pequeno morro sobre o qual a aberração se sentava. Eram milhares de ossos humanos, espalhados de forma displicente no entorno daquele lugar.

Eduardo engoliu em seco. Havia ossos e crânios de todos os tamanhos, inclusive de crianças e bebês. Aquele monstro os deixara ali como troféus, meras peças de decoração do seu trono doentio.

— Aproxime-se para morrer, humano! — Jezebel ordenou com sua voz distorcida, artificial, metalizada.

— Você é Jezebel? — Eduardo perguntou por mera formalidade.

— Esse é o nome humano que eu carreguei por mais de trinta anos e que hoje não me diz nada. Eu dispenso apresentações. Você está diante da enviada do Senhor do Poço, a Mensageira da Escuridão. Sou nada e, ao mesmo tempo, tudo. Eu simplesmente sou — Jezebel respondeu com um ar tão enfadado que dava a impressão de estar falando a coisa mais óbvia do mundo. — E quem

é você, que se atreve a vir aos meus domínios e clamar pelo meu nome, humano? E de onde conhece o Ivan, meu mais odiado inimigo? — Jezebel mediu Eduardo dos pés à cabeça.

— Fui adotado pelo Ivan e pela Estela ainda criança, após meus pais morrerem. Cresci como filho deles, junto com diversas outras crianças, inclusive os filhos biológicos de ambos. Mas hoje sou inimigo do Ivan e busco vingança. Por isso vim te procurar. Eu quero que você me ajude — Eduardo afirmou, sério.

— “Eu quero que você me ajude.” Você fala como se pudesse me dar ordens, humano. Seus motivos não me interessam, pois o que você quer ou deixa de querer não me importa. Já matei inúmeras pessoas apenas porque se atreveram a olhar para mim do jeito como você está olhando — Jezebel disse, seca. — Diante de mim, você não *quer* nada, você implora, isso sim. De preferência, de joelhos.

No mesmo instante Eduardo sentiu uma dor intensa, esmagadora. Seus pulsos se torceram, seus braços viraram na direção do corpo, seus ombros e suas costas se retraíram. Era como se todos os seus músculos tivessem travado ao mesmo tempo e em direções opostas. Ele cerrou as pálpebras e trincou os dentes de dor, mas estranhamente não conseguiu gritar, pois sua voz se recusava a sair. O sofrimento que a zumbi lhe impunha era tão intenso que ele chegou a ficar na ponta dos pés. Seus olhos ficaram vermelhos. Seu corpo ameaçava se partir a qualquer momento.

Depois de alguns longos segundos de sofrimento interminável, nos quais Eduardo sentia que iria quebrar ao meio sob o olhar severo de Jezebel, de repente seu corpo relaxou por completo, e ele desabou de joelhos no chão, arfando. Apoiou ambas as mãos na terra e começou a tossir e gemer.

— Não se iluda, humano. Você não está aqui em condições de barganhar. Eu não preciso fazer acordos com você ou lhe prometer recompensas. Tampouco necessito esperar que me conte a verdade, porque simplesmente posso arrancá-la de dentro da sua cabeça patética — Jezebel falou, diante do olhar assustado de Eduardo.

Em seguida ele sentiu como se dedos de aço agarrassem sua garganta, fechando-lhe as vias aéreas. As veias do pescoço

incharam como se fossem explodir, enquanto seus olhos viravam para cima dentro das órbitas. O rosto dele se desfigurou numa careta de sofrimento enquanto um fio de saliva escorria incontrolável pelo canto da sua boca.

E então seu corpo inteiro saiu lentamente do chão, e, flutuando no ar, Eduardo atravessou o espaço na posição vertical, indo para perto de Jezebel. Uma vez diante dela, aquele estranho poder o libertou, deixando-o cair de joelhos, mais uma vez, aos pés da sádica criatura.

— Aprenda a me respeitar, moleque! Do contrário, eu te esmago igual a uma barata! Fui clara? — Jezebel exigiu, cruel. — E agora me deixe conferir se o que você diz é verdade.

Ela se esticou, segurou Eduardo pela nuca e bateu sua cabeça contra um dos apoios de braço da cadeira. Em seguida, Jezebel entrou na mente dele usando seu poderoso dom.

A expressão dela foi mudando aos poucos. O olhar de desprezo e irritação assumiu um brilho maligno, vitorioso. Jezebel começou a gargalhar, alucinada de satisfação. Não se sentia assim havia anos, e por isso libertou Eduardo, que caiu no chão, exausto. Sua cabeça doía depois de o poder de Jezebel ter vasculhado impiedosamente seu cérebro. Até mesmo uma gota de sangue escorreu pelo seu nariz.

— Quer dizer que foi em Ilhabela que aqueles dois covardes se esconderam, levando minha maldita irmã gêmea junto com eles? Eu sabia que não podiam ter ido muito longe, eu sabia! — Jezebel bradou, feroz.

— Se você tinha certeza de que estávamos por perto, por que não nos procurou? — Eduardo, ofegante, se arrependeu na hora por ter dirigido a palavra a ela. Esperava não ser castigado de novo.

— Pode ter certeza de que eu procurei vocês, humano. Mas, como pode ver, as coisas estão muito difíceis para mim agora; me deslocar é algo cansativo, penoso. E a culpa toda disso é do seu ex-pai. O maldito quase me matou mais de uma vez. Mas agora já sei onde ele está, e o Ivan irá pagar por todo o mal que me causou!

— E quanto a mim? Eu trouxe a informação que você mais queria receber nas últimas décadas. Como irá me recompensar? — Eduardo

se atreveu a perguntar.

Jezebel já havia deixado claro que podia ser absolutamente cruel e implacável, mas mesmo assim ele não cederia por completo. Não viera tão longe apenas para ser tratado como um mensageiro que cumprira sua tarefa e podia agora ser dispensado.

Jezebel o encarou com dureza, piscando diante da audácia de Eduardo ao confrontá-la. Mas, ao contrário do que ela imaginava, o soldado não se curvou nem se intimidou, apesar de no íntimo estar apavorado.

— Você não tem noção do perigo, rapaz. Essa conversa é infrutífera e desnecessária, não tenho por que aturar sua presença. Diga adeus, Eduardo. Chegou a hora de você morrer. — Jezebel, com toda a calma, mencionou pela primeira vez o nome do seu interlocutor após ler seus pensamentos, porém com uma inconfundível nota de ódio na entonação.

— Não faça isso! Eu não desejo recompensas ou bens, eu quero apenas a chance de me vingar. Permita-me confrontar meus inimigos, esse é o pagamento que eu imploro! — Eduardo ergueu ambas as mãos, desesperado.

Jezebel se deteve e encarou Eduardo, desconfiada. Ela desprezava toda a raça humana e não descansaria enquanto não a erradicasse da face da Terra, mas não podia deixar de dar algum crédito àquele indivíduo em particular. Eduardo trouxera uma informação valiosa, e tudo o que ele pedia em troca era a oportunidade de ajudá-la a esmagar seus inimigos.

— Eu li seus pensamentos, verme miserável. Seu ódio e sua sede de vingança são imensos, quase tão grandes quanto os sentimentos que me fizeram vasculhar essas terras atrás dos seus malditos pais. De fato você talvez possa me ser útil. — Jezebel tornou a medir Eduardo dos pés à cabeça.

Ele era muito grande, extremamente forte e ágil. Poderia ser um reforço valioso.

— Eu posso ajudar, basta me dar a oportunidade. Dê-me uma chance, e eu não te decepcionarei — Eduardo respondeu com convicção.

Jezebel o avaliou por mais alguns instantes e chegou à conclusão de que não tinha nada a perder. Se era vingança o que Eduardo queria, era isso o que ela lhe proporcionaria. Mas ele precisaria pagar o preço, e não seria baixo.

— Muito bem, humano, há algo que eu quero te mostrar, venha comigo. — Jezebel o encarou.

Lentamente uma cadeira de rodas deslizou com suavidade de trás da imensa poltrona na qual ela estava acomodada, parando ao seu lado. Como num passe de mágica, o decrepito corpo de Jezebel flutuou no ar, saindo da poltrona e aterrissando na cadeira de rodas. Ato contínuo, a cadeira passou a se deslocar sozinha, descendo o pequeno morro sem que ela movesse um único músculo para controlá-lo.

Eduardo decidiu segui-la. Parecia óbvio que aquela criatura era tão letal quanto todos afirmavam, e ele não pretendia ser submetido a novos castigos terríveis e, pelo visto, inevitáveis.

Na base do morro, Jezebel parou e virou-se para Eduardo, para ver se ele a seguia. Ao constatar que ele descia um tanto desconfiado, Jezebel virou à esquerda, indo para trás da gigantesca barreira de carros amassados.

Enquanto descia, Eduardo olhou para o lado e avistou a gigantesca multidão de seres que o observava. Havia dezenas de milhares de criaturas ali, entre zumbis e berserkers. Mas a aberração que o derrubara e arrastara até aquele lugar não se encontrava ali. Era um ser fácil de identificar na multidão pela gigantesca diferença de tamanho, e sua ausência não passou despercebida ao fugitivo.

Ao virar à esquerda no final do morro, Eduardo parou, perplexo. Não esperava ver o que estava escondido atrás da barreira de carros nem tampouco saberia dizer do que se tratava.

Havia um grande buraco circular no chão, alguns metros à frente de onde ele se encontrava. E esse buraco era cercado por uma forte tela de arame, com quatro metros de altura, fechada por um portão com cadeado. Daquele ponto era impossível ver o interior do buraco, que aparentava ser muito fundo. Jezebel permanecia parada na cadeira de rodas alguns metros antes do portão de entrada daquela gaiola gigantesca.

— Acredito que você não ignore o fato de que destruí diversas cidades pelas quais passei, não é verdade, humano?

— Sim, Jezebel, seus feitos são famosos — Eduardo foi sincero.

— Pois bem. Uma das pocilgas que eu botei abaixo foi parte da cidade de São Paulo. Para ser mais precisa, a 2ª Divisão de Exército daquela cidade. Esse nome lhe soa familiar? — Jezebel arqueou uma sobrancelha.

— Sim, era a sede do exército na qual a Mariana e o pai dela, o coronel Fernandes, viviam. Lembro que falaram que você realmente havia destruído aquele lugar. — Eduardo se perguntava qual seria o rumo daquela conversa.

— Isso mesmo. Acontece que, quando arruinei aquele local, tive a oportunidade de encontrar um homem chamado Oscar, um médico metido a cientista que se atrevia a fazer experiências com meus irmãos. — Jezebel estreitou os olhos, cheia de ódio à simples lembrança daquele homem. — Creio que a Mariana deve tê-lo mencionado.

— Sim, algumas vezes. Ela não gostava muito de comentar sobre sua vida em São Paulo, dizia que eram lembranças ruins.

— Pois muito bem. Antes de descascar nosso querido doutor Oscar como a uma cebola... e acredite em mim, ele gritou muito antes que eu finalmente o matasse... tive a oportunidade de descobrir uma de suas mais bizarras experiências. Algo que ele não dividira com ninguém.

Eduardo franziu a testa, preocupado. De alguma forma pressentia que não iria gostar de ouvir o que viria a seguir. Mas sabia que não tinha escolha.

— O tal do doutor Oscar mostrava-se muito curioso em descobrir o que aconteceria se os zumbis ficassem tempo demais sem comer. Ele pensava que esse talvez fosse um desdobramento natural que aconteceria quando estivéssemos sem nenhum alimento. Por isso, o sujeito decidiu dar uma pequena ajuda para a natureza, e manteve alguns dos meus irmãos presos e esfomeados durante vários meses.

Eduardo engoliu em seco. As histórias que ouvira diversas vezes desde criança sempre davam conta de que o doutor Oscar era

completamente maluco. E pelo visto havia um grande fundo de verdade naqueles relatos.

— E qual foi o resultado? — Eduardo indagou, preocupado.

— Meus irmãos enlouqueceram por completo. Eles se tornaram hiperagressivos, violentos ao extremo. Ficavam horas por dia socando as barras das jaulas que ele improvisara, tentando sair. Gritavam furiosamente o tempo todo, como animais selvagens. Aquilo os deixou tão transtornados que alguns chegaram a morrer batendo a cabeça contra as grades, totalmente fora de controle. — Jezebel encarou Eduardo.

— Entendo. O que não está claro para mim é o que isso tem a ver comigo.

— Tem tudo a ver com você, humano. Eu vou chegar lá — Jezebel respondeu num tom levemente zombeteiro. — O fato é que eu decidi fazer minhas próprias experiências! Digamos que também queria dar a minha contribuição para a ciência!

— Que tipo de experiência você fez?

— Veja com seus próprios olhos, humano. — Jezebel esticou o braço na direção da gaiola feita no chão, convidando Eduardo a chegar mais perto.

Ele caminhou devagar. Ao passar por Jezebel, esforçou-se para não reparar na sua aparência grotesca. Se ela notasse seu interesse, decerto se vingaria de alguma forma.

Uma vez perto da grade, Eduardo olhou para baixo. E constatou que o buraco era bem maior e mais profundo do que imaginara antes, e fora cavado no ponto exato onde antes ficava o cinema do antigo Shopping Colinas, agora reduzido a parte dos escombros que compunham a arena de entulho.

E então não pôde conter o espanto. Uma visão aterrorizante, capaz de fazer gelar o sangue de qualquer soldado, por mais experiente que fosse. Dentro daquela gaiola improvisada havia quase cem aberrações, entre elas, o imenso ser de cabelos longos, ralos e brancos que o derrubara com um único golpe. Jezebel parecia estar reunindo aquelas criaturas para que elas fizessem parte do seu bizarro exército.

Seres monstruosos, muitos completamente nus, fortíssimos e de aparência feroz, circulavam a esmo de um lado para o outro naquele espaço, esbarrando uns nos outros, quase indiferentes à presença dos demais.

Porém, quando as criaturas avistaram Eduardo — um humano —, enlouqueceram. Os seres, agora furiosos e alucinados, começaram a avançar na direção dele, escalando as bordas do buraco de mãos nuas. Por instinto Eduardo recuou um passo para trás, intimidado por aquelas monstruosidades.

— Quietos! Agora! — Jezebel gritou, e quase todos os seres pararam de imediato, mesmo que visivelmente contrariados.

Um deles, entretanto, resistiu bravamente ao comando de sua senhora e conseguiu sair do buraco, chegando ao limite da cerca que separava Eduardo daquela horda de demônios.

— Eu ordeno que se afaste! — Jezebel estava furiosa com a ousadia da criatura desobediente.

De imediato a aberração sofreu um impacto que a arremessou longe, fazendo com que o gigantesco zumbi de cerca de dois metros de altura voasse pelo ar e caísse dentro do buraco, se estatelando no chão.

Eduardo piscou diante daquela cena e voltou a se aproximar da grade. Jezebel parecia frágil prostrada naquela cadeira de rodas, mas o fato era que nenhum daqueles monstros era páreo para ela. Nem mesmo milhares de criaturas seriam capazes de fazer frente ao seu poder.

— Como conseguiu reunir tantos desses seres? Só tínhamos visto um deles até agora, e aqui você tem dezenas de espécimes presos. Como é possível, Jezebel?

— Eu não os reuni. Eu os criei, humano. — Jezebel sorriu, vitoriosa, diante do olhar de enorme perplexidade de Eduardo.

— Mas como...

— Usei a mesma ideia do tal Oscar. Eu os mantive presos e sem comida por décadas. O mais antigo é aquele que te arrastou até mim, um desalmado batizado pelo nosso saudoso doutor de indivíduo número um. Primeiramente eles se tornaram seres mais ferozes, aqueles que vocês chamam pelo ridículo nome de

berserkers. — Jezebel, encarando Eduardo, citou novamente parte dos conhecimentos que obtivera lendo sua mente. — Isso que você está vendo é o resultado final dessa experiência, o estágio seguinte. Isso é o que acontece com os zumbis depois de anos de privação: eles se transformam numa obra-prima da natureza. Essas monstruosidades são o futuro, os verdadeiros herdeiros da Terra.

— Então, quando um berserker permanece vários anos sem comida...

— ...ele se torna uma dessas aberrações; gigantescas criaturas assassinas, capazes de dizimar um regimento inteiro de soldados. Esses seres possuem uma capacidade de regeneração quase ilimitada. Um tiro na cabeça os incapacita por algum tempo, mas eles sempre se recuperam e voltam a estar aptos a matar. A única forma de eliminá-los é destruir ou simplesmente cortar-lhes a cabeça. — Jezebel se mostrava muito orgulhosa de si mesma. E a melhor parte: quando mordem um ser humano, ele também se transforma. Assim, venho aos poucos criando meu exército de malditos. É como eu disse, Eduardo, eu também me considero uma cientista! — Ela riu.

— E pelo visto um dos seus soldados fugiu e contaminou um dos técnicos da comunidade de Ilhabela, que se transformou também. — Eduardo não poderia estar mais espantado com tudo aquilo.

— Sim, humano. E é graças a essa minha descoberta que irei atender a seu pedido. Permitirei que você leve a sua vingança ao limite. Eu te darei a oportunidade de ser o carrasco dos seus inimigos, inclusive do seu maldito pai adotivo. — Jezebel fitou Eduardo de forma estranha.

Ele ficou na dúvida sobre o que aquele olhar significava. Foi quando se deu conta do que Jezebel tinha em mente.

Eduardo engoliu em seco e começou a andar para trás, horrorizado, encarando Jezebel. Ela sorriu ao notar que ele parecia ter a pretensão de fugir.

— O que foi, humano? Por que se afasta de mim? É cedo para encerrar sua visita, desfrute um pouco mais da boa hospitalidade gaúcha! — Jezebel gargalhou de forma doentia.

Eduardo girou nos calcanhares e começou a correr, deixando Jezebel e sua risada diabólica para trás.

— Corra, Eduardo, corra! Tente fugir do inevitável! Mas lembre-se de que, por mais que você fuja, não é possível escapar do seu destino! — Jezebel gritou, divertindo-se com aquela cena.

Ao circular a barreira de carros ele viu-se diante da horda de zumbis paralisada. Se antes se sentira nervoso ao passar por aquele grupo de criaturas, agora estava aterrorizado. Mas tinha que tentar escapar; por isso, começou a correr por entre a multidão de seres grotescos que pareciam dormir de pé e com os olhos abertos. Quando se aproximou às pressas de uma criatura, ela se virou para ele e falou com uma voz gutural, fazendo-o pular de susto:

— O destino é inexorável, ele guia os nossos passos!

— O destino nos impulsiona! — outro disse.

— O destino nos compele! — uma mulher gritou.

— O destino nos move! — uma criança bizarra avisou.

— Ele nos conecta! — um idoso sentenciou.

— Ele nos une! — outro zumbis afirmou.

— E nós iremos levá-lo de encontro ao seu destino, humano! — Urrando, o berserker saltou diante de Eduardo, que suava em bicas de pavor.

Eduardo parou diante da criatura de aparência selvagem, perturbadora, e a fera pulou sobre ele, derrubando-o no chão com facilidade. O ser era esquelético e mirrado, e mesmo assim muito mais forte que o soldado. O berserker o esmurrou no peito — os pulmões de Eduardo se comprimiram e algumas artérias se romperam. Um jorro de sangue subiu por sua garganta e saiu pela boca, tingindo seus dentes de vermelho.

Eduardo tentou se virar, sentindo a intensa dor dos pulmões em colapso, buscando alguma forma de fugir daquele inferno. Ele tossiu, e gotículas de sangue se espalharam pelo chão. Antes que pudesse se mover, entretanto, o berserker agarrou-o pelas costas e o arrastou com facilidade, apesar de Eduardo ser quase duas vezes mais pesado que o zumbi. Ele se debatia, desesperado, tentando encontrar uma forma de se desvencilhar da fera fortíssima.

Em instantes o morto-vivo o levou de volta, arremessando-o no chão, diante de Jezebel.

— Ninguém foge do destino, Eduardo. Ninguém. — Jezebel estreitou os olhos ao encará-lo com selvageria.

Como num passe de mágica, o portão se escancarou e Eduardo foi arremessado para trás, na direção do buraco onde ficavam presas as aberrações. Ele soltou um grito de terror ao bater no chão e rolou em meio ao pó, procurando se agarrar a algo, ficando finalmente pendurando na borda da imensa cavidade repleta de monstros.

— Jezebel... — Eduardo arfava, tentando desesperadamente se segurar, enquanto suas mãos escorregavam e seu corpo pendia cada vez mais para aquele pequeno abismo repleto de horrores.

— Você será magnífico, eu prometo! Um verdadeiro filho do demônio, meu mais poderoso amaldiçoado! — Jezebel gritou.

E com apenas um olhar dela, Eduardo sentiu suas mãos sendo puxadas, e seu corpo despencou no vazio, em meio ao bando de criaturas ferozes. Quando atingiu o solo, seus ossos se partiram, e um odor fétido de podridão chegou às suas narinas. De lá de cima, Jezebel o observava.

— Está gostando, humano desgraçado? Eles são feitos à mão! — Jezebel tornou a gargalhar. — Vá, Lúcifer, meu indivíduo número um, apresente essa criatura patética à escuridão!

Imediatamente o imenso zumbi que arrastara Eduardo para aquela arena bizarra, o mais forte de todos, se aproximou, agarrou-o com absurda brutalidade e o ergueu do chão sem esforço algum, causando-lhe imensa dor devido aos inúmeros ferimentos que sofrera com a queda e a agressão imposta pelo berserker. Ato contínuo, o ser de aparência atroz escancarou a boca com inúmeros dentes afiados como navalhas e cravou uma mordida no ombro dele, arrancando-lhe um pedaço de carne e músculo e esmagando-lhe a clavícula. O sangue jorrou.

Eduardo gritou de dor com o ferimento fatal que o zumbi lhe causara, e caiu no chão como um saco de areia quando a aberração o largou, displicente, mastigando de boca aberta o pedaço de carne que arrancara com selvageria.

Eduardo ficou caído no chão, delirando de dor, sentindo a vida se esvaír do seu corpo devido à intensa hemorragia. Diante de seus olhos dançavam mil imagens, desde o rosto do pai até lembranças de quando era apenas uma criança. Ele saboreou dolorosamente seus últimos instantes como humano. Foi quando sua consciência começou a se apagar que algo grotesco aconteceu.

De um instante para o outro, Eduardo se pôs de joelhos e se retesou, jogando a cabeça para trás, com o rosto inteiro se esticando numa careta de dor. A boca se escancarou e os olhos reviraram nas órbitas. Ele queria gritar, mas a voz não saía. Em instantes, seu corpo começou a esticar. Eduardo ouviu vértebras e ossos estalando, sentiu a pele se distendendo, rompendo em alguns pontos, deixando os músculos à mostra enquanto o sangue parecia brotar através de seus poros. Seu peito inflou e as costelas acabaram de se partir, para logo em seguida se recomporem, maiores. Os músculos do tórax se expandiram rapidamente, dando a impressão de que ele ia explodir. A camiseta rasgou bem no meio da caixa torácica, expondo o torso.

Os pés dele incharam de tal forma que as botas explodiram, e os dedos imensos tocaram a terra fria. Os músculos das pernas engrossaram tanto que a calça também rasgou, deixando-o completamente nu. As veias dos braços saltaram de forma impressionante, à medida que os membros superiores também triplicavam de espessura em segundos. Em instantes, as artérias começaram a enegrecer, como se estivesse sendo injetado piche na sua corrente sanguínea.

Quando todas as veias e vasos ficaram negros, uma cor escura começou a se espalhar pelo corpo dele, fazendo com que sua pele, outrora bronzeada, começasse a adquirir um tom grafite. Aquela mudança de pigmentação fez toda sua epiderme queimar como se houvessem ateado fogo nele. Mesmo com tamanho sofrimento, para seu desespero sua voz insistia em não sair, impedindo-o de gritar.

Eduardo cerrou as pálpebras de dor quando seu crânio começou a se expandir. A mandíbula se distendeu e os dentes começaram a cair, ao passo que outros, maiores e mais afiados, brotavam em seu lugar, rasgando a gengiva, e mais sangue escorreu pela sua

garganta. Seu rosto inteiro parecia borbulhar, formando uma nova face, muito maior e ameaçadora.

E quando os olhos cresceram e saltaram para fora, rasgando as pálpebras, eles eram completamente vermelhos — um rubro muito vivo, sanguíneo e vítreo. Naquele instante, Eduardo, que em nenhum momento conseguiu gritar, rugiu. Foi um urro tão feroz, tão aterrorizante que até mesmo as aves do céu fugiram daquele lugar no qual um verdadeiro demônio parecia ter sido parido. A criatura monstruosa ficou de pé, olhando em volta num misto de confusão e fúria. Todo e qualquer sinal de humanidade fora eliminado. Tudo o que restava era uma besta irracional, sem alma.

Jezebel contemplou seu mais novo espécime. Ele era muito maior que os demais, com mais de três metros de altura. Era o que ela esperava. Afinal, se zumbis esqueléticos e seres humanos raquíticos e doentes se transformavam em feras assassinas, o que poderia acontecer se um soldado fortíssimo e saudável fosse contaminado?

— Lúcifer, mate-o — Jezebel sussurrou. Tinha um bom pressentimento sobre aquela criatura.

A aberração de cabelos longos e prateados avançou na hora contra o ser recém-transformado, que observou de forma abobalhada, quase apática, a outra criatura se aproximando. Porém, quando o monstro que atendia pelo nome de Lúcifer chegou até ele, aquele ser enfureceu-se e agarrou Lúcifer pela garganta, esmagando-lhe a traqueia de imediato. A criatura, esganada, se debatia ferozmente, procurando se livrar daquele que fora Eduardo, buscando liberar suas vias aéreas destruídas. O monstro criado havia pouco, ignorando as investidas, ergueu do chão com facilidade o zumbi gigantesco.

Assistir àquela cena era como ver um gigante sendo humilhado por outro ainda maior e muito mais poderoso. Jezebel sorriu de satisfação; seus instintos não se enganaram, afinal.

A criatura que outrora se chamara Eduardo olhou para Lúcifer e torceu o próprio punho, quebrando o pescoço do zumbi. A aberração, gravemente ferida, gemeu, com seu corpo se contorcendo em espasmos incontrolláveis.

A monstruosidade, como que cansada daquela brincadeira desinteressante, arremessou seu adversário longe, e Lúcifer se espatifou contra a borda do buraco, arrebatado. Não fora preciso sequer usar ambas as mãos para trucidar seu inimigo. Lúcifer soltou um gemido doloroso quando caiu no chão, ferido. Aquelas criaturas eram mais fortes, porém mais suscetíveis à dor do que os zumbis comuns. No entanto, em instantes seu corpo começou a se recuperar, graças à incomum capacidade de regeneração daqueles seres.

— Bravo! Bravíssimo! — Jezebel comemorava, batendo sua única mão contra o apoio da cadeira de rodas. — Eu disse que você seria magnífico, meu demônio pérfido! Você irá comigo e matará com as próprias mãos todos aqueles que te perseguiram. Eu juro! E a partir de agora, chamarei você de Escuridão. Vamos, saiam! Subam, meus queridos, venham com a sua mãe! Chega de ficarem presos nesse buraco imundo! Este é o seu momento. Venham todos para mim! — Jezebel gritava.

As aberrações começaram a escalar as bordas do buraco, subindo cada vez mais, alcançando Jezebel. Entre os seres estava Escuridão, que agora já não possuía mais vontade própria — era como todos os demais, uma mera marionete manipulada pelos dedos ágeis de Jezebel.

A cadeira de rodas começou a se deslocar, obedecendo ao comando de Jezebel, e ela e sua guarda pessoal de monstros saiu de trás da imensa parede de carros, chegando ao espaço central daquela arena gigantesca feita de entulho. Lá, milhares de zumbis e centenas de berserkers a aguardavam.

— Chegou a hora, meus irmãos! Vamos buscar a nossa vingança. Iremos esfolar vivos todos os malditos seguidores do Ivan e sua corja de assassinos de zumbis! Para Ilhabela, agora!

Os urros e berros dos mortos-vivos se elevaram nas alturas, fazendo a cidade inteira de São José dos Campos tremer. Jezebel passara trinta anos apenas esperando e exercitando seu ódio. E agora ela iria descarregar toda a sua fúria sobre seus inimigos.

Todo seu imenso exército de mais de cinquenta mil zumbis começou a sair daquela estapafúrdia construção feita de escombros

e ganhou a avenida, seguindo na direção da rodovia Tamoios, rumo ao litoral norte de São Paulo.

A horda caminhou por cerca de três quilômetros até chegar ao viaduto da rodovia Dutra, que levava às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Naquele ponto Jezebel estacou, detendo o avanço do seu exército, e lançou um olhar para um grupo com cerca de quinze aberrações que se adiantou, aproximando-se dela. Jezebel tinha planos especiais para aqueles seres.

— Vão, meus filhos, dividam-se em dois grupos. Um partirá para São Paulo, e o outro, para o Rio de Janeiro. Aqui nossos caminhos se separam para todo o sempre — Jezebel sentenciou. — Daqui em diante eu os liberto do meu jugo. Vão e espalhem a maldição. Encontrem o maior número possível de humanos e contaminem todos; encarreguem-se de perpetuar sua espécie. Se eu falhar, caberá a vocês concluir a minha obra. Vão e subjuguem a humanidade. Agora!

Os seres, irracionais, partiram em direções opostas, correndo como loucos, em altíssima velocidade. Eles não sabiam pensar, mas a ordem de Jezebel iria ecoar em seus cérebros primitivos por anos.

Ela ficou olhando seus cães de guerra se afastando e, quando eles sumiram de vista, Jezebel e sua horda retomou a jornada em direção a Ilhabela.

CAPÍTULO 15

ENCONTRO ENTRE AMIGOS



MATHEUS E MÔNICA SEGUIAM para a residência de Ivan e Mariana, por volta das vinte horas. Iam acompanhados de Nívea, pois achavam que faria bem à filha de Klaus sair um pouco de casa após o luto por conta da morte do pai. Eles tentaram convencer Douglas a ir também, mas ele se mostrava irredutível. Lidar com a morte do companheiro era doloroso demais, e Douglas não tinha ânimo para nada.

Sílvio também se encontrava no carro. O filho de Matheus e Mônica tinha um interesse especial por tudo o que envolvia Nívea; isso era algo muito claro para todos.

— Está se sentindo melhor, Nívea? Eu sei que não deve estar sendo nada fácil...

— Cada dia tem sido um sacrifício, Sílvio. Você não pode imaginar o quanto aquele lugar ficou vazio sem meu pai. Ele era a alma da nossa família. A risada dele enchia a casa toda. Sinceramente, parece que arrancaram um pedaço de mim. E eu não sei se meu outro pai vai conseguir se recuperar, ele está sofrendo demais.

Sílvio suspirou. E tudo aquilo porque seu tio decidira se tornar um traidor. Se ao menos eles tivessem encontrado alguma pista... Mas o fato era que Eduardo evaporara.

Matheus estacionou o carro, e os quatro desceram. Ivan e Mariana os receberam efusivamente. Os dois sentiram muito pela ausência de Douglas, mas ficaram felizes por reencontrar Nívea, pois a afilhada era uma pessoa muito querida. Jennifer e as demais filhas de Ivan e Mariana também vieram receber os convidados.

— Meu bem, fico feliz que tenha vindo. Você está precisando se distrair um pouco. — Mariana passou o braço pelo ombro de Nívea, que sorriu de volta para ela, afetuosa.

Após o jantar, os mais jovens saíram para conversar na varanda, e Ivan, Mariana, Matheus e Mônica se acomodaram na sala, para tomar café. Foi quando Matheus reparou no diário de Ivan, que havia sido devolvido à estante.

— Incrível como um livrinho tão singelo pode ter criado tanta confusão — Matheus comentou, observando o volume entre diversos outros livros.

— Verdade. Quando escrevi sobre a morte dos pais do Eduardo eu tentava apenas exorcizar meus próprios demônios. Nunca me passou pela cabeça que ele fosse ler um dia, e muito menos que viria a ter uma reação tão extrema. — Ivan balançou a cabeça. — E até hoje me pergunto como exatamente ele pegou meu diário e, sobretudo, encontrou a parte referente aos pais dele, que na prática não ocupa mais do que meia dúzia de linhas. Às vezes tenho a sensação de que o Eduardo realmente procurava algo que depusesse contra mim; não vejo outra explicação.

— Não pense mais nisso, pai. De qualquer forma, ele ficou tão transtornado porque quis. O Edu demonstrou não ter nenhum equilíbrio emocional. Decretou a sua condenação por uma situação na qual não havia outra escolha, e não dependia de você. Negar todo o seu legado por causa de um episódio de trinta anos atrás é muito injusto — Mônica comentou, inconformada.

— Meu legado, minha filha? De qual legado você está falando? — Ivan perguntou com suavidade, olhando para Mônica com imenso carinho.

— Eu me refiro a esta cidade, esse grupo que você e a mamãe criaram. As instituições funcionam, temos segurança e condições de

vida dignas. Vocês fizeram um bem imenso para diversas gerações.
— Mônica estranhara um pouco a pergunta do pai.

— Meu amor, eu tenho uma opinião sobre legados. Eles são tão efêmeros quanto seus criadores, e são esquecidos duas vezes mais rápido. Se não tomarmos cuidado, seja lá o que for que construamos, morrerá junto comigo. — Ivan achou graça do olhar horrorizado dos filhos.

— De forma alguma, pai. Você será lembrado por mil anos! As pessoas nunca esquecerão suas façanhas. Veja o que aconteceu com a mamãe! Homens e mulheres vão quase todos os dias até o túmulo dela levar flores. Com você será igual! — Matheus disse com convicção.

— E pelo que eu serei lembrado, filho? Todos se recordarão do soldado? Do assassino? Do político? Qual será a palavra que me definirá e que irá estampar a minha lápide? — Ivan encarou o filho.

— As pessoas se lembrarão de tudo isso e muito mais. Falarão do pai, do bom marido, do líder e de todas as suas outras qualidades. — Matheus sustentou seu olhar.

— Isso é terrível, filho, pois, na prática, nada disso irá servir para enfrentar o futuro. Lembrar-se de mim por conta desses adjetivos será inútil. Servirá apenas para rodas de conversas entre amigos ou mesmo um feriado municipal. Talvez tenhamos praças e ruas com o meu nome, da mesma forma que batizamos avenidas e até mesmo escolas com o nome da sua mãe. No entanto, além disso, recordar o que eu fiz na esfera pública ou militar não terá nenhuma serventia.

— Eu não entendo. Se suas façanhas não servirem para inspirar as gerações futuras, para o que servirá então? — Mônica franziu a testa.

— Meus ideais, minha filha; eles são tudo o que importa. Meu verdadeiro legado não é a segurança pública ou a sociedade como nós a conhecemos. São as minhas ideias, que impedem que pessoas inescrupulosas se apossessem do poder em benefício próprio, que realmente contam. Se quando eu morrer o povo desta ilha ficar celebrando meu nome e as batalhas que venci e se esquecer de manter os lobos longe do centro das decisões, eu garanto que toda

essa estrutura irá desabar e será usada contra a comunidade à qual deveria servir.

— Não creio que isso venha a acontecer, pai. Todos saberão zelar por aquilo que você e a mamãe construíram.

— Será mesmo, meu filho? Então por que de tempos em tempos surgem ideias mirabolantes sobre reeleição ilimitada e fim da democracia na nossa ilha? Eu estou vivo, e venho mantendo longe os simpatizantes dessas ideias, mas por quanto tempo isso será possível? A idade me pesa cada vez mais, eu não sou eterno. Estamos num mundo em que ideias são frágeis, e os mecanismos para enfrentar um déspota que consiga chegar ao poder, poucos. Se fraquejarmos nos nossos ideais, mais cedo ou mais tarde teremos um novo Emmanuel entre nós, aqui conosco.

Matheus se arrepiou com aquela possibilidade. Definitivamente o pai exagerava no seu pessimismo. Jamais um louco similar a Emmanuel, o tirano que aterrorizara Taubaté anos antes e fora derrotado por seus pais, conseguiria assumir o poder em Ilhabela.

Após alguns instantes de silêncio, Matheus consultou o relógio e decidiu que chegara a hora de partirem. No dia seguinte, como sempre, tinham muito o que fazer.

— Não se preocupe, pai. Garanto que esta comunidade nunca irá permitir que alguém destrua o que vocês criaram aqui, pode ter certeza. — Matheus se levantou e deu um beijo na testa de Ivan, que sorriu com o gesto de carinho do filho.

Em seguida, todos se despediram, e Matheus e Mônica partiram, levando Sílvio e Nívea consigo.

Mariana ficou à soleira até o carro desaparecer ao longe. Ivan permaneceu sentado no sofá, pois ainda dependia da cadeira de rodas e da ajuda dos outros para se movimentar.

— O que você achou? A reação dele foi a que você esperava? — Mariana quis saber, sentando-se ao lado do marido.

— Infelizmente, não. Meu filho é ótimo militar e um homem honesto e de bom coração, mas não tem a habilidade necessária para manter nosso ambiente político seguro. Quando eu faltar, temo que tudo desabe — Ivan opinou, olhando Mariana fixamente.

— Então trate de não morrer nunca! Não gosto quando você fala assim. — Mariana esboçou um lindo sorriso para o marido. — Você anda muito pessimista desde o acidente.

— Pois é, acho que esse episódio serviu para me lembrar do quanto eu sou frágil. Definitivamente não tenho mais trinta anos de idade. — Ivan tomou a mão de Mariana.

Ela estranhou aquele gesto tão carinhoso, que não era uma característica de Ivan. Pelo menos não com ela.

— Mari, eu nunca te agradei por ter salvado minha vida. Muito obrigado! Sem você eu não estaria aqui hoje. Aliás, obrigado por ter cuidado de mim esses anos todos. — Ivan levou a mão dela aos lábios, e Mariana ficou profundamente surpresa.

— Nossa, estou espantada com tanta atenção! Você sempre me respeitou muito, e temos um relacionamento de companheirismo e amizade, mas carinho não é o seu forte! — Mariana sorriu.

— Me desculpe por isso. Eu podia ter dado muito mais, você merecia muito mais. Porém, não consegui. Tenho vivido preso ao passado por tempo demais. Espero que você possa me perdoar um dia — Ivan falou com tanta sinceridade que Mariana sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

— Ah, Ivan... Esperei muito tempo pra ouvir isso. Obrigada!

Em seguida, os dois se abraçaram apertado, e ficaram assim por um longo tempo. Dois corações solitários que nunca haviam conseguido encontrar o caminho para se ligarem de fato.

* * *

Após mais um dia de trabalho, Zac e Gisele seguiam para casa, para o merecido descanso. Eles tiveram vários filhos em seus trinta anos de relacionamento, apesar de nunca terem se casado. Mas agora viviam sozinhos novamente, pois as crianças havia se tornado adultas e seguiram seus caminhos, deixando os pais sozinhos, como nos primeiros anos.

Logo que chegaram, Zac se jogou no sofá com uma caneca de cerveja na mão. Com o fim das cervejarias, naqueles tempos as bebidas alcoólicas eram feitas de forma artesanal. Aquilo era algo de

que Zac sentia falta. Nunca mais tivera a chance de beber uma cerveja em lata, a sua preferida. Mas não podia se queixar, pois ficara anos sem ter como saborear uma bebida gelada. Numa terra arrasada por zumbis, aquilo era um luxo.

Zac colocou um CD no aparelho de som e começou a ouvir uma das suas músicas favoritas. Essa era outra coisa que ele adoraria ter de volta: a possibilidade de assistir algo na televisão. A única opção era assistir a filmes e programas em DVD ou Blue Ray, e mesmo assim apenas aqueles que haviam conseguido salvar. Afinal de contas, àquela altura muitos discos haviam se estragado, e diversas obras se perderam para sempre. Ivan organizara pessoalmente o armazenamento em discos rígidos de todo o material possível, para preservar ao menos parte de sua antiga cultura.

— É, esses malditos zumbis foderam o mundo inteiro... — Zac murmurou, olhando para sua caneca de cerveja.

— Mas bem que você gosta de matá-los. — Gisele se aproximara sem que Zac tivesse notado, surpreendendo-o.

— É, mas eu preferiria que esses filhos da puta não existissem. O mundo antigo era melhor. — Ele fez uma careta ao dar um último gole na cerveja. Definitivamente não gostava daquela bebida, mas não tinha escolha.

— Sabe o que eu faria se pudesse mudar o passado? — Gisele se sentou no braço do sofá, ao lado dele.

— Sei lá. Teria usado camisinha? A molecada deu um trabalho lascado — Zac comentou, distraído.

— Eu não mudaria nada. Nem uma vírgula sequer. — Gisele arrumou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Sim, claro... Acho que você se esqueceu dos zumbis. — Zac pigarreou para limpar a garganta.

— Não; também não mudaria os zumbis. Deixaria tudo do jeito que está.

Zac a encarou, espantado.

— Está maluca, mulher?! Como assim? — Ele franziu a testa.

— Eu não mudaria nada porque os zumbis trouxeram você pra mim, cabeça de bagre. — Gisele sorriu. Ela ainda era muito bonita.

Zac olhou para ela, sério a princípio, mas ao ver sua expressão, acabou dando risada. O rosto deformado ficava ainda mais estranho quando ele sorria, mas ela não se importava. Já se acostumara com a aparência bizarra do companheiro.

— Está falando sério, Gi? Eu sou grosseiro e estou sempre mal-humorado, nem eu me suporto.

— Sim, mas você é o homem que eu escolhi para viver ao meu lado. O pai dos meus filhos. Para mim, você será sempre o meu Grandão. Se o preço a pagar foi ver o mundo definhando, eu aceito isso de bom grado — Gisele disse, séria.

Naquele momento, Zac viu novamente a mulher linda, um tanto pedante e de temperamento difícilíssimo pela qual se apaixonara e quase morrera mais de uma vez. Ele a achava um verdadeiro tesão, mas não era só isso. Zac amava cada um dos defeitos daquela louca.

— Você está romântica hoje... Que bicho te mordeu? — Ele a pegou nos braços e a colocou em seu colo com facilidade, pois Gisele pesava quase a metade do seu peso.

— Não sei. Nunca fui muito explícita sobre o quanto eu te amo. Então, achei melhor falar logo antes que eu me esqueça de novo. — Gisele girou o tronco e ficou de frente para Zac, com as duas pernas cruzadas nas costas dele.

— Também te amo, minha doida. Arrasto um caminhão por você, sabia? — Zac passou os braços em torno da cintura dela.

— É lógico que eu sabia! — Gisele arrancou a blusa deixando os seios fartos à mostra, o que empolgou Zac ha hora.

E assim eles fizeram amor ali mesmo, no sofá, alheios a tudo, sem saber que o mal espreitava aquela cidade.

* * *

Isabel acabou de preparar sua refeição e sentou-se à mesa, pronta para desfrutar do seu jantar. O cardápio era simples: uma massa acompanhada de carne grelhada; nada de mais. Ela colocou na mesa também um copo de suco natural para servir de acompanhamento.

Isabel pôs-se a cortar a carne, distraída, lembrando o que tinha para fazer no dia seguinte, mas de repente interrompeu o movimento. Permaneceu alguns instantes olhando para a comida no prato, imóvel.

Devagar ela ergueu o olhar para a cadeira vazia à sua frente, do outro lado da mesa. Aquele assento raramente era utilizado, visto que seus filhos, agora adultos, tinham deixado a casa materna.

A cadeira favorita de Canino, seu marido falecido mais de vinte anos antes...

Isabel colocou os talheres sobre o prato e apoiou os cotovelos na mesa, pousando o queixo sobre as mãos unidas, olhando fixo para aquele móvel. Uma cadeira simples e antiga, que eles haviam conseguido logo que se instalaram naquela casa. Naquele mesmo lugar seu marido fizera inúmeras refeições junto com ela. Sentado logo ali, ele travara com Isabel inúmeras conversas, contara piadas, e até mesmo algumas brigas homéricas aconteceram entre ambos. Foram apenas nove anos juntos, mas haviam sido os melhores possíveis. Canino fora, depois dos filhos, a melhor coisa que acontecera na vida de Isabel. Pena que durou tão pouco.

Naquela mesma cadeira, mais de duas décadas antes, Canino fazia sua refeição, como sempre. As crianças brincavam do lado de fora; ele e Isabel sempre serviam os pequeninos primeiro e, depois que eles acabavam de comer, era a vez do casal sentar e saborear a comida com calma.

Isabel não se recordava mais qual era o assunto sobre o qual falavam. Talvez fosse a respeito das dificuldades que ela vinha enfrentando como prefeita, ou alguma novidade das forças de segurança, das quais Canino fazia parte. De fato não importava qual era o tópico discutido, apenas fazia diferença que aquela seria a derradeira conversa que eles teriam; ao menos naquela vida.

Tudo aconteceu surpreendentemente rápido. Canino engolia um pedaço de carne, ouvindo com atenção o que a esposa dizia, quando parou, apoiando os talheres no prato. Canino fechou os olhos e franziu a testa.

— O que houve? Você está se sentindo bem? — Isabel perguntou ao ver a reação do marido.

— Não sei... Me bateu um mal-estar... não sei dizer. — Canino levou a mão ao rosto.

— Acho melhor você parar de comer. Talvez eu devesse te levar para o hospital... — Mas Isabel interrompeu a frase quando viu o que aconteceu a seguir.

Sem aviso, Canino caiu da cadeira, estatelando-se no chão. Ele não falou nada, apenas desabou sem sentidos. Isabel se colocou de pé num salto, correndo até o marido e pondo as mãos no seu rosto.

— Meu querido, o que houve? O que está acontecendo?! — Isabel perguntou, desesperada, quase histérica.

Canino não dizia nada, apenas virava o rosto devagar de um lado para o outro com os olhos fechados. Sua respiração se tornara pesada e difícil. Isabel leu seus pensamentos e só viu confusão. Tudo era desconexo e caótico, entrecortado por um imenso medo do que estava acontecendo.

— Querido, fala comigo. O que há? Eu vou procurar ajuda! — Isabel tinha os olhos marejados de lágrimas.

E de um momento para o outro a mente de Canino se apagou. Tudo se desconectou, como uma televisão que exibia um programa sem sentido e era desligada de repente, deixando para trás uma silenciosa e melancólica tela preta.

— Canino?! Carlos, meu amor, não faz isso comigo pelo amor de Deus! Canino! — Isabel implorava em pânico, diante da morte inesperada do marido. — Você prometeu que não partiria antes de mim, por favor! Canino!

Ela ainda sentia o coração dele batendo de leve, mas o cérebro parara de funcionar em questão de segundos.

Sandra explicaria, muito tempo depois, quando Isabel enfim conseguiu se recuperar, que um aneurisma se rompera no cérebro de seu companheiro, matando-o de forma instantânea e indolor.

O que não foi instantâneo e muito menos indolor fora o sofrimento de Isabel, viúva pela segunda vez, e então com três filhos para criar. Foi um caminho longo e doloroso até que ela encontrasse forças para seguir em frente, depois de muito tempo chorando. Igual a Ivan, Isabel também perdera o amor de sua vida justo enquanto exercia o cargo de prefeita. Por isso mesmo ela

decidiu que nunca mais iria se candidatar a nada. A cadeira do gabinete do chefe do poder Executivo parecia estar amaldiçoada.

— Em que você está pensando? Eu estou te sentindo tão distante...

Aquela pergunta tirou Isabel de seus devaneios, e ela se viu de volta ao presente. Ao olhar para a frente, constatou que a cadeira não se achava mais vazia. Canino estava sentado diante dela, sorrindo largo.

— Estava lembrando como foi triste quando você me deixou. — Isabel sorriu também, diante da aparição do marido.

— Eu nunca te deixei, você sabe disso. — Canino franziu a testa. — Você só não conseguia me ver antes, mas sempre estive por perto.

— Sim, eu sei. Infelizmente não é a mesma coisa. Sinto saudade de quando estávamos juntos. Mas tudo bem. Ter a chance de falar com você de vez em quando é muito mais do que eu poderia esperar, e sou grata por isso. — Isabel suspirou. — Tenho certeza de que o Ivan morreria pela chance de poder ver a Estela da mesma forma que eu sou capaz de te ver.

— Sem dúvida! A Estela vive dizendo que nos inveja profundamente — Canino respondeu. — Não fique triste, meu amor. Estou aqui com você, e nunca irei embora, vou te seguir aonde quer que vá.

— Sei disso, querido. E isso é o que me dá ânimo, sobretudo depois de os nossos filhos terem crescido e saído de casa. Este lugar é muito solitário. Minha única companhia são meus seguranças, cujos nomes nem lembro direito. E acho que eles devem pensar que sou louca, pois de vez em quando tenho certeza de que me escutam falando “sozinha”.

— Eu queria tanto que você tivesse se casado novamente e seguido com a sua vida... Dói muito te ver sozinha desse jeito. — Canino tinha um ar triste.

— Está tudo bem, querido. Foi melhor assim. Viver comigo é confuso demais, ninguém se acostumaria com toda a loucura que é a minha vida.

De repente, Canino disse:

— Desculpe, amor, tenho que ir. Eu te amo. Volto o mais rápido possível! — E no segundo seguinte, ele não estava mais lá.

Mais uma vez Isabel via-se sozinha.

— Retificando: *viver* é confuso demais. Ponto — Isabel murmurou diante da cadeira vazia. Em seguida, decidiu ir se deitar, pois constatou que perdera o apetite.

* * *

Isabel dormia tranquilamente, afinal, após mais uma noite quase insone — o que era comum depois que via o fantasma do marido — quando acordou de repente, dando um pulo na cama. Sua respiração tornara-se ofegante, e sua testa se encharcara de suor. Ela olhou em volta, com o coração aos saltos.

— Meu Deus do céu, preciso avisar alguém! — E saiu apressada para o corredor. Tinha de falar com os soldados que serviam como seus guarda-costas em tempo integral.

Aquela era uma medida tomada por Ivan anos antes. Como todos sabiam o que aconteceria caso Isabel fosse contaminada por algum zumbi, ele determinara que ela nunca poderia ficar desprotegida. Sempre deveria haver ao menos dois soldados por perto para protegê-la. Ou matá-la, se fosse necessário. Por isso, ela nunca ficava, de fato, sozinha.

Isabel atravessou o corredor e desceu as escadas às pressas. Seus seguranças ficavam sempre no andar de baixo, para assim assegurar-lhe ao menos um pouco de privacidade. Os dois soldados conversavam sentados no sofá, mas se colocaram de pé de imediato ao vê-la se aproximando. Havia algo errado, dava para perceber de longe.

— Dona Isabel, o que houve? Algum problema? — um deles perguntou, preocupado.

— Avisem o Ivan e o Matheus, nós estamos sendo... — Uma tremenda dor de cabeça atingiu Isabel em cheio, fazendo com que todo seu crânio doesse. Parecia que seu cérebro ia explodir; ela nunca sentira nada parecido com aquilo antes.

Isabel levou ambas as mãos às têmporas e gritou desesperada. E então ela ouviu a mensagem telepática:

— *Calada! Nem uma palavra sequer, maldita!* — a voz, distorcida e perturbadora, trovejou.

— Como pode? O que...? — Isabel tentou falar, mas outra onda de dor atravessou seu crânio, fazendo tudo sair de foco.

— *Eu avisei que encontraria vocês! Eu vou te matar, vadia! Vou arrancar seu coração, sua desgraçada!!!*

— Não... avisem o Ivan... nós... — Isabel balbuciou, tentando coordenar os pensamentos, lutando contra o poder devastador que parecia ter ateado fogo ao seu cérebro.

— *Quieta! Você vai morrer, verme! Prepare-se, porque vou esmagar todos vocês! Vou matar seus filhos, seus amigos, todas as crianças e todos os velhos!* VOU FAZER COM QUE VOCÊ IMPLORE PRA MORRER!

Tamanho era o sofrimento de Isabel causado por aquela voz que ela não conseguia sequer falar, que dirá ter forças para gritar novamente.

A visão de Isabel escureceu, e ela desabou no chão, desacordada, diante dos olhares perplexos dos seus protetores.

CAPÍTULO 16

O ATAQUE



NA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO, um contingente de quase cem homens guardava o porto, garantindo o acesso seguro dos tanques, caminhões e demais veículos que quase diariamente iam e vinham de Ilhabela, reforçando a segurança para que nunca mais perdessem o controle sobre aquela rota estratégica.

Haviam sido preparadas grandes barricadas com milhares de sacos de areia retirados das praias de São Sebastião, e em breve seriam erguidos muros de concreto cercando todo o perímetro, o que impediria, de uma vez por todas, que sofressem uma nova invasão no futuro.

O responsável por aquele regimento era o capitão Vicente, um homem de quarenta e cinco anos que servia nas forças de segurança da ilha desde a adolescência, e que fora designado para aquela tarefa por sua vasta experiência militar. Ele era o oficial em serviço naquela sexta-feira, junto com vários dos seus combatentes.

— Creio que hoje teremos mais um dia tranquilo, senhor — um dos soldados comentou enquanto se aproximava. — Mesmo sendo sexta-feira 13.

— Não acredito em superstições, rapaz. Essa conversa de que sexta-feira 13 é dia de azar é mera lenda — o capitão afirmou, sério

como sempre. — Mas eu concordo, teremos um dia muito tranquilo. Não há saídas ou chegadas de veículos agendadas para hoje.

O sol estava razoavelmente quente, e uma leve brisa deixava tudo ainda mais agradável.

Além de onde eles se encontravam, protegidos pelas barricadas, ainda havia mais dois postos de controle, cada qual feito de grossas paredes de concreto e protegidos por um Urutu. Os soldados dos postos avançados tinham dupla função. Primeiramente, encarregavam-se de abater os pequenos grupos de criaturas que se aproximavam de tempos em tempos, caminhando em direção ao porto de São Sebastião, procurando impedir assim que eles sequer chegassem à barreira principal. A segunda função era alertar as forças principais quanto à aproximação de alguma grande horda. Nesse caso, a orientação era manterem-se invisíveis e passar o máximo de detalhes possível. Pela distância existente entre o segundo posto e o porto, calculava-se que seria possível soar o alarme quarenta minutos antes de os primeiros zumbis chegarem à zona mais crítica: a de embarque e desembarque.

Por isso, quando o capitão Vicente recebeu um chamado pelo rádio do primeiro posto de observação, todos ao redor se puseram em alerta. Às vezes essas hordas mudavam de direção e não rumavam para onde eles organizavam a linha defensiva do porto de São Sebastião, e assim não ocorriam confrontos. Porém, em várias ocasiões, o enfrentamento foi inevitável.

— Senhor, um grupo grande de seres está rumando pela avenida em direção ao porto. Ao que tudo indica, trata-se de uma horda imensa. Ainda estamos avaliando à medida que eles surgem no horizonte — o soldado informou pelo rádio.

— Sem problemas. Mantenha-nos informados. Nós estamos iniciando o plano de contingência. Vocês conhecem o protocolo, permaneçam invisíveis e calmos. — O capitão Vicente meneou a cabeça. Obviamente errara quanto àquela ser uma sexta-feira ¹³ tranquila. — Preparar operação de contenção! O inimigo está a caminho, ainda não temos previsão de números! — ele se dirigiu aos seus soldados encarregados de proteger o porto.

Imediatamente homens e mulheres começaram a correr de um lado para o outro, preparando-se para um possível confronto.

— Muito bem, posto um, estamos preparando a operação de boas-vindas, só espero que não precisemos revidar. Como estão as coisas por aí? Consegue nos dar uma estimativa quanto ao número de zumbis? — o capitão Vicente perguntou em tom de comando. Para sua surpresa, entretanto, ninguém respondeu. O que lhe causou um mau pressentimento. — Atenção posto um, alguém na escuta? Precisamos de maiores detalhes. Qual o número estimado de criaturas?

Passados alguns instantes de silêncio, quando o capitão parecia prestes a interpelar seu contato com mais dureza, ele ouviu alguém chamando-o. Mas dessa vez, do posto dois.

— Senhor, alerta máximo! Confirmo a informação do posto um, estamos diante de uma horda de seres gigantesca! E eles estão se movendo em velocidade, é como se soubessem para onde ir. Nunca vi um grupo tão grande se deslocando tão rápido! Repetindo: alerta máximo!

— Posto dois, confirme essa informação, a horda já chegou aí? Não faz nem cinco minutos que eu falei com o posto um, não daria tempo, eles teriam que estar correndo! — o capitão Vicente falou, surpreso.

— É exatamente esse o problema, senhor. Eles vem *correndo*, já estão passando por nós! — E ao fundo da transmissão do soldado era possível escutar a algazarra do imenso grupo de zumbis se movimentando. — Espere, senhor, estou avistando algo! Parece uma cadeira de rodas...

O capitão Vicente ouviu, em seguida, diversas pessoas falando e gritando ao mesmo tempo, junto com barulhos de paredes desabando e objetos sendo destruídos. Logo depois, tudo ficou em silêncio.

— Atenção, posto dois, responda! Isso é uma ordem! — Porém, ninguém mais respondeu ao capitão Vicente. — Preparem-se! — ele disse aos subordinados. — Sem dúvida o inimigo está a caminho, pois já estão passando pelo posto dois! Mais rápido!

— Senhor, nesse ritmo eles vão chegar aqui em dez minutos! — O soldado que argumentou ajudava a engatar uma das peças de artilharia num jipe, que foi levada em seguida para junto da barreira de areia.

— Sou capaz de apostar que eles estarão aqui em menos de cinco minutos! — Liguem-me com o general Matheus imediatamente!

Quando Matheus atendeu, o capitão Vicente deu uma rápida explicação dos últimos ocorridos. O general ouviu tudo atentamente, franzindo a testa de preocupação.

— Aguentem firme. Irei para o continente com um pelotão inteiro em minutos. Fiquem calmos e mantenham todos os mortos-vivos longe da ilha! — Matheus desligou em seguida, e passou dar ordens, pedindo que outros líderes fossem convocados e iniciassem sem demora as manobras dos soldados para rumar ao porto.

Enquanto isso, de um lado ao outro da barreira de sacos de areia, os soldados começavam a posicionar armas de artilharia leve. Fizeram uma fila de obuseiros de cento e cinco milímetros Light Gun L₁₁₈, separados por intervalos de cinco metros aproximadamente, usando os jipes para deslocar as peças. Cada uma daquelas armas pesava quase duas toneladas e media cerca de cinco metros de uma ponta à outra. Só o cano tinha mais de dois metros de comprimento. Ela era capaz de atingir alvos a quase dezessete quilômetros de distância, e sua munição tinha potência para perfurar a blindagem de um tanque.

Outro tipo de arma muito utilizada era uma metralhadora a gás de 7,62 milímetros, modelo B₆₀₋₂₀ MAG. Tratava-se de um equipamento de quase um metro e meio de comprimento que pesava mais de dez quilos, considerando o tripé. Um único tiro era capaz de dividir uma pessoa ao meio. Os soldados dispuseram, às pressas, dez peças idênticas ao longo da parede de sacos de areia, cada qual com um atirador e um operador para garantir a recarga de munição. Todos os demais portavam fuzis M₉₆₄ com bipé de cano, o que permitia atirar com as armas apoiadas na barreira.

— Todos em posição. Silêncio absoluto a partir de agora — o capitão ordenou num sussurro. Sentia-se mais calmo, pois eles haviam conseguido se preparar a tempo. Mas continuava

preocupado pelo que acontecera com os postos avançados. Seu pressentimento era de que nunca mais teria notícias daquelas pessoas.

De repente, inúmeros rugidos bestiais, assustadores, se ergueram nas alturas, gelando o sangue de todos. Era um som familiar, porém muito amplificado.

— Meu Deus do céu, devem ser berserkers! — O capitão Vicente engoliu em seco.

— E centenas deles, capitão! Nunca ouvi nada assim! — O soldado, suando frio, fez o sinal da cruz.

Em instantes, surgiu diante deles, bem no fim da via, a mais assustadora horda de seres que todos os presentes já tinham avistado. Uma massa de zumbis, berserkers e aberrações tão compacta que tomavam toda a via, empurrando uns aos outros. E quando a ruidosa multidão de seres avistou os combatentes parados mais à frente foi como se alguém tivesse tocado a sineta do almoço — milhares de desgraçados partiram em sua direção.

Vários zumbis, porém, dispararam em alta velocidade, abrindo caminho entre as criaturas mais lentas. Centenas de berserkers e outras aberrações idênticas àquela perdida na ilha. Eles eram muito rápidos e venciam a distância em segundos.

— Fogo à vontade! Fogo! — o capitão gritou.

As armas dispararam imediatamente, e o som ensurdecedor de armamento pesado subiu pelo ar. Obuseiros, metralhadoras e fuzis desfecharam suas cargas ao mesmo tempo, e um cheiro forte de pólvora se fez sentir.

Várias aberrações foram atingidas por disparos de fuzil, mas quase não desaceleraram. Os berserkers, mais fracos, caíam com os tiros. Uma criatura foi varada no peito, e seu sangue jorrou pelos dois lados do corpo, mas ela se levantou assim que caiu, voltando a correr. Alguns metros à frente, um tiro de metralhadora atingiu sua testa, explodindo seu crânio e reduzindo-o a fragmentos.

A cena ia se repetindo, mas as aberrações continuavam avançando, enquanto os seres menores tombavam no meio do caminho.

As explosões dos obuseiros fazia a rua estremecer e despedaçava os seres. Um dos disparos atingiu no peito uma aberração e a arremessou para trás uns vinte metros, derrubando diversos zumbis. A criatura imensa se ergueu com um buraco de meio metro na caixa torácica, com órgãos vitais à amostra, e voltou a correr como se nada tivesse acontecido.

Outra aberração foi atingida em cheio, e seu corpo voou longe, sem um braço e boa parte do ombro. Nada disso, entretanto, foi suficiente para fazê-la parar, e como as outras, ela voltou a correr.

— Meu Deus, o que são essas coisas?! Atirem! Atirem! — O capitão gritava sem parar, embora percebendo que nada daquilo seria capaz de deter os monstros.

O primeiro demônio, crivado de balas, deu um salto potente, voando sobre a muralha de sacos de areia e caindo no meio dos soldados estupefatos. A criatura, que tinha mais de dois metros e meio de altura, cabeça careca e pele escura, agarrou o soldado que disparava um dos obuseiros e o arrancou do comando da arma. O pobre rapaz gritou de desespero quando se viu flutuando no ar, com seus colegas disparando contra aquele demônio.

O ser ergueu o soldado acima da cabeça e mordeu-lhe o abdômen, e as tripas caíram sobre seu rosto grotesco. Então, ele abriu os braços e dividiu o combatente ao meio, jogando as pernas e o quadril para um lado e o tronco para o outro.

Homens e mulheres gritavam diante daquela cena horrorosa, e os berros se transformaram em histeria quando vários outros seres pularam sobre os sacos de areia — predadores caindo sobre a caça.

Um dos seres deu um soco num soldado que operava outra peça de artilharia, e a cabeça dele voou longe, enquanto o corpo permaneceu sentado diante da arma, ainda segurando o gatilho. Em seguida, a fera agarrou o obuseiro e gritou de fúria com o esforço descomunal que fez ao erguer do chão o armamento de quase duas toneladas e jogá-lo de lado.

O ataque devastador ganhou ares de massacre. Homens e mulheres eram despedaçados, mutilados impiedosamente por seres alucinados de fúria. E o resto da horda de zumbis, muito mais lenta, começava a se aproximar também para se juntar ao banquete.

Diante da desesperadora situação, o capitão Vicente tomou uma atitude extrema: correu até a beira do cais e atendeu ao rádio, pois Matheus gritava seu nome sem cessar.

— Capitão, o que está acontecendo?! Estamos embarcando as tropas, mas podemos escutar os tiros e ver parte da confusão apesar da distância! Qual é a sua situação? — Matheus perguntou aos gritos.

O helicóptero de combate e Ivan, seu pai e melhor piloto, faziam uma falta tremenda naquele momento crítico.

— General, nós perdemos o porto. Não venham para cá! — o capitão também gritava, tentando fazer sua voz sobressair ao barulho ensurdecido de berros, explosões, urros e grunhidos selvagens.

— Como é que é?! Nós já estamos indo, aguarde firme! — Matheus respondeu, aturdido.

— Não mande ninguém! Repito: não venham, o porto se foi! — Em seguida, Vicente se virou, e pôde ver os últimos soldados sendo mortos, enquanto uma das criaturas olhava para ele e rumava decidida em sua direção. — Eu juro proteger todos os homens e mulheres de Ilhabela, em nome de Deus, da comunidade e da família, nem que para isso eu precise sacrificar minha própria vida! — Vicente recitou seu juramento, suando frio e com os olhos injetados de pânico.

Em seguida, ele bateu continência para a praça de guerra na qual todos os seus soldados haviam sido trucidados, sacou a pistola do coldre, encostou o cano na cabeça e explodiu os próprios miolos.

* * *

Matheus afastou o ouvido do rádio ao escutar o disparo. Era óbvio que o capitão Vicente se matara, o que provavelmente significava que todos os demais soldados haviam morrido.

— Abortar partida! Repito: abortar partida! Mandem todos os soldados desembarcarem imediatamente! — Matheus berrou ao ver que a primeira balsa já começava a desatracar.

— Como assim, o que houve? Não podemos abandoná-los lá! — Mônica questionou no rádio, ignorando o fato de Matheus ser o comandante das tropas.

— Eles estão todos mortos! Abortem agora! Isso é uma ordem expressa! — Matheus berrava ao rádio, e isso fez com que todos obedecessem.

O general correu na direção do porto, se juntando aos demais líderes, que começavam a se reunir próximo da área de embarque. Matheus tinha certeza de que lidavam com a situação mais crítica desde que se estabeleceram em Ilhabela.

— Tragam-me um binóculo mais potente! Agora! — Ele tentava enxergar o que acontecia no continente, a mais de um quilômetro de distância, mas o binóculo que tinha em mãos não lhe permitia.

— Puta merda, como isso pôde acontecer?! — Jéssica balançava a cabeça, inconformada. — Como os zumbis foram avistados no posto um e, menos de dez minutos depois, chegaram ao porto? Não faz sentido!

— Os berserkers e as aberrações correram na frente, chegando muito mais rápido. E os zumbis vieram logo atrás. — Matheus recebeu o binóculo de um dos soldados. Aquele modelo era muito mais adequado.

— Ainda não faz sentido, nenhuma horda dispara por nada. Eles vagam, param, voltam, desviam de rota de forma aleatória. Por que diabos eles partiriam justo na nossa direção? Zumbis não pensam! — Gisele concluiu, perplexa.

— Sim, isso é um fato. Mas eles podem ser comandados, e vocês sabem por quem. — A implicação do que Matheus disse arrepiou todo o mundo. — Isso só pode significar uma coisa: Jezebel realmente ainda está viva e conseguiu nos encontrar!

Várias pessoas começaram a falar ao mesmo tempo, inclusive diversos soldados ao redor. Mas Matheus ignorou todos. Tinha questões mais urgentes para lidar. Ele levou o binóculo aos olhos e procurou focar o porto do lado do continente. E o que viu foi aterrador.

Milhares de seres se acotovelavam no porto. Alguns acabavam de devorar os soldados mortos, porém outros pareciam aguardar algo.

Antes que Matheus pudesse se perguntar o que aquelas criaturas esperavam, veio a resposta.

Diversos seres começavam a subir na balsa atracada ao porto de São Sebastião. A embarcação lotava rápido, e parecia prestes a partir a qualquer instante.

— Meu Deus, eles vão atravessar! Aquela louca vai mandar para cá a balsa carregada de zumbis! — Matheus gritou. — Vamos explodir o porto, agora!

— Senhor, não podemos perder o porto! Isso seria... — um dos tenentes tentou argumentar.

— O porto já está perdido e não temos como recuperá-lo. Em minutos milhares de zumbis irão desembarcar aqui onde estamos, acompanhados de centenas de berserkers e aberrações. Mandem tudo pelos ares agora, é nossa única chance!

— Sim, senhor! — O tenente bateu continência e correu para o pequeno centro de operações, instalado ali mesmo no porto.

Lá dentro, a meia dúzia de soldados que tomava conta do local ficou atônita quando o tenente, que entrou como um raio, falou às pressas:

— O general Matheus ordenou a explosão do porto de São Sebastião, agora!

— Senhor, tem certeza de que...

— AGORA!!! Isso é uma ordem!

O soldado, treinado para obedecer a hierarquia do exército, não pestanejou — puxou duas chaves que trazia à cintura e as inseriu simultaneamente em ambas as fechaduras sob a bancada de comando. De imediato, uma gaveta se abriu, e ele teve acesso a um *notebook*, ligado a um cabo de rede. O soldado ligou o aparelho, digitou a senha de acesso e viu a pequena mensagem pedindo para confirmar o comando. Ele engoliu em seco e clicou na opção "Sim".

Uma série de explosões fez estremecer metade da cidade de São Sebastião. Três toneladas de C4, distribuídos em intervalos regulares, explodiu numa sequência de detonações estarrecedoras. Cada bomba fazia pedaços de madeira, concreto e zumbis voarem pelos ares. Criaturas gritavam ao serem arremessadas para o alto. Aberrações caíam no mar com as pernas arrancadas; zumbis foram

divididos ao meio; berserkers foram despedaçados. Uma nuvem de sangue subiu a vários metros de altura, e vísceras choveram por toda parte.

A balsa ancorada, atingida pelas várias ondas de choque, oscilou violentamente, jogando ao mar vários seres. Toda a lateral da embarcação foi avariada, e no mesmo instante ela começou a submergir. À medida que a balsa se inclinava para a direita, as criaturas remanescentes a bordo iam escorregando, caindo pelo tombadilho e despencando no mar.

Uma seção inteira de concreto do porto rachou e se descolou do resto, e todos puderam ouvir um barulho de alvenaria estalando e se despedaçando. Logo, dezenas de toneladas de concreto e aço retorcido despencaram no oceano, arrastando junto mais algumas dezenas de zumbis feridos.

Os sons das explosões demoraram cerca de três segundos até chegar a Ilhabela; por isso todos viram primeiro o clarão e as imensas bolas de fogo, e depois escutaram a potência dos estrondos.

Matheus e Zac se entreolharam. Ivan comandara a construção daquele recurso justamente pensando que um dia algum inimigo formidável poderia tentar atacá-los, fechando o porto e buscando cercá-los, exatamente como eles haviam feito com o grupo de criminosos que aterrorizara Taubaté, décadas antes. Por isso foi criado um sistema que permitiria destruir tudo, se necessário.

— Caramba, nunca pensei que teríamos que fazer isso — Zac murmurou, hipnotizado pelo cenário de destruição do outro lado da faixa de mar.

— Nem eu. Preparar artilharia! — Matheus comandou.

Soldados corriam em todas as direções, abrindo garagens de casas próximas do porto. E aos poucos iam surgindo as armas mais letais da comunidade, mantidas sempre o mais próximo possível da margem do oceano.

Canhões M114A1 de cento e cinquenta e cinco milímetros eram posicionados perto do porto, puxados por tratores de reboque. Cada um tinha capacidade de atingir alvos a mais de catorze quilômetros de distância, pesavam mais de cinco toneladas e mediam pouco

mais de sete metros de comprimento. Seus projéteis explosivos eram capazes de destruir uma casa inteira.

Os soldados também traziam morteiros Brandt de sessenta milímetros e M₂₉ de oitenta e um milímetros, ambos com capacidade de atingir alvos a mais de mil e quinhentos metros de distância e destruir blindados como se fossem feitos de papelão.

Na margem oposta, dentro de um pequeno prédio abandonado, Jezebel avaliava os estragos causados pela explosão do porto. Ela trincou os dentes de ódio diante das inúmeras criaturas abatidas, esparramadas pelo que sobrou do porto e jogadas nas ruas próximas.

Alguns seres se debatiam em chamas, outros vagavam a esmo nos arredores, com braços faltando. Diversos se arrastavam pelo chão, mutilados da cintura para baixo. Seguramente mais de mil haviam morrido naquele ataque.

— Eu já sabia, depois de vasculhar a mente do Eduardo, que esse tal de Matheus é tão impertinente quanto o pai. Se eu o pegar vivo, vou castrar esse infeliz. — Jezebel cuspiu as palavras, furiosa.

Ela ainda tentava decidir qual seria a sua estratégia, visto que não tinha mais a balsa para atravessar os zumbis até a ilha, quando notou a movimentação no porto de Ilhabela. Estava muito longe para enxergar detalhes, porém podia distinguir grandes equipamentos posicionados à beira-mar.

— Que merda é essa? — ela murmurou, apurando a visão.

Foi quando uma solitária nuvem de fumaça surgiu a distância, em meio àqueles estranhos equipamentos. Jezebel ouviu o silvo de algo cruzando o ar e se deslocando a uma velocidade duas vezes maior que a do som. Quase instantaneamente, um prédio próximo de dois andares, no qual outrora funcionara um pequeno comércio, foi pelos ares. Pedços de móveis mofados voaram pela rua, junto com fragmentos de concreto e reboco, levantando uma nuvem que misturava fumaça e pó.

— Mas que filho da puta desaforado! — Jezebel gritou. De imediato ela teve uma sensação de *déjà-vu*, de quando enfrentara Ivan anos antes. Ainda se recordava com clareza das explosões

causadas pelos mísseis, tanques e canhões que arrasaram o bairro do Pinheirinho, em Curitiba.

Enquanto isso, em Ilhabela, Matheus observava pelo binóculo o estrago que o tiro de canhão produzira do lado do continente. Zac, Gisele, Mônica e diversas outras pessoas, ao lado dele, observando também.

— O que você pretende fazer? Vai tentar tirar a infeliz da toca? — Zac perguntou, de braços cruzados.

— Sim. Ela está lá em algum lugar, porém não temos como descobrir onde. Pode estar escondida em alguma construção ou simplesmente no meio da multidão de zumbis. Só tem uma forma de descobrirmos — Matheus disse, sombrio. — Fogo à vontade!

— Quantas baterias, senhor? — Um dos tenentes, que jamais imaginara participar de um ataque daquela magnitude, franziu a testa.

— Todas as baterias. Mandem tudo! Ela está só se aquecendo, vamos usar a distância a nosso favor. Ataquem, agora! — Matheus decidiu.

Em questão de segundos, canhões e morteiros começaram a disparar ao mesmo tempo, causando estrondos que estremeceram toda Ilhabela. O cheiro forte da pólvora encheu o ar, tornando-o quase irrespirável.

Jezebel arregalou os olhos diante das dezenas de detonações. Por instinto ela se jogou no chão, abandonando a cadeira de rodas.

Várias explosões sacudiram aquela parte da orla de São Sebastião. Bombas subiam ao céu e caíam sobre o que restou do porto ou em algumas das construções no entorno. Cada detonação abria crateras no asfalto, derrubava paredes dos imóveis e até mesmo colocava abaixo pequenos prédios inteiros.

Zumbis explodiam junto com cada nova explosão, voando aos pedaços. Outros vagavam de um lado para o outro, sem saber para onde ir.

Com a potência das explosões, uma segunda parte do porto desabou dentro do mar, lançando mais toneladas de entulho e diversos zumbis nas águas do oceano. Nenhuma detonação atingiu Jezebel, mas aquele pequeno imóvel estremeceu várias vezes, e

reboco e pedaços de gesso caíram do teto sobre ela. Jezebel apoiou sua única mão no chão e ergueu a cabeça, ensandecida de ira. Com esforço, conseguiu olhar pela janela, e viu as detonações arrasarem o porto.

— Malditos! Vocês vão pagar caro por isso! — ela vociferou. Porém Jezebel não sabia como poderia revidar. Daquela distância não dava para fazer nada.

Foi quando ela enxergou a balsa que ainda afundava, atracada ao que sobrara do cais do porto. Aquilo lhe deu uma ideia.

Cada balsa tinha mais de trezentos metros quadrados e pesava centenas de toneladas. Serviria perfeitamente bem para o que Jezebel tinha em mente.

Matheus e os demais observavam o implacável bombardeio à cidade de São Sebastião. Em todos os olhares, porém, havia muito nervosismo e apreensão. Aquele ataque vinha sendo realizado às escuras. Eles não sabiam dizer se teriam êxito com seu objetivo principal, que era acabar com a raça de Jezebel.

— Nós não podemos manter isso pra sempre. Mais cedo ou mais tarde teremos que tentar um ataque direto com as nossas tropas. — Gisele franziu a testa por causa da luminosidade do sol.

— Sim, eu sei, mas não estou com pressa para fazer isso. Aposto que é tudo o que Jezebel deseja. — Naquele momento, Matheus adoraria que seu pai estivesse ali com ele para aconselhá-lo, pois Ivan era um estrategista nato, e já havia enfrentado aquela ameaça antes.

De repente, ele viu algo estranho. Por um segundo achou que estivesse entendendo tudo errado, porém logo não houve mais dúvida: a balsa, que se encontrava atracada no porto de São Sebastião e afundava instantes antes, começava a sair da água como se estivesse sendo içada por alguma misteriosa força invisível. Verdadeiras cascatas de água salgada escorriam para fora dos compartimentos internos da embarcação, enchendo o mar de espuma branca. A balsa subiu ao ar num ângulo estranho, pairando uns dez metros acima do oceano.

— Protejam-se todos! — Matheus gritou, quando se deu conta do que iria acontecer.

Jezebel arremessou a gigantesca embarcação contra Ilhabela, com a mesma facilidade com que uma criança arremessa para outra uma bola de praia. A balsa subiu centenas de metros, desenhou uma parábola no ar e se espatifou, segundos depois, sobre o porto de Ilhabela, exatamente onde os soldados haviam se concentrado.

O impacto de toneladas e toneladas de aço a mais de duzentos quilômetros por hora foi tão desastroso quanto seria a queda de um avião comercial sobre aquele lugar. Tanques, peças de artilharia, casas e, sobretudo, pessoas foram esmagados. O deslocamento de ar pela violência do impacto destruiu janelas e portas a centenas de metros de distância.

A embarcação se despedaçou, arremessando estilhaços de aço em todas as direções, matando multidões em segundos. O combustível dos tanques que alimentava os motores da balsa vazou e se incendiou, ateando fogo a boa parte do porto, que parecia também ter sofrido um bombardeio.

Matheus se ergueu em meio a uma pilha de escombros e, ao olhar em volta, viu mais de cem pessoas caídas em todas as direções. Algumas gemiam, feridas, com ossos quebrados e lavadas de sangue. Outras se encontravam inertes, sem demonstrar nenhuma reação.

Ele olhou em volta, apreensivo, tentando localizar sua esposa. Felizmente viu Mônica se erguendo, tão atordoada quanto ele, porém parecendo bem. Um choro de homem, entretanto, chamou sua atenção. Matheus se virou devagar, ainda tentando colocar os pensamentos em foco, buscando a origem do som. Foi quando avistou Zac ajoelhado no asfalto a cerca de quinze metros de distância do porto. Zac abraçava alguém que se encontrava caído no chão. Matheus se arrepiou, pois sabia muito bem quem era.

O general se aproximou angustiado ao ver o seu mais fiel guardacostas chorando como um menino sobre o corpo de Gisele, que jazia morta no asfalto. Em seu rosto, os olhos continuavam abertos, e sua expressão era serena. Um filete de sangue escorria pela sua fronte, e os braços estavam esticados sobre a rua. Pelo visto, seu pescoço se quebrara pelo impacto. Matheus cerrou as pálpebras e meneou a cabeça, engolindo em seco.

O olhar de Zac lembrava o de uma criança perdida, que não sabia para onde ir. Ignorando completamente os próprios ferimentos, ele ergueu o cadáver de sua companheira e o abraçou, urrando como um animal ferido.

Mônica se aproximou e levou a mão ao rosto, horrorizada. Jéssica também veio até eles, ainda atordoada.

— Eu sinto muito, meu amigo. Imagino o quanto você está sofrendo. — Matheus caiu de joelhos ao lado de Zac e pôs a mão em seu ombro.

O amigo também apresentava diversas lacerações na face já deformada. De imediato Zac nada disse. Com incrível delicadeza ele baixou o corpo de Gisele até o asfalto, ajeitando-a com extremo cuidado. Pegou suas duas mãos e cruzou-as no peito, dando-lhe um aspecto de paz, além de fechar seus olhos com suavidade. Por instantes ele contemplou o cadáver de sua amada, a única mulher que ele desejou desde que os malditos zumbis surgiram. E a expressão de tristeza começou a se transfigurar num olhar de fúria incontrolável. Zac trincou os dentes, e seus olhos se injetaram de um ódio que beirava a irracionalidade.

— Sofrendo? O que você quer dizer com “sofrendo”? Eu não quero saber de sofrimento, preciso de vingança! Tudo o que me importa nesta vida agora é arrancar o coração daquela vadia! Eu quero a Jezebel morta! — Zac gritou, enlouquecido. — Depois disso, o diabo pode me levar também!

— Calma, meu caro, controle-se. — Matheus continuava com a mão no ombro de Zac, mas o amigo o repeliu.

— Não! Não me peça pra ficar calmo! Eu não quero calma, não quero pensar bem e não quero luto! Quero matar aquela piranha. Vou arrancar a cabeça dela e pendurá-la na parede da minha casa como troféu! — Zac se colocou de pé num salto. — Levem minha esposa daqui!

Dois soldados olharam para Matheus, que meneou a cabeça autorizando-os a fazer o que Zac pedia. Eles se afastaram e voltaram em seguida com uma maca de campanha. Com delicadeza, colocaram o cadáver daquela que sempre fora uma das mulheres

mais lindas de toda a ilha e a levaram dali, sob o olhar assassino de Zac.

Perto dali, o grito de uma mulher chamou a atenção de todos. Ficava cada vez mais claro que aquele pesadelo apenas começava. Quem gritava era Sandra, que acabara de chegar com uma equipe de médicos para atender os feridos. Jennifer tentava ampará-la da forma como era possível.

Matheus, Mônica e Jéssica correram até lá e constataram o inevitável: Oliveira perecera também, esmagado por uma pilha de escombros, diante do olhar de horror da esposa.

— Meu Deus, ela arrebentou com a gente com um único ataque! Como poderemos enfrentar essa coisa?! — Matheus perguntou para Mônica, aturdido.

— É uma ótima questão. O que vem a seguir? — Mônica pegou o binóculo e se voltou na direção do continente, tentando descobrir qual seria o próximo movimento daquele demônio, onde quer que Jezebel estivesse. E ao focar o porto, ela se arrepiou, pois soube na hora exatamente qual seria a próxima cartada de Jezebel. — Meu Deus, ela é mesmo louca. Veja isso! — E entregou o binóculo para Matheus.

Ao ver do que se tratava, ele quase não acreditou. Inúmeros zumbis, berserkers e aberrações pegavam sacos de areia, pedaços de paredes derrubadas pelos bombardeios e coisas do gênero, abraçavam-nos contra seus corpos mortos e saltavam no mar às centenas. E em breve seriam milhares.

— Eles vão atravessar pelo fundo do mar! Preparem-se! — Matheus gritou para os soldados. — Estamos sofrendo uma invasão. Retirem os feridos e assumam posição de combate, rápido!

— Não acredito! Eles serão capazes de atravessar um quilômetro de mar? — Jéssica tirou o fuzil do ombro e foi apressada para o lado de Matheus, andando por entre imensas pilhas de metal destruído e equipamentos de artilharia inutilizados.

— Eles estão carregando pesos como lastro, por isso serão capazes de andar pelo fundo do oceano sem serem arrastados pela correnteza. E essas coisas não morrem afogadas, garanto que elas

vão conseguir chegar. Vão demorar um pouco, mas será inevitável. Temos que nos preparar sem perda de tempo!

Soldados vinham chegando de todas as direções. Alguns assumiam posição de combate no que sobrou do porto e nas praias próximas. Outros traziam mais peças de artilharia e munição. Mas Matheus foi enfático. Deveriam primeiro se preparar para o iminente combate corpo a corpo.

— Não devíamos voltar a bombardear o porto, Matheus? Quem sabe conseguimos detê-la! — Mônica sugeriu, apreensiva, enquanto colocava o capacete tático e pegava seu escudo de combate.

— Vamos nos preparar antes. Estou desconfiado de que, se atacarmos de novo, ela pode repetir a dose. Essa vaca está esperando que nos organizemos, pois está louca para ver o circo pegar fogo.

— Tudo bem, querido, mas e se vencermos os zumbis dela? Você não está achando que ela vai aplaudir nossa vitória e ir embora como uma boa perdedora, certo?

— Claro que não, amor. Porém, ao menos teremos ganhado algum tempo. Não temos muita escolha, vamos procurar enfrentar um problema de cada vez. — Matheus sacou o rádio da cintura; precisava falar com seu pai.

* * *

Ivan continuava em casa, angustiado. Já havia chamado o filho várias vezes pelo rádio, sem sucesso. As informações que chegavam, confusas e desencontradas, davam conta de um ataque de proporções inéditas naquela ilha. Foi com alívio que ouviu a voz do filho.

— Pai, nós temos um problema sério. A Jezebel está aqui. E ela nos arrasou com um tapa, sem fazer o menor esforço. E agora os zumbis estão a caminho — Matheus foi direto; não havia tempo para delicadezas. — A pergunta é: como eu mato essa coisa?

— Você não pode matá-la, filho. E tentar se aproximar dela será fatal. Tenho certeza de que a Jezebel está contando com isso. Quanto mais perto, mais letal ela se torna. Da distância em que se

encontra só consegue arremessar coisas gigantescas e controlar seus zumbis. De perto, ela vai quebrar o pescoço de todos vocês com um olhar.

— Nenhum zumbi é invencível, pai. Todos têm um ponto fraco, você sempre me disse isso. Tem que haver um jeito! Não é possível!

— Se houvesse uma forma, eu teria posto em prática trinta anos atrás, filho. Mas na época estávamos bem preparados, tínhamos a vantagem, e ela massacrou setecentos seres humanos diante dos meus olhos. Somente eu, o Zac e a Gisele sobrevivemos.

— Pois ela parece disposta a consertar os erros do passado. A Gisele está morta, e o Oliveira também — Matheus falou sem rodeios. — E aposto que a Jezabel irá atrás de você caso tenha a chance. Portanto, fique em casa. Vou mandar alguém para te proteger.

Ivan fechou os olhos e engoliu em seco. Sentia como se todo o seu passado, tudo aquilo que o conduzira até aquele momento estivesse se desintegrando. Alguns dos seus melhores amigos estavam mortos, e sua maior inimiga batia novamente à sua porta. Aquela loucura precisava acabar.

— Filho, escute o que eu vou falar. Eu sei exatamente o que precisa acontecer para essa maldita guerra acabar. E quando chegar o momento, você terá de confiar em mim cegamente, está bem?

Matheus não gostou nada do tom do pai.

— E não mande ninguém pra cá, os soldados serão muito mais úteis com você do que comigo, Matheus.

— Como assim? O que você quer dizer, pai? O que precisa acontecer? Eu tenho de saber!

— Você saberá no momento certo, filho, prometo. Por enquanto, prepare-se, o inimigo está a caminho. — E Ivan desligou o rádio, deixando Matheus perplexo.

* * *

Matheus pensava nas palavras do pai, mas naquele momento não tinha como decifrar aquela charada. Sentia que seu tempo se esgotava rapidamente. Mas tinha de obter informações sobre outra

pessoa, por isso sintonizou outra frequência. Em instantes ele falava com um dos soldados encarregados de proteger Isabel. E não gostou nada do que ouviu.

— Como assim “Isabel está desmaiada”?! — Matheus esbravejou ao ouvir a informação do soldado que o atendeu.

— Nós também não sabemos o que está acontecendo, senhor. Assim que acordou ela passou a falar coisas sem sentido, mas em seguida começou a gritar de dor e desmaiou. Chegamos a entrar em contato com o hospital para que mandassem alguém, porém os ataques começaram e recebemos informação de que quase todos os médicos e enfermeiros rumavam para a área de confronto, para ajudar os feridos, por isso nós a trouxemos pra cá.

— E até agora Isabel não recuperou os sentidos? — Matheus indagou, preocupado.

— Não, senhor. Até o momento, nenhuma reação. O médico que a examinou disse que aparentemente ela está bem, e ficou de retornar para maiores exames. Mas começaram a chegar aqui, sem parar, mortos e feridos. Isso mais está parecendo um hospital de uma cidade em guerra.

— Pois se prepare, porque algo me diz que chegarão muitos outros — Matheus afirmou, soturno. — Soldado, ouça com atenção. Os zumbis vêm vindo, e em breve estarão aqui na ilha. Nós tentaremos enfrentá-los, mas esteja preparado para o pior. Você entende o que eu quero dizer, certo? Sabe o que deve fazer se os mortos-vivos estiverem na iminência de encontrar Isabel, correto?

— Sim, senhor. Eu sei. — O soldado engoliu em seco. Compreendia muito bem sua missão, mas a simples ideia de ter que cumpri-la causava-lhe arrepios.

— Você vai conseguir? Posso contar com você? — Matheus se odiava por ter que fazer aquilo.

— Sim, senhor. Conte comigo. Se for necessário, agirei de forma misericordiosa, rápida e indolor. Prometo que cumprirei minha missão, e Isabel não sofrerá. — O soldado lançou um olhar para a senhora que dormia tranquilamente na maca, alheia ao perigo tão próximo.

— Muito bem, soldado. Eu agradeço. E espero que não precisemos chegar tão longe. — Matheus desligou em seguida.

* * *

Dois mil soldados se posicionaram junto às praias e ao porto. Teriam que tomar cuidado, pois os zumbis poderiam surgir em qualquer lugar. Não havia como saber onde nem quando as criaturas apareceriam.

Matheus e Mônica permaneciam lado a lado, à frente de um grupo de centenas de combatentes. Mais adiante, Zac e Jéssica faziam o mesmo.

Nos semblantes de todos percebia-se a angústia de esperar por um ataque que ninguém fazia ideia de como iria começar. Naquele instante de tensão, Sílvio se aproximou dos pais. Mônica olhou para o filho de apenas dezoito anos, surpresa.

— O que você está fazendo aqui na frente? Seu lugar é nas fileiras de trás, filho.

— Meu lugar é aqui com vocês, mãe, na linha de frente. Eu estou pronto. Estamos diante do nosso maior desafio, quero estar do lado da minha família.

— Filho, seu pai já falou...

— Deixa o Sílvio ficar aqui conosco, Mônica. Está tudo bem. Seja bem-vindo à linha de frente, filho. — Matheus falou sorrindo para Sílvio, orgulhoso da coragem dele.

— Obrigado, pai. As minhas tias Jennifer e Ana estão aqui também, lá atrás, junto com a equipe de médicos. Mas também vão lutar.

Quase toda a família se reunira, pronta para enfrentar seu maior desafio, com exceção das filhas mais novas de Ivan.

— Nós também vamos mandar bala — uma voz feminina fez-se ouvir.

Matheus, Mônica e Sílvio se viraram e depararam com Mariana e Sandra se aproximando, cada qual carregando seu fuzil. Mariana usava roupas civis e um colete à prova de balas. Sandra ainda envergava o jaleco do hospital.

— Meu pai sempre falou que vocês duas eram formidáveis quando tinham que enfrentar os zumbis. Decidiram abandonar a aposentadoria? — Matheus sorriu.

De uma forma estranha, era reconfortante estar ali cercado por quase todos os remanescentes do grupo original que conseguira construir aquela comunidade. O time dos sonhos que fora capaz de lançar a pedra fundamental sobre a qual aquela cidade fora reconstruída. Só faltava Ivan, era uma pena.

— Sim, estamos juntos. Se falharmos, não haverá nada para se tomar conta depois. É aqui que iremos decidir o destino da nossa cidade. — Mariana destravou o fuzil. Fazia muito tempo que não lidava com uma arma daquelas, mas tinha certeza de que ainda era capaz de enfrentar as criaturas.

— E eu tenho contas a acertar com esses desgraçados que tiraram a vida do meu marido. Nunca os perdoarei. Vou despachar todos de volta para o inferno! — Ao pronunciar aquelas palavras, os olhos de Sandra lacrimejaram, mas ela se conteve. Não era o momento certo para prantear o seu amado.

E então, de repente, eles começaram a ouvir comentários e murmúrios mais adiante. Eram os soldados, que apontavam para algo no mar, vários metros à frente.

— Começou, preparem-se! — Matheus baixou a viseira do capacete.

As criaturas iam surgindo do mar entre as ondas. Seres de aspecto deplorável que ficavam com a aparência ainda mais grotesca com água saindo pelas bocas, pelos narizes e ouvidos, como estátuas emergindo do oceano. Alguns vinham cobertos de algas e sujos de areia. Mas nada daquilo incomodava os zumbis, que só perdiam o olhar indiferente à medida que enxergavam os soldados. Naquele instante, o jeito alienado dava lugar à ferocidade.

Primeiro vieram não mais de meia dúzia de seres. O número quintuplicou em segundos, porém. Cabeças iam surgindo entre as ondas por toda parte, em diferentes pontos da praia. Em um minuto, eram mais de cem. Em dois, quase quinhentos.

As ondas derrubavam os zumbis, que se desequilibravam, caíam e em seguida se levantavam de novo, indiferentes a tudo. Logo, mais

de mil pontos acinzentados surgiram em meio às águas.

— Atirem à vontade, matem todos! Por Ilhabela! — E Matheus começou a disparar seu fuzil.

Ao longo de toda a orla e também na avenida Tiradentes, que margeava aquela parte do oceano, mais de mil armas de fogo dispararam ao mesmo tempo, na derradeira sinfonia da morte que iria decidir o destino da maior comunidade de sobreviventes da Terra.

Metralhadoras de cinquenta milímetros, fuzis, escopetas e uma infinidade de calibres e modelos encheram o ar daquela cidade com um som ensurdecedor. A cada instante, mais soldados e reservistas chegavam, trazidos por caminhões e ônibus — todos que fossem capazes de empunhar uma arma estavam sendo convocados para aquele confronto definitivo. O destino girava a roleta pela última vez, até o final daquele dia, um dos lados teria que esmagar o outro.

Os zumbis iam sendo massacrados às centenas, mas para cada criatura que tombava outras três emergiam, numa procissão infindável.

Em determinado momento, se formou uma multidão de milhares de seres que resmungavam e grunhiam, enlouquecidos. De um instante para o outro, entretanto, a aparente irracionalidade deles passou a ser substituída por uma estratégia simples, mas que complicava tudo. Os zumbis, à medida que tombavam pelos disparos, eram erguidos pelos de trás e colocados à frente como escudos de carne podre e inerte. Assim, ia ficando cada vez mais difícil atingi-los.

— Droga, mas que merda...?! — Matheus vociferou, ao dar um tiro que teria acertado em cheio a testa de um berserker, mas parou no peito de uma criatura atingida anteriormente.

Ao chegarem a águas mais rasas, os zumbis passaram a se agrupar em blocos compactos de centenas de seres. Vinham de cabeça baixa, tão próximos uns dos outros que sentiam dificuldade até para andar. Matar os seres da linha de frente era fácil, porém em seguida eles passavam a ser usados como barreira, protegendo assim os demais.

Ao longo de mais de um quilômetro de orla, cerca de cem desses agrupamentos rústicos se formaram e avançavam sem nenhum temor, impedindo qualquer possibilidade de matar todos antes que chegassem à areia seca.

— Formem a Muralha antes que seja tarde demais! — Matheus comandou.

Pelo visto, Jezebel era bem mais esperta do que eles haviam sido capazes de imaginar.

Enquanto na linha de frente os soldados se agrupavam formando uma parede sólida de escudos táticos, na linha de trás os morteiros começavam a ser disparados, na tentativa de desagrupar as criaturas para que pudessem ser abatidas.

Explosões faziam tremer as praias de Ilhabela. Algumas acertavam a água, outras atingiam zumbis, que eram arremessados longe aos pedaços, e outras chegaram a destruir aqueles bizarros agrupamentos de criaturas, mandando vísceras e pedaços de tecidos para todos os lados. E quando um agrupamento se desfazia, as criaturas soltas eram fulminadas rapidamente, de forma implacável.

O mar se encheu de tripas, miolos e pedaços de seres decepados. As ondas quebravam vermelhas de tanto sangue, empestecendo as areias, dando àquelas praias o aspecto de um gigantesco matadouro.

O primeiro agrupamento deixou o mar, a pouco mais de dez metros de onde Matheus e seus soldados se encontravam, atirando em tudo que podiam. Quando viu que o tempo começava a se esgotar, Jéssica ergueu seu fuzil M203, um dos poucos que dispunham de um lança-granadas, e ela aplicou um disparo certo no coração daquele pequeno enxame, espalhando os seres pela areia.

Do meio daquela massa destruída surgiu uma aberração imensa, um ser com mais de dois metros de altura e braços que eram tão grossos que pareciam pertencer a um gorila. O ser disparou na direção dos combatentes, que abriram fogo contra ele. Quando o monstro chegou a pouco mais de cinco metros, Jéssica desferiu um segundo tiro com o lança-granadas bem no abdômen, arremessando-o longe após a explosão dividi-lo ao meio.

— Agrupar! — Matheus gritou quando viu que várias falanges chegavam à areia ao mesmo tempo, e diversas outras vinham logo atrás.

Agora as coisas iriam se complicar. Teriam que partir para o combate corpo a corpo com uma horda pelo menos dez vezes maior que todos os soldados juntos, num espaço perigosamente aberto.

Em um movimento rápido e sincronizado, mais de mil soldados penduraram seus fuzis nos ombros e posicionaram os escudos à frente, presos nos braços, enquanto que, com a mão livre, empunhavam as pistolas.

E quando a Muralha se formou, a mais de um quilômetro dali, Jezebel libertou toda a fúria do seu exército. Chegara finalmente o momento de revidar.

Nesse momento, as falanges de mortos-vivos se desfizeram, e as criaturas passaram a avançar soltas, espalhadas, ocupando cada centímetro quadrado da praia. Zumbis, berserkers e aberrações atacaram ao mesmo tempo, como uma onda devastadora.

Os soldados continuaram atirando com as pistolas até o último segundo, matando os seres que conseguiram, e enfim a massa gigantesca de criaturas se bateu contra a Muralha.

O impacto foi forte e pesado demais. Não havia a quantidade de soldados necessária para compor uma parede suficientemente grande e larga para deter todos. O terreno também não ajudava, a areia não era eficiente para manter uma posição firme. Em diversos pontos a Muralha oscilou e começou a ruir.

— Segurem firme! Atirem neles, rápido! — Matheus gritava, explodindo o crânio de um dos seres mais próximos.

A força dos berserkers e das aberrações, entretanto, precipitou as coisas. Um movimento mais brusco e muito potente foi aplicado pela horda. Isso fez a barreira se despedaçar, e a multidão de seres penetrou no coração da tropa de Matheus.

Um verdadeiro massacre teve início nas areias de Ilhabela.

* * *

Cinco minutos antes, Ivan adentrava o hospital. A cadeira de rodas o atrasara muito, mas ele tinha que lançar mão de sua última cartada. Sabia que os soldados não conseguiriam deter a horda. Só Jezebel tinha esse poder. E para que ela fizesse isso, seria necessário oferecer o incentivo certo.

— Eu preciso ver a Isabel imediatamente! Isso é uma ordem! — Ivan gritou para um dos soldados que faziam a segurança do hospital. Ao olhar em volta ele viu o terror nos olhares de todos os presentes. Na realidade, naquele momento todos daquela cidade sentiam-se apavorados, e rezavam em algum lugar. O dia do Juízo Final chegara, enfim.

O soldado não entendeu nada, mas jamais iria se opor a uma ordem direta do próprio Ivan. Por isso, bateu continência e se ofereceu para levá-lo pessoalmente até o local certo, empurrando a cadeira de rodas.

Os dois soldados que faziam a segurança de Isabel e permaneciam sentados ao lado da maca na qual ela dormia colocaram-se de pé de imediato ao ver Ivan. E se surpreenderam com o que ouviram a seguir:

— Vocês estão dispensados. Podem ir — Ivan afirmou com serenidade.

— Senhor, desculpe, mas nós não podemos fazer isso. Temos ordens expressas de jamais deixarmos Isabel sozinha, pelo bem maior da comunidade. O general Matheus sempre foi muito claro quanto a isso — um dos militares contrapôs, diligente.

— Ligue para o Matheus e diga que eu estou pedindo para ele liberá-los agora mesmo. Isso vocês podem fazer, não é? Diga ao meu filho para lembrar-se do que eu disse há pouco. Fale que ele tem que confiar em mim!

O soldado ficou parado, sem conseguir decidir a atitude a tomar. Sabia que naquele momento Matheus estava em pleno combate, junto com vários soldados, tentando conter a invasão dos zumbis. Mas como negar um pedido da principal autoridade local?

Depois de um minuto inteiro pensando, ele chegou à conclusão de que precisava ao menos tentar. Era óbvio que alguém na posição de Ivan não pediria algo do gênero se não fosse muito sério. Assim, ele

pegou o rádio e chamou Matheus, convencido de que nem ao menos seria atendido, dadas as circunstâncias. E de fato demorou alguns instantes para obter uma resposta. Mas Matheus atendeu.

— Sim, o que houve? — ele gritou no rádio.

Ao fundo era possível ouvir os sons das explosões, dos tiros e os gritos das feras que invadiam Ilhabela.

— Senhor, seu pai está aqui no hospital. Ele nos pediu que abandonássemos nosso posto e o deixássemos a sós com a dona Isabel. Quando nos recusamos, ele praticamente exigiu que falássemos com o senhor.

— Não! Eu já disse mais de uma vez que Isabel nunca pode ficar sozinha! Essa é uma ordem expressa, soldado. Diga para o meu pai que... — Matheus se zangou pelo fato de o soldado estar desobedecendo orientações que desde muito já haviam decidido que nunca poderiam ser revogadas.

— Ele disse que, conforme lhe falou anteriormente, o senhor teria que confiar nele. — O soldado se atreveu a responder, interrompendo Matheus, e de imediato se arrependeu. Talvez fosse mandado para a cadeia por insubordinação.

Ao contrário do que esperava, entretanto, Matheus se manteve em silêncio. Ficou mudo no rádio, pesando as palavras do soldado.

O que seu pai lhe pedia naquele momento era algo impensável, absurdo, completamente fora de propósito. Todos ali sabiam o que aconteceria se Isabel fosse contaminada também. Sem sombra de dúvida, seria o fim de Ilhabela e de todos os seus habitantes. Mas o fato de ser seu pai, o único que estivera frente a frente com aquele demônio chamado Jezebel que pedia tal concessão, de certa forma mudava tudo. Ainda mais porque ele já havia sido avisado quanto àquela encruzilhada, em que o filho jovem e poderoso teria que apostar todas as fichas nas palavras de um homem idoso, sábio e experiente.

— Podem fazer o que ele diz. Apresentem-se no *front* agora mesmo. — Matheus rezava para que o pai realmente soubesse o que estava fazendo. — Precisamos de toda ajuda possível, venham agora mesmo! — concluiu aos gritos, desligando em seguida, pois não tinha mais tempo para conversa.

— Senhor, o general nos deu a autorização. Estamos partindo agora mesmo. O senhor tem certeza disso? — O soldado encarou Ivan.

— Podem ir, rapazes. Eu sei o que estou fazendo. E tomem cuidado naquele inferno, está bem? Ajudem meus filhos, por favor. — Ivan sentia o coração apertado, imaginando praticamente todas as pessoas que amava correndo perigo naquele exato momento... e ele sem condições de ajudar.

Os soldados se despediram e deixaram-no sozinho com Isabel, que ainda não dera o menor sinal de consciência.

Ivan se aproximou com a cadeira de rodas e ficou bem ao lado da amiga adormecida. Ele passou a mão no rosto de Isabel, acariciando as rugas próximas de seus olhos, e soltou um pesado suspiro. Os anos tinham voado, não havia mais a força da juventude a seu favor. Eles haviam se tornado meros expectadores da vida.

— Minha amiga, quem diria que estaríamos aqui novamente, diante do mesmo dilema de trinta anos atrás? O destino é mesmo inexorável, não? — Ivan sorriu, afagando os cabelos dela. — Sinto muito por fazer isso com você, mas acho que essa é a nossa única chance. Espero que entenda e me perdoe.

* * *

Quando a Muralha se partiu, homens e mulheres passaram a lutar frente a frente com os zumbis. O tipo de combate franco, aberto, que todos sabiam que devia ser a última opção.

Soldados explodiam a cabeça de zumbis, berserkers praticamente voavam de um lado para o outro agarrando suas vítimas e rasgando suas carnes a dentadas, aberrações esmagavam soldados com um único golpe. Uma dessas gigantescas criaturas agarrou um soldado pela cabeça com as duas mãos — ignorando o fato de que ele descarregava a pistola contra seu tórax, inutilmente —, ergueu-o do chão e esmagou-lhe o crânio. Em seguida, jogou longe o corpo do desafortunado.

Quando se virou, a fera foi surpreendida por Zac, que agarrou a criatura pela cintura, ergueu seu corpo gigantesco do chão e o

derrubou de costas contra a areia. Zac era o homem mais vigoroso daquele grupo, mas mesmo assim foi necessário um esforço sobre-humano para realizar aquele ataque. Porém, ele se encontrava tomado por uma força diabólica. Seus atos eram regidos pelo imenso ódio que sentia.

Zac subiu sobre o ser, apontou o fuzil para a criatura e descarregou o pente inteiro na cara da fera, à queima-roupa, gritando como um louco alucinado:

— Monstro filho da puta! Morre, maldito! Morre!

O ser tombou inerte, com o crânio gigantesco reduzido a pó.

Zac parou, ofegante, diante da monstruosidade esfacelada, quase alheio ao inferno que se desenrolava ao seu redor. Mas quando uma mão imensa e pesada como aço segurou seu ombro, ele soube de antemão que não haveria tempo sequer para se virar.

A criatura desferiu um murro tão forte em suas costas que a espinha de Zac se partiu. Zac ouviu o som das vértebras quebrando e sentiu seus órgãos internos se rompendo. Sua cabeça pendeu para trás e bateu contra o tórax imenso da criatura, que o olhou de baixo para cima. Ele engoliu em seco e travou a mandíbula com a dor infringida pelo ferimento.

E ao encarar a aberração diante de si, Zac a reconheceu. O rosto se deformara pela transformação, mas ele sabia quem era — tratava-se de um homem com o qual convivera tempo demais para se confundir.

— Eduardo... É você? — Zac perguntou, débil. Enfim suas pernas cederam, e ele caiu de joelhos. Quase perdeu os sentidos devido à dor lancinante, que interferia em seu raciocínio.

— O Eduardo não existe mais, humano. Ele é apenas mais um dos meus fantoches — o ser verbalizava as palavras de Jezebel, que o controlava a distância. — E você será mais um dos meus bichinhos de estimação. Seja bem-vindo ao meu exército.

A criatura agarrou a cabeça de Zac, que permanecia ajoelhado diante dela. Ele nem conseguia se mexer mais, porém não desviou o olhar nem por um segundo. Tratava-se de um homem orgulhoso e marrento demais para se dobrar, mesmo naquele momento.

Quando a aberração se curvou sobre ele, seus rostos quase se tocaram. Os lábios de Zac tremiam de dor e ódio.

— Eu juro que um de nós vai acabar com a sua raça em breve, sua piranha! — E Zac cuspiu na cara do ser, que recuou momentaneamente.

O semblante da fera naquele momento era de fúria desmedida.

— Humano patético, eu vou...

A criatura tomou um tiro nas costas tão potente que a arremessou para frente, voando por cima de Zac, que caiu na areia estatelado. Da cintura para cima, a dor dele era insuportável. Já a parte de baixo do seu corpo parecia não existir mais; Zac não sentia mais nada. Apesar do sofrimento, ele virou a cabeça e viu o ser caído de cara na areia. Havia um buraco imenso nas costas do monstro, e o braço direito fora arrancado.

— Eu avisei, vagabunda! Só não sabia que seria tão rápido... — Zac murmurou, olhando para o céu.

Fazia um belo dia de sol, realmente lindo. Num dia maravilhoso como aquele, Zac e Gisele costumavam ir à praia. Eles tomavam banho de mar, e depois ficavam horas deitados na areia, vendo as ondas quebrarem contra a costa. Quase não conversavam naquelas ocasiões; aliás, nenhum dos dois era de falar muito. Mas tinham se amado e brigado à beça, se separado e reatado várias vezes. Dois malucos cascas-grossas que não conseguiam viver separados. Onde quer que ela estivesse, Zac só esperava que pudessem se encontrar de novo.

Zac foi arrancado daqueles devaneios quando Matheus e Jéssica surgiram diante dele. A guerra continuava se desenrolando ao redor; não havia tempo a perder.

— Você está bem? A Jéssica o derrubou, vamos tirar você daqui!
— Matheus agarrou Zac pelos braços e fez menção de erguê-lo. No primeiro puxão, entretanto, o Grandão berrou de dor, e Matheus estacou.

— Não, não, não... Sem chance, velho! A aberração me quebrou. Estou fodido. — Zac gemeu.

À frente deles, a criatura derrubada se levantava em meio à imensa cacofonia de tiros e explosões. O ser se virou devagar e,

apesar de estar sem um braço, parecia ainda mais ameaçador. Havia um buraco imenso no seu tórax, que se conectava com o rombo em suas costas. Matheus e Jéssica, ainda de joelhos diante de Zac, olharam para a fera imensa, tão alta quanto uma casa.

— É ele, Matheus, é o Eduardo... Consegue reconhecê-lo? — Zac afirmou, débil.

Matheus e Jéssica analisaram o ser, e ela assentiu; encontravam-se diante do traidor.

— Ótimo, era tudo o que eu queria. — Jéssica apontou o lança-granadas na direção da criatura e puxou o gatilho. Mas nada aconteceu, sua munição se esgotara.

— Que merda! — ela gritou, socando a arma, incapaz de acreditar em tamanha falta de sorte.

— Fique com o Zac. Eu cuido dele. — Matheus ficou de pé e, dando um passo à frente, pôs-se entre Zac, Jéssica e o monstro de semblante homicida.

— Ele vai te matar! Deixe-me ajudar! — Jéssica gritou.

Porém, mais um grupo de zumbis avançou na sua direção, e ela começou a atirar com seu fuzil, acabando com qualquer chance de tentar seguir seu irmão.

— Veremos irmãzinha, veremos. — Matheus tirou o fuzil do ombro, mirou no peito do ser e abriu fogo.

A criatura sentiu o impacto dos tiros no tórax gigantesco, mas não se intimidou, e avançou contra Matheus com a mão esquerda, a única que sobrara, esticada em sua direção. O general não titubeou. Finalmente teria a chance de fazer seu irmão pagar pelo que fizera, não importando no que ele se transformara.

Matheus segurou o fuzil com ambas as mãos e o usou para deter o ser, que agarrou no meio da arma e começou a empurrá-lo para trás, sem dificuldade. Matheus sentiu os coturnos deslizarem suavemente na areia, como se as solas não oferecessem nenhuma resistência.

A criatura descomunal deu um puxão violento que fez com que Matheus, com seus mais de cem quilos de músculos, fosse levantado do chão como se tivesse cem gramas e caísse de lado no chão. A aberração agarrou-o pelo tornozelo, puxou-o e o jogou a vários

metros de distância, quebrando-lhe a perna. Matheus rolou pela areia, caindo aos pés de um grupo de soldados que lutava com facas e facões contra as criaturas, pois a munição acabara.

Um desses soldados, ao ver seu general caído diante de si, abaixou-se de imediato para ajudá-lo a se levantar. Ao fazer isso, levou um safanão tão violento do outrora Eduardo que voou longe; e ao cair, quebrou o pescoço. Em seguida, o monstro agarrou Matheus pelo colete à prova de balas e o ergueu a um metro do chão, colocando-os frente a frente, olho no olho.

— E então, moleque? Pronto para provar do meu veneno? — o ser indagou com uma voz gutural, demoníaca.

— Eu, não; espero que você esteja pronta para provar do meu, sua vaca! — E ele desferiu um murro no peito do ser, fazendo seu pulso entrar fundo no ferimento da criatura abominável. Quando retirou a mão do tórax do zumbi, havia sangue até seu antebraço.

A aberração gargalhou.

— Você é tão patético e estúpido como seu pai! Acha mesmo que bater em mim vai me ferir? Olhe para mim, humano, eu sou invencível! — o ser escarneceu, refletindo toda a ira e soberba de sua comandante. Eduardo sacudiu Matheus como se ele fosse um boneco pendurado no ar. E estranhou ver que ele sorria.

— Quer apostar, puta? — Matheus tinha uma expressão zombeteira no rosto. Em seguida balançou, pendurado no dedo indicador, um pino de granada diante do semblante perplexo da criatura. — Me avisa se doer, está bem?

Num movimento rápido, Matheus sacou a pistola e deu um tiro no olho do ser, cegando-o, e a criatura o soltou.

— Granada! — Matheus gritou e se jogou no chão, tentando se proteger.

Quase no mesmo instante, a criatura explodiu, e seus pedaços voaram em todas as direções. A cabeça rolou para perto de Matheus, cujos ouvidos ainda zuniam pelo som da detonação tão próxima.

Matheus se ergueu, atordoado. Ao tentar apoiar o pé no chão, sentiu uma dor intensa. Foi quando se deu conta de que a criatura quebrara seu tornozelo ao puxá-lo. Ele olhou em volta, e o cenário

era de total desolação. Homens disparavam para todos os lados, outros lutavam com os zumbis de mãos limpas. Soldados e criaturas ocupavam a areia, e uma quantidade incalculável de cadáveres se espalhava em todas as direções. Aquela era uma batalha perdida — a diferença numérica era enorme, não tinham como vencer. Muito em breve os zumbis estariam vagando por Ilhabela, e quase não haveria soldados para defender os cidadãos comuns.

— Matheus, devemos recuar? — Mônica se aproximou do marido, falando às pressas. Um fio de sangue escorria por sua frente, e os cabelos loiros desgrenhados estavam colados ao pescoço encharcado de suor.

Jéssica a acompanhava.

— Não podemos recuar, temos que lutar até o fim. Precisamos nos reagrupar! — Matheus tentava fazer a voz sobressair aos sons da guerra que os cercavam. — Jéssica, cadê o Zac?

— Ele não resistiu, meu irmão, sinto muito. Zac estava muito ferido, e infelizmente morreu — Jéssica informou com olhar de pesar.

Matheus engoliu em seco, mas não havia tempo para chorar.

— Reagrupar, rápido! Formem uma linha defensiva, não podemos deixar os zumbis saírem da praia. Vamos, vamos! — Matheus, mancando, apanhou um escudo abandonado no chão, no que foi imitado por Jéssica e Mônica.

Soldados corriam de todas as direções, reunindo escudos também e se juntando a eles, procurando recompor a Muralha em meio ao caos. Ao redor, centenas de combatentes jaziam mortos. Alguns começavam a se erguer transformados em zumbis, mas eram abatidos de imediato por seus ex-companheiros.

— Pai, eu te dei um voto de confiança. Seja lá o que for que o senhor esteja planejando, é melhor fazer logo — Matheus falou consigo mesmo, sentindo o tornozelo queimar. Ao seu lado direito estava a sua esposa; do esquerdo, sua irmã. Seu filho se juntou a eles também, todo sujo de areia e exausto. — Até o fim! — ele gritou.

E o que sobrou da Muralha passou a avançar contra a horda, para o embate decisivo.

* * *

A mais de mil metros dali, Jezebel sorria, triunfante. Aquele era o momento de sua tão aguardada vingança. Enfim poderia se deliciar com o sofrimento de seus mais odiados inimigos.

— Chegou a hora de morrer, miseráveis! — ela exclamou, alucinada de satisfação. E mais uma vez ordenou que seus zumbis se agrupassem e avançassem contra a Muralha num grande bloco de mortos-vivos.

Era o momento de aplicar o golpe de misericórdia, e depois colher os frutos de sua vitória.

* * *

Ivan pôs a mão na testa de Isabel e sussurrou próximo ao ouvido dela, com doçura:

— Sua irmã está aqui e vai matar todos nós. Você é nossa única esperança. Acorde, minha amiga. Precisamos de sua ajuda mais do que nunca.

Isabel abriu os olhos instantaneamente, sentou-se de imediato e soltando um grito. Ela olhava para todos os lados, alerta.

— Calma, minha amiga, está tudo bem. Mas chegou a hora de acabarmos com isso de uma vez por todas. — Ivan segurou as mãos de Isabel com carinho.

— Ainda dá tempo? É tarde demais? — A cabeça de Isabel doía muito.

Ela girou o tronco e ficou sentada de lado na cama hospitalar, com os pés pendurados na direção do chão.

— Ainda há tempo, mas, por favor, se apresse. A Jezebel está prestes a esmagar o que sobrou do nosso exército — Ivan implorou.

— É pra já! — Isabel fechou os olhos e se concentrou.

* * *

Jezebel sorria, louca de felicidade diante da cena com a qual tanto sonhara: os combatentes de Ivan feridos, exaustos e quase batidos diante da sua imensa horda de zumbis. Em breve estariam todos

mortos, e até que enfim ela também poderia avançar sobre aquela maldita cidade, atrás de sua irmã e de seu maior inimigo.

De repente, no entanto, uma dor aguda brotou no fundo do seu cérebro, como uma brasa que se acendia dentro do crânio e aquecia rapidamente, queimando tudo ao redor. Jezebel gritou de dor e levou a mão à cabeça, trincando os dentes.

— Merda, o que é isso?! Para! — ela berrou, caindo da cadeira de rodas de tanta dor.

Na praia, em Ilhabela, a horda de zumbis, que avançava num bloco compacto contra a Muralha, de repente se desorganizou. Alguns continuaram avançando de maneira errática, sem o mesmo foco e organização. Outros, sobretudo aqueles das fileiras de trás, se dispersaram. O poder que os dominava com mão de ferro se interrompera.

— Nossa, o que está acontecendo? — Matheus murmurou diante daquela ameaça enorme, porém infinitamente menos agressiva. — Vamos aproveitar. Ataquem!

A Muralha avançou contra a horda com gritos de guerra, disparando contra tudo que se movia.

Jezebel continuava caída de lado no chão, em posição fetal, com a sua única mão na têmpora, sentindo a pior dor que já sofrera em toda a sua vida. Até mesmo seus olhos queimavam, parecia que iam saltar das órbitas.

— *Pare agora mesmo, Jezebel! Mande os zumbis recuarem!* AGORA!!! — Isabel trovejou tão alto dentro da sua cabeça que a dor duplicou.

— *Nunca! Não sei como você está fazendo isso, mas não vou desistir! Eu quero você MORTA!* — Jezebel retrucou.

No hospital, Isabel fechou os olhos com força e trincou os dentes. Assombrado, Ivan observava as luzes do corredor piscando e várias lâmpadas explodindo. Os ponteiros de um relógio de parede congelaram. Gritos de pânico ecoaram por todo o prédio diante do fenômeno.

Isabel saltou da maca e se pôs de cócoras no chão, com ambas as mãos apertando a cabeça, tentando resistir heroicamente ao poder

esmagador de Jezebel. Aos poucos, entretanto, ela foi se levantando, esticando as costas e ficando de pé no corredor.

No continente, por sua vez, Jezebel apoiou o braço no chão e tentava se erguer quando o prédio inteiro no qual estava tremeu. As paredes racharam, e um velho lustre que ainda estava preso ao teto se soltou e espatifou-se, diante do seu olhar atônito, enquanto a dor retornava ainda mais intensa. Ela voltou a cair no chão empoeirado, atordoada, com a mão na testa.

Na ilha, dentro do hospital, similar à irmã gêmea, Isabel sentiu a dor explodir dentro do seu crânio. Ela caiu de joelhos no piso também, segurando com as mãos nas têmporas, sofrendo o indizível.

As duas irmãs infligiam um sofrimento sem limites uma à outra, cada qual tentando fazer a oponente se render.

— *Chega, Jezebel! Pare agora mesmo, senão nós duas iremos morrer!* — Isabel ordenou, causando mais uma pontada de dor na irmã.

— *Nunca! Eu espero por este dia há décadas. Jamais desistirei!* — Jezebel respondeu, revidando com mais dor.

— *Meus filhos vivem nesta ilha. Acha mesmo que irei recuar? Só vou parar quando você desistir, ou vou matar nós duas!* — Duas grossas lágrimas rolaram dos olhos de Isabel, mas ela não dava nenhum sinal de que iria se entregar. — *Mas se você der uma trégua, eu prometo que irei te encontrar. Só nós duas, frente a frente. O que me diz?*

Imediatamente a dor na cabeça de Isabel cessou, e ela caiu de joelhos, aliviada. Do mesmo modo, no continente, Jezebel também sentiu seu martírio cessar.

Separadas por milhares de metros de distância, ambas se deitaram de costas no chão, ofegantes, cada qual olhando para o teto do prédio no qual se encontrava.

— *Eu aceito. Vou parar meus zumbis. Mas mande o Ivan fazer o mesmo com seus soldados. Estou propondo uma trégua* — Jezebel respondeu, ofegante.

Isabel abriu os olhos, exausta, e deparou com a expressão aflita de Ivan, que a observava sentado na cadeira de rodas. Duas

enfermeiras também haviam se aproximado, sem saber ao certo se deviam chegar mais perto ou não.

— Ivan, mande o Matheus parar, rápido. A Jezebel pediu uma trégua. — Isabel continuava deitada no piso. A cabeça latejava tanto que não tinha certeza se conseguiria se levantar.

Ivan não pensou duas vezes: sacou o rádio e chamou Matheus.

— Filho, os zumbis pararam, certo? — Ivan perguntou às pressas.

— Sim, como mágica! Estão todos congelados. Como você sabe?

— Não ataque, entendeu, filho? Isso é uma trégua. Por favor, não dê motivos para a Jezebel voltar à carga!

— Pai, tem certeza? Agora é o momento ideal, podemos matar vários deles! — Matheus não se conformava.

— Filho, eu já disse, confie em mim! Nós temos uma chance de vencer, mas precisamos usar a cabeça agora. Fique calmo e controle seus soldados! — E Ivan desligou.

Suspirando, Matheus se perguntava se aquela era uma boa ideia. Mas não havia tempo para hesitações, precisava tomar uma decisão rapidamente.

— Cessar fogo agora! Repetindo: todos devem parar de atirar, agora! — Matheus gritou de punho cerrado.

Os soldados pararam aos poucos de atacar, até um silêncio perturbador reinar naquela praia. Milhares de zumbis permaneciam imóveis, catatônicos, diante de centenas de soldados exaustos e perplexos.

— O que está acontecendo? O que o papai falou? — Mônica indagou, espantada, porém agradecida. Ela estava cansadíssima, e quase sem munição também.

— Vamos aguardar um pouco. A Jezebel propôs uma trégua. Mas precisamos nos preparar, reagrupem-se imediatamente! Providenciem mais munição, vamos ficar prontos para retomar a luta a qualquer momento! — Matheus mancou para longe dos zumbis. Era uma sensação fantasmagórica andar por entre tantas criaturas que poderiam atacar de um momento para o outro.

— Por quanto tempo isso vai durar? — Jéssica limpou o suor da testa.

— Essa é um excelente pergunta. Mas aposto que não vai ser por muito tempo — Matheus murmurou.

* * *

Ivan observava Isabel se recuperar, ao lado dela. Ele sabia que aquilo fora apenas um aperitivo do que realmente viria a seguir.

— Ivan, irei encontrar minha irmã. Por favor, peça para avisarem meus filhos que eu os amo muito. — Isabel ficou de pé.

— Pode deixar, minha amiga. Tenha muito cuidado. Eu creio que aqui os nossos caminhos se separam para sempre, certo? — Ivan falou com suavidade.

— Sim, eu tenho tido vislumbres do futuro de tempos em tempos. E não nos vejo mais juntos depois de hoje. Não sei qual será o desfecho ao final deste dia, mas não nos veremos nunca mais, pelo menos nesta vida. — Isabel experimentou uma profunda pontada de tristeza ao pronunciar aquelas palavras.

Ivan a olhou com serenidade, e ambos se abraçaram. Ela aproveitou aquele momento e segurou o rosto dele entre as mãos.

— Não confie na minha irmã, nunca. A Jezebel é até capaz de aceitar uma derrota hoje, mas jamais irá renunciar à sua vingança. Tenho certeza de que ela tentará fazer algo contra você — Isabel sussurrou.

— Não tenho dúvida disso. Fique tranquila, sei me cuidar. Em todo caso, se eu chegar do outro lado antes de você... algum recado pro Canino?

Isabel sorriu com doçura.

— Sim. Fala pra ele que eu o amo muito, tanto quanto no começo. E você? Algum recado pra Estela, se eu for antes?

— Tenho. Diga que eu penso nela todos os dias. Ela foi a primeira e única dona do meu coração.

Os dois se abraçaram uma vez mais, demoradamente. Em seguida, se separaram, cada qual seguindo seu caminho definitivo, sabendo que havia chegado o derradeiro momento de dizer adeus.

CAPÍTULO 17

IRMÃ CONTRA IRMÃ



ISABEL CAMINHOU ATÉ a praia, diante dos olhares de curiosidade e perplexidade das poucas pessoas que encontrou no caminho. Algumas apontavam na sua direção, outras se perguntavam o que ela fazia ali, na rua, completamente desprotegida. Quase todo o mundo sabia, sobretudo os mais velhos, o que poderia acontecer se aquela mulher fosse contaminada, e Isabel rumava na direção do confronto, onde havia milhares de zumbis.

E quando ela pisou na areia, Matheus, Mônica, Jéssica e vários soldados se dirigiram até ela, rapidamente.

— Isabel, pelo amor de Deus, o que você está fazendo aqui?! Volte agora mesmo, sua presença coloca a sua vida e todos nós em perigo! — Matheus falava às pressas, arrependido de ter escutado seu pai.

— Não se preocupe, querido. A última coisa que vai acontecer será a Jezebel permitir que um zumbi me morda. O objetivo dela é justamente o contrário. — Isabel esboçou um sorriso triste.

— Pode ser, mas é melhor você voltar, aqui não é seguro. Veja quantos zumbis! — Matheus apontou a praia infestada de criaturas em estado catatônico.

Ela olhou para os seres e com toda a calma começou a caminhar na direção deles, sob o olhar de espanto dos demais. Jéssica foi a

primeira a tentar impedi-la.

— Desculpe, Isabel, não posso permitir que você faça isso! Peço que volte, agora. — Jéssica interceptou o caminho de Isabel de fuzil em punho, impedindo-lhe a passagem.

— Fique quieta agora, está bem Jéssica? — Isabel passou pela jovem, ignorando-a completamente.

Jéssica piscou e olhou para o irmão mais velho. Ela era um soldado, e sabia que tinha que fazer o necessário para proteger a comunidade. Porém, não podia, em sua consciência, ameaçar uma mulher que fora uma mãe para ela, sobretudo depois da morte de Estela.

Matheus balançou a cabeça para a irmã, indicando que deveria deixar Isabel passar.

Isabel se aproximou de uma das aberrações, uma criatura descomunal, levemente obesa, porém fortíssima, que permanecia parada, sem se dar conta de sua presença. Ela analisou o ser por alguns instantes e, em seguida, pegou a mão da criatura, para desespero de Matheus e dos demais. Eles se aproximaram dela às pressas e apontaram seus fuzis para a cabeça da fera, que permanecia indiferente àquele contato.

Após instantes segurando a mão do ser, tão grande quanto uma raquete de tênis, Isabel suspirou e soltou-a, dando um passo para trás, observando a criatura incomensurável.

— Absolutamente nada. Cascas vazias desprovidas de consciência, raciocínio ou sentimentos. Desditosos, cada um deles. Nunca mais sentirão amor, gratidão ou felicidade. Não consigo imaginar destino mais trágico. — Ela engoliu em seco.

— É melhor sairmos daqui. Quanto mais longe você ficar da sua irmã psicopata, melhor. — Matheus tomou-lhe a mão e conduziu Isabel com dificuldade para fora dali. Naquele momento, estava quase impossível caminhar, pois a fratura da perna era grave.

— É exatamente esse o ponto, Matheus. Preciso ir encontrar minha irmã. Peço, por favor, que você me arrume um barco pra que eu possa atravessar até o continente. — Isabel já esperava pelos muitos protestos e até mesmo ameaças dos seus amigos.

— Isabel, desculpe o que eu vou dizer, mas você enlouqueceu? — Matheus franziu a testa, na dúvida de ter entendido direito.

— Não, meu querido, estou bastante lúcida. Minha trégua com a Jezebel teve essa condição. Eu devo me encontrar com ela agora mesmo. Do contrário a guerra recomeçará — Isabel respondeu com serenidade.

— Isso é inaceitável. Ela vai te matar! — Jéssica afirmou, inconformada. — Não podemos permitir isso!

— Não se preocupe comigo, minha querida, eu sei o que estou fazendo. O destino é inexorável, eu sempre soube que este dia chegaria. Eu e a Jezebel precisamos passar por isso, é inevitável. Esse encontro era tão certo quanto o fato de que cada noite é seguida de um dia. — Isabel afagou os cabelos de Jéssica, que a olhava horrorizada.

— Não, Isabel. Nós podemos vencer! Temos uma chance real! — Jéssica sentia os olhos se encherem de lágrimas.

— Minha querida, você me lembra tanto a sua mãe... A Estela foi a melhor amiga que eu tive nesta vida, e com certeza reagiria da mesma forma. Ela iria preferir enfrentar a Jezebel de mãos limpas a permitir que eu saísse daqui. Eu sinto muito, mas tenho que fazer isso. Essa é a minha sina, minha maldição por desafiar todas as leis da natureza. Toda a minha existência converge para este momento, e não posso ignorar isso. Realmente preciso ir. — Isabel mostrava incrível serenidade e doçura, o que aumentava ainda mais o sofrimento de Jéssica e seus amigos.

— Então você vai ter que aceitar uma coisa, por favor — Matheus pediu. — Tragam um equipamento completo para a Isabel, rápido.

Isabel tentou protestar, mas o amigo a encarou irredutível. Assim, ela acabou cedendo, pois não queria piorar ainda mais a situação.

Sobre suas roupas ela colocou um colete à prova de balas, luvas e proteção para as pernas e os braços. Por último, Isabel enfiou uma pistola Glock no coldre na altura do peito. Aquela roupa era muito desconfortável e quente, mas de fato não custava tentar dificultar as coisas para Jezebel e seus milhares de zumbis.

— Por favor, cuide-se. Não só porque nós te amamos, mas também porque seria horrível ter que lutar contra você. — Matheus

a abraçou, e Mônica, Jéssica, Sandra e Mariana imitaram o gesto.

Mariana, demorando um pouco mais, perguntou:

— Você consegue ver o futuro às vezes, não é mesmo? Vamos nos encontrar de novo?

— Pode ter certeza de que sim, minha amiga, nossos destinos estão entrelaçados. — Isabel sorriu-lhe.

Diversas pessoas acenavam para ela enquanto Isabel subia num pequeno barco com motor de popa, dando início a sua solitária jornada em direção ao continente, deixando para trás seu lar das últimas décadas.

Então Matheus teve uma ideia e tomou uma decisão. Virando-se para seus líderes mais confiáveis, disse:

— Meus amigos, mais cedo ou mais tarde a batalha vai recomeçar. Mas acho que podemos aproveitar essa pausa em nosso benefício. Escutem bem o que nós iremos fazer. — Em seguida ele explicou qual era o seu plano.

* * *

Jezebel permanecia num corredor estreito, ao lado de um pequeno prédio, aguardando a chegada de Isabel. Era estranho; ela ansiava por aquele encontro durante anos, e mesmo assim sentia-se nervosa, sem saber ao certo por quê.

A resposta, de fato, era óbvia. Jezebel tinha um receio inconfessável, que era maior do que tudo, e ela preferiria morrer a permitir que aquela hipótese virasse realidade.

Ivan. Ele tinha que morrer; seu coração precisava ser arrancado do peito, não importava o quanto isso custasse. Todo o resto podia vir depois, mas seu inimigo tinha que tombar até o fim daquele dia. Mas como poderia ela fazer aquilo? Se ordenasse um ataque, a trégua acabaria e Isabel desistiria de vir encontrá-la. Para piorar a situação, de alguma forma Isabel estava bloqueando seus poderes. Jezebel não conseguia ler os pensamentos da irmã por mais que tentasse, e por isso ela estava no escuro.

Lendo os pensamentos de Eduardo, Jezebel descobrira onde Ivan morava, nos mínimos detalhes. Encontrá-lo seria simples, desde que

pudesse chegar até ele. O problema era como fazer isso.

Foi quando Jezebel percebeu algo. Ela era capaz de identificar a presença e, sobretudo, controlar um zumbi a quilômetros, e havia algo em Ilhabela que ela não notara ainda. Então ela finalmente identificou um meio. Jezebel arregalou os olhos ao lembrar-se de que uma aberração era a solução para o seu problema, e não um dos seus irmãos. Sorriu de satisfação. Aquela criatura desgarrada fora levada da Usina Moreno para Ilhabela dias antes e fugira para a floresta. Um espécime muito forte, magnífico.

Imediatamente, a quilômetros dali, o ser que andava tranquilo em meio à mata do Parque Estadual de Ilhabela congelou diante do poder irresistível de Jezebel. A criatura olhou em volta, tentando se localizar.

— *Vá até a cidade. Mate Ivan!* — a voz de Jezebel trovoou dentro do seu cérebro irracional e primitivo.

A criatura começou a andar e, em seguida, a correr.

* * *

Ivan retornara à sua casa e aguardava impaciente por notícias. Ele mandara suas filhas mais novas para a casa de amigos, pois sentia que ali as meninas corriam perigo por ele ser um alvo visado, e não iria, sob hipótese alguma, aceitar que algum soldado ficasse com ele fazendo a sua segurança. Todos haviam sido deslocados para o sangrento conflito nas praias de Ilhabela, que felizmente naquele momento se encontrava em trégua.

Ivan deslocou sua cadeira de rodas até a estante e pegou mais uma vez o porta-retratos com a foto de Estela e seus filhos. Olhar para Eduardo lhe causava mal-estar, era melhor ignorá-lo. Vários outros ali matavam-no de saudade, sobretudo sua esposa.

— Desculpe-me, meu amor. Nunca mais pude visitar seu túmulo. Fiquei preso a esta estúpida cadeira de rodas e estou velho demais para ir e vir por aí. Se conseguirmos superar esta crise, prometo que te levarei flores o mais rápido possível. — Ivan olhava para a foto com adoração.

De repente, um barulho alto e seco chegou aos seus ouvidos, causando-lhe um sobressalto. Ivan se recostou na cadeira de rodas, abraçado ao porta-retratos. No íntimo sabia do que se tratava.

Um segundo ruído bem mais alto sobreveio, seguido do som de madeira quebrando e, em seguida, o baque seco da porta da sala caindo no chão, destruída. Ivan nem sequer se virou com a cadeira, apenas recolocou com todo o cuidado o porta-retratos de volta na estante. Olhou uma vez mais para a foto e sorriu.

— Bom dia, velho amigo — uma voz grossa, gutural, rosnou em tom baixo para Ivan.

— Bom dia, Jezebel. Eu aguardava a sua chegada. Sabia que você arrumaria uma forma de vir até mim. — Ivan enfim virou a cadeira, e se surpreendeu ao ver diante de si a mesma criatura que ele trouxera no helicóptero e que fugira do necrotério.

— Surpreso com a minha aparência? Desenvolvi alguns truques novos desde o nosso último encontro. — A criatura imensa perguntou, dando mais um passo e parando dentro da sala, a apenas quatro passos de onde Ivan se encontrava.

— Muito surpreso, para ser sincero. Mas eu reconheceria você em qualquer lugar e com qualquer aparência. Pode apostar — Ivan comentou, relaxado. — Como pode ver, já conheci dias melhores. — Ele mostrou a si mesmo sentado na cadeira de rodas.

— Eu também, meu amigo querido. Estou sentada numa cadeira igual a essa neste exato momento. Ou melhor, o que sobrou de mim, depois que você preparou aquela armadilha covarde e traiçoeira no Condomínio Colinas. — A criatura exalava desprezo e extremo ódio. — Você me matou duas vezes, Ivan. Espero que o remorso venha te devorando à noite, quando você se deita na cama.

— Todas as noites, minha cara. Meus fantasmas me perseguem, Jezebel. Meus erros me assombam o tempo todo, incansavelmente. Não sei se serve de consolo, mas não há um único dia em que eu não gostaria de voltar no tempo e mudar várias das minhas escolhas, a começar por aquela em que decidi não resgatar você. Hoje, sem dúvida, eu agiria diferente. Mas acho que é tarde demais para pensar nisso, não é mesmo?

— É, Ivan, agora não adianta mais. Porém, se você pensa tanto assim em mim, com certeza não vai se incomodar se eu fizer com você tudo aquilo que tenho sonhado fazer nos últimos trinta anos, não é? — O monstro mal disfarçava o sorriso de satisfação.

— Eu acho que você tem o direito de tentar. Mas meu arrependimento não é grande o suficiente para decidir me tornar um santo, que dá a outra face para seu algoz.

— Adeus, Ivan. — O monstro fez menção de se aproximar.

— Adeus, Jezebel — Ivan respondeu, cara a cara com a criatura. Em seguida, ele arrancou o cobertor do colo, jogando-o no chão. Apoiado sobre suas pernas havia um fuzil com lança-granadas, idêntico ao usado por Jéssica.

Ivan disparou um tiro à queima-roupa no peito do ser, o que causou uma explosão tão grande dentro da casa que as paredes estremeceram. As janelas trincaram, e surgiram rachaduras por toda parte. O coice da arma atirou-o para trás, e o estrondo pôde ser ouvido a quilômetros de distância.

* * *

Isabel atracou no porto de São Sebastião, procurando desajeitadamente amarrar a pequena embarcação no cais. Assim que conseguiu, ela desembarcou, diante da cena mais assustadora de toda sua vida.

Milhares de zumbis a aguardavam no porto, todos parados, estáticos. Mas, sem exceção, todas as criaturas encaravam-na de forma selvagem. Uma multidão de mortos-vivos, que ocupava cada metro quadrado daquele local.

Isabel ficou congelada por um instante, na dúvida de realmente dever fazer aquilo. No fundo ela sabia que Jezebel não seria estúpida o suficiente para deixar algum zumbi mordê-la. Porém seu instinto de sobrevivência falava muito mais alto. E ele gritava que deveria retornar imediatamente. Ela se sentia como Daniel dentro da cova dos leões, diante de um verdadeiro teste de fé. E foi a confiança na providência divina que a empurrou adiante.

— *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso reino...* — Isabel rezava mentalmente, enquanto caminhava apavorada na direção da multidão de desgraçados, que permanecia parada formando uma barreira fétida.

E quando ela chegou a um metro de distância da horda, que era composta por criaturas de todos os tipos e tamanhos, aos poucos os seres passaram a recuar para os lados, abrindo caminho para Isabel passar.

Ela engoliu em seco, seguindo avante devagar. Arriscou um olhar para trás e percebeu que a multidão ia fechando a passagem às suas costas, acabando com qualquer chance de retorno. No que dependesse de Jezebel, aquela seria uma viagem só de ida.

Isabel avançou mais de cem metros, sempre em meio àquele grupo hostil. O corredor que as criaturas formavam ia indicando qual caminho deveria ser percorrido. Após alguns instantes, Isabel chegou ao pequeno prédio no qual Jezebel se escondera.

O calor causado pela roupa de combate usada por Isabel era terrível. Ela sentia ímpetos de arrancar tudo, mas sabia que aquilo seria uma imprudência desnecessária.

Seguindo a trilha de seres cuidadosamente organizada por Jezebel, Isabel chegou ao corredor que ficava ao lado do prédio, e constatou que aquele lugar encontrava-se vazio. Ela continuou andando por aquele espaço pequeno e no qual a luz do sol penetrava de forma irregular, dando-lhe um aspecto úmido e mofado. As paredes estavam bastante escurecidas, fruto de décadas de total abandono.

Isabel continuou em frente, ressabiada. No final do corredor, avistou uma porta que ela imaginou que estaria aberta. Entretanto, ao girar a maçaneta constatou que estava trancada.

Ela franziu a testa, se perguntando o que aquilo significaria. Será que Jezebel queria que ela arrombasse a porta? Isabel tentou mais de uma vez abrir, mas não houve jeito. Ela balançou a cabeça, sem entender o que acontecia. Em seguida deu meia-volta; iria voltar para a rua e tentaria descobrir qual caminho precisaria seguir. Mas aquilo não foi necessário.

Quando Isabel se virou, viu-se frente a frente com Jezebel.

* * *

Ivan se apoiou nas mãos, tossindo em meio a fumaça e pó. Seu corpo inteiro doía, e restos de reboco caíam dos seus cabelos.

Ao olhar para a frente, pôde observar que a sua sala fora parcialmente destruída. A porta havia sido arrancada, e as janelas encontravam-se estilhaçadas. Parte do sofá ainda pegava fogo, o que deixava tudo esfumaçado. Caída em frente à porta jazia o que sobrara da criatura que Jezebel controlava apenas alguns instantes atrás. A cabeça e uma parte do torso caíram próximo à estante, que por sua vez tombara para trás e se apoiava na parede, onde viam-se manchas de um sangue escuro, de aspecto podre. O resto do corpo permanecia jogado à direita, desengonçado, com as vísceras esparramadas no chão.

Ivan meneou a cabeça e fez um esforço sobre-humano para chegar até a sua cadeira de rodas tombada, porém inteira. Ele se arrastou por entre os escombros do seu lar, endireitou a cadeira e gemeu de dor quando conseguiu se erguer. Sentou-se no estofado, outrora novo, que se rasgara na explosão. Ele respirou fundo, aliviado, quando percebeu que ainda podia se mover.

Com cuidado, deslocou sua cadeira de rodas para fora da casa, passando ao lado da cabeça da criatura que matara. Foi um alívio sair de perto da fumaça, do pó e do cheiro nauseante do ser.

Diante da aberração mutilada, Ivan não pôde deixar de pensar no que Isabel dissera. Ela alertara que Jezebel não era digna de confiança e iria tentar algo para matá-lo. E de fato, o Anticristo quase conseguira seu intento.

Ivan precisava tomar uma decisão. Ele sabia de um jeito de tentar ajudar Isabel, mas precisava decidir se aquela era, de fato, a melhor estratégia. O efeito poderia ser exatamente o contrário — sua aproximação talvez deflagrasse o reinício do conflito.

Depois de muito ponderar, Ivan chegou a uma conclusão. Ele decidiu arriscar tudo; seus instintos diziam que tinha de tomar uma providência imediatamente, antes que fosse tarde demais.

Assim, Ivan dirigiu-se ao fundo do quintal, pronto para sua mais ousada cartada.

* * *

Ao vê-la, Isabel não pôde deixar de sorrir. Jezebel tinha um aspecto horrível, mutilada e presa a uma cadeira de rodas, mas ainda assim era a sua irmã, não importava o que todos dissessem.

— Jezebel, minha irmã... — Isabel falou, emocionada. — Como senti saudade de você.

— Você é completamente louca mesmo, Isabel. Quantas vezes vou precisar repetir que eu não sou mais a sua irmã? A Jezebel morreu, eu sou a Senhora dos Mortos!

— Não me importa como você se chama, eu não ligo. Também não me importo com o que os outros falam e pensam. Você é e sempre será a minha família. Só lamento que estejamos em lados tão opostos agora. Como eu queria poder convencê-la a desistir de toda essa loucura! — Isabel murmurou, inconformada.

— Se acha que essas palavras irão me comover, está muito enganada. Eu nunca desistirei da minha vingança. Você e o Ivan são os culpados por tudo o que aconteceu comigo. Farei ambos pagarem com sangue pelo meu sofrimento!

Isabel olhou para a irmã uma vez mais, com um misto de tristeza e compaixão. Ela de fato não esperava uma reação diferente, porém não custava nada ter esperança.

— Tudo bem. Eu estou aqui. Se é o meu sangue que você quer, fique à vontade. — Isabel abriu os braços, quase tocando as mãos nas paredes do corredor.

Jezebel a encarou com ainda mais raiva. Apesar de continuar sem conseguir ler a mente da irmã, definitivamente Isabel perdera a razão; não havia outra explicação.

— Você está louca mesmo. Bem, se é isso o que deseja, que assim seja! Matem-na, agora! — Jezebel gritou.

Na mesma hora, meia dúzia de aberrações adentrou o corredor. Os seres passaram por ela e avançaram correndo na direção de Isabel, que se via completamente encurralada.

Isabel fechou os olhos diante do ataque implacável. Mas não era resignação diante da morte certa, nem tampouco medo. Ela tentava se concentrar. Foi quando o impossível aconteceu.

As paredes ao redor tremeram, e uma estranha força se deslocou em alta velocidade, partindo de onde Isabel se encontrava e fazendo o reboco das paredes despencar para a frente. O piso, feito de cerâmica, começou a se despedaçar em sequência, com cacos voando e peças inteiras se soltando do chão rapidamente, causando uma verdadeira onda de fragmentos na direção dos seres. E quando aquele poder atingiu as criaturas, todas foram derrubadas e arremessadas para trás. Mais parecia que um trem de carga invisível avançava por aquele corredor.

Jezebel arregalou os olhos quando viu as criaturas voando na sua direção, e sentiu um impacto violento no corpo inteiro, como se tivesse sido atropelada por um gigantesco bolsão de ar. Ela voou para trás, com a cadeira de rodas, caiu e rolou pelo chão. Os prédios ao redor estremeceram e algumas paredes racharam.

As demais criaturas voaram para fora do corredor, indo parar no meio da multidão de zumbis que se acotovelava na rua. Jezebel avistou sua irmã parada no meio do corredor diante de si, indiferente a tamanha destruição. Até mesmo as cerâmicas na qual ela pisava haviam trincado, formando círculos ao redor do seu corpo.

— Como é possível? Como você fez isso?! — Jezebel perguntou, estupefata.

— Achou mesmo que era a única capaz de realizar façanhas? Quando eu soube tudo que você tinha conseguido realizar, comecei a praticar incessantemente. Sempre tentando controlar meus sentidos, ganhando foco e procurando uma forma de fazer o mesmo que você. Ao saber que era possível, persegui esse objetivo como uma obsessão. Fiz tudo isso em segredo, pois muitos não aceitariam meus poderes, da mesma forma que não aceitaram no passado. Eu também consigo realizar milagres como você, minha irmã. A única diferença é que levei trinta anos a mais para aprender. — Isabel se pôs a caminhar pelo corredor na direção de Jezebel.

— Foi você quem tirou o helicóptero do fundo do mar! — Jezebel arregalou os olhos.

* * *

Na noite em que Matheus comentou, diante de várias pessoas e amigos, que desconfiava seriamente de um atentado contra a vida de seu pai, Isabel nada comentou. Mas uma parte daquela conversa começou a atormentá-la sem cessar.

O general dissera que, se conseguissem recuperar o helicóptero, teriam como descobrir a verdade. O Black Hawk guardava a chave do segredo, submerso a mais de dez metros da superfície. Porém, teoricamente recuperar o aparelho era impossível, algo que estava fora do alcance de todos.

Contudo, Isabel sabia que aquilo não era verdade. Havia uma forma de arrancar a aeronave do fundo do oceano, mas implicaria enfrentar a possibilidade de se expor para toda a comunidade. E ela não sabia se devia correr o risco.

No entanto, era de Ivan que eles estavam falando, seu grande amigo e confidente, o maior aliado que já tivera. Juntos eles enfrentaram desafios inenarráveis. Isabel não poderia, em sua consciência, fechar os olhos para aquele fato. Se alguém tentara matar seu melhor amigo, teria que pagar pelo crime.

Depois de dias pensando a respeito, Isabel tomou a sua decisão. Não sabia sequer se alcançaria seu intento, mas precisava arriscar.

Ela já havia notado, ao longo de anos sendo protegida por seus guarda-costas, que tinha uma falha na sua segurança. Uma brecha pequena, mas que poderia ser explorada. Todas as noites ocorria a mudança de turno, e os vigias faziam a troca de guarda no andar térreo da casa, onde permaneciam, sem nunca subir para importuná-la. Essa medida visava apenas preservar sua intimidade, mas também lhe permitiria, se necessário, sair sem ser vista.

Dessa forma, na calada da noite, Isabel escapuliu. Ela conseguiu descer pela sacada nos fundos da residência e fugiu, ganhando a noite. Seus seguranças provavelmente cochilavam na sua sala naquele momento. Ao longo de décadas de vigilância, nunca ocorrera nenhuma emergência. Por que aquela noite seria diferente?

Isabel seguiu apressada pelas ruas escuras de Ilhabela, enquanto seu relógio marcava quase uma da manhã. Com cuidado ela procurou evitar os carros de patrulha que circulavam preguiçosamente pela cidade. Até aquele dia o berserker ainda não havia escapado do hospital, por isso não fora implantado o toque de recolher nem tampouco o reforço na vigilância.

Após quase vinte minutos de caminhada ela chegou ao porto onde ficava a balsa. Ali estava quase deserto; havia pouca vigilância naquela parte da ilha, apenas uma viatura parada a cerca de trinta metros com dois soldados dentro. Porém, do outro lado do mar, no continente, a situação era diversa, e ela teria de ser cuidadosa. Ali havia soldados, tanques de guerra e armamento pesado — todo o aparato necessário para proteger o porto de São Sebastião —, bem como diversas embarcações e pequenas lanchas.

Assim, ela pegou um pequeno barco a remo e silenciosamente começou a atravessar a faixa de mar, protegida pela escuridão. A distância, ela era capaz de divisar as luzes do acampamento de soldados em São Sebastião, e isso servia de guia para que Isabel remasse na direção certa.

Felizmente o mar estava calmo, e ela não era uma ignorante naquele assunto. Canino adorava pescar e a arrastara várias vezes para passeios de barco como aquele, anos antes. Isabel adquiriu boa prática em manejar um par de remos, por isso avançou metro após metro, em silêncio.

Demorou quase uma hora para ela chegar ao ponto desejado. Isabel tinha de se apressar, pois ainda precisava voltar.

Bufou, cansada, quando chegou a uma distância razoável do porto de São Sebastião. Naquela parte não havia nenhuma movimentação. Os soldados não se preocupavam com o que vinha do mar, pois mantinham vigilância constante mais de cem metros à frente, na barreira de proteção que fora construída para evitar uma nova invasão de zumbis.

Isabel não fazia ideia do quão perto estava do local onde o helicóptero afundara, mas não importava. Ela não conseguiria fazer nada a um quilômetro de distância, em Ilhabela; mas era capaz de localizar uma aeronave submersa a uns cem ou duzentos metros.

Assim, olhou fixo para as águas geladas que ondulavam, tranquilas. Em seguida, ela esticou a mão direita na direção do oceano.

— Saia daí, eu ordeno! — ela sussurrou.

Por um instante, nada aconteceu. O mar permanecia calmo e indiferente à sua presença. Porém, em instantes, uma mudança ocorreu.

Alguns metros à frente de onde Isabel se encontrava, bolhas de água começaram a subir, encrespando o mar e produzindo uma leve espuma branca. Em segundos, as águas começaram a se tornar cada vez mais agitadas, deslocando-se à medida que algo imenso subia pouco a pouco das profundezas.

Isabel trincou os dentes, num esforço cada vez maior para se concentrar. A cada instante o aparelho parecia ficar mais pesado. Seus dedos começaram a ficar gelados, e depois o frio se estendeu para a mão. Ela sentia como se estivesse puxando pessoalmente o aparelho gélido.

— Vamos lá, venha para mim — Isabel murmurou fechando os olhos. Sua cabeça começou a doer, e o suor, a brotar de sua têmpora, apesar de ser uma noite fria.

Finalmente, depois de despender uma energia colossal, Isabel viu, surpresa, o gigantesco helicóptero emergir entre as águas. A máquina estava parcialmente destruída, mas tinha vindo direto do fundo do mar, obedecendo a seu comando mental.

Uma cachoeira gelada caía do aparelho por vários orifícios, enquanto o Black Hawk pairava alguns centímetros acima da água. Isabel observou fascinada sua maior façanha. Sem dúvida jamais imaginara ser capaz de algo parecido.

— Ah, Canino... Como eu queria que você estivesse aqui para presenciar isso! — murmurou, maravilhada, com a mão esticada na direção do helicóptero, que desafiava as leis da gravidade.

Em seguida, lentamente, Isabel fez com que a máquina se deslocasse até uma parte mais afastada do porto, depositando-a com suavidade no chão. Missão cumprida. Com o coração disparado de satisfação, Isabel retornou a sua casa em Ilhabela, sem que ninguém sequer desconfiasse de que ela havia saído.

* * *

— Eu desvendei esse mistério entrando na mente do Eduardo, mas não tinha entendido até então como algo assim pôde acontecer. Agora está explicado. E aposto que você contou tudo para o Ivan. É por isso que te deixaram vir me encontrar. Você está aqui pra acabar o trabalho que meu inimigo começou trinta anos atrás! — Jezebel falou, furiosa.

— Não, Jeza. Eu vim pra tentar fazer você voltar à razão. Juntas nós temos o poder necessário pra construir um mundo seguro para muitas pessoas. Eu não consigo controlar os zumbis, mas você sim. Nós podemos acabar com a guerra, minha irmã, pense nisso. — Isabel se aproximou um pouco mais.

— Eu não consigo fazer isso... Aliás... eu não quero! — Jezebel gritou.

Novamente o corredor e o chão começaram a se despedaçar e dobrar, porém, no sentido contrário: os pedaços quebrados voavam na direção de Isabel. Ela esticou as mãos e fechou os olhos, sentindo todo o impacto daquele poder invisível. Resistiu o quanto foi possível, mas depois de alguns instantes Isabel caiu para trás também, e seu corpo foi arrastado sobre cacos de piso e concreto rachado. Naquele momento, ela deu graças a Deus por estar usando o colete à prova de balas e as proteções nos braços e nas pernas, pois isso impediu que se machucasse muito mais.

Os cabelos já grisalhos de Isabel voavam com o deslocamento de ar. Mesmo assim ela ficou de pé, com muito esforço, embora sentisse que sairia voando a qualquer momento. No fim do corredor, a porta trancada chegou a se deformar com a onda de choque. Não havia como negar: Jezebel era muito mais poderosa do que ela naquele quesito. Era impossível medir forças com alguém capaz de mover prédios inteiros. Retirar o helicóptero do oceano fora a maior façanha já realizada por Isabel e exigira um esforço colossal da sua parte.

Jezebel encarava com olhar de pedra a irmã parada no corredor, que tentava não ser esmagada pelo seu poder impressionante. O

chão tremia, os prédios sacudiam, árvores e postes nas calçadas próximas começaram a cair. Nuvens negras se formavam sobre São Sebastião. Mais parecia que um furacão começava a surgir. Os ventos aceleravam cada vez mais. Carcaças de carros abandonados nas ruas ao redor tremiam no chão, dançando sobre o asfalto, como se tivessem ganhado vontade própria. As ondas no porto se encrespavam. Relâmpagos começaram a rasgar o céu, agora enegrecido.

* * *

Em Ilhabela, todos observavam, de longe, a estranha tempestade se formando exatamente sobre aquele ponto de São Sebastião.

— Meu Deus, o que está acontecendo lá? — Matheus perguntou, perplexo.

Jéssica fez o sinal da cruz, dizendo:

— Mais parece o fim do mundo...

Isabel curvava o corpo pra frente, com os braços diante do rosto, tentando resistir a todo custo ao poder extraordinário de sua irmã destruidora.

— Jezebel, pare com essa loucura! Sou eu, sua irmã! Sei que tem algo de você aí em algum lugar! — Isabel gritava, tentando fazer a voz sobressair ao som do vento e da cidade sendo destruída ao seu redor.

— Não vou parar nunca! Eu sou a rainha deste mundo, a Terra me pertence! Eu sou Deus! — Jezebel ia impondo seu poder mais e mais, numa progressão geométrica.

Isabel fez um esforço imenso para dar um passo à frente, tentando não ser jogada longe. Seus poderes, usados ao máximo, impediam que Jezebel a esmagasse, mas eram insuficientes para contra-atacar.

Os prédios ao redor desmoronavam; o porto estremeceu tanto que parte dele ruiu, desabando no mar. Ao mesmo tempo, alguns veículos das ruas adjacentes passaram a flutuar no ar. Em instantes eram muitos, dezenas. Até mesmo a água do mar começou a levitar,

em direção ao céu. Grande parte da cidade de São Sebastião sentia os efeitos daquele incrível fenômeno.

O terremoto que o poder de Jezebel gerou produzia ondas no oceano cada vez mais violentas. Os zumbis, ainda controlados por ela, caíam uns sobre os outros. Alguns chegaram a ser esmagados por fragmentos de paredes que desabaram das construções, que se desintegravam. No céu, aves se uniam em bandos e voavam para longe daquele lugar, no qual o mal parecia ter se erguido de uma vez por todas contra os homens.

Isabel olhou uma última vez para Jezebel. Era quase impossível manter os olhos abertos por causa da força do vento e as partículas de areia, reboco e fragmentos que voavam contra ela, além do chão que tremia sem parar. Ao ver a irmã parada, encarando-a com todo o ódio do mundo enquanto tudo desabava ao seu redor, Isabel compreendeu que nunca haveria chance de um acordo, de uma solução negociada. Jezebel estava completamente louca.

Isabel cerrou os punhos com força e, nesse momento, Jezebel sentiu seu cérebro queimar novamente. Mas dessa vez foi muito mais forte; a proximidade multiplicou o resultado. O zumbi levou a mão à cabeça e gritou de dor, uma sensação da qual se desacostumara com o passar das décadas.

De imediato, o chão parou de tremer, os ventos cessaram e dezenas de carros e milhares de litros de água despencaram do céu, causando um imenso estrondo. E todos os zumbis, no continente e na ilha, voltaram a se mover.

* * *

No continente, os seres puseram-se a andar de um lado para o outro, indiferentes a tudo. Em Ilhabela, no entanto, os zumbis enxergaram de imediato a tropa de soldados diante de si, a cerca de cem metros de distância. Com aquele banquete à disposição, muitos dos seres começaram a grunhir e rosar, ferozes.

— A trégua acabou. Podem arregaçar! — Matheus gritou, de cima de um Urutu.

Vários outros veículos se encontravam enfileirados, prontos para avançar contra a horda.

Imediatamente uma sequência de explosões estremeceu a praia. Várias detonações ocorreram ao mesmo tempo. Matheus mandara distribuir cargas explosivas acionadas por controle remoto entre os zumbis para usá-las quando a paz acabasse. E o momento chegara.

Criaturas voavam pelos ares, aos pedaços. Em questão de segundos, um terço daquele contingente de seres tombou destruído.

— Fogo à vontade! Chegou a hora de essa batalha acabar. Matem todos! — Matheus ordenou, virando a metralhadora de cinquenta milímetros e crivando de balas tudo que se movia.

Naquele momento, praticamente só havia zumbis comuns, pois Matheus dissera aos soldados que, ao distribuírem as cargas de explosivos, tomassem o cuidado de não deixar nenhum berserker ou aberração fora do alcance de alguma das detonações. Os seres mais fortes foram quase todos exterminados na primeira detonação.

Uma das aberrações, mesmo sem um dos braços, correu na direção do tanque de Matheus e saltou contra ele, caindo sobre a blindagem. Antes que pudesse alcançar o general, entretanto, Matheus atingiu-o em cheio com uma rajada da metralhadora de grande potência. O ser estremeceu, atingido pelos inúmeros disparos, e caiu para trás, com o corpo cheio de buracos do tamanho de bolas de tênis. Quando o tanque avançou, as rodas passaram sobre a sua cabeça, esmagando-lhe o crânio.

Cerca de mil soldados — a maior parte deles em veículos de combate — avançaram contra seis mil zumbis. Dessa vez, a vitória era certa.

* * *

A dor devastadora dentro do crânio de Jezebel praticamente a impossibilitava de usar seus poderes. Ela sabia que os zumbis haviam fugido do seu controle, mas não tinha o que fazer. Isabel atingira-a em cheio. Mas ela ainda podia revidar.

Isabel avançou contra a irmã com os dentes trincados e olhar implacável, usando todo seu dom para paralisar Jezebel com a dor. Em seguida, ela sacou do coldre a pistola que Matheus lhe dera. Se não havia como negociar com a irmã, então não lhe restava alternativa: ia enfiar uma bala na cabeça dela.

Quando chegou a cerca de dois metros de distância, foi a vez de Isabel sentir uma dor intensa explodir dentro da cabeça, tão forte que pequenas manchas negras começaram a dançar diante de seus olhos. Sua visão ficou turva, e ela também caiu no chão.

As duas irmãs, de cócoras, se apoiavam no solo, uma diante da outra, ambas tentando infringir o máximo de sofrimento à adversária, no esforço de obrigar a oponente se render. Aquilo se assemelhava a uma queda de braço invisível, e ambas gritavam de desespero.

Isabel caiu com o rosto contra o chão, sentindo o nariz sangrar. Seus tímpanos ameaçavam explodir, os olhos latejavam. Nunca imaginara sentir uma dor daquelas proporções, e sua irmã parecia estar sentindo a mesma coisa.

Depois de alguns longos minutos, porém, uma mudança sutil começou a acontecer. Jezebel fazia uma careta de dor cada vez pior, sua única mão começou a tremer e ela já não era capaz de abrir os olhos. Aos poucos, Isabel começava a vencer a vontade de sua irmã gêmea.

Lentamente Isabel começou a se levantar, mas Jezebel enfim caiu de costas. Ela ainda tentava reagir, mas sua força diminuía pouco a pouco. Era o poder de Isabel que a incapacitava de fazer qualquer coisa.

— Minha irmã, você passou trinta anos sem saber o que é sentir dor. Até nisso você perdeu sua humanidade. E isso se tornou a sua maior fraqueza. — Isabel ofegava, apoiando-se nas paredes, mantendo a irmã presa pelo sofrimento causado por seu comando mental.

— Isabel... Pare... Você vai me matar... — Jezebel gemia, esmagada pela dor.

Atordoada, Isabel se abaixou e pegou a pistola do chão. Ainda precisava manter a concentração, porém sentia mais facilidade em

impor controle sobre a irmã, que demonstrava ter chegado ao limite do sofrimento. Jezebel chegava mesmo a gritar.

Isabel se aproximou e ajoelhou-se diante do ser, que se encontrava completamente indefeso. Uma mulher que um dia fora gentil e meiga, mas fora transformada em um demônio graças a uma praga impiedosa. Se existia justiça divina, era muito difícil encontrá-la naquele mundo miserável.

Jezebel arregalou os olhos quando viu Isabel se curvando diante dela com a arma na mão. Pela primeira vez em décadas, ela sentiu um medo bastante humano invadindo seu coração morto. Um tiro na cabeça e seu reinado, que nunca realmente se concretizara, acabaria de vez. Se fosse humana, ela começaria a chorar de pânico.

— Não, por favor, não me mate... Perdoe-me! Eu sei que você me odeia, mas... — Jezebel murmurou, tremendo de medo e dor, sentindo a voz morrer na garganta.

— Quem disse que eu te odeio? — Isabel se debruçou sobre Jezebel e erguendo-a do chão, abraçando seu corpo esquelético.

Os olhos do zumbi se arregalaram com aquele gesto, sobretudo quando magicamente a dor passou.

— Eu te amo, minha irmã! Sinto muito por tudo o que aconteceu — Isabel sussurrou no ouvido de Jezebel. — Não tem um único dia em que eu não pense em você.

Jezebel começou a tremer, chocada. Sobretudo quando percebeu que Isabel soluçava abraçada a ela. Devagar, ela se soltou do abraço da irmã e se afastou um pouco. E enfim ambas pararam uma diante da outra, encarando-se. Uma tinha olhos brancos, indiferentes e mortos; o da outra eram castanhos, no momento vermelhos de tanto chorar. Completamente idênticas e ao mesmo tempo totalmente diferentes.

— Isabel, você é louca. — Jezebel fitava a irmã. — Nós nunca mais seremos uma família. Por que insiste nisso?

— Não posso controlar meus sentimentos, Jeza. Não me peça pra esquecer o que sinto por você, é mais forte do que eu. — Uma lágrima rolou pelo rosto de Isabel.

Jezebel franziu a testa e se pôs de joelhos sobre o que sobrara de suas pernas. Levou a sua única mão ao rosto da irmã e enxugou

aquela lágrima solitária, e olhou para a mão enegrecida, admirando a pequena gota sobre seu dedo.

— Nunca vou conseguir ter sentimentos de novo. Já não sei o que é isso há muito tempo. Mas acho que entendo o que você quer dizer. Venha comigo, Isabel. Una-se a mim nessa existência maldita. Assim poderemos voltar a ser irmãs. Todos aqueles demônios lá fora são parte da minha família também. Juntas, seremos capazes de fazer coisas inimagináveis.

Isabel fitou Jezebel com carinho e segurou o rosto da irmã com ambas as mãos. O mundo se tornara um lugar muito complicado, cheio de decisões difíceis, e realmente não era justo. Mas não havia escolha a não ser seguir em frente, um dia após o outro.

— Não posso, desculpe. Não sei ao certo, mas sinto que ainda tenho uma missão a cumprir. Acredito que existe um propósito para tudo isso.

— E qual propósito pode ser maior do que a glória de se ter poder absoluto? Você pode ser uma deusa, Isabel. Pense nisso! — Jezebel também tocou o rosto da irmã. Seu olhar quase aparentava carinho, algo que nenhum zumbi era capaz de sentir.

— Não posso mesmo. Sinto muito. — Isabel olhava para a irmã com um amor infinito. Finalmente ela tirava um peso imenso dos ombros, uma sombra que a acompanhara por toda a sua vida após o apocalipse zumbi.

— Lamento muito ouvir isso, de verdade. — Jezebel balançou a cabeça, inconformada.

Então, um barulho ameaçador se fez ouvir acima das cabeças de ambas, similar a pedras se partindo. Algo que sempre precedia uma desgraça. O conflito entre as duas, que arrasara boa parte do bairro, também afetara severamente a estrutura do prédio ao lado. Uma parte grande da lateral ruiu, e toneladas de concreto e tijolos desabaram sobre as duas.

Isabel soltou um grito, enquanto Jezebel tentava se concentrar para evitar o pior.

E ambas foram soterradas.

* * *

Ivan foi até o quintal de sua casa, onde mantinha o antigo helicóptero que o conduzira em tantas viagens. Abriu a porta e, com muito esforço, se arrastou para dentro, subindo para o banco macio com a ajuda dos braços. Respirou fundo, perguntando a si mesmo se o Helibras HB-350B ainda funcionava. Devia fazer quase um ano que ele não ligava aquela aeronave que muitos chamavam de “ferro-velho voador”. O helicóptero nem sequer tinha armas, e servia, no máximo, para transporte.

Ivan girou a chave no contato. Por um instante, nada aconteceu, mas em seguida o som preguiçoso de um rotor começando a girar encheu a cabine, e o aparelho inteiro tremeu, ganhando vida novamente.

— Muito bem, rapaz. Que tal esticar as pernas outra vez, como nos velhos tempos? Vamos lá! Sinto que esta ilha ainda vai precisar da nossa ajuda.

Ele checou os instrumentos e, com suavidade, puxou o manche para trás, fazendo a aeronave decolar. Subiu cerca de cinquenta metros, chamando a atenção das pessoas que, trancadas nas suas casas, corriam para as janelas para identificar a origem do som. Em seguida, ele virou o aparelho na direção do continente. E ligou o rádio.

* * *

Matheus permanecia na torre de tiro do Urutu junto com Mariana, observando os soldados aniquilando os últimos zumbis, quando seu rádio tocou. Ele atendeu ao ouvir a voz do pai abafada pelo som do helicóptero.

— Pai, que barulho infernal é esse? — Matheus tapou um dos ouvidos para tentar escutar melhor.

— Filho, eu estou no helicóptero, vou atrás da Isabel. Ela foi encontrar a Jezebel, certo? — Ivan perguntou.

— Está voando com aquela banheira? Pai, você ficou louco?! Trate de pousar essa velharia imediatamente! — Matheus ordenou, enérgico.

— Desculpe, filho, mas serei forçado a desobedecer. Eu preciso ver o que está acontecendo. Não posso perder nem um minuto sequer. Cuidem-se, está bem? Amo todos vocês.

— Pai, o que houve? Fala comigo! — Matheus gritou, apreensivo. Porém, o rádio já estava mudo.

* * *

O local onde Isabel e Jezebel se enfrentaram antes se encontrava agora completamente coberto de grandes pedaços de entulho e cercado por uma pequena nuvem de pó que hesitava em assentar. De repente, a pilha de material destruído começou a se mexer, enfim se erguendo devagar, e pedaços de tijolo rolaram de cima dela.

Aquele amontoado de escombros flutuou preguiçosamente e pousou mais atrás, revelando Isabel e Jezebel caídas no meio do entulho. Com cuidado, Jezebel deixou a pilha de material destruído aterrissar no solo. Quando acabou aquela operação, ela se voltou para a irmã, que parecia estar morta. Colocou a mão no pescoço de Isabel, a zumbi constatou que seu coração ainda batia. Ela estava apenas desacordada.

Jezebel olhou para a irmã gêmea, naquele momento indefesa. Por um instante lembrou-se do pensamento que a movera durante anos e contemplou, ao seu alcance, seu objeto de desejo. Ao longo de décadas, a obsessão por matar aquela mulher fora o combustível que a mantivera viva. E agora, sentia que algo se quebrara dentro do seu peito.

Jezebel enxergou, em meio àquela destruição toda, sua cadeira de rodas, que por milagre continuava inteira. Ela a fez flutuar na sua direção e pousar ao seu lado. Jezebel tomou assento e se pôs a deslocar-se pelo que sobrara do corredor, com seus olhos de zumbi aparentemente alheios a tudo. Mas quase chegando à rua ela arriscou um último olhar na direção da irmã desacordada.

— Adeus, Isabel! Quem sabe um dia a gente volte a se encontrar em um mundo menos confuso? Eu vou seguir meu destino e acabar ao menos com parte daquilo que comecei. — E Jezebel se virou na direção do porto.

Logo em seguida, atrás de si, mais uma parte do prédio desabou graças a seus poderes, selando a entrada do corredor. Dessa forma, Isabel estaria protegida do ataque de algum zumbi desgarrado. Jezebel não tinha muitas certezas naquele momento, mas definitivamente não queria que sua irmã fosse contaminada.

A Senhora dos Mortos vagou por entre seu exército de zumbis, que ainda somava dezenas de milhares de seres espalhados pelas imediações. Porém, quando tentou assumir o controle dos seres em Ilhabela, ficou perplexa. Não havia nada. Não sentia a presença de nem uma criatura sequer.

— Não pode ser! Que diabos...?! — Jezebel sentiu a fúria queimar por dentro novamente. — Os malditos filhos do Ivan derrotaram meu pelotão enquanto eu enfrentava minha irmã! Não posso acreditar!

Ao lançar um olhar na direção da praia de Ilhabela, Jezebel pôde ver a intensa movimentação dos soldados, apesar da distância. Não conseguia avaliar quantos haviam restado, mas desconfiava de que se encontravam ocupados o suficiente para que ela pudesse lançar mão de um ataque surpresa. A dúvida era como fazer aquilo, pois não havia nada que pudesse utilizar. E daquela distância não tinha como destruir seus inimigos. Todo seu poder para movimentar coisas e seres baseava-se em contato visual. O que poderia usar como arma?

Foi naquele momento que Jezebel voltou o olhar para o oceano diante de si.

* * *

Matheus e Mônica tentavam inutilmente fazer contato com Ivan pelo rádio. Eles tinham desembarcado dos Urutus e ouviam ao longe o som do antigo helicóptero se aproximando. A qualquer momento Ivan estaria sobrevoando suas cabeças. Mas eles não queriam que o pai se aproximasse do continente. Era impossível saber se Jezebel continuava viva. Qualquer incursão naquele sentido seria perigosíssima.

Mônica foi a primeira a reparar nos soldados mais próximos do mar olhando na direção do continente. Alguns protegiam os olhos com as mãos, tentando não ser ofuscados pela luz do sol. Outros usavam binóculos. Havia os que apontavam à frente, chamando a atenção dos colegas, e Mônica estranhou aquilo. Algo estava errado.

Ela pegou o binóculo, olhou na direção do porto de São Sebastião e estranhou muito. Não via nada, apenas uma onda. Uma onda que cobria toda a visão. E quando Mônica baixou o binóculo, se deu conta de que ele era desnecessário. O que vinha na direção deles era perfeitamente visível a olho nu.

— Meu Deus do céu! — Mônica gritou a plenos pulmões, horrorizada. — Fugam todos! Recuar! Recuar!

— Mas o que houve? Por que...? — Matheus começou a pergunta, mas ao olhar para o mar entendeu imediatamente.

Um tsunami deslizava preguiçosamente sobre o mar, uma ondulação com cerca de três metros de altura. Ele vinha devagar, silencioso, parecendo até inofensivo. Mas ali, deslocando-se com tranquilidade, havia centenas de milhões de litros de água.

— Fugam! Corram para a cidade! Afastem-se da praia, rápido! — Matheus ordenou, ele mesmo tentando escapar com seu tornozelo ferido. Mas se quase não conseguia apoiar o pé no chão, como iria correr?

A onda, que apenas começava a ganhar velocidade, iniciou seu processo de desaceleração ao atingir águas mais rasas. Seu tamanho, entretanto, aumentava gradativamente à medida que a base se chocava com o leito oceânico. Ela triplicou de tamanho em segundos.

Homens tentavam manobrar os Urutus na praia, desesperados, passando por cima de cadáveres de milhares de criaturas massacradas e soldados mortos. Outros procuravam recuar com jipes e caminhões, equipamentos valiosos que tentavam preservar. E a maioria corria a pé, alguns tropeçando e até mesmo pisoteando os outros.

Quando Matheus pisou com um pouco mais de força no chão, olhando para trás e vendo que a ameaça já atingia a areia da praia

em alguns pontos, seu tornozelo cedeu de vez. A dor aguda da perna ferida levou-o ao chão, fazendo com que ele ficasse para trás.

Mônica olhava em volta, correndo, tentando enxergar o marido, quando o avistou muitos metros para trás, caído na areia. Ela voltou em disparada e total desespero, indo na direção da parede de água que se aproximava.

Mônica agarrou Matheus pelo braço às pressas para fazê-lo se erguer, mas ele gritou de dor e tornou a cair, de joelhos. Ele era muito maior que ela e não conseguia sequer ficar de pé. Havia sangue saindo de dentro do coturno, indicando que se tratava de uma fratura exposta.

— Levante-se, pelo amor de Deus! Temos de sair daqui! — Mônica gritou.

— Meu amor, vá você. Salve-se. Não vou conseguir. Veja o tamanho daquilo, eu não tenho como escapar. — Matheus olhava o maremoto a menos de trinta metros agora.

Mônica encarou a onda gigantesca com os olhos rasos de lágrimas, e depois o marido, ajoelhado diante de si. Da mesma forma como ele pedira sua mão em casamento, anos antes. Agora, porém, seu olhar suplicava por algo diferente — ele praticamente implorava para que ela fugisse.

Mônica se recusou a atender a esse derradeiro pedido. Ela se ajoelhou diante dele e segurou o rosto dele com as duas mãos. Matheus, o primeiro e único amor da sua vida.

— Lembra quando você me pediu em casamento, querido? Foi bem aqui, nesta praia. Lembra quando trouxemos o Sílvio aqui pela primeira vez? Ele ainda era um bebê... e amou o mar! — Uma lágrima solitária deslizou pela face dela.

— Claro que lembro, meu amor. Lembro-me de tudo. Não haveria lugar mais perfeito para tudo acabar. — Matheus abraçou a esposa apertado contra o peito.

— Querido...

A onda, com uma coroa branca de bolhas cobrindo sua crista, se agigantou diante deles, tão alta quanto um prédio de três andares.

Mônica cerrou as pálpebras.

E a onda gigantesca se abateu sobre Ilhabela.

Urutus e peças de artilharia foram arrastados como se fossem de papel. A parede de água explodiu sobre o quebra-mar, inundando as ruas, demolindo casas, prédios, igrejas e tudo o que estivesse em seu caminho, invadindo lares e arrastando homens, mulheres e crianças.

Várias centenas de soldados e mais de mil civis foram tragados pelas águas em questão de segundos. O mar invadiu a cidade, implacável. Apenas os poucos soldados que conseguiram subir nos veículos rápido o suficiente e se afastaram em alta velocidade da praia conseguiram se salvar. As ondas penetraram mais de um quilômetro cidade adentro. Até mesmo árvores e os postes elétricos vieram abaixo.

Veículos que antes estavam estacionados na praia foram parar dentro de lojas e outros prédios, arrastados por centenas de metros pelas avenidas e ruas, derrubando palmeiras e placas de trânsito. Algumas pessoas morreram esmagadas em suas casas quando escombros derrubaram as paredes fora de controle. Até um velho e imenso barco de pesca ficou encalhado nas areias da praia, inclinado.

Naquele instante, o helicóptero pilotado por Ivan chegou à praia, e ele viu, com olhos arregalados de espanto, a devastação que Jezebel lançara contra Ilhabela na sua insana busca por vingança.

Toda a orla de Ilhabela havia sido reduzida a escombros. A água, da mesma forma que avançara contra a cidade, agora recuava. E o refluxo era ainda mais devastador, pois voltava sugando para o mar veículos, cadáveres e uma gigantesca sopa de escombros em meio às águas revoltas. Havia de tudo naquela montanha flutuante: placas de trânsito, caminhões, árvores, lixo e uma quantidade incalculável de entulho.

Ivan engoliu em seco. Seu único alento era que a água não havia chegado até onde deixara suas filhas mais novas nem ao hospital. Mas a destruição assumira proporções inimagináveis.

Ele sentiu as lágrimas queimarem seus olhos quando pensou em seus filhos. Ao menos três encontravam-se no caminho da onda. Cinco, se Aninha e Jennifer estivessem entre as equipes de resgate

que atendiam os feridos. E Mariana talvez também se encontrasse entre as vítimas.

Ivan apanhou o rádio e começou a chamar todos que conhecia, um após o outro. Mas imperava um silêncio mórbido, mais assustador do que a onda que acabara de fustigar o seu lar.

Então Ivan se voltou para o continente. Ali, em algum lugar, Jezebel assistia de camarote ao inferno que causara. E Ivan tomou uma decisão — aquela seria a última vez que a criatura diabólica feria alguém. Era chegada a hora de despachar o Anticristo de volta para o inferno, a qualquer preço.

Ele fez uma grande curva e virou o helicóptero na direção de São Sebastião. As duas criaturas mais obstinadas da Terra estavam prestes a colidir de frente.

* * *

Jezebel ria, alucinada de satisfação. O golpe que aplicara nos seus inimigos fora ainda mais arrasador do que ela poderia imaginar. Ilhabela parecia ter sido reduzida a um monte de lixo. Foi quando ela ouviu o som de um helicóptero vindo da ilha.

O aparelho vinha chegando ao continente. Ivan se aproximava de São Sebastião, tomando o cuidado de se manter bem distante da horda, tentando assim ficar fora do alcance de Jezebel.

De repente, o helicóptero sofreu um solavanco violento, como se uma força invisível tentasse arrastá-lo. Mas Ivan se preparara para aquilo. Óbvio que a desgraçada já o avistara, e tentaria derrubá-lo a todo custo.

— Pode esquecer, vadia! Não vai dar certo! — Ivan se afastou ainda mais, sumindo por trás dos prédios.

Jezebel olhava ao redor, tentando encontrá-lo. Sem contato visual não tinha como fazer nada. Ela precisava que o helicóptero aparecesse em seu campo de visão. E no fundo do seu coração Jezebel tinha certeza de que era Ivan que se aproximava, afrontando-a pessoalmente.

— Vamos, maldito... Cadê você? Vem me pegar, vem! — Jezebel gritou, feroz, privada do pouco de sanidade que lhe restava.

Ela se encontrava sozinha no meio do porto, em campo aberto, com seus zumbis a certa distância. Foi quando se deu conta do quanto se achava vulnerável. Sobrevivera outras vezes ao embate com um helicóptero justamente porque naquelas ocasiões permanecera misturada a sua horda, usando seus irmãos como camuflagem. Além do mais, qual outro zumbi estaria sentado numa cadeira de rodas? Mas naquele instante Jezebel não se importava mais. Seus desejo de vingança deixara-a completamente cega.

O som do helicóptero ia de um lado para o outro. Ela acompanhava com os olhos, tentando adivinhar onde a aeronave surgiria. Num momento, o barulho do rotor vinha da esquerda; no outro, da direita. Ivan brincava com ela, tentando irritá-la.

— Cadê você, filho da puta?! Apareça logo de uma vez!

Jezebel fez um dos carros abandonados na via subir pelos ares e voar sobre as construções próximas, indo cair a centenas de metros dali, causando um estrondo que dava a entender que algo fora destruído com aquele ataque às cegas. Mas o som do helicóptero continuava ali, à espreita, provavelmente voando baixo e longe demais para que ela pudesse enxergá-lo.

— Apareça, covarde! Venha me enfrentar! — Quando Jezebel achou que o barulho vinha de algum ponto à esquerda, arremessou um veículo naquela direção; quando achou que a origem era do lado oposto, arremessou outro carro. Mas o som do rotor permanecia impassível, zombando, rindo dela. — Venha lutar comigo, canalha!

E então dezenas de carros se ergueram ao mesmo tempo, voando sobre as construções, rodopiando pelo ar como brinquedos gigantescos arremessados a esmo.

E quando o som de diversos veículos se estatelando no chão, derrubando casas e prédios, se espalhou por São Sebastião, Ivan atacou. A cacofonia encobriu por uma fração de segundo o som do helicóptero, dando-lhe a chance única de se aproximar sem que Jezebel conseguisse identificar de imediato de onde partiria a investida fatal.

O helicóptero surgiu do nada, dando um rasante sobre os prédios mais próximos. Quando Jezebel se virou na direção do aparelho, era tarde demais. Ivan avistou aquele ser na cadeira de rodas e a

reconheceu de imediato. Encontrava-se muito diferente, mas era ela mesma, não havia dúvida. Aquela olhar de ira infinita era inconfundível, sobretudo para ele, que já estivera frente a frente com o Anticristo antes.

A aeronave surgiu sobre ela, e o vento das hélices derrubou Jezebel da cadeira de rodas, fazendo-a rolar pelo chão, fora de controle, com o helicóptero quase pousando sobre seu corpo decrépito. O som era ensurdecedor.

Jezebel, caída de joelhos no chão, tentava se erguer, quando um tiro entrou no meio das suas costas, abrindo-lhe um buraco no peito. Mais dois a atravessaram antes que caísse de cara no asfalto. Quando tentou falar, um jato de sangue jorrou da sua boca, vindo direto dos pulmões perfurados.

Da cabine do helicóptero, Ivan descarregava sua pistola sobre Jezebel, disposto a matá-la ou morrer tentando. Enfiou pelo menos meia dúzia de balas na infeliz, mas era muito difícil acertar um tiro com toda a precisão necessária disparando com a mão esquerda, enquanto com a direita tentava controlar a aeronave a pouco mais de três metros do solo.

Jezebel não conseguia se virar, ferida daquele jeito e caída no chão sob o vento do helicóptero. Ela trincou os dentes de ódio, pois sabia que a qualquer momento um daqueles disparos atingiria sua cabeça, e aí seria o seu fim e o fim de seu reinado. Se conseguisse chorar de raiva, na certa seus olhos estariam marejados àquela altura. Mas não era humana o suficiente para isso.

Ela avistou um carro parado na via alguns metros à frente, e fez o veículo disparar na direção do ponto onde tinha quase certeza de que a aeronave se encontrava, acima da sua cabeça. O sedã rasgou o ar velozmente e se espatifou contra o para-brisa do helicóptero, que oscilou no ar com o impacto. O veículo destruído despencou no chão, ao lado de Jezebel, que levou a sua única mão ao rosto, tentando se proteger do impacto. Por um segundo ela pensou que o veículo cairia sobre ela, esmagando-a.

Ivan tentava controlar o helicóptero semidestruído. Uma fumaça escura escapava de todos os lados, e a cabine começou a pegar fogo. Pingava sangue do seu rosto no painel de controle onde

pipocavam faíscas — o para-brisa estilhaçado causara-lhe vários cortes.

Apesar da fumaça, que indicava que o fogo se alastrava pela cabine, queimando o estofamento e já se aproximando dele, Ivan estabilizou um pouco a aeronave e fez uma curva sobre o mar, diante da multidão de zumbis que assistia àquele duelo implacável. Sua garganta queimava, e seus olhos ardiam. Lágrimas de dor, medo e raiva rolavam pela sua face ao mesmo tempo que sentia o coração acelerado, com mil sentimentos e sensações na mente. Pensou que poderia desmaiar a qualquer momento, mas tinha de tentar uma última investida. Ele era o único que podia deter aquele monstro antes que ela pudesse desferir o golpe de misericórdia sobre o seu lar.

— Meu Deus, eu preciso da sua ajuda! — Ivan gritou quando sentiu suas pernas queimando com o fogo, desesperado, enlouquecido de dor. O helicóptero começou a escapar do seu controle; ele não conseguiria fazer mais nada, ia acabar caindo no mar.

Um calor imenso o envolveu, devastador. Ivan sentiu seu corpo queimando em vários pontos. Dor, calor, cansaço e uma sensação de que sua vida se esvaía como areia numa ampulheta causaram-lhe um pânico de proporções inéditas. Mas não era receio de morrer. Era medo de falhar de novo, abandonando todos aqueles que amava à mercê daquela aberração da natureza.

E então, uma estranha sensação de paz o invadiu. Parecia não haver mais calor, fumaça ou dor. Ivan não conseguia mais ouvir sequer o som do helicóptero acima de sua cabeça. O mundo inteiro, de um momento para o outro, ficou calmo. Tudo era paz e harmonia, exatamente como devia ser.

— *Eu estou aqui com você. Não tenha medo* — uma voz falou na sua mente, canto de um anjo celestial, lindo.

E Ivan sentiu dedos pequenos e delicados pousando em sua mão, ajudando-o a empurrar o manche para a frente. Um perfume familiar invadiu suas narinas e fez seu coração disparar de felicidade. E ele colocou tudo o que restou das suas forças naquele derradeiro esforço.

Jezebel virou-se quando ouviu o som do helicóptero inacreditavelmente próximo, e arregalou os olhos ao avistar a aeronave completamente em chamas voando direto na sua direção. Tentou usar seus poderes mais uma vez, mas sentia-se esgotada demais. Nem ao menos conseguia se concentrar.

E assim o helicóptero de mais de duas toneladas a atingiu em alta velocidade, esmagando-a contra o asfalto. E finalmente explodiu.

CAPÍTULO 18

TRAIÇÃO



NO DIA SEGUINTE, a comunidade de sobreviventes de Ilhabela contabilizava o saldo catastrófico daquele embate. Estimavam-se duas mil pessoas mortas, três mil desabrigadas e mais de cem desaparecidas; entre elas, Isabel.

Uriel convocara um gabinete de crise para avaliar a extensão da tragédia, já que agora ele era o novo prefeito. De fato já vinha exercendo as funções do cargo, visto que fazia algum tempo que Ivan se afastara. Mas agora aquela condição se tornara definitiva.

Soldados e voluntários revistavam casa por casa, ruas, vielas e cada metro quadrado das praias à procura de corpos, sobreviventes ou mesmo zumbis desgarrados. Para o bem ou para o mal, o fato era que não encontraram quase nada.

Mariana chegou à sua casa naquele dia num misto de cansaço extremo, dores no corpo e tristeza profunda. Seu marido e melhor amigo fora morto, bem como três dos seus enteados — o cadáver de Jéssica também tinha sido encontrado no dia anterior.

Ela nem ao menos teve forças para se sentir mal diante do cadáver da aberração que Ivan explodira dentro da sua casa. Tampouco se incomodou com a destruição do imóvel. Tudo que Mariana queria era abraçar suas filhas e descansar.

Ela conversou longamente com Jennifer, Samanta e Paula, que ficaram arrasadas com a morte do pai. Mãe e filhas, aos prantos, compartilharam o luto por aquela tragédia sem precedentes. Famílias inteiras haviam sido destruídas, amigos pereceram. Sílvio sobrevivera, mas fora ele e Aninha, ninguém restara do ramo da família de Ivan e Estela. Aparentemente não havia como ficar ainda pior.

Mas a verdadeira catástrofe ainda não tinha acontecido.

* * *

Dois dias após Ilhabela ser arrasada pela onda gigante, um grupo se reuniu com Uriel e Alessandro, o novo general das forças de segurança. Entre os presentes, encontravam-se Marcos, Douglas, Mariana e Sandra, além de alguns soldados. A pauta era delicada e perigosa: Isabel.

— Meus amigos, não sei nem como iniciar esta conversa, mas o fato é que Isabel está desaparecida em algum lugar de São Sebastião. Ela pode estar viva ou morta, mas o fato é que seu paradeiro é um completo mistério — Uriel disse, sério. — E todos nós aqui sabemos o que isso significa.

Todos se entreolharam, preocupados. A maioria ali era amiga de Isabel, mas acima da amizade pairava no ar um medo bem real e fundamentado. Tudo indicava que Jezebel se fora. Os zumbis no continente praticamente haviam se dispersado. A pergunta que não queria calar, entretanto, era outra. E se Isabel estivesse viva e contaminada? Estariam eles diante de uma nova ameaça tão destruidora quanto Jezebel.

— Precisamos ir atrás dela. Temos que mandar uma equipe de busca e torcer para que não seja tarde demais. — Mariana franziu a testa.

Naquele mesmo dia haveria o enterro de Matheus, Mônica e Jéssica, e pelo visto não seriam os únicos eventos terríveis. Mas Mariana não queria pensar naquilo; teria que engolir a tristeza e se concentrar nos assuntos mais urgentes.

— Sim, de acordo. E nós gostaríamos que você e a Sandra liderassem a equipe de busca — Alessandro pediu. — Não se preocupem, meus melhores homens irão acompanhá-las, ambas estarão seguras.

— Por que nós? — Sandra o encarou. — Eu tenho muito trabalho no hospital, e já sou idosa, assim como a Mariana. Temos gente bem qualificada mais jovem aqui, concorda?

— Discordo. Ambas possuem larga experiência militar, saíram-se muito bem no conflito de anteontem e são amigas da Isabel, o alvo da nossa missão. Eu me sentiria mais tranquilo se vocês tomassem a frente desse trabalho, que é, a meu ver, fundamental para todos nós — Alessandro argumentou.

Mariana e Sandra se entreolharam e acabaram aceitando. De qualquer forma, ambas eram mesmo muito próximas de Isabel e queriam ajudar a resgatá-la. Só torciam para que não fosse tarde demais.

— Douglas, precisamos de você aqui. Temos muitas decisões importantes para tomar. Espero poder contar com a sua ajuda neste momento de crise. Nossa cidade está caótica.

— Pode contar comigo, Uriel. Vou ajudar em tudo que for possível. Devo isso ao Klaus — Douglas afirmou, determinado.

— Temos de nos unir neste momento. Nossa comunidade precisa de todos nós mais do que nunca agora — Marcos complementou.

Dessa forma, à tarde, duas mulheres e seis homens partiram em uma das embarcações de combate rumo ao continente. Felizmente uma pequena parte do porto havia sobrevivido à destruição de dois dias atrás, e seria possível desembarcar. Recuperar o porto, informou Uriel, seria a prioridade do seu governo para que pudessem, novamente no futuro, retomar o controle de São Sebastião.

Sandra e Mariana realizavam a travessia em silêncio, olhando para lugar nenhum. Em seus semblantes havia apenas tristeza e desânimo diante do futuro, que parecia obscuro.

— O que será das nossas vidas depois dessa desgraça? Será que algum dia iremos superar tamanha tragédia? — Sandra sentia a saudade do marido queimar no peito mais uma vez.

— Acho que não teremos escolha, amiga. Ou superamos ou iremos enlouquecer de tristeza — Mariana respondeu, amarga. Tentar resgatar Isabel seria ao menos uma forma de se desligar um pouco da sua vida, que fora parcialmente destruída.

Após o desembarque, o grupo avançou pelo que restara daquele pedaço da cidade, detendo-se ao lado do helicóptero. Alguns poucos zumbis vagavam por ali e foram mortos pela equipe de resgate, que se deteve diante dos restos da aeronave destruída. Dentro dela, um corpo carbonizado. Sob o veículo, outro cadáver queimado também repousava.

— Ah, Ivan! Não acredito que tudo acabou desse jeito... — Mariana segurou firme a mão de Sandra, com lágrimas nos olhos, assim como a amiga.

— Senhoras, iremos resgatar os cadáveres daqui a pouco. Creio que devemos prosseguir com a nossa missão. Estão de acordo? — Um dos soldados argumentou, diligente.

Ambas assentiram e voltaram a andar. Mariana ainda arriscou uma última olhada para trás, com o semblante carregado de tristeza, mirando a aeronave destruída.

Avançaram até próximo de alguns prédios destruídos pelos eventos do dia do ataque. São Sebastião lembrava as cidades bombardeadas nas grandes guerras, com muito mais escombros do que construções intactas.

— Acho melhor nos separarmos, assim ganhamos tempo — sugeriu outro soldado. — Se a Isabel estiver morta debaixo de alguma edificação destruída, não haverá o que fazer, pois não será seguro trazer máquinas para revirar o entulho. Mas tenhamos cuidado, não creio que teremos tanta sorte.

Aquela frase soou mal para Mariana e Sandra. Mais parecia que aquele homem torcia para que Isabel estivesse morta. Elas acharam melhor, no entanto, não tecer nenhum comentário, e se limitaram a concordar com a estratégia de se separarem. Assim, cada uma tomou uma direção, acompanhada de três soldados.

Procuraram por mais de uma hora, sem sucesso. Aquele cenário começava a ficar preocupante. O número dos zumbis que surgiam de tempos em tempos tornava-se cada vez maior. Até aquele

momento haviam matado todos sem dificuldade, mas corria-se o risco de ver surgir um berserker, ou até mesmo uma horda inteira. Se isso acontecesse as coisas se complicariam, e muito.

Sandra deparou com os prédios entre os quais antes ficava o corredor no qual Isabel e Jezebel se enfrentaram, e percebeu que a passagem que dividia as duas edificações estava selada por escombros. Ela não tinha certeza se aquele era o local certo para vasculhar, mas sua intuição começou a falar alto. Talvez a amiga estivesse presa ali dentro, sem conseguir sair. Isso explicaria o sumiço.

— Vamos tentar passar por essa barreira de entulho. Talvez Isabel esteja lá dentro. — Sandra apontou para a montanha de material destruído.

— Senhora, já estive aqui antes. Talvez possamos passar por dentro do prédio; ao fundo há uma porta que leva ao corredor. Decerto será mais fácil do que atravessarmos tamanho obstáculo — o soldado respondeu.

Sandra concordou de imediato. Também não imaginava meios de atravessar aquela barreira. Um contorno seria muito mais fácil.

O grupo avançou por dentro do prédio abandonado, desviando-se dos inúmeros blocos de entulho que se espalhavam pela parte interna da edificação que fora duramente castigada no confronto recente. Depois de alguns instantes chegaram à entrada.

Todos repararam que a porta parecia semidestruída, com os batentes deslocados para fora da parede. Parecia que algo muito forte tentara, a todo custo, forçar a passagem do corredor para o prédio, quase fazendo a porta abrir para o lado errado. Aquilo os preocupou, e todos ficaram de prontidão.

— Sejam cuidadosos. Só uma daquelas aberrações ou um berserker seria capaz de fazer algo assim. Preparem-se para lutar. — Em seguida, o soldado disparou uma saraivada de tiros de fuzil contra a maçaneta, despedaçando-a junto com a tranca. Bastou um chute para que a porta se escancarasse.

Os quatro entraram de armas em punho, prontos para lutar. Ao longe ouviram também diversos tiros de fuzil. Pelo visto, a outra equipe encontrara um grupo de zumbis de tamanho considerável.

Ou talvez tivesse sido algo diferente. Mas a atenção de todos se voltou mesmo para a mulher ferida, abandonada no corredor.

Sandra sorriu eufórica ao ver Isabel sentada, apoiada numa parede. Sua aparência era péssima. Ela estava imunda e ferida, mas bem. Isabel também sorriu, aliviada, ao ver a equipe de resgate.

— Isabel! Ainda bem que te encontramos! — Sandra se ajoelhou ao lado dela, abraçando-a.

— Graças a Deus vocês vieram! Eu estava desesperada! Acho que quebrei a perna, mal consigo andar, e não consegui sair daqui. Fiz de tudo para arrombar a porta, mas a dor é tamanha que não fui capaz. — Isabel estava um pouco envergonhada de si mesma por não ter conseguido escapar daquela gaiola.

— Sério mesmo? Como você conseguiu causar tamanho estrago naquela porta com uma perna quebrada? Não faz sentido! — Sandra fazia um rápido exame na amiga ferida. Um atendimento mais especializado só poderia acontecer no hospital.

— Essa é uma longa história... Eu conto depois. — Isabel despistou, porque ainda não se sentia pronta para revelar a real dimensão dos seus poderes. — Tudo que eu quero é sair daqui e comer alguma coisa. Mas diga-me, o que aconteceu com a minha irmã? — perguntou, apesar de ter certeza de qual fora o desfecho. Ninguém teria vindo resgatá-la se Jezebel tivesse saído vitoriosa da batalha.

— Sua irmã está morta. Sinto muito. E o Ivan também. Ele morreu no confronto final com a Jezebel — Sandra informou, pesarosa.

Isabel balançou a cabeça, triste, embora já imaginasse aquilo. Tinha certeza de que ao menos um dos dois iria morrer, pois não conseguira ver nada do futuro daquele embate.

— Tirem-me daqui. Quero voltar pra casa, por favor — Isabel pediu, melancólica.

— Eu ajudo. — Um dos soldados, sorridente, a pegou pelo braço, prestativo.

Isabel sorriu, agradecida, enquanto o rapaz ajudava-a a se levantar. E naquele momento, ela ficou cara a cara com o soldado. E toda a verdade se descortinou, avassaladora. A triste, cruel e terrível verdade.

Ela arregalou os olhos, em pânico diante do jovem soldado, que por um instante não entendeu o que acontecia. Mas quando ele olhou para a mão dela apoiando-se em seu braço, percebeu que Isabel lera a sua mente com seu famoso dom. E agora a vidente sabia de tudo.

— Sandra, cuidado! — Isabel gritou, soltando o braço do soldado.

O homem ergueu a pistola de forma casual, encostou-a no peito de Isabel e disparou duas vezes, à queima-roupa. Ela foi atirada para trás com o impacto, caindo no corredor.

Sandra reagiu por instinto, ergueu o fuzil e aplicou um tiro certo na cabeça do rapaz, mas não dava tempo de fazer mais nada. Os outros dois, que se encontravam logo atrás dela, crivaram-na de balas. Um dos tiros entrou na sua nuca e saiu pela testa, matando-a de imediato.

As duas amigas ficaram caídas, imóveis, lado a lado no chão imundo.

* * *

Douglas, na Prefeitura, participava da reunião com Uriel e mais algumas pessoas, quando um soldado abriu a porta e chamou Alessandro. Ele saiu rápido e conversou com o rapaz ainda no corredor. Em seguida, voltou para a sala, fechando a porta com cuidado.

— Novidades, Alessandro? — Uriel perguntou num tom enigmático.

— Sim, nossa missão no continente está fluindo bem, conforme o planejado. — Alessandro permaneceu em pé ao lado de Douglas.

— Que bom! Acharam Isabel? — Douglas quis saber, esperançoso. — Está tudo bem?

— Sim, está tudo bem. Melhor, impossível. — Em seguida, Alessandro sacou a pistola que trazia no coldre, encostou-a na cabeça de Douglas e explodiu seu crânio com um disparo.

— Ei, o que é isso?! Você enlouqueceu?! — Marcos levantou da cadeira num salto.

— Não, meu amigo, nós estamos bastante lúcidos, pode ter certeza — Uriel afirmou, sem se alterar. — Alessandro, por favor, faça as honras.

Alessandro não disse nada. Apenas ergueu a pistola e deu três tiros em Marcos, fulminando o antigo aliado.

* * *

Aninha trabalhava com afinco no hospital, ajudada por Jennifer. As irmãs ainda não haviam sequer conseguido ir até o velório dos seus entes queridos. Às vezes as duas se flagravam chorando diante de tantas desgraças, mas não tinham tempo para luto. Centenas de feridos demandavam tratamento, os corredores se encontravam abarrotados de gente que necessitava de cuidados urgentes e uma fila quilométrica se agigantava.

Ao terminar uma sutura, Aninha correu até a copa anexa para tomar um gole de água. Sentia-se absolutamente esgotada. Não dormia desde a véspera, e quase não se alimentara. Mas era melhor assim. O que temia mesmo era ter de encarar a vida quando tudo aquilo acabasse. Uma vida sem várias pessoas queridas, a começar pelo seu próprio pai. Foi um alento encontrar Jennifer fazendo a mesma coisa; ela adorava a meia-irmã mais nova.

— Precisamos arrumar um tempo para ir ao velório, nem que seja apenas por alguns instantes. Vamos nos arrepender se não formos — Jennifer falou com amargura, limpando o suor da testa.

— Sim, iremos daqui a pouco. Não tenho a menor pressa de ver três dos meus irmãos mortos dentro de seus caixões, mas é preciso encarar a realidade — Aninha respondeu, apática. Bastava parar de trabalhar por um instante para que a dor voltasse, implacável.

Foi quando elas ouviram gritos, pessoas gritando ordens e uma tremenda algazarra. Parecia que uma grande confusão havia se instalado.

— Mas que diabo está acontecendo... — Aninha franziu a testa.

De repente, uma das enfermeiras entrou na copa, às pressas e apavorada.

— Ana, vocês duas têm de fugir daqui! Há vários soldados armados à sua procura! — a enfermeira informou, quase histérica.

As duas irmãs se entreolharam, assustadas. Aquilo só podia ser um engano, ou algo terrível estava acontecendo.

— Obrigada por avisar. Saia logo daqui. Vá embora, rápido! — Ana empurrou a enfermeira para fora.

— O que houve? O que vamos fazer?! — Jennifer perguntou apavorada.

Sem dizer nada, Ana pegou a irmã pelo braço e a arrastou para o fundo da copa. Ali havia uma pequena porta de um armário de produtos de limpeza que ficava quase sempre vazio, e ela enfiou Jennifer dentro daquele nicho às pressas.

— Não! O que é isso? O que você está fazendo?! — Jennifer sussurrou, desesperada.

— Jen, me escuta. Não há como nós duas nos escondermos. Eles vão me levar, e eu quero que você prometa que não sairá desse armário por nada no mundo. Fui clara? Quando as coisas se acalmarem quero que você suma daqui. Procure o Sílvio e vá atrás das nossas irmãs caçulas! Fugam de Ilhabela! — Ana já ouvia vozes na sala anexa.

— Não, Ana, eu... — Jennifer tentou argumentar, mas Aninha fechou a porta do armário na sua cara; sem uma última palavra, nem sequer um adeus.

Um instante depois, um grupo de soldados armados invadiu a copa. Aninha os encarou com coragem, sem se abater. Com muita cautela, ergueu os braços em sinal de rendição.

— Senhorita Ana Leão, você está presa. Venha conosco imediatamente.

— E qual seria a acusação, soldado? — Aninha perguntou, altiva. — Qual é o crime que supostamente cometi?

— A senhorita é acusada de traição. Nós iremos levá-la para interrogatório.

Outro soldado veio por trás de Ana e torceu seus pulsos para trás, para colocar-lhe um par de algemas.

— Eu tinha certeza de que essa era a acusação. Os abutres, pelo visto, não vão esperar nem mesmo os cadáveres da minha família

esfriarem. — Ana mediu seu interlocutor de cima a baixo, encarando-o com ódio.

Ninguém falou mais nada. Aninha foi levada à força, algemada, passando por entre médicos e enfermeiros, colegas de trabalho que assistiam perplexos a tamanha arbitrariedade.

Aninha jamais chegaria a pisar numa delegacia; aquele interrogatório nunca aconteceria. Depois daquele dia, ela não foi mais vista com vida.

* * *

Sílvio, inconsolável, encontrava-se no velório dos pais. Alguns dos seus colegas de farda tentavam dar-lhe apoio, mas sua tristeza parecia não ter fim. Não conseguia acreditar que aos dezoito anos via-se sozinho na vida.

À sua volta, via uma longa fileira de caixões. Naquele lugar, mais de cem pessoas eram veladas, cercadas por familiares. Em outros pontos da cidade a cena se repetia. E haveria muitos outros enterros. Grupos de voluntários reviravam a lama e os escombros deixados pelo tsunami, em busca de mais corpos. Levariam semanas até conseguirem vasculhar todas as áreas atingidas, e alguns consideravam que muitos cadáveres jamais seriam localizados. O refluxo das ondas arrastara muita gente para dentro do mar. Sílvio sabia que já no dia seguinte teria que engolir a dor e se juntar aos seus colegas de farda na penosa tarefa de procurar pelas vítimas de Jezebel.

Junto com ele estava Nívea, sua melhor amiga e inconfessável paixão secreta. Da mesma forma que ele estivera ao lado dela quando Klaus morreu, agora a amiga tentava apoiá-lo naquela hora terrível. Nívea também se sentia arrasada. Ivan era seu padrinho, e sempre a tratara como uma filha.

De tempos em tempos alguém se aproximava e balbuciava para Sílvio breves palavras de incentivo e pêsames. O jovem soldado, entretanto, praticamente não ouvia esses comentários, limitando-se a agradecer a atenção de todos.

Por isso mesmo não chegou a estranhar quando um grupo de quatro soldados se aproximou. Como entre eles havia um oficial, Sílvio tratou logo de bater continência, respeitando a hierarquia. Em seguida, cumprimentou o homem, respeitoso.

— Sílvio, eu sei que o momento é ruim, mas preciso muito conversar com você e sua amiga Nívea. Você bem sabe que neste momento estamos vivendo uma enorme crise, com muitos outros mortos, feridos e desabrigados. Nós vencemos a batalha graças ao seu intrépido avô, que Deus o abençoe, mas temos muitas questões urgentes a resolver. Vocês poderiam falar conosco por alguns minutos, por favor? — o oficial perguntou num tom amistoso e solidário.

Sílvio não desconfiou de nada; muito pelo contrário, sentiu-se agradecido por um oficial graduado tratar um soldado raso com tamanha atenção.

— Claro, senhor, podemos conversar sim. Vamos, Nívea? — Sílvio olhou para a amiga, que concordou de imediato.

Os dois, então, acompanharam os quatro soldados. O oficial passou o braço em torno do ombro de Sílvio, ainda fazendo elogios para ele, o mais jovem soldado a integrar a Muralha em todos os tempos. Também não cansava de tecer comentários positivos sobre Ivan, Matheus e Mônica.

Sílvio só começou a estranhar quando aquela caminhada se estendeu até um terreno baldio próximo. Afastavam-se muito mais do que ele poderia imaginar. MUITÍSSIMO mais. Discretamente o jovem observou os outros homens. Um deles permanecia ao lado de Nívea, e dois vinham atrás dele. Todos com pistolas nos coldres e semblantes sérios, fechados. O oficial, entretanto, mostrava-se absolutamente afável e cortês, falando sem parar. A cada duas palavras dele, uma era um elogio. Foi exatamente isso o que o fez desconfiar de algo.

Sílvio apertou com firmeza a mão de Nívea. Ela franziu a testa com o aperto inesperado, mas nada disse; apenas virou-se para ele. Sílvio devolveu o olhar. Nívea estreitou os olhos. Seu sexto sentido a pôs em alerta.

Quando o oficial por fim parou, eles estavam no meio do nada, muito afastados do velório, num lugar ermo, sem nenhuma casa nas proximidades.

— Sílvio, aqui está ótimo, espero que você não se incomode por termos vindo tão... — O homem levou a mão ao coldre e sacou a pistola.

Sem hesitar, Sílvio agarrou seu pulso e desferiu um murro no meio do rosto do oficial, quebrando-lhe os dentes.

O soldado ao lado de Nívea sacou a arma também, mas ela foi mais rápida. A jovem de aparência inofensiva participara da Grande Imersão e tinha sido treinada por ninguém menos que o próprio pai, o grande Papa Klaus. Ignorar esse fato se mostrou um erro grosseiro por parte daqueles homens.

Nívea deu um golpe de caratê no pomo de adão do soldado, que arregalou os olhos com a dor esmagadora. Ele tentou puxar o ar, mas apenas um chiado grotesco saiu da sua garganta, visto que a sua traqueia tinha sido destruída. Numa fração de segundo, Nívea arrancou a pistola da mão do homem, puxando-o pelo braço e colocando-o bem na linha de tiro. Quando um dos soldados que vinham mais atrás disparou contra ela, acabou baleando o colega por acidente. Usando o homem mortalmente ferido como escudo, Nívea atirou em ambos os atacantes — atingiu a cabeça do primeiro e atravessou a garganta do segundo com uma bala. O soldado tentou dizer algo, mas o sangue jorrando de sua boca o impediu.

O oficial tentou reagir contra Sílvio, desferindo um golpe com o cotovelo contra seu rosto, mas ele era muito forte e quase não sentiu o ataque. Sílvio aplicou uma joelhada nos testículos do homem e, quando ele vacilou, deu-lhe uma coronhada na testa com a mesma pistola que acabara de arrancar de sua mão, levando-o a nocaute.

Os dois amigos observaram os três soldados aparentemente mortos e o oficial desacordado.

— Esse seu jeito frágil só engana os outros, mesmo. — Sílvio virou de bruços o oficial e colocou o joelho nas costas dele, imobilizando-o. — Verifique os outros.

Nívea assentiu e checou os três soldados. Dois estavam mortos; o terceiro ainda respirava. Ela encostou a arma na testa do homem e deu-lhe um tiro de misericórdia. Sílvio não se espantou. Sempre se lembrava das palavras de Klaus, após a Grande Imersão de Nívea:

— Minha filha é uma víbora. O bote dela é certo, e o veneno, fatal. Coitado do infeliz que um dia a sacanear. A Nívea é capaz de partir um homem adulto ao meio, sem pestanejar ou sentir remorso.

Sílvio, na época, ficou na dúvida se aquilo tudo era apenas para mantê-lo longe da garota, uma vez que todos desconfiavam de seus sentimentos. Pelo jeito, o grande capitão falara sério.

— O que está acontecendo aqui? Quem são esses caras e por que fizeram isso? — Nívea perguntou, checando ao redor, preocupada com a possibilidade de alguém aparecer atraído pelos tiros.

— Não sei, mas tenho certeza de que estamos correndo perigo. E acho que o resto da nossa família também. Precisamos descobrir o que está havendo. Posso afirmar que todos esses que nos atacaram fazem parte do pelotão do Alessandro. Aposto que aquele canalha está por trás disso!

Nívea apontou para o oficial desacordado.

— Bom, vamos perguntar para esse imbecil. Garanto que ele sabe o que aquele desgraçado está tramando. Espero que ele colabore, não temos tempo a perder.

— Basta perguntarmos com delicadeza. — Sílvio a encarou.

Os dois torceram o oficial até o limite da loucura. Ambos haviam nascido em pleno apocalipse zumbi, não conheciam outra vida. E tinham sido treinados para não hesitar diante do perigo e nunca se desviar dos seus objetivos, não importava o que isso custasse. Desse modo, meia hora depois, o homem contara tudo que sabia, com detalhes. Felizmente ninguém escutou os gritos do interrogatório executado com requintes de crueldade.

Nívea se desesperou quando o homem admitiu que seu outro pai, Douglas, também estava morto. E também ficou absolutamente furiosa, e o oficial se encolheu diante daquela reação. A moça de aparência frágil era muito mais perigosa do que se podia imaginar.

Sílvio amparou a amiga, agora completamente órfã. Os dois tinham apenas um ao outro agora, e teriam que ser fortes, pois as

filhas de Ivan e Mariana corriam sério perigo.

Ao fim de tudo, Nívea quebrou o pescoço do oficial com facilidade impressionante, movida por um desejo de vingança quase irracional. Em seguida, sem perda de tempo, ela e Sílvio partiram. Precisavam encontrar Jennifer, Samanta e Paula e fugir de Ilhabela o mais rápido possível.

* * *

Os soldados que balearam Sandra e Isabel checaram o colega morto e avisaram pelo rádio seu superior imediato, Alessandro, sobre o sucesso daquela parte da empreitada. Pelo som dos tiros escutados havia pouco, Mariana também deveria estar morta naquele momento.

Quando checaram o corpo de Isabel, entretanto, notaram que aquela senhora ainda respirava. Ambos se entreolharam, perplexos; haviam ignorado completamente o fato de que ela usava um colete à prova de balas.

— Está explicado, o colete a salvou. Não teria como essa mulher estar viva com dois projéteis no coração. A Isabel apenas desmaiou com o impacto dos tiros — um dos combatentes comentou.

— Sim, verdade. Acaba com ela logo e vamos sair daqui, antes que...

O som do disparo de um fuzil encheu o ar, e a cabeça do homem que falava explodiu diante do colega espantado. Sangue e massa encefálica voaram contra o rosto do soldado que se preparava para atirar em Isabel. Ao se virar, ele deparou com Mariana parada no começo do corredor, lavada de sangue — que não era dela — e apontando o fuzil para sua cabeça, com olhar implacável. Os olhos verdes daquela mulher soltavam faíscas de ódio.

— Larga essa merda agora mesmo ou eu vou te matar do jeito que acabei com seus amigos! Anda! — Mariana ordenou.

Sem dizer nada, o soldado ergueu a arma e começou a atirar, numa última e arriscada jogada. Mariana o atingiu em quatro lugares diferentes no tórax, e dois daqueles tiros conseguiram atravessar o colete à prova de balas do rapaz, que caiu estatelado.

Ela se aproximou, atenta a qualquer movimento. O jovem caído tinha um filete de sangue escorrendo pela boca. Ele respirava com dificuldade, pois seu pulmão fora perfurado.

Mariana engoliu em seco quando viu Sandra morta. Não conseguia imaginar por que alguém mataria a amiga e ainda tentaria matá-la. No entanto, suspirou aliviada ao ver Isabel recobrando a consciência. A colega gemeu quando se moveu, pois os dois tiros que levava tinham quebrado ao menos uma de suas costelas.

— Meu Deus, que dor! — Isabel gemeu, cerrou as pálpebras.

— Isabel, o que está acontecendo? Por que estão tentando nos matar? — Mariana perguntou, apreensiva, vendo o homem agonizante no chão.

— Só um segundo. Deixe-me recolher mais informações antes que ele morra. — Com dificuldade, Isabel se ergueu e se aproximou do rapaz mortalmente ferido. Em outras ocasiões ela se apiedaria, mas não era o caso naquele momento. Colocou a mão no ombro dele e se colocou a par de tudo de que precisava.

O jovem chegou a se debater um pouco, tentando inutilmente impedi-la de descobrir tudo. E em instantes o moribundo exalou seu último suspiro. Isabel sentiu o momento exato em que a mente do soldado se apagou por completo. Mas já era tarde demais.

— E então, Isabel, o que está havendo?

— Revolução, Mari — Isabel respondeu, apática. — Sofremos um golpe partindo de dentro. Eles tomaram o poder e vão tentar matar todos nós. A democracia e a liberdade da nossa comunidade estão com os dias contados.

— Temos de ir pra Ilhabela. Você, que sabe de tudo, diga: o que podemos fazer para impedir isso? — Mariana estava desesperada.

— Não podemos fazer nada; eles já venceram. Voltar para Ilhabela é suicídio. Preciso partir para o exílio imediatamente, essa é a única forma de proteger meus filhos. Se nunca mais voltarmos, nós seremos dadas como mortas, receberemos um enterro de heroínas e a minha família estará segura. Se eu lutar, condenarei todos à morte também.

— E a minha família? O que será das minhas filhas, Isabel? Eles estão atrás delas?! — Mariana sentia mais medo do que nunca.

— Sim, eles estão atrás delas. Mas não se preocupe. O Sílvio e a Nívea conseguiram escapar, e vão resgatar as meninas. Eu vi o futuro. Sei muito bem qual será o próximo movimento deles, nós poderemos encontrá-los. Mas agora temos de partir, porque em breve mais soldados virão atrás de nós. Precisamos fugir para bem longe, e nunca mais poderemos voltar.

Mariana encarou Isabel, tentando descobrir se a amiga enlouquecera. Ela realmente dissera que previra o futuro? Mariana sabia que Isabel tinha algumas parcas visões, mas pelo visto suas proezas eram bem maiores do que ela podia supor.

— Eu sei o que parece, mas agora tudo mudou. Sou capaz de fazer muito mais coisas do que antes, Mari. Foi assim que enfrentei minha irmã e sobrevivi. Mas não se iluda, pois isso será insuficiente para nos salvar. Nossa única chance é fugir daqui, encontrarmos o Sílvio, a Nívea e suas filhas e depois desaparecemos pra sempre. — Isabel se sentia mortificada pelo olhar de tristeza da amiga, mas tinha de ser franca; aquela era uma batalha perdida.

— Então é assim que a liberdade e a justiça morrem? Com um enterro com honras militares? Décadas de trabalho duro, de esforço, tudo em vão? — Os olhos de Mariana estavam cheios de lágrimas. — Por favor, Isabel, diga-me que isso não é verdade, que os nossos amigos não morreram à toa.

— É claro que eles não morreram à toa, Mari! Trinta mil pessoas têm uma chance real de permanecer seguras, sobretudo agora que Jezebel se foi. O que realizamos fez toda a diferença, mesmo que com o tempo ninguém venha mais a se lembrar de nós. Tenha fé! Um dia a justiça será feita, pode ter certeza. Mas agora temos que partir, não há mais nada que possamos fazer aqui.

Mariana não falou mais nada. Decerto qualquer outro plano seria inútil. Era doloroso assistir ao fim de uma era, mas precisavam seguir em frente, e agora não teriam a proteção de muros, do mar ou de armamentos de guerra. Pela primeira vez em décadas, elas estavam sozinhas e desamparadas.

Mariana amparou Isabel, e as duas saíram andando juntas, diante dos desafios gigantescos de sobreviver sem água e sem comida em

um mundo devastado, no qual a morte era a companheira de todas as horas.

E assim ambas partiram de São Sebastião, com a certeza de que nunca mais voltariam.

* * *

Uriel aguardava pacientemente a remoção dos corpos de Douglas e Marcos. As notícias que chegavam eram ótimas. Por toda a ilha os apoiadores de Ivan e sua família estavam sendo mortos ou presos. Sílvio, Nívea, Jennifer, Samanta e Paula tinham desaparecido, mas eram apenas adolescentes que não ofereciam grande risco.

Ele e seus asseclas perderam contato com a equipe responsável por matar Mariana, mas Isabel e Sandra haviam sucumbido, e Jezebel se encarregara de se livrar do resto. Era praticamente perfeito.

— Excelente! Creio que devemos aproveitar o momento de comoção geral e votar o projeto para revogar a Lei da Mudança imediatamente. A população irá nos seguir. Com tantas mortes, as pessoas vão aceitar nosso argumento de que precisamos de estabilidade, e não de incertezas. — Alessandro sorria largo.

— Sim, sem dúvida. Dessa forma nos eternizamos no poder, que é nossa posição por direito. O Ivan e seus amigos tiveram seu momento. Agora é a nossa vez. Com o tempo encerramos a questão das eleições também. Não vejo necessidade de votações, pois somos plenamente capazes de administrar esta cidade sem alternância de poder. Você cuida da Câmara dos Vereadores, e eu, da Prefeitura. Um dia todos irão entender que essa é a melhor solução. E para isso alguns sacrifícios são necessários — Uriel argumentou.

Alessandro assentiu. No íntimo, entretanto, não pretendia repartir o poder com Uriel. Em breve ele mesmo pretendia se sentar na cadeira de prefeito. Mas cada coisa a seu tempo. Por ora eles iriam celebrar a vitória esmagadora imposta a seus adversários.

Em seguida, Alessandro se despediu e se retirou, deixando Uriel a sós com seu filho, Otávio, que lia quieto num canto da sala. O menino — que nem sequer se abalara diante dos cadáveres de

Marcos e Douglas —, vendo aquele homem tão assustador indo embora se animou e sentou-se próximo ao pai à mesa de reuniões.

— Pai, você conseguiu ser o prefeito pra sempre como tinha prometido para mim?

— Sim, filho! E depois de mim você irá governar para sempre também. Você nunca terá de partir para a Grande Imersão como a sua mãe, que nunca mais voltou. Eu não permitirei.

— Você castigou o homem que causou a morte da mamãe? — Havia um estranho brilho no olhar de Otávio.

— Sim, o Ivan foi punido. Ele levou a mamãe para um treinamento, e ela morreu. Mas agora ele recebeu o que mereceu, e você nunca mais irá vê-lo de novo. Daqui pra frente seremos só nós dois. — Uriel achou graça do interesse do filho por tudo que estava acontecendo. Adoraria poder ver o rosto infantil de Otávio naquele momento, algo que a cegueira não lhe permitia fazer.

— E o Alessandro, papai? Ele me dá medo. Acho que o senhor não devia confiar nele.

— E não confio, meu querido. O Alessandro também será castigado. Mas não pense nisso por enquanto, está bem? Deixe que o papai cuide de tudo.

— Que sorte o senhor teve quando o Eduardo leu o diário do Ivan, não é mesmo, papai? Foi isso que ajudou o senhor a vencer todo o mundo! — Otávio falava, animado.

Sorrindo, Uriel levou a mão ao bolso da camisa, retirando de lá uma caneta Mont Blanc. Era a mesma que pertencera a Ivan, que ele roubara junto com o diário, e que agora guardava como um troféu pelo seu êxito. Fora muito fácil conseguir o livro e, junto com Alessandro, encontrar um ponto fraco que poderiam explorar. Alessandro leu para ele o diário inteiro, procurando algo que fosse útil, até depararem com o trecho que descrevia como Ivan matara os pais de Eduardo.

O coronel tinha cabeça fraca. Por isso, os dois conseguiram envenenar Eduardo de tal forma contra o pai adotivo que ele armara toda aquela confusão. Matheus sempre dissera que Uriel conhecia muito bem a natureza humana, e esse entendimento foi fundamental para ele conseguir plantar a semente do ódio.

O único desdobramento indesejado fora a morte de Klaus, uma perda que Uriel iria lamentar para sempre, apesar de não se importar com Douglas ou mesmo Nívea. Obviamente o surgimento de Jezebel fora um bônus, uma sorte inesperada. Mas as grandes vitórias também são construídas com lances de sorte.

Uriel acariciou a corrente com o pingente dourado que sua mãe, dona Érica, lhe dera trinta anos antes. Uriel ainda carregava aquele ornamento consigo, sempre. Sem dúvida sua mãe se sentiria orgulhosa dele, onde quer que ela estivesse. Sua desforra havia sido total. Da mesma forma que Ivan roubara sua razão de viver ao deixar Renata morrer, Uriel tomara tudo do seu inimigo: sua família, seu legado e até mesmo sua vida. A vingança, friamente preparada ao longo de anos permanecendo próximo da pessoa que mais odiava, enfim estava completa. E ninguém nunca desconfiou dele, nem por um instante sequer.

Uriel esticou os braços na direção do filho, e o menino veio até ele, abraçando-o.

— É mesmo, filho. Foi muita sorte. E agora, nós dois somos os donos do mundo! — Uriel acariciou-lhe os cabelos.

— Oba, papai! Nós somos os donos do mundo! — Otávio comemorou.

Uma pena Uriel ser cego. Se ele enxergasse, poderia ter visto o olhar do filho.

No rosto de Otávio, a única coisa que se conseguia ver era pura crueldade. O mundo tinha dono, sim — e era dele, e de mais ninguém.

CAPÍTULO 19

REENCONTRO



AO ABRIR OS OLHOS, Ivan tentou entender onde estava. A cabeça e o corpo todo doíam demais, ele mal conseguia se mexer.

Demorou um pouco, mas lembrou-se do que havia acontecido. Ele sofrera um acidente de carro. Tentara manter o veículo sob controle, mas fora impossível. A caminhonete praticamente empurrara seu carro para fora da pista e, em decorrência disso, ele perdera os sentidos.

Mas, estranhamente, ninguém veio socorrê-lo, nem ambulância ou carro dos bombeiros.

Foi quando Ivan se deu conta de que ainda estava dentro do carro.

Ao olhar para os lados via apenas o mato alto, que tingia de verde toda a paisagem. Logo à frente, muito capim, e pouco adiante, uma árvore ressecada, quase sem folhas, uma visão fantasmagórica que tornava a cena ainda mais desesperadora.

Então, um pensamento surgiu de sobressalto: Onde estava sua família? Sua mulher, seus filhos? Sua última lembrança era dos gritos das crianças, chorando apavoradas, pedindo para ele ir mais devagar. Sua esposa também gritava, ora falando para ele desacelerar, ora implorando que ele pisasse mais fundo no acelerador.

Depois de alguns instantes de verdadeiro pânico, Ivan se lembrou de tudo. Recordou-se dos zumbis, do apocalipse, do planeta Absinto, dos inúmeros mortos, da perda de Estela, dos filhos e amigos, tudo.

Olhou para as mãos — não havia mais rugas nem manchas. Aquelas eram as mãos de um homem de trinta e poucos anos, e não de sessenta e seis.

Um pensamento perturbador lhe ocorreu. Teria sido tudo apenas um sonho? Um delírio causado pelo acidente de carro? Os últimos trinta anos simplesmente não teriam existido? Talvez Ivan tivesse apenas acordando do mais longo e realista pesadelo de todos os tempos. E, por incrível que parecesse, ele não se sentia feliz com aquela possibilidade. Isso significaria que tudo a que ele se acostumara a chamar de vida não passara de uma grande viagem.

— Olá, querido! Você demorou muito. Cheguei a pensar que não viria mais — a voz suave, familiar e doce soou logo atrás dele.

Ivan arregalou os olhos. Não podia ser verdade. Ele se voltou apressado e... ali estava ela, sentada no banco de trás: Estela!

Angustiado, com os olhos cheios de lágrimas, Ivan passou entre os bancos do carro e tomou assento ao lado dela, abraçando-a com desespero. Era ela mesma, de carne e osso. Não se tratava de uma ilusão, era tudo real. Quando se afastou, Ivan segurou o rosto de Estela com ambas as mãos. Ela sorria, com os olhos repletos de lágrimas. E finalmente eles se beijaram; um beijo urgente, pelo qual os dois pareciam ter esperado durante muito tempo.

— Isso é um sonho? Por favor, diga que é tudo verdade, senão eu vou enlouquecer! — Ivan suplicou, com a face colada no rosto de Estela.

— Não, meu amor, isso não é um sonho. Nós estamos mesmo aqui, juntos novamente — Estela falou com suavidade, com o coração disparado dentro do peito.

— Então eu estou...

— ...morto. Como eu. Porém, como você pode ver, é bem melhor do que estar em Ilhabela, não? — Estela o olhava com imenso carinho.

Ivan analisou cada detalhe do rosto dela, e depois para as próprias mãos. Era como se ele tivesse regressado no tempo.

Mesmo sem um espelho tinha certeza de que tudo voltara a ser como era antes.

— Meu Deus, onde nós estamos então? Isto aqui é o Paraíso? — Ivan perguntou, maravilhado.

— O Paraíso não existe, meu amor. Estamos em uma outra dimensão. A morada de todos os mortos, o destino final de todos aqueles que um dia caminharam sobre a Terra — Estela explicou. — É aqui que todos os que já morreram se encontram e permanecem pra sempre. Basta procurarmos o Barqueiro e cruzarmos o Rio, e nunca mais precisaremos nos separar de novo.

— Você soube o que houve? Pôde de alguma forma acompanhar a tragédia que se abateu sobre a nossa comunidade? — Mesmo agora Ivan se sentia ansioso para saber qual fora o desfecho de toda aquela batalha.

— Sim, eu acompanhei tudo de perto. Sei de tudo — Estela afirmou com pesar.

— Nós ao menos vencemos Jezebel? A cidade está segura? — Ivan quis saber, esperançoso.

— Querido, você venceu Jezebel, sim. Aquele monstro nunca mais irá ferir ninguém. Era uma criatura maligna que agora está morta. — Mas o semblante de Estela denunciava que aquilo não era tudo.

— Eu sinto que tem um “mas” a caminho — Ivan comentou, preocupado, apesar da imensa felicidade que sentia.

— Sim, tem mesmo. E acho que você vai ficar decepcionado quando eu contar o que aconteceu.

Com toda a calma, Estela explicou os últimos eventos, desde o momento em que Uriel roubou o diário até o golpe em curso. Ivan escutou tudo em silêncio, de cenho franzido.

— Então está tudo acabado. Nossa cidade pertence a um ditador agora, exatamente como eu temia. — Ivan balançou a cabeça, inconformado. — Não acredito que o Uriel fez isso. Ele era de minha total confiança. Eu achava mesmo que se tratava de uma pessoa de bem.

— Imagino como deve ser decepcionante, querido. Sinto muito. Também estou inconformadíssima. E essa não é a pior parte.

— O quê? Tem ainda como piorar?

— Sim. Tudo indica que as coisas vão ficar muito ruins. Como eu expliquei, o Otávio é pior que o Uriel; e ele é apenas uma criança. Em alguns anos a situação irá se deteriorar muito, e as vidas de milhares de pessoas estarão ameaçadas. Creio que será muito difícil, talvez mesmo impossível, deter o Otávio. Ele tem tudo para se tornar um tirano sanguinário, de uma crueldade singular. O herdeiro do Uriel causará muito mais sofrimento do que a Jezebel. E não adianta nos iludirmos, ele será seguido por muitos outros maníacos. Esse é apenas o começo de uma fase de absoluto horror.

Cara a cara com Estela, Ivan engoliu em seco diante daquela afirmação desalentadora, e teve a oportunidade de fazer uma pergunta que o atormentava havia anos. Algo que Jezebel dissera décadas antes, num bairro na periferia de Curitiba.

— Amor, qual era o segredo que a Jezebel falou que pairava sobre nós? Ela disse que tínhamos as mãos sujas de sangue. O que quer dizer isso? — Ivan segurou as mãos da esposa, quase como se estivesse com medo de soltá-la e ela desaparecesse.

— Ah, querido, de certa forma a Jezebel tinha razão. Diante do que sei hoje, tudo me leva a crer que não foi acaso o fato de termos nos tornado líderes de uma grande colônia de sobreviventes do apocalipse zumbi. Antes de nos tornamos o braço armado, aqueles que iriam organizar as pessoas para lutar contra o mal que assolaria a Terra, passamos por uma preparação. Participamos de inúmeras guerras da história. Ao longo de séculos lutamos em vários *fronts*, em diversos países. Matamos milhares de pessoas em pelo menos uma dezena de conflitos. Essa experiência é que nos forjou, que nos deu capacidade maior pra resistir à dor, ao cansaço, à fome. Tombamos inúmeras vezes nos campos de batalha, e foi isso que nos deixou mais aptos dentre tantos à batalha contra os zumbis.

— Isso explica por que nos saímos tão bem, mesmo nas situações mais adversas. Agora eu entendo por que conseguia criar estratégias para lidar com tantos absurdos sem nunca ter lutado antes. Não era apenas uma sensação. Eu sabia o que fazer, quase como se tivesse virado uma chave em mim no instante em que se deu o apocalipse.

— Ivan exalou um suspiro.

— E eu já tinha uma pontaria prodigiosa. Bastaram alguns disparos para tudo voltar. Essa é a nossa verdadeira face. Salvamos muitas vidas, éramos dois soldados natos e, sobretudo, assassinos por natureza — Estela arrematou, olhando-o fixamente. — A Jezebel falou a verdade, temos muito sangue nas mãos.

Ivan franziu a testa, refletindo sobre as palavras de Estela. Ainda estava absorto em seus pensamentos mais profundos quando a esposa tirou-o de seus devaneios.

— Depois você pode pensar nisso tudo com mais calma. É muita coisa pra processar. Antes de mais nada, tenho de avisá-lo de que há algumas pessoas ansiosas para lhe falar.

— Quem? — Ivan perguntou, curioso.

— Saia do carro e veja por si mesmo. — Estela sorriu.

Ivan franziu a testa e abriu a porta do veículo. E quando saiu viu-se num espaço verde, muito amplo e plano. Em vez de capim e árvores, ali tinha apenas um imenso gramado, muito bem cuidado. E diante dele, Ivan deparou com uma multidão. Dezenas, talvez centenas de homens e mulheres olhavam para ele, sorridentes.

— Não acredito... — Ivan se maravilhou diante da cena inusitada.

— Seja bem-vindo, rapaz. A morte definitivamente lhe cai bem — Bob brincou, muito alegre. — Você não pensou que estaria livre de mim, pensou?

— Nem de mim. — Reginaldo se adiantou.

— Eu não perderia sua chegada por nada. — Silas deu risada.

— Nós acabamos de chegar também, meu irmão, e juntos. — Zac estava de mãos dadas com Gisele, e agora não tinha mais as cicatrizes no rosto.

— Não tem jeito, acho que nosso destino é ficarmos sempre por perto, tomando conta de você e da Estela. — O rosto de Gisele voltara a ser perfeito, com seus vinte e poucos anos, quando se conheceram.

— E como você pode ver, eu também estou aqui. — Klaus piscou.

— Eu também vim, meu camarada. Obrigado por ter se mantido próximo da minha mulher esses anos todos. A Isabel teve sorte em ter um amigo como você por perto. — Canino sorriu também.

Ivan começou a abraçar seus amigos, um após o outro. Lá também estava China, Bruno, Oliveira, Silva, Souza, Dias e tantos outros cujas vidas foram ceifadas no meio do caminho para que muitos pudessem sobreviver.

— E eu também vim para te encontrar, Ivan. — Uma mulher se aproximou. Ela era bonita, com cerca de trinta anos de idade, pele morena e cabelos encaracolados.

— Isabel? Você também está aqui? Pensei que tivesse sobrevivido. — Ivan a fitava, curioso.

— Sim, você acertou em cheio. A Isabel sobreviveu e vai continuar lutando até o fim. Ela tem veia de guerreira. — A bela mulher comentou, sorridente. — Eu e você estamos nos encontrando pela primeira vez, apesar de termos conversado em algumas ocasiões.

— Calma aí, então você é... — Ivan deu um passo para trás por puro instinto de autopreservação.

— Sim. Eu sou a Jezebel. A verdadeira, aquela que morreu em Canela, trinta anos atrás. O que você enfrentou era um zumbi, o meu antigo corpo sem alma. E eu te agradeço por tê-la detido, aquela loucura precisava parar.

Emocionado, Ivan abraçou Jezebel, e eles pediram perdão um ao outro pelos erros que cometeram. Finalmente aquela página fora virada.

Ivan e Estela suspiraram. Eles sabiam que em Ilhabela aquele era um momento de dor e de sofrimento que iria piorar muito com o tempo, e lamentavam por isso. Mas para os dois, entretanto, aquele era o melhor dia de suas vidas em muito tempo.

Todos passaram a conversar entre si, e Ivan virou-se para a esposa. Seu semblante de repente se tornara soturno. Havia algo errado, e Estela já sabia o que era. Tratava-se de algo que ela também estava sentindo e fazia seu sangue ferver de fúria.

— Amor?

— Sim, eu sei querido. Eu também — Estela respondeu com uma nota amarga de raiva na voz.

— Você também não está conseguindo se conformar com aqueles dois desgraçados comemorando em Ilhabela, certo? Sobretudo depois de terem matado quase todos que nós amamos e ainda

terem se apossado de tudo aquilo que nós lutamos tanto para construir... — Ivan a olhava fixo.

— Exato. Não consigo parar de pensar nessa situação. Esse é o meu pior pesadelo se tornando realidade, acho que não consigo viver com isso.

— E o que nós podemos fazer a respeito? — Ivan indagou de forma significativa.

— Muitas coisas. Muitas coisas mesmo. — Estela arqueou uma sobrancelha, misteriosa.

E assim eles tomaram em conjunto uma decisão que mudaria os rumos das vidas de milhares de pessoas.

CAPÍTULO 20

TRINTA ANOS DEPOIS



ISABEL CAMINHAVA EM MEIO à lama do acampamento de refugiados em que vivia. Ela fechou um pouco mais o rústico casaco feito de couro cru, pois fazia um frio terrível no inverno da serra catarinense.

Nívea a ajudava a andar, dando-lhe o apoio necessário. Não era fácil caminhar por aquele lugar, repleto de barro. O mato crescia em torno, e as folhas estavam cobertas por uma fina camada de gelo. A sensação térmica devia estar próxima de zero grau.

Isabel achava estranho sair naquelas excursões. No fundo, não se sentia com noventa anos. Mas agora seus cabelos eram completamente brancos e já não tinham o brilho de antes, em virtude da idade e de três décadas de privações.

Ela olhava em volta e só via miséria: choupanas feitas de pau a pique, barracas de lona velha e casebres de madeira. Aquele lugar se assemelhava a uma favela, porém ainda mais precário. Homens com velhos rifles de caça vigiavam os arredores, usando casacos grossos feitos à mão. Os anos passavam, mas algo que nunca mudava era a ameaça dos zumbis. Eles ainda eram muitos em relação aos humanos. A diferença agora era que a maioria dos sobreviventes vivia em pocilgas como aquela, cercados de doenças, morrendo de frio e fome. Os mais afortunados pereciam cedo. Não

era o caso de Isabel. Ela às vezes achava que sua longevidade tinha por objetivo castigá-la.

Desde que as comunidades mais isoladas foram abandonadas pelos governantes de Ilhabela, as condições de vida se degradaram muito. E os grupos que conseguiram prosperar acabaram sendo saqueados pelas forças de segurança da ilha, em episódios brutais em que homens, mulheres, crianças e idosos eram assassinados impiedosamente. Depois da ascensão de Uriel e seu filho Otávio ao poder, tudo mudara para pior.

E Isabel sabia que se eles descobrissem seu paradeiro, ela mesma seria caçada e morta. Anos antes, ao descobrir que Isabel estava viva, os poderosos de Ilhabela deram início a uma série de buscas. Uma grande recompensa pesava sobre sua cabeça; muitas comunidades isoladas permaneciam em constante sobreaviso sobre a possibilidade de capturar “A Bruxa” e assim cair nas graças da capital.

— Para onde estamos indo? É um recém-nascido de novo? — Isabel perguntou a Nívea, sua fiel companheira de todas as horas, que segurava firme a sua mão.

— Sim, uma mulher deu à luz ontem à noite. Como todas as outras, ela quer que você preveja o futuro da criança. Sabe como é, todos respeitam muito seus poderes.

— É estranho as pessoas quererem saber do futuro justo quando o presente é tão incerto. — Isabel franziu a testa. — Eu gostaria muito de poder dar esperança para essas mães que me procuram, mas as visões quase nunca são boas. Às vezes eu nem me atrevo a falar a verdade; seria cruel demais dizer a uma mãe que seu filho nem sequer chegará aos sete anos, que a fome ou a disenteria irá levá-lo antes.

Nívea suspirou. Entendia muito bem o dilema da amiga, que lhe era cara como uma mãe. Mas ela prometera levar Isabel, a mulher insistira muito.

As duas, enfim, entraram num barraco amplo, dividido em seis partes assimétricas, escuras e mofadas. Ali viviam mais de vinte pessoas. Passaram por alguns cômodos, cumprimentando os presentes. Em todos os semblantes só havia tristeza, desgosto e

falta de esperança. Se o inferno existia, deveria ser muito parecido com aquilo.

Chegaram a um cômodo onde um pedaço de pano servindo de porta oferecia um pouco de privacidade para os que ali se encontravam. Isabel e Nívea afastaram aquela cortina improvisada e entraram no miserável quarto escuro.

Lá dentro, uma mulher com cerca de vinte e cinco anos segurava um bebê recém-nascido nos braços — uma menina. A nova mãe saudou Isabel, agradecendo a sua vinda.

Isabel assentiu e colocou a mão enrugada sobre a cabeça da menina, que dormia tranquilamente. Isabel queria acabar logo com aquilo e retornar a seu barraco, protegida do frio. Ao fazer aquele contato, porém, sua mente escureceu, e ela pulou para trás com o que acabara de ver.

A mãe da criança se assustou com sua reação. Até mesmo Nívea encarou Isabel, curiosa, querendo saber o que estava acontecendo. Mas a amiga não olhou na sua direção, ela contemplava a criança como se estivesse diante de algo de outro planeta.

— Não pode ser... — Isabel murmurou, chocada.

— O que houve? Está tudo bem, Isabel? Fala comigo, minha querida! — Nívea pediu, preocupada.

— Eu preciso ver de novo. Só um instante. — Isabel se aproximou de novo da menina adormecida.

A mãe do bebê, embora um pouco aflita, deixou que Isabel tocasse a testa da criança mais uma vez. E Isabel do mesmo modo pareceu imensamente surpresa. Era inacreditável, espantoso demais para ser verdade, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Meu Deus! Até que enfim você voltou! — Isabel murmurou. — Como eu senti saudade...

— Diga-me, dona Isabel, tem algo de errado no futuro da minha filha? — a mãe perguntou, apreensiva.

— Não. Vocês foram abençoados. Esta criança é especial, incrivelmente singular. — Isabel sorriu, pegando a minúscula mão da menina com seus dedos enrugados.

A mãe da bebê sorriu, aliviada, ao ouvir aquele aquelas palavras.

— E o que foi que a senhora viu? O que existe no futuro da minha criança? — a mãe da menina perguntou, animada.

— Destruição. Sangue. Morte. Guerra. — Isabel encarou a moça, que arregalou os olhos.

— Tudo isso vai acontecer com ela? E como isso pode ser bom?!

— Essa criança vai mudar o mundo. Finalmente o Otávio e o Uriel encontrarão um oponente à sua altura. Eu não queria estar na pele deles, sobretudo quando ela for capaz de empunhar um fuzil de longo alcance novamente — Isabel decretou com um brilho no olhar que nem mesmo Nívea tinha visto antes.

A mãe do bebê engoliu em seco.

E então um pensamento ocorreu a Isabel. Se aquela menina era quem ela pensava, que agora retornava da terra dos mortos, então faltava um menino. O antigo companheiro dela haveria de estar em algum lugar, perdido no mundo. E onde quer que ele estivesse, Isabel iria encontrá-lo. Essa seria sua nova missão, seu objetivo de vida. Ela sentia suas esperanças se renovarem finalmente; só esperava ter energia suficiente para conseguir seu intento, pois o tempo agora era seu maior adversário.

— Eu quero que você se prepare, pequenina! Nós teremos muito sobre o que conversar. — Isabel sorriu, certa de que o futuro começava naquele momento.

E saiu em busca do menino...

AGRADECIMENTOS



AGRADEÇO MAIS UMA VEZ à minha família e aos amigos. Sem vocês, não sei se eu teria conseguido vencer mais essa etapa.

Como sempre, agradeço o apoio das equipes dos sites “Revil” (<http://www.facebook.com/revilbr>), “Zumbis no Face” (<http://www.facebook.com/zumbisnoface>), “The Walking Dead Brazilian” (<http://www.facebook.com/thewalkingdeadbrazilian>), “Universo Zumbi” (<http://www.universozumbi.com.br>), “The Walking Dead Walkers” (<http://www.facebook.com/thewalkingdeadwalkers>), “Zumbicast” (<http://www.zumbicast.com.br>) e “The Walking Dead Brasil” (<http://www.facebook.com/thewalkingdeadbrasil>) por me apoiarem mais uma vez e continuamente acreditarem no meu trabalho.

Quero mandar um agradecimento especial ao meu amigo Matheus Henrique e todo o apoio do site “A Hora do Medo” ao meu projeto. Trata-se atualmente do meu mais importante parceiro na difícil tarefa de divulgar a saga *As Crônicas dos Mortos*.

Muito obrigado aos queridos Felipe Dias, Lucas Araújo, Felipe Lima, Leryane Santos, Nívea Acioly, Cláudio Fortunato, Alex Medina e Douglas Borges — meus primeiros leitores e críticos incansáveis, que me ajudaram a enxergar meus erros e corrigi-los.

Obrigado também ao meu editor, Pedro Almeida, parceiro valoroso que tanto apostou na minha obra e que me ajuda sempre a obter o

melhor resultado possível. E meus sinceros agradecimentos à equipe da Faro Editorial, a mais competente que existe.

Por último, mais uma vez quero agradecer aos meus leitores, pelos quais eu trabalho todos os dias. Com o apoio de vocês a estrada é menos áspera. Muito obrigado por toda a fé depositada!

NOTA DO AUTOR



ESTE LIVRO NÃO TEM o intuito de fazer apologia a nenhuma religião ou corrente de pensamento. Trata-se de uma obra de ficção em todos os aspectos.

Os cortes de tempo foram necessários porque, ao contrário de diversas outras séries, em *As Crônicas dos Mortos* pretendo encerrar todo o ciclo. Meu intuito é de não deixar nenhum ponto importante sem o devido fechamento. No livro seguinte — *A Era dos Mortos* — os leitores poderão observar o fim de tudo aquilo que foi iniciado no primeiro volume da série — *O Vale dos Mortos*.

Rodrigo de Oliveira

São José dos Campos, 13 de julho de 2015.

O AUTOR



RODRIGO DE OLIVEIRA é Gestor de TI e fã de ficção científica, dos clássicos de terror, em especial da obra de George Romero. Teve a ideia desta série após um longo pesadelo tão real que, ao acordar, começou a escrever freneticamente, até concluir seu primeiro livro. Casado, com dois filhos, nasceu em São Paulo, e vive entre a capital e o Vale do Paraíba.

PRÓXIMO LANÇAMENTO:
A ERA DOS MORTOS
PREVISÃO OUT/2016.

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2016

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial PEDRO ALMEIDA

Preparação de textos TUCA FARIA

Capa OSMANE GARCIA FILHO

Projeto gráfico e diagramação OSMANE GARCIA FILHO

Imagens de capa © SHUTTERSTOCK

Imagens internas © DREAMSTIME / © SHUTTERSTOCK

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Rodrigo de

A ilha dos mortos / Rodrigo de Oliveira. — Barueri, SP : Faro Editorial,
2016. — (As crônicas dos mortos; v. 4)

ISBN 978-85-62409-63-9

1. Ficção brasileira I. Título. II. Série.

15-11063 CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

1ª edição brasileira: 2016

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL



Alameda Madeira, 162 – Sala 1702
Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
LIS GRÁFICA EM JANEIRO DE 2016



Table of Contents

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

A LUZ SEGUIDA DA ESCURIDÃO

CAPÍTULO 2

O LEÃO DO VALE

CAPÍTULO 3

A MURALHA

CAPÍTULO 4

RECOMEÇO

CAPÍTULO 5

BOA NOITE. EU TE AMO

CAPÍTULO 6

LUTO

CAPÍTULO 7

O PEDIDO

CAPÍTULO 8

O JANTAR

CAPÍTULO 9

A USINA

CAPÍTULO 10

A QUEDA DO GIGANTE

CAPÍTULO 11

SUSPEITAS

CAPÍTULO 12

INGRATIDÃO

CAPÍTULO 13

O FUGITIVO

CAPÍTULO 14

O TRONO DO ANTICRISTO

CAPÍTULO 15

ENCONTRO ENTRE AMIGOS

CAPÍTULO 16

O ATAQUE

CAPÍTULO 17

IRMÃ CONTRA IRMÃ

CAPÍTULO 18

TRAIÇÃO

CAPÍTULO 19

REENCONTRO

CAPÍTULO 20

TRINTA ANOS DEPOIS

AGRADECIMENTOS

NOTA DO AUTOR

O AUTOR

CRÉDITOS